

Histórias para a Sabedoria

Uma Ontologia de Koans, Contos, Lendas e Parábolas Orientais



東方
故事

HISTÓRIAS PARA A SABEDORIA
UMA ONTOLOGIA DE KOANS, CONTOS, LENDAS E PARÁBOLAS
ORIENTAIS.



Compilação e Edição de:
Shén Lóng Fēng

2018



Dedicado a todos os buscadores da verdade e a todos os seres sencientes.

Nota sobre o Projeto Luz do Oriente

21 de dezembro de 2017:

O Projeto Luz do Oriente visa difundir a sabedoria oriental no Brasil por meio da produção de PDFs em qualidade, com tradução e revisão de textos, clássicos e modernos, fundamentados, de alguma forma, na sabedoria oriental. Contudo, não significa, que vez ou outra, venha a se produzir-se algo fundamentado na sabedoria ocidental.

O projeto surgiu após, ao buscar pela obra Tratado do Vazio Perfeito de Lie-Tzu (uma das principais obras da tradição Taoísta), perceber-se a escassez de livros e traduções bem-feitas e fidedignas sobre tais temas. Assim, a primeira produção foi o PDF “Tratado do Vazio Perfeito - Lie-Tzu”.

Atualmente há um número razoável de obras a serem revisadas e editadas na lista, sem considerar aquelas que nos deparamos pelo caminho de maneira, aparentemente, acidental. Por isso, peço a todos aqueles que desejam receber as obras, de maneira a não perder nenhuma, entre no grupo do Projeto Luz do Oriente no Facebook. De qualquer maneira, esforçar-me-ei por difundi-las em outros grupos no Facebook, tornando-as acessíveis a todos. Todas as obras devem ser distribuídas gratuitamente.

Peço, humildemente, que difundam tais obras, preciosas demais, para permanecerem desconhecidas. Assim poderemos, juntos, contribuir na evolução de todos aqueles que buscam a verdade e têm fome de sabedoria.

- Shén Lóng Fēng

神
龍
風

Sumário

PREFÁCIO	1
ÍNDIA	2
A Divindade dos Homens	3
O Nascimento de Buddha	3
O Caminho do Meio	4
O Mestre e Seus Tolos Discípulos	5
O Rio Lamacento	6
Ações e Destino	8
Tudo Acontece Para o Melhor	9
Onde Estamos Verdadeiramente	11
Instruções Sobre o Absoluto e Imanifesto	13
Aquele que Despertou	14
O Tigre e o Morango	14
Buscando por Buddha	14
O Monge e o Escorpião	15
Samsāra	15
O Grão de Mostarda	16
O Quebrador de Pedras	17
O Zelo de Ānanda	18
O Cipreste no Jardim	21
A História da Humanidade	21
A Velha e o Buddha	22
A Intocável	23
Kantaka e o Fio de Aranha	25
A Verdadeira Imagem do Ser Humano	26
Buddha - Além da Palavras	28
Buddha e Devadatta	29
Um Filósofo Questiona Buddha	30
Perguntas do Rei Milinda	30
A Dúvida de Narada	31
O Buddha Cipreste	33
Caminho para o Paraíso	33
Mundo Material e Mundo Espiritual	34

O Rei e o Besouro	35
O Anel	36
O Pássaro e o Mercador	36
O Homem Mais Pobre	37
A Paz Perfeita	38
O Diamante	39
O Tesouro	39
O Que é Meditação?	41
A Filha do Sábio	42
O Presente do Brâmane	43
O Rei e Seus Três Filhos	44
Aprendendo do Modo Mais Duro	45
O Lago e a Lua	45
O Rugido do Despertar	48
O Uno Divino	50
O Sonho do Rei Janaka	51
A Certeza e a Dúvida	52
Kashyapa e a Primeira Resposta Zen	53
Narada e Maya	53
O Mantra	54
A conversão de Upāli	56
Nāropā	56
Ansiando por Deus	57
Sons da Floresta	58
O Cadáver e os Demônios	59
A Manga Azul	60
Os Sonhos do Rei	65
O Diamante e Pato	68
O Elefante e o Reino dos Cegos	69
Que Tipo de Pessoas Vivem Neste Lugar?	71
Os Insultos de um Brâmane	71
O Karma de Buddha	72
O Caminho de Nanda	73
Serpentes Venenosas	76
Proteger o Dharma	77
O Deva e o Buddha	77
Buddha e o Riacho	79

A Pergunta de Ānanda	80
A Morte de Buddha	81
A Iluminação de Ānanda	82
CHINA	84
Sem Trabalho, Sem Comida	85
O Homem Sagrado	85
O Eremita e O Ambicioso	86
O Velho Bêbado e a Correnteza	86
O Mestre Chu-chih e o Dedo	87
O Sonho de Chuang Tzu	87
O Egoísmo	88
Conhecendo os Peixes	88
A Arte do Tiro ao Arco	89
Livros	89
Nada Sagrado	91
Onde Está Sua Mente?	91
A Nora e a Sogra	92
O Oasis	93
A Natureza do Movimento	93
Talvez	94
Poderes Sobrenaturais	94
Pó	95
Aranha	96
A Meditação	96
O Mudo e o Papagaio	97
O Silêncio Completo	97
Impermanência	97
Uma Vida Inútil?	98
Quando Com Fome, Quando Cansado...	99
Jōshū e o Fogo	99
A Iluminação de Jōshū	99
Caminho até Nānsēn	100
Baso e a Meditação	100
Tigelas	101
Abandone o Abandonar	101
Fuja de Buddha	102

A Essência do Buddhismo	102
Sementes	103
Bonecas	103
Jōshū e o Tao	103
Seguir Após a Morte	104
A Verdade Suprema	104
A Essência Indestrutível	105
Pegar de Volta	106
Apenas uma Estátua	106
Desapego	107
O Monge Carrancudo	107
Baso e o Nariz	108
O Buddha Está em Casa	108
A Chinesa e os Vasos	109
A Lenda do Carpa e do Dragão	110
O Ensino de Prasanendrya	110
O Mistério do Ch'an	113
Sem Motivo	113
O Dharma Eterno	114
O Verão Zen	114
Vem!...vem!...	114
Como capturar o Vazio	115
A Pedrinha no Bambu	115
Compreendes o Buddhismo?	116
Além do Vazio	117
O Que Estas Fazendo?	117
A Gargalhada Ch'an	117
Homem ou Mulher, Não Faz Diferença	118
Chuva	119
O Melão	119
Onde Começa o Caminho?	120
Não Tenho Nada	120
Meu Trabalho Está Aqui, O Sol Está Lá	120
Isso Também Passará	121
O Real Imaginário	121
Quem é Você?	122
Mente e Não-Mente	122

Gato Ritual	123
O Corajoso General	124
O Cego e a Lamparina	125
O Machado Desaparecido	125
A Maça Perfeita	125
O Rei Apreciador de Dragões	126
O Médico e Seu Dilema	126
Olhando da Maneira Correta	127
Alegria	128
A Vaca Zen	129
Tudo Neste Mundo é Valioso	129
A Imagem Sagrada	129
Mu	130
Crítica e Elogio	130
O Mestre Sem Língua	130
Não Ouso Dizer	131
Quer Chá?	131
Poeira	132
O Eu e a Carroça	132
O Mais Importante Ensino	133
Fudaishi e a Explicação do Sūtra do Diamante	136
O Cão Zen	136
Ricos Adornos	136
Pai-chang e a Raposa	137
O Koan da Roda	138
O Buddha do Passado	138
A pobreza de Seizei	139
Jōshū e o Punho Levantado	139
Shi-yan e Seu Mestre	140
Tokusan e a Refeição	140
Como Entender o Tao?	141
O Tao e a Morte	141
Esterco Seco	142
Além do “Bem” e do “Mal”	142
Sem Palavras, Sem Silêncios	143
O que é Buddha?	143
Onde está Jōshū?	143

Vivo ou Morto?	144
O Concreto Imaginário	145
Um Discurso Muito Importante	145
O Ganso na Garrafa	146
A Monja e o Koan Misterioso	146
Sem Diferenças	147
O Tao e o Mundo	147
Entender	148
O Mestre Certo	149
Boa Neve	149
A Bela Lua de Outono	150
Jōshū e o Livro do Mestre	150
Nada a possuir	151
Só de Passagem	152
Canteiro de Orquídeas	152
O Dragão e o Monge Ch'an	152
O Príncipe e o Pássaros	153
O Lenhador e a Voz	153
Uma Prancha no Mar	155
O Curso da Montanha	155
Viva Como as Flores	155
Os Hashis de Marfins	156
Seja como o Tigre	157
O Maior Mestre de Todos	157
Céu Azul	157
JAPÃO	159
A Viagem de Dōgen	160
Verso Zen	161
Uma Xícara de Chá	161
Esvaziar-se	162
O Monge Cozinheiro e o Balde D'água	162
Hábitos Umedecidos	163
Nobunaga e a Moeda	164
Os Dois Monges e a Moça	164
A Raiva e o Cachimbo de Bambu	165
A Subjugação de um Fantasma	165

A Verdadeira Riqueza	166
Céu e Inferno	167
O Monge Com as Palmas Suadas	167
É Mesmo?	168
Certo e Errado	169
Árvore Sem Sobra	169
O Budhismo e a Bíblia Cristã	170
A Lua Não Pode Ser Roubada	170
O Homem Rico	170
Equanimidade	171
A Velha Manta	171
O Ladrão de Batatas	172
O Ladrão que se Tornou um Discípulo	173
O Sobrinho de Ryōkan e a Cortesã	173
A Morte do Mestre Takuan	174
Presente de Insultos	174
Caçando Dois Coelhos	175
O Cego e a Ponte	175
Ilusões	176
Atenção Plena	176
A Lição do Sino	177
O Elefante e a Pulga	177
A Voz do Vale e os Bambus de Yoka	178
O Cuco	178
Obra de Arte	179
A Realidade do Agora	180
Compaixão	180
A Seda e a Fome	180
Coração Vazio	181
O Bem e o Mal	181
Tudo Vem da Terra	182
Arrogância	182
A Prática Faz a Perfeição	182
Complicando o Que é Simples	183
Sem Mais Questões	183
Não Morri Ainda	184
Chá ou Paulada	184

Jardim Zen - A Beleza Natural	184
A Vaca do Mestre Issan	185
Apenas Duas Palavras	186
Meditação e Macacos	187
O Carrasco e a Cortesã	188
O Eu Verdadeiro	189
Por Que Palavras?	189
O Som do Silêncio	190
Autocontrole	191
Escola da Fome	191
Bokusan e os Soldados	192
O Ataque de Genghis Khan	193
Sem Problema	194
Duelo de Chá	195
Surpreendendo o Mestre	196
Palavras Sujas	196
Trabalhando Duro	197
A Bola e o Zen	197
Kito	198
Satori	199
O Médico e o Zen	201
A Sábia Iluminada	203
Naraka?	204
Bambu longo, bambu curto	204
Mente Ecológica, Mente Zen	205
O Aperfeiçoamento Pessoal	205
Lembrança dos Antigos Sábios	206
Ikkyū e a Ponte	206
Tudo Morre	208
O Que Mais?	208
Não Conheço Nenhum Grande General	209
O Koan do Galho	209
Nobre Silêncio	210
Está sentado, está em pé	210
Três Golpes em Tōzan	210
Musashi Sensei	211
Sinos e Mantos	211

Um Quilo e Meio	211
O Homem Iluminado	212
Mais um Passo	212
O Desafio do Tigre	212
Pregando do Terceiro Assento	213
Hōgen e a Cortina de Bambu	213
O Fio da Manta	213
Conflito - Amor ou Paixão?	214
Fome	214
Conhecer a si mesmo	215
Transitoriedade	215
Onde Vais?	216
Fazer o Bem	217
Autopiedade	217
Entender	218
Nada, e uma xícara de chá...	218
Nem Água, Nem Lua	218
O Belo Vazo e a Rosa Amarela	219
O Bambu e a Lua	219
Venerável Monge	220
A Bela Monja	221
O Carvão Iluminado	221
O Guerreiro e a Rocha	222
A Lição do Cavalo	223
O Samurai e a Lua, O Mestre e o Sol	223
Momentos Finais	224
O Copo e o Lago	225
O Vento e o Escorpião	226
O Mestre e a Chávena de Chá	226
O Vento que Sopra	227
O Karma	227
O Dragão Azul e o Dragão Amarelo	230
O Samurai e a Almofada	233
O Samurai e o Eremita	234

PREFÁCIO

Esse ebook foi feito com o intuito difundir o livro a sabedoria oriental dos Koans e Parábolas. O livro foi dividido em três partes: Índia, China e Japão. Embora alguns contos e koans possuam uma origem duvidosa decidiu-se manter a estrutura em favor da organização.

Esse livro, de nada possui minha autoria, foi apenas uma compilação de vários koans, contos, lendas e parábolas. A maioria pode ser facilmente encontrada na internet em sites ou no Youtube.

Como nota de esclarecimento: “Koan (do japonês) é uma narrativa ou afirmação que contém aspectos inacessíveis a razão. O koan, geralmente proposto por um mestre a um discípulo, tem como objetivo, propiciar a iluminação do aspirante a Zen Budista. Instrumento de educação dos discípulos, utilizado principalmente no Zen Rinzai.” – Antonio D. Abreu (do livro Os Melhores Contos Orientais)

As principais referências aqui utilizadas foram: o site de Aoi Kuwan, o site o perfil no Facebook da Nova Acrópole Brasil, o Canal no Youtube Espaço Caminho da Luz, do professor Laércio Fonseca, o canal no Youtube do Tales Lima, o site yogabrasil.org; além dos livros 108 Contos e Parábolas Orientais da Monja Coen e Os Melhores Contos Orientais de Antonio Abreu.

Caso desejam mais koans, contos e parábolas do gênero, recomendo a leitura dos livros 108 Contos e Parábolas Orientais da Monja Coen (que além de outros contos possuem vários comentários) e Os Melhores Contos Orientais de Antonio Abreu, com muitos outros contos e parábolas também. Vários outros contos budistas também podem ser encontrados no link: <http://www.maisbelashistoriasbudistas.com/historia.htm>.

- Shén Lóng Fēng



भारत

ÍNDIA

A Divindade dos Homens

Houve um tempo em que todos os homens eram deuses. No entanto eles abusaram tanto de sua divindade que Brahma, o senhor dos deuses, tomou a decisão de lhes retirar o poder divino. Resolveu então escondê-lo em um lugar onde seria absolutamente impossível reencontra-lo.

O grande problema era encontrar um esconderijo. Brahma convocou um conselho dos deuses menores, para juntos resolverem o problema.

“Enterremos a divindade dos homens na terra!” – foi a primeira ideia dos deuses.

“Não, isso não basta, pois o homem vai cavar e encontra-la.” – respondeu Brahma.

Então os deuses retrucaram: “Jogemos a divindade no fundo dos oceanos.”

Mas Brahma não aceitou a proposta, pois achou que o homem, um dia iria explorar as profundezas dos mares e a recuperaria.

Então os deuses concluíram: “Não sabemos onde escondê-la, pois não existe na terra ou no mar lugar que o homem não possa alcançar um dia.”

Brahma então se pronunciou: “Eis o que vamos fazer com a divindade do homem: vamos escondê-la nas profundezas dele mesmo, pois será o único lugar onde ele jamais pensará em procura-la.”

E assim Brahma fez.

Desde esse tempo e então o homem deu a volta na terra, explorou e escalou, mergulhou e cavou, em busca de algo que se encontra dentro dele mesmo.

O Nascimento de Buddha

O Buddha que fundou a religião Budhista chama-se Shakyamuni. Shakya era o nome da família real no seio da qual ele nasceu e a palavra muni significa “o capaz”. Buddha Shakyamuni nasceu em 624 a.C., em Lumbini, que na época fazia parte da Índia, mas hoje pertence ao Nepal. Sua mãe foi a rainha Mayadevi e seu pai, o rei Shudodana.

Certa noite, a rainha sonhou que um elefante branco descia do paraíso e ingressava em seu útero. Esse ingresso foi um presságio de que concebera um ser puro e poderoso e a descida do elefante do paraíso, um indício de que seu filho vinha do céu de Tushita, a Terra Pura de Buddha Maitreya.

Mais tarde, quando a rainha deu à luz, em vez de sentir dor, ela teve uma visão muito especial e pura. Viu-se apoiada numa árvore, segurando um de seus ramos com a mão direita, enquanto os deuses Brahma e Indra tiravam de seu flanco, sem dor, uma criança. Os deuses, então, reverenciavam a criança, oferecendo-lhe abluções rituais.

Quando viu o filho, o rei sentiu que todos os seus desejos haviam sido satisfeitos e chamou o pequeno príncipe de Sidarta. Sua Majestade convidou um brâmane vidente para fazer predições sobre o futuro do príncipe. O vidente examinou a criança com sua clarividência e disse ao rei: “Há sinais de que o menino pode se tornar ou um rei chakravatin, líder do mundo inteiro, ou um Buddha plenamente iluminado. Entretanto, posto que a era dos reis chakravatin já passou, é certo que ele se tornará um Buddha e sua influência benéfica se espalhará pelos mil milhões de mundos, como os raios de um sol.”

O Caminho do Meio

Durante seis anos, Gautama Siddhārtha e os seus seguidores viveram em silêncio e nunca saíram da floresta. Para beber, tinham a chuva, como comida, comiam um grão de arroz ou um caldo de musgo, ou as fezes de um pássaro que passasse. Estavam tentando dominar o sofrimento tornando as suas mentes tão fortes que se esqueceriam dos seus corpos.

Então... um dia, Siddhārtha escutou um velho músico, num barco que passava, falando para o seu aluno...

“Se apertares muito a corda, ela arrebentará; se deixares frouxa demais, ela não tocará.”

De repente, Siddhārtha percebeu de que estas palavras simples continham uma grande verdade, e que durante todos estes anos ele tinha seguido o caminho errado.

Siddhārtha, muito fraco, se levantou da postura meditativa da qual se encontrava e lentamente caminhou até o rio.

“Se apertares muito a corda, ela arrebentará; se deixares frouxa demais, ela não tocará.” – dizia ele para si mesmo enquanto se banhava no rio.

Uma aldeã ofereceu a Siddhārtha um pouco de arroz. E pela primeira vez em anos, ele provou uma alimentação apropriada. Mas quando os ascetas viram o seu mestre banhar-se e comer como uma pessoa comum, sentiram-se traídos, como se Siddhārtha tivesse desistido da grande procura pela iluminação.

Ao ver os ascetas, com a voz ainda fraca, Siddhārtha, humildemente falou: “Venham... e comam comigo.”

Os ascetas responderam: “Traíste os teus votos, Siddhārtha. Renunciou à busca. Não podemos mais segui-lo. Não podemos continuar a aprender contigo.”

Enquanto os ascetas foram se retirando, Siddhārtha disse: “Aprender é mudar. O caminho para a iluminação é no Caminho do Meio. É a linha entre todos os extremos opostos.”

O Caminho do Meio foi a grande verdade que Siddhārtha encontrara, o caminho que ensinaria ao mundo.

O Mestre e Seus Tolos Discípulos

Certa vez existiu um homem que era um ateu e agnóstico, um raríssimo tipo de postura na Índia. Ele era uma pessoa que desejava livrar-se de todas as formas de ritos religiosos, deixando apenas a essência da direta experiência da Verdade. Assim, atraiu vários discípulos que costumavam se reunir a seu redor toda semana para ouvir seus ensinamentos.

Após algum tempo os discípulos começaram a se juntar antes do mestre aparecer porque eles gostavam de estar em grupo e cantar juntos. Eventualmente foi construída uma casa para as reuniões, com uma sala especial para o mestre agnóstico.

Após a morte do mestre, tornou-se uma prática entre seus seguidores fazer uma reverência respeitosa para a agora sala vazia, antes de se entrar no salão. Em uma mesa especial a imagem do mestre foi colocada em uma moldura de ouro, e as pessoas deixavam flores e incenso lá, em respeito ao mestre.

Em poucos anos uma religião tinha crescido em torno daquele homem, que em vida não praticava nada disso, e que, ao contrário, sempre disse aos seus seguidores que ficar preso a estas práticas levava frequentemente a pessoa a se iludir no caminho da Verdade.

Dizia o mestre:

“Tenhais confiança não no mestre, mas no ensinamento.

Tenhais confiança não no ensinamento, mas no espírito das palavras.

Tenhais confiança não na teoria, mas na experiência.

Não creiais em algo simplesmente porque vós ouvistes.

Não creiais nas tradições simplesmente porque elas têm sido mantidas de geração para geração.

Não creiais em algo simplesmente porque foi falado e comentado por muitos.

Não creiais em algo simplesmente porque está escrito em livros sagrados.

Não creiais no que imaginais, pensando que um Deus vos inspirou.

Não creiais em algo meramente baseado na autoridade de mestres e anciãos.

Mas após contemplação e reflexão, quando vós percebeis que algo é conforme ao que é razoável e leva ao que é bom e benéfico tanto para vós quanto para os outros, então o aceiteis e façais disto a base de sua vida.”

O Rio Lamacento

Era uma vez um rio que corria mansamente no seu cômodo leito de barro. As suas águas eram turvas e nelas viviam peixes da cor do chumbo que buscavam o seu alimento no lodo.

Como era muito pouco profundo, nenhum ser humano ainda se tinha lembrado de fazer uma ponte sobre ele, conformando-se apenas em colocar algumas pedras no seu leito que improvisavam caminhos humidificados pelas lentas águas. Os animais dos bosques vagueavam pelos lugares menos profundos, revolvendo as entranhas do rio com as suas patas. Para beber iam ao lago mais próximo, porque as águas do rio eram escuras e cheiravam mal.

Mas o Deus Indra, que tudo vê, apiedou-se do Génio do rio, pois sem ser tolo, comportava-se como tal, entorpecido pela inércia e comodidade, já acostumado a que pisassem o seu corpo, que era húmido e hediondo como uma víbora morta. Com o passar do tempo, o rio conformou-se com os caminhos mais suaves e evitava os declives violentos. Era mudo, feio e as belas Ondinas e Fadas dos ribeiros não se aproximavam dele, nem sequer para fabricarem os seus espelhos mágicos nas noites de Lua Cheia.

Um dos Servidores de Indra secou a terra à frente dele e levantou-a de forma que o obrigou a desviar-se. Ao princípio assustado, o velho rio começou a gemer, mas logo descobriu o prazer de saltar sobre as pedras e, com um rugido, abateu árvores e abriu caminho, saltando abismos e arremetendo contra enormes penhascos.

A sua água fez-se límpida ao filtrar-se através das areias e pedregulhos; o seu fundo voltou a ser de pedra e, às vezes, de metal, cujos veios brilhavam no seu leito como os ígneos látegos de Indra quando conduz os Maruts.

Do seu seio, outrora escuro e lóbrego, nasceu a espuma branca, pois esta não aparece se não houver luta, se não houver purificação.

Nele habitaram peixes coloridos que sobem o rio e as claras lagoas, que ia deixando nos seus flancos, recortadas em formidáveis rochas, foram o assombro dos Elementais das águas. Com o titilante reflexo das estrelas, as Ninfas fizeram os seus pentes mágicos e extraíram dos profundos remansos os espelhos encantados.

Os humanos já não o pisaram, mas elevaram arcos de triunfo sobre ele, a que chamaram pontes. Os animais cruzavam-no nadando, e logo comentavam, limpos e brilhantes, a força do rio. Por fim, quando chegava à sua Mãe Ganga, era recebido com ovações pelas outras águas que a ele se abraçavam gritando de alegria.

E vendo tudo isto e outras coisas mais que não vos conto, Indra pensou em muitos seres humanos que não aproveitam as suas oportunidades e continuam a ser rios lentos e barrentos, carentes de valor e de glória. Então, duas lágrimas correm pelo seu rosto candente, e assim aparecem nuvens, e tudo na natureza se torna cinzento, lamentando a estupidez humana.

Ações e Destino

Numa floresta da Índia vivia um sábio que era capaz de predizer o futuro. Pessoas iam sem parar querendo saber o seu destino, a ponto que mal sobrava tempo para o sábio meditar. Então, ele adentrou cada vez mais na floresta e, finalmente, conseguiu escapar da multidão e reencontrar a paz.

Um dia, dois jovens perderam-se na floresta. Os dois amigos procuravam um abrigo e, já de noite, avistaram uma luz no meio das árvores. Aproximaram-se da cabana e, pela janela, descobriram um velho mergulhado em profunda meditação. Logo imaginaram que ele devia ser o eremita famoso por suas predições.

Entraram em silêncio, sentaram no chão e esperam. Quando o sábio abriu os olhos, prostraram-se diante dele. O sábio os acolheu em sua simples cabana e para que no outro dia os ajudasse a sair da floresta.

Na hora da partida, os dois amigos não resistiram e pediram ao sábio que falasse sobre seu futuro. Este respondeu: “Devem saber que não gosto de predizer o futuro. Além disso, seu futuro como está agora, pode vir a mudar.”

Mas a curiosidade dos dois jovens venceu a resistência do eremita.

“Está bem”, disse ele, “Sentem-se.”

O sábio mergulhou num profundo estado meditativo e então, olhando para um deles disse com voz firme: “Você será um rei daqui a um ano.”

E olhando para o outro, disse: “Sinto dizer que, daqui a um ano, você morrerá nas mãos de um assassino.”

Os dois amigos inclinaram-se, e com ajuda de suas indicações saíram da floresta.

De volta à cidade, aquele que seria rei passou a se comportar com orgulho e arrogância. O outro, que era um professor, fazia seu trabalho com devoção e generosidade, servia as pessoas à sua volta com humildade.

Nove meses se passaram. Um dia, o jovem que iria se tornar rei convidou seu amigo para procurar um lugar onde construir seu futuro palácio. Subindo uma colina para, do seu topo, contemplar a região, um deles tropeçou num pote meio enterrado. Quando

viu o ouro que havia nele ficou pulando de alegria e gritando: “Minha sorte está chegando! Logo serei rei!”

Então, um bandido surgiu, como se tivesse caído do céu, e tentou arrancar o pote das mãos dele. O outro jovem agarrou o ladrão e, na luta que seguiu, teve o ombro ferido pelo punhal do bandido. Este, no entanto, reconhecendo a superioridade de seu adversário, achou melhor fugir.

Um ano se passou e nada havia acontecido, ninguém tinha se tornado rei e ambos estavam vivo. Os dois amigos resolveram procurar o sábio para saber por que a profecia não tinha se concretizado.

“Senhor, por que suas profecias deram errado?”, perguntaram-lhe quando o encontraram.

O sábio sentou-se em meditação por um longo tempo. Então, disse ao que se tornaria rei: “Seu destino mudou por causa de suas estúpidas ações durante estes meses. A coroa que lhe era destinada, foi reduzida a um pote cheio de ouro que você achou no campo.”

Virando-se então para o que iria morrer, disse: “Sua generosidade, humildade e confiança na providência mudaram seu destino também. A morte pela mão de um assassino foi reduzida a um mero ferimento.”

Os dois amigos fizeram uma profunda reverência e tomaram o caminho de volta em silêncio.

Tudo Acontece Para o Melhor

Certa vez, um príncipe, depois da morte do pai, herdou o reino e uma grande fortuna em ouro. Isso ele gostou bastante. O que ele não via com bons olhos era o fato de ter herdado também um velho ministro de seu pai, que estava sempre tão sério quanto um velho gato; sua presença era o suficiente para dissipar o alegre espírito do rei e de seus companheiros. Além disso, o velho ministro tinha o hábito de murmurar constantemente: “Tudo o que acontece, acontece para o melhor, se soubermos como aceitá-lo.”

Isso irritava profundamente o rei.

“Como é possível que um forte resfriado ou uma queda de cavalo possa ser ‘o melhor’?” – perguntava ele a seus confidentes.

Além disso acrescentava: “A lógica do ministro. através do longo uso, tornou-se tão embotada como sua cabeça velha e calva e, assim, é inclinado a aceitar tudo o que vem, sem protestar, afirmando para si mesmo que tudo acontece para o melhor!”

Mas o rei não podia permitir que ele permanecesse tão simplório. Concluiu que algum evento excitante, tal como um passeio estimulante na floresta, seria bom para arejar a cabeça do velho companheiro de seu pai. Assim, um dia pediu ao ministro que se juntasse a ele na caravana que iria caçar.

“Muito bem.” – disse o ministro como sempre.

Parecia que não seria um dia muito auspicioso. Nuvens pesadas e escuras surgiram no horizonte. O príncipe pensou que elas seriam varridas pelo vento, mas justamente quando estavam na floresta, um forte vendaval partiu o galho de uma grande árvore que veio caindo, caindo, até desabar sobre o próprio rei. Felizmente, ele escapou com apenas um pequeno corte na testa. Não obstante, gritou de horror.

O ministro, no entanto, sorriu e consolou o rei dizendo: “Não fique perturbado, meu jovem senhor! O que acontece, acontece para o melhor! Tudo o que tem que fazer é aceitar todas as coisas no espírito certo.”

Nunca antes estas palavras tinham soado tão sinistras como então. O rei tremeu de raiva e ordenou a seus homens para amarrar o ministro e jogá-lo dentro de um buraco e gritou ironicamente alegre: “O que acontece, acontece para o melhor, não é? Agora prove a sua própria teoria. Adeus!”

O rei e seus homens não tinham andado muito quando um temporal desabou, seguido de um pesado aguaceiro. Algumas árvores, abatidas por raios, caíam diante do grupo. Em pânico, os homens correram na confusão, deixando o rei sozinho. De repente, o rei foi cercado por uma gangue de bandidos.

Nas profundezas da selva, a gangue tinha a sua própria crença e seus costumes. E dentre estes costumes, eles tinham o estranho hábito de sacrificar um ser humano no altar da divindade deles, num certo dia do ano. E este dia tinha chegado!

O rei tentou escapar, mas não tinha forças para enfrentar sozinho os marginais. Foi capturado e levado para o santuário deles. Estava para perder a vida, quando os bandidos observaram a ferida em sua testa. Desapontados, mandaram-no embora, pois os rituais exigiam que o homem a ser sacrificado não tivesse uma única ferida em seu corpo.

Logo a chuva parou, O rei descobriu que estava no coração da floresta e tentou se orientar para achar o caminho. Quando seus homens finalmente o encontraram, estava atordoado e muito faminto. Grande foi a alegria de todos. O rei, exausto, sentou-se numa rocha e mandou alguns de seus homens libertarem o ministro. Logo o velho surgiu calmo como sempre. O rei o abraçou e, em lágrimas, disse: “Ó meu sábio ministro, agora compreendo a verdade de suas palavras. Teria sido morto se não fosse a ferida na minha testa. Pode perdoar-me pelo desrespeito que tive por você?”

“Esteja certo, meu nobre senhor, que o que quer que aconteça, acontece sempre para o melhor. Eu vi os bandidos, mas eles não podiam me ver porque estava no buraco. Se tivessem me visto, certamente teriam me levado e agora minha cabeça e tronco não estariam mais juntos.”

Onde Estamos Verdadeiramente

Conta-se que haviam dois jovens que eram muito amigos e viviam a beira de um rio, cada um a uma margem. Vez ou outra eles pegavam um barco para se encontrarem, caçar e pescar.

Perto dali havia um templo no qual, à noite, haveria uma noite de cantos dedicados ao deus Shiva. De frente ao templo, também a noite, haveria uma grande festa, com muita comida, dança e várias belas cortesãs.

Os dois eventos se mostravam igualmente atraente para os jovens. O primeiro, pegou seu barco e atravessou o rio, no intuito de ir ao templo participar da noite de cânticos. O outro, pegou seu barco e também atravessou o rio, só que no intuito de participar da festa.

No meio do caminho os jovens se encontram e o primeiro disse ao segundo: “Como é bom te encontrar aqui, eu já ia passar na sua casa para te chamar para que fossemos ao templo participar da noite de cânticos em honra a Shiva.”

“E eu ia atravessando o rio aqui no intuito de passar na sua casa para te chamar para que fossemos juntos a festa. Haverá dançarinas e muita comida! Boa diversão!” – disse o segundo jovem.

Ambos ficam um tanto indecisos, no entanto resolvem seguir seus caminhos separadamente. Passa-se a noite inteira, um jovem no templo e outro na festa.

Em determinado momento, decidem voltar para casa. Pegam seus barcos à margem do rio e se põem a atravessá-lo. Eis que no meio do caminho cai subitamente uma tempestade, na escuridão, ao remarem sobre as águas que haviam se tornado turbulentas, e os dois acabam por cair no rio, morrendo assim.

Ao se elevarem em direção ao Céu de Indra, o destino de todas as almas, há um gandharva a porta que lhes espera a destinar cada um deles aquilo que lhes é próprio. Ao se deparar com o primeiro jovem, aquele que foi a festa, o gandharva diz: “Você é digno de entrar no Céu de Indra.”

Ao segundo jovem, aquele que foi ao templo, o gandharva diz: “A você, o inferno de Yama, lhe é destinado.”

O segundo jovem então diz ao gandharva: “Desculpe-me, mas acredito que tenha enganando-se. Hoje passei a noite inteira num templo a entoar cânticos em honra a Shiva, enquanto meu amigo aqui estava numa festa.”

O primeiro jovem teve de concordar: “É verdade, é lamentável, mas acredito que tenha feito uma troca, meu amigo morreu fazendo cânticos sagrados enquanto eu me encontrava numa festa.”

O gandharva disse: “Pouco importa o que os homens fazem, mas sim o que sentem, pensam e por onde andam sua consciência.”

Dirigindo-se ao segundo jovem, o gandharva disse: “Você, realmente estava fisicamente numa festa, mas passara a noite inteira a condenar a si mesmo pensando: ‘Como estou desperdiçando a noite na companhia de pessoas vulgares. Como é privilegiado o meu amigo que nesse momento está na companhia de pessoas santas fazendo orações ao divino. Como eu sou infeliz de estar aqui, que oportunidade eu perdi de dedicar minha noite a algo de válido.’”

“Enquanto que você,” – falou o gandharva ao primeiro jovem – “que estava a noite inteira no templo, só passou pensando: ‘Que tédio, como estou desperdiçando meu tempo, minha juventude, ouvindo esses cânticos monótonos, chatos e repetitivos. Como seria bom estar me divertindo e dançando na festa com meu amigo.’”

“É a onde está vossa consciência que lhes determina a direção de pela qual caminham, e não vossos corpos, que nem vos pertencestes realmente. O que dá o destino do homem, é por onde anda sua consciência.”

Instruções Sobre o Absoluto e Imanifesto

*“Quando curiosamente te perguntarem,
buscando saber o que é o Absoluto e Imanifesto.
Não debes afirmar ou negar nada,
o que quer que seja afirmado não pode de maneira alguma ser verdade,
tampouco o que quer que seja negado pode ser verdadeiro.
Como alguém poderá dizer com certeza o que o Absoluto e Imanifesto possa ser
enquanto por si mesmo não tiver compreendido plenamente o que é?
E, após tê-lo compreendido, como pode as palavras chegarem a uma região
onde se quer a carruagem encontra uma trilha pela qual seguir?
Portanto, aos seus questionamentos oferece-lhes apenas o silêncio,
Silêncio - e um dedo apontando o Caminho.”*

Aquele que Despertou

Quando Buddha atingiu a Suprema Iluminação, diz uma lenda que alguém lhe perguntou: “Tu és um Deus?”

“Não,” ele disse.

“Tu és um santo?”

“Não”

“Então quem és tu?”

Ele então disse: “Eu sou aquele que despertou.”

O Tigre e o Morango

Certa vez, Buddha contou uma parábola:

Um homem que viajava em um campo acabou por se deparar com um tigre. Ele correu, o tigre em seu encalço. Aproximando-se de um precipício, tomou as raízes expostas de uma vinha selvagem em suas mãos e pendurou-se precipitadamente abaixo, na beira do abismo. O tigre o farejava acima. Tremendo, o homem olhou para baixo e viu, no fundo do precipício, outro tigre a esperá-lo. Apenas a vinha o sustinha. Ao olhar para a planta, viu dois ratos, um negro e outro branco, roendo aos poucos sua raiz. Neste momento seus olhos perceberam um belo morango vicejando perto. Segurando a vinha com uma mão, ele pegou o morango com a outra e o comeu. “Que delícia!”, ele disse.

Buscando por Buddha

Um monge pôs-se a caminho de uma longa peregrinação para encontrar Buddha. Ele levou muitos anos em sua busca até alcançar a terra onde dizia-se que vivia Buddha. Ao cruzar o sagrado rio que cortava este país, o monge olhava em torno enquanto o barqueiro conduzia o bote. Ele percebeu algo flutuando em sua direção. Quando o objeto chegou mais perto, ele viu que era um cadáver - e que o morto era ele mesmo!

O monge perdeu todo o controle e deu um grito de dor à visão de si mesmo, rígido e sem vida, flutuando suavemente na corrente do grande rio. Neste instante percebeu que ali estava começando sua busca pela liberação... E então ele soube definitivamente que sua procura por Buddha havia terminado.

O Monge e o Escorpião

Certa vez, um mestre e seu discípulo, ambos monges, praticavam seus exercícios respiratórios e meditativos à beira de um lago. E meio aos seus exercícios eles ouviram algo cair na água, e logo notaram que um escorpião havia se desprendido acidentalmente de um galho de uma árvore e agora se debatia na água, lutando pela própria vida.

Rapidamente, sem pensar muito, o mestre rapidamente se levantou da sua postura meditativa e foi socorrer o escorpião. No entanto, ao pegar o escorpião com a mão para salvá-lo da morte certa, acabou sendo picado e com a dor da picada derrubou novamente o escorpião na água. O mestre então pegou um galho e, com todo o cuidado, tirou o escorpião da água, colocando-o na margem do rio, num lugar seguro.

Vendo isso, o discípulo que tinha observado tudo, mas mal tinha se levando questionou o mestre: “Mestre, por que o senhor fez isso? Mesmo sabendo que o escorpião é um animal peçonhento, instintivo, e sua natureza é atacar.”

Então o mestre disse: “A natureza do escorpião é atacar, mas isso não muda a minha natureza, que é ajudar...”

Samsāra

Certa vez um monge perguntou ao seu mestre: “Mestre, como posso sair do Samsāra (a Roda de renascimentos e mortes)?”

“Quem te colocou nele?”, respondeu o mestre.

O Grão de Mostarda

A jovem Krisha Gotami teve um filho, mas essa criança morreu prematuramente. Em sua dor, ela levou a criança morta a todos os seus vizinhos, pedindo-lhes um remédio. E as pessoas diziam: “Ela perdeu a razão, a criança está morta.”

Finalmente Krisha encontrou alguém que deu resposta a sua súplica: “Eu não conheço remédio para teu filho, mas eu conheço um médico que poderá fornecê-lo a ti.”

Então ela respondeu: “Eu te suplico, diga-me quem é essa pessoa.”

O homem respondeu-lhe: “Vá procurar Buddha.”

Krisha Gotami foi até o Buddha e exclamou em prantos: “Senhor, por favor, dê-me um remédio para curar meu filho.”

O Buddha respondeu: “Não é necessário nada mais do que um grão de mostarda.”

E como a jovem mulher promettesse procurá-lo, ele acrescentou: “No entanto, deves receber o grão de uma casa onde nunca tenha entrado a morte.”

Aflita, Krisha Gotami foi de casa em casa pedindo o grão de mostarda; as pessoas tinham pena dela e diziam-lhe: “Eis o grão de mostarda, toma-o.”

Mas quando ela perguntava: “Vós perdestes, em sua família, um filho, uma filha, um pai, uma mãe?”

Eles respondiam: “Ah! Poucos são os vivos e muitos são os! Não despertes nossa dor.”

E ela não encontrou uma única casa em que não tivesse a deplorar a morte de um ente querido. Fatigada e desesperada, ela sentou-se à beira do caminho, contemplando as luzes da cidade; elas se enfraqueceram, depois logo se apagaram. A escuridão tomou conta do lugar. Ela pensou no destino do homem cuja vida se enfraquece, depois se apaga, e disse consigo: “Que egoísta sou em minha dor! A morte é o destino comum. Sem dúvida há neste vale de desolação, um caminho que leve à imortalidade que desenraíze todo egoísmo.”

E, dominando o egoísmo do seu amor pelo seu filho, Krisha Gotami enterrou seu cadáver no bosque. Ela partiu, em seguida, para junto de Buddha e nele se refugiou,

encontrando consolo no Dharma, bálsamo que atenua todas as penas dos corações dilacerados.

O Buddha, então, disse: “A vida dos mortais sobre a terra está envolta, atravessada e alterada pela dor. Porém não há nenhum meio para aqueles que nascem deixarem de morrer, após a velhice vem a morte. Assim o quer a natureza dos seres vivos. Da mesma forma como os frutos maduros chegam a ponto de cair da árvore, também os mortais, desde o instante em que nascem, caem no poder da morte. Todos são submissos a ela. Entre os que, assustados pela morte, abandonam a vida, o pai não pode salvar seu filho, nem os mesmos da família seus pais. Vede! Enquanto os pais olham e se lamentam com amargura, a vida corporal do homem acaba partindo-se como a vasilha de barro do oleiro. Assim, o mundo é afligido pela morte e ruína, e é por isso que o sábio não é desconcertado, porque conhece as leis do mundo.”

O Quebrador de Pedras

Era uma vez um simples quebrador de pedras que estava insatisfeito consigo mesmo e com sua posição na vida. Um dia ele passou em frente a uma rica casa de um comerciante. Através do portal aberto, ele viu muitos objetos valiosos e luxuosos e importantes figuras que frequentavam a mansão.

“Quão poderoso é este mercador!” pensou o quebrador de pedras. Ele ficou muito invejoso disso e desejou que ele pudesse ser como o comerciante. Para sua grande surpresa ele repentinamente tornou-se o comerciante, usufruindo mais luxos e poder do que ele jamais tinha imaginado, embora fosse invejado e detestado por todos aqueles menos poderosos e ricos do que ele.

Um dia um alto oficial do governo passou à sua frente na rua, carregado em uma liteira de seda, acompanhado por submissos atendentes e escoltado por soldados, que batiam gongos para afastar a plebe. Todos, não importa quão ricos, tinham que se curvar à sua passagem.

“Quão poderoso é este oficial!” ele pensou. “Gostaria de poder ser um alto oficial!” Então ele misteriosamente tornou-se o alto oficial, carregado em sua liteira de seda para qualquer lugar que fosse – temido e odiado pelas pessoas à sua volta.

Era um dia de verão quente, e o oficial sentiu-se muito desconfortável na suada liteira de seda. Ele olhou para o Sol. Este fulgia orgulhoso no céu, indiferente pela sua reles presença abaixo. “Quão poderoso é o Sol!” ele pensou. “Gostaria de ser o Sol!” Então, como antes, misteriosamente, ele tornou-se o Sol. Brilhando ferozmente, lançando seus raios para a terra sobre tudo e todos, crestando os campos, amaldiçoado pelos fazendeiros e trabalhadores. Mas um dia uma gigantesca nuvem negra ficou entre ele e a terra, e seu calor não mais pôde alcançar o chão e tudo sobre ele.

“Quão poderosa é a nuvem de tempestade!” ele pensou “Gostaria de ser essa nuvem!” Então ele tornou-se a nuvem, inundando com chuva campos e vilas, causando temor a todos. No entanto, repentinamente ele percebeu que estava sendo empurrado para longe com uma força descomunal, e soube que era o vento que fazia isso.

“Quão poderoso é o Vento!” ele pensou. “Gostaria de ser o vento!” Então ele tornou-se o vento de furacão, soprando as telhas dos telhados das casas, desenraizando árvores, temido e odiado por todas as criaturas na terra. Mas em determinado momento ele encontrou algo que ele não foi capaz de mover nem um milímetro, não importasse o quanto ele soprasse em sua volta, lançando-lhe rajadas de ar. Ele viu que o objeto era uma grande e alta rocha.

“Quão poderosa é a rocha!”, ele pensou, “Gostaria de ser essa rocha!” Então ele tornou-se a rocha. Mais poderoso do que qualquer outra coisa na terra, eterno, inamovível. Mas enquanto ele estava lá, orgulhoso pela sua força, ele ouviu o som de um martelo batendo em um cinzel sobre uma dura superfície, e sentiu a si mesmo sendo despedaçado.

“O que poderia ser mais poderoso do que uma rocha?” pensou surpreso. Ao olhar para baixo viu então a figura de um quebrador de pedras.

O Zelo de Ānanda

Ānanda era primo de Buddha. Tornou-se discípulo de Buddha junto com Devadata, seu irmão mais novo, que só aprontava e fazia os demais sofrerem por sua causa. Ānanda era espontâneo, inteligente e, tal como Buddha, tinha um semblante bem delineado. Quando Buddha completou 55 anos de idade disse: “Até hoje, muitas pessoas revezadamente me serviram. Todavia, devido aos constantes rodízios, imagino que pela

falta de costume tenham encontrado dificuldades. Portanto, gostaria que uma determinada pessoa fizesse o meu auxílio de modo constante.”

Neste momento Mokuren foi até Ānanda e disse: “Ānanda, gostaria que você se tornasse nesta pessoa que servirá constantemente o nosso nobre mestre.”

Para Ānanda, estar sempre junto do mestre Buddha era motivo de imensa alegria. Porém, não bastava estar apenas junto. Ele precisava anular-se para servir ao Buddha o máximo possível e compreender seus superiores também. Essa função era considerada a mais primária de um monge e sua permanência nesta função implicaria na sua ascensão na hierarquia sacerdotal. Ānanda respondeu: “Se Buddha me prometer três coisas, o servirei constante e alegremente. São elas:

- 1- Que Buddha não me dê ou ofereça nenhum objeto;
- 2- Que ao Buddha se sirva numa mesa em que eu não possa me servir;
- 3- Por mais que eu esteja junto dele, de modo constante, que ele não me odeie.”

Mokuren transmitiu a Buddha as condições de Ānanda. Buddha as aceitou e, assim, Ānanda - aos 25 anos - tornou-se o “Auxiliar” (Disha) constante de Buddha.

Graças ao acompanhamento constante de Ānanda, pode-se dizer que ele ouviu todos os ensinamentos de Buddha. Também, além disso, graças à sua memória magnífica, foi capaz de guardar cada palavra mencionada por Buddha, sem qualquer margem de erro; tamanha era a sua força de concentração.

Certa vez, surgiu nas costas de Ānanda um grande furúnculo que o fazia sofrer muito. Na Índia daquela época havia um famoso médico chamado Guiba, a quem Buddha pediu que fizesse uma cirurgia e curasse Ānanda da ferida nas costas.

No entanto, só de ameaçar tocar, nas costas de Ānanda, já começava a doer. Desse modo, Guiba disse a Buddha que nada poderia fazer. Buddha sorriu e lhe disse o seguinte: “Quando eu lhe fizer um sinal, de imediato trate o ferimento de Ānanda. Tenho certeza que ele não irá se contorcer de dor. Logo em seguida, Ānanda, sem nada saber, sentou-se à frente de Buddha.”

Buddha foi a Ānanda e lhe disse: “Ānanda, olhe bem para os meus olhos e concentre-se apenas em ouvir minha voz.”

Buddha fez um sinal para Guiba e iniciou a pregação de quanto o Dharma Sagrado era virtuoso e profundo. Guiba logo começou a cirurgia. Fez uma incisão no local da ferida, extraiu todo o pus, passou o remédio. Costurou e concluiu a cirurgia.

Por outro lado, Ānanda ainda continuava atento, sem sequer piscar, ao ouvir os ensinamentos de Buddha. Guiba anunciou: “Nobre Buddha, terminei a cirurgia. Já está tudo bem.”

Foi quando Buddha perguntou a Ānanda: “Ānanda, como vai a dor nas costas?”

Ānanda assustou-se, pois, até agora a pouco suas costas doíam tanto e agora não sentia mais nada. Ānanda perguntou: “O que aconteceu?”

Buddha alegremente respondeu: “Sua fé o permitiu se concentrar tanto em ouvir os ensinamentos que o fez esquecer da dor nas costas.”

Quando Buddha estava prestes a adentrar ao Nirvāna elogiou Ānanda da seguinte forma: “Ānanda me serviu por muitos anos e nunca se serviu da mesma comida, também, jamais desejou novos trajes. Quando não necessitava dele estava ausente, e quando necessitei dele sempre esteve presente. Também nunca demonstrou apego a qualquer objeto valioso. E, sempre que ouvia os ensinamentos, aprendia todos eles logo na primeira vez.”

“Fez-me uma pergunta apenas uma vez.” – continuou Buddha – “Foi quando o príncipe Ruri eliminou todo o Clã Shaka. Foi a pergunta que fez, às lágrimas: “Diante de tamanha tragédia, como Buddha pode manter-se tão sereno? Soube compreender a mim e aos meus discípulos. Sem mesmo que eu tivesse que me expressar compreendia meus sentimentos. Ānanda para mim é como se fosse meu irmão mais novo.”

Desta forma, por 15 anos Ānanda serviu e zelou constantemente de Buddha. Graças a isso, pôde aprender todos os ensinamentos de Buddha, ser lembrado e respeitado para sempre, como o discípulo mais querido de Buddha.

Graças à expressividade de seu zelo ao Buddha foi incluído entre os Dez mais Notáveis Discípulos de Buddha.

Após o falecimento de Buddha liderou o primeiro movimento de compilação dos Suttas por ter sido quem mais ouviu e por ter uma memória infalível.

Também, com todo o cuidado e respeito, sempre iniciava a transmissão dos ensinamentos de Buddha com a seguinte frase: “Assim eu ouvi.”

Tal frase demonstra o tamanho respeito e fidelidade que sempre prestou ao nobre mestre Buddha. Tal frase, também, é famosa por constar no início dos Sutas Budistas diferenciando-os das demais doutrinas.

O Cipreste no Jardim

Certa vez um monge perguntou ao seu mestre: “Qual o significado de Buddha-Dharma?”

O mestre apontou e disse: “O cipreste no jardim.”

O monge ficou irritado, e disse: “Não, não! Não use parábolas aludindo a coisas concretas! Quero uma explicação intelectual clara do termo!”

“Então eu não vou usar nada concreto, e serei intelectualmente claro.” – disse o mestre.

O monge esperou um pouco, e vendo que o mestre não iria continuar fez a mesma pergunta: “Então? Qual o significado de Buddha-Dharma?”

O mestre apontou e disse: “O cipreste no jardim.”

A História da Humanidade

Conta-se que na Pérsia antiga vivia um rei chamado Zemir. Coroado muito jovem, julgou-se na obrigação de instruir-se: reuniu em torno de si numerosos eruditos provenientes de todos os Países e pediu-lhes que editassem para ele a história da humanidade. Todos os eruditos se concentraram, portanto, nesse estudo.

Vinte anos se escoaram no preparo da edição. Finalmente, dirigiram-se a palácio, carregados de quinhentos volumes acomodados no dorso de doze camelos.

O rei Zemir havia, que então passado dos quarenta anos, disse: “Já estou velho, não terei tempo de ler tudo isso antes da minha morte. Nessas condições, por favor, preparai-me uma edição resumida.”

Por mais vinte anos trabalharam os eruditos na feitura dos livros e voltaram ao palácio com três camelos apenas.

Mas o rei envelhecera muito. Com quase sessenta anos, sentia-se enfraquecido: “Não me é possível ler todos esses livros. Por favor, fazei-me deles uma versão ainda mais sucinta.”

Os eruditos labutaram mais dez anos e depois voltaram com um elefante carregado das suas obras. Mas a essa altura, com mais de setenta anos, quase cego, o rei não podia mesmo ler. Pediu, então, uma edição ainda mais abreviada. Os eruditos também tinham envelhecido. Concentraram-se por mais cinco anos e, momentos antes da morte do monarca, voltaram com um volume só.

“Morrerei, portanto, sem nado conhecer da história do Homem” - disse ele. À sua cabeceira, o mais idoso dos eruditos respondeu: “Vou explicar-vos em três palavras a história do Homem: o homem nasce, sofre e, finalmente, morre.”

Nesse instante o rei expirou.

A Velha e o Buddha

Havia uma velha mulher que vivia no lado leste da cidade em que também morava o Buddha. Ela nascera quando tinha nascido Gautama, e tinha vivido toda sua vida acompanhando a estória da vida de Buddha, uma vez que era sua contemporânea. Entretanto, ela nunca quis vê-lo, ou falar com ele. Sempre que ouvia que Buddha se aproximava, ela fugia de sua presença, tentando por todos os modos evitar-lhe o olhar, correndo para aqui e para ali, escondendo-se.

Certo dia, a mulher se encontrou em um local de onde não podia sair ou se esconder. Buddha se aproximava, e a velha mulher, desesperada em seu terror de encontrar tal homem, já não sabia o que fazer. Então, no último momento, ela fez a única coisa possível para evitar ver o Buddha: ergueu ambas as mãos à frente de seu rosto, tapando assim sua visão.

Neste momento, maravilhosamente, o rosto de Buddha apareceu entre cada um de seus dez dedos.

A Intocável

Nos tempos do Buddha Shakyamuni, havia uma pobre mulher da casta dos Sudras – que também eram chamados os intocáveis – cujo o trabalho consistia em transportar, num grande jarro, excrementos retirados das fossas sépticas. Esse tipo de tarefa era comum entre os Sudras, a casta mais baixa e desprezada da Índia, obrigada a efetuar trabalhos que os demais hindus consideravam indignos.

Certo dia, Daini – assim se chamava a mulher – caminhava por uma estrada, nos arredores da cidade, levando um jarro de excrementos na cabeça, quando viu Buddha se aproximando rapidamente. Compreendendo que ele logo alcançaria, sentiu vergonha de si mesma, do mau cheiro que exalava, dos trajés miseráveis e sujos que vestia. Então, escondeu-se atrás de uns arbustos.

“Tomara que o Buddha não perceba meu mau cheiro. Ele é um iluminado, um príncipe... e eu, uma sudra indigna de cruzar seu caminho.” – Assim pensava Daini.

Isso aconteceu em mais duas ocasiões e, em ambas, Daini agiu da mesma forma: ao ver o Tathāgata se aproximando pelo mesmo caminho que ela trilhava, escondia-se a tempo de evitar o encontro. Até que o Buddha, profundamente comovido pela humildade e bondade da mulher, plantou-se diante dela, sem dar-lhe tempo de fugir.

A pobre Daini ficou tão nervosa que deixou cair o jarro que trazia na cabeça. Os excrementos escorreram-lhe pelo corpo, pelas mãos, espelhando-se pelo Buddha, murmurando: “Perdão! Perdão!”

“Não se preocupe...” – disse o Tathāgata – “Levante-se. A partir de agora, você será minha discípula.”

Daini mal conseguiu acreditar no que estava ouvindo. Pois, naquele tempo, todos os discípulos de Buddha eram nobres, pertencentes às castas mais altas da Índia. Por conta da surpresa, esqueceu-se totalmente de seu ego e, no mesmo momento, recebeu poderes sobrenaturais. Dos excrementos, assim como da própria Daini, começou a emanar um perfume delicioso.

A partir daquele instante Daini passou a seguir Buddha. Daini trabalhava para ele, atendia-o em todas as suas ordens, com total dedicação. Tal como ocorria com os outros discípulos de Buddha, Daini situava-se “além do masculino e do feminino”.

Incomodados, os discípulos leigos de Buddha começaram a protestar: “Como Buddha pôde aceita-la, aqui na sangha? Além de mulher, ela ainda é uma sudra!”

Na Índia daquela época, as pessoas costumavam beijar os pés do Buddha e de seus discípulos, bem como prostrar-se diante deles, em sinal de reverência e respeito. Mas muitos recusaram-se a reverenciar Daini e, sobretudo, a beijar-lhes os pés.

Odiavam-na. Assim, resolveram arquitetar um plano para conseguir que Buddha a repudiasse e, por fim, a expulsasse da sangha. Dirigiram-se ao rei Achinoku – que compartilhava da mesma opinião sobre Daini – suplicaram-lhe que procurasse Buddha e lhe fizesse o pedido.

O rei dirigiu-se ao templo de Buddha, que ficava aos arredores da cidade. Junto à porta, encontrou um ancião que, calmamente, costurava um kesa. De sua cabeça brotava uma luza resplandecente. Seu corpo exalava tamanha dignidade que o rei, impressionado, prostrou-se diante dele e pediu: “Caro ancião, venerável discípulo de Buddha, por favor, anuncie-me ao teu mestre.”

O ancião ergueu-se de maneira tão nobre e delicada que o rei Achinoku pensou: “Ele deve ser filho de um grande soberano.”

Alguns instantes depois, o ancião retornou e, num tom sereno, perfeitamente polido, disse: “Queira acompanhar-me, Buddha lhe espera.”

A beleza e o carisma daquele ancião haviam cativado o rei que, ao chegar diante de Buddha, esquecendo-se por completo do assunto que o trazia ali, perguntou: “Quem é aquele magnífico ancião, aquele discípulo perfeito e santo que, sem pronunciar sequer uma palavra, explica de maneira tão clara e fascinante a tua doutrina?”

“É Daini, minha nova discípula.” – respondeu o Tathāgata.

O rei ficou perplexo. A partir daquele momento, nunca mais atreveu-se a julgar quem quer que fosse. Raspou a cabeça, renunciou ao trono e decidiu tornar-se discípulo de Buddha, um monge andarilho.

Kantaka e o Fio de Aranha

Certo dia, Buddha passeava no Céu Trayastrimsa, as margens do lago da Flor de Lótus. Nas profundezas do lago, lobrigava o Naraka (um tipo de região de demérito Kármico, na tradição do Budhismo Mahayana). Nessa ocasião, viu ali um homem chamado Kantaka que morto dias antes, se debatia e padecia nas profundezas.

Transbordando de compaixão, o Buddha Shakyamuni queria socorrer todos os que, embora se achassem mergulhados no Naraka, tivessem praticado uma boa ação na vida. Kantaka fora ladrão e levava uma existência devassa. Por isso mesmo estava no Naraka.

Certa vez, no entanto, agira com generosidade: um dia, enquanto passeavam, avistara uma inofensiva aranha e tivera vontade de esmagá-la; reprimira-se, contudo, pensando, subitamente, que talvez pudesse favorecê-la; deixara-a com vida e seguiu o seu caminho.

O Buddha Shakyamuni viu nessa ação generosa um bom espírito, e sentiu-se inclinado a ajudá-lo. Por isso fez descer as profundezas do lago um comprido fio de teia de aranha, que chegou ao Naraka no lugar onde estava Kantaka.

Kantaka olhou para a novidade e concluiu que se tratava de uma corda de prata muito forte. Mas, não querendo acreditar nisso, disse consigo que devia ser, sem dúvida, um fio de teia de aranha pendurado, muito fino, e que seria provavelmente difícilimo trepar por ele; mesmo assim, arriscaria tudo, pois desejava ardentemente sair daquele Naraka.

Agarrou, portanto o fio, embora não deixasse de pensar nos perigos da escalada, pois a linha poderia rebentar de um momento para outro; mas foi subindo... subindo... auxiliando-se com os pés e as mãos, e envidando grandes esforços para não escorregar.

A escalada era longa. Chegando a metade do caminho, quis olhar para baixo e contemplar os Narakas, que já tinham ficado, decerto, muito longe. Acima dele, via a luz e só ambicionava alcançá-la.

Inclinando-se para baixo, a fim de olhar pela derradeira vez, viu uma multidão de pessoas que também subiam pelo fio, numa sucessão ininterrupta, desde as grandes profundezas do Naraka. Kantaka foi tomado de pânico: a corda poderia, quando muito,

aguentá-lo; mas com o peso daquelas centenas de pessoas agarradas a ela acabaria cedendo, e todos, com ele, voltariam ao Naraka!

“Que azar! Que droga! Aquela gente lá embaixo não tinha nada que sair do Naraka. Por que precisa seguir-me?” praguejava ele, encrespando os seguidores.

Nesse preciso momento, o fio cedeu, exatamente a altura das mãos de Kantaka, e todos remergulharam nas profundezas tenebrosas do lago.

Naquele mesmo instante, o sol do meio-dia resplandecia sobre o lago em cujas margens tranquilas passeava o Buddha...

A Verdadeira Imagem do Ser Humano

Certa vez, um rei chamado Shoko foi assistir a um discurso de Buddha Śākyamuni. O rei ouvia sobre o Budhismo pela primeira vez, e então, através de uma parábola, Buddha explicou-lhe o que é o ser humano.

“Isto aconteceu a vários bilhões de anos... Um viajante andava solitário pela infinita planície, coberta de capim. Um vento gelado e seco soprava no entardecer de outono. De repente, o viajante percebeu que haviam inúmeros objetos brancos espalhados pelo chão. ‘O que será isso?’ – questionou o viajante.”

“Curioso, ele pegou um desses objetos e se espantou: ‘Mas, como? São pedaços de ossos humanos! Por que há tantos ossos num lugar como esse?’ – pensou o viajante.”

“O viajante ficou profundamente intrigado e não pode dar mais um passo sequer. Foi então que ele começou a ouvir um ruído de passos e grunhidos que vinham da escuridão. Quando ele tentou estreitar os olhos para tentar descobrir o que estava por trás da escuridão, viu que um enorme e faminto tigre corria obstinado em sua direção.”

“Subitamente o viajante entendeu o porquê das ossadas: ‘Outros viajantes devem ter passado pela planície e sido devorados pelo tigre!’ – pensou ele. Ao mesmo tempo ele intuiu que ele próprio passava pelo mesmo perigo.”

“Apavorado, o viajante correu desesperadamente pelo caminho que havia percorrido. Mas, nunca poderia vencer a disputa contra o tigre. A respiração ofegante do animal se aproximava cada vez mais.”

“Não se sabe quando e onde, mas ele acabou errando o caminho, sendo encurralado na beira de um precipício. Havia um pinheiro nesse penhasco. Subir nele não seria a solução, pensou o viajante. Assim, só lhe restava cair em desespero. Mas, felizmente logo ele encontra um cipó que pendia da raiz desse pinheiro. O viajante desceu imediatamente pelo cipó. Quando ele olhou para cima, após se salvar por um triz, viu que o tigre rugia raivosamente encima do penhasco.”

“‘Ai, que alívio!’ – pensou o viajante – ‘Eu me salvei graças a esse cipó.’”

“Quando aliviado, ele olhou para baixo, subitamente, soltou um grito de horror. As ondas de um oceano de profundidade infinita se chocavam violentamente contra o penhasco, logo abaixo a seus pés. Além do mais, três dragões, respectivamente nas cores azul, vermelho e preto, aguardavam a sua queda de boca aberta, por entre as ondas.”

“O medo era tão terrível, que o viajante simplesmente tremia, agarrando-se firmemente ao cipó. Mas, a emoção humana não dura... Logo ele começa a sentir fome e olhar ao redor à procura de alimento. Foi nesse exato momento que ele viu a pior de todas as cenas que presenciou até agora. Não se sabe de onde e quando, mas apareceram dois ratos, um branco e outro preto, que roíam, alternadamente e em círculos, o cipó que lhe sustentava a vida.”

“Pálido, o viajante tremia sem parar, rangendo os dentes. Ele tentou se livrar dos ratos chacoalhado forte o cipó, mas os ratos continuaram a roer o cipó como antes. Nesse momento o viajante que algo estranho pingava ao seu redor. Eram cinco doces gotas de mel que caíam de uma colmeia, que havia sido construída na raiz desse pinheiro. No exato momento em que o viajante provou o mel, esqueceu-se da terrível realidade a que estava exposto, ficando perdidamente cativado pela doçura do mel.”

Quando Buddha narrou até esse ponto, o rei Shoko levantou-se sobressaltado e lhe implorou: “Honrado pelo mundo! Por favor, peço-lhe para que suspenda essa narrativa! Como esse viajante pode ser tão tolo, tão estúpido? Como pôde se esquecer dessa terrível realidade, por causa de cinco gotas de mel? Quando imagino o que poderá lhe acontecer, fico com medo, não posso continuar ouvindo.”

Buddha então disse: “Vossa Majestade considera esse homem tão tolo assim? Na realidade, esse viajante é a Vossa Majestade.”

“Como? Por que eu sou esse viajante?” – perguntou o rei, surpreendido.

“Não é apenas a Vossa imagem que ele representa. Todos que vivem nesse mundo são tolos viajantes.” – afirmou Buddha.

A afirmação de Buddha causou alvoroço entre o público.

Buddha - Além da Palavras

Certa vez estava Buddha sentado sob uma árvore, com os seus discípulos reunidos à sua volta esperando que ele iniciasse seu discurso. Em determinado momento, Buddha calmamente inclinou-se e colheu uma flor. Levantou-a à altura de seu rosto e girou-a suavemente. Seus discípulos ficaram espantados e confusos, e murmuraram entre si questionando o sentido daquilo. Dentre eles, apenas Kashyapa entendeu o gesto, sorrindo.

Shakyamuni Buddha percebeu que Kashyapa tinha compreendido, e lhe disse: “O método de Meditação que ensino é ver as coisas como elas são, nada rejeitar e tratar as coisas com alegria, vendo claramente sua face original. Esse Dharma misterioso transcende a linguagem e os princípios racionais. O pensamento lógico não pode ser usado para obter a Compreensão Absoluta; apenas com a sensibilidade da não-mente alcança-se a Verdade. Vós compreendestes. Por isso, concedo-lhe a partir deste momento o espírito do Dhyana.”

Mahāprajāpatī

Certa vez Shakyamuni deu um sermão, explicando que todos os seres são iluminados. Ānanda, seu primo e atendente questionou: “Mestre, posso fazer uma pergunta?”

“Claro, Ānanda.” – disse o Tathāgata.

“Todos os seres são iluminados, sem exceção?”

“Sim Ānanda.”

“Até as mulheres, mestre?”

“Com certeza, Ānanda. As mulheres também.”

“Então, por que o mestre não dá a ordenação monástica a Mahāprajāpatī e suas seguidoras?”

Duda silenciou. Refletiu e mais tarde transmitiu os Preceitos Monásticos a Mahāprajāpatī, iniciando assim a Ordem Feminina.

Buddha e Devadatta

Certa vez Buddha caminhava calmamente por uma densa floresta quando resolveu se sentar embaixo de uma linda árvore frutífera. Próximo à floresta, um dos primos de Buddha, Devadatta, sentindo a presença do mestre, decidiu ir observá-lo. Devadatta era um homem perverso, invejoso e ciumento, que passava boa parte do tempo falando mal de Buddha. A raiva e a inveja de Devadatta eram tamanhas que até matar o primo passava pelo seu pensamento.

Quando Devadatta viu Buddha sentado e meditando embaixo da árvore frutífera, foi tomado de um ódio mortal. Esperou o primo se levantar e o seguiu. Quando o mestre passou bem acima de onde estava seu primo, este empurrou uma enorme pedra.

Ao olhar para baixo Devadatta viu que a pedra tinha caído ao lado de Buddha, que continuava com um ar sereno no rosto. Por dois segundos, os primos cruzaram o olhar, e Devadatta, envergonhado e raivoso, saiu correndo e desapareceu.

Algumas semanas depois, Devadatta cruzou com seu primo Buddha.

“Bom dia, Devadatta.” - disse Buddha, com um sorriso no rosto.

“Mestre, não está bravo comigo?” - balbuciou Devadatta.

“Não, por que deveria estar?” - perguntou Buddha, com uma serenidade indescritível.

Devadatta estava confuso, e por pouco segundos encarou o olhar amável de seu primo iluminado e disse: “mestre, não se recorda da pedra e do penhasco?”

Buddha deu três passos em direção ao primo, tomou-lhe a mão e respondeu: “Hoje você não é mais aquele que atirou a pedra em mim nem eu sou mais aquele que sentiu a pedra cair ao seu lado.”

Um Filósofo Questiona Buddha

Certa vez um filósofo perguntou a Buddha: “Sem palavras, sem silêncio, podes tu revelar-me a Verdade?”

O Buddha permaneceu em silêncio. O filósofo agradeceu profundamente e disse: “Com tu amável generosidade eu esclareci minha ilusão e penetrei no verdadeiro caminho.”

Após o filósofo ter partido, Ānanda perguntou ao Buddha o que ele havia obtido. O Buddha replicou: “Um bom cavalo corre apenas à visão da sombra do chicote.”

Perguntas do Rei Milinda

Durante uma conversa, o rei Milinda perguntou ao Bodhisattva Nagasena: “O que é o Saṃsāra?”

Nagasena respondeu: “Ó grande rei, aqui nascemos e morremos, lá nascemos e morremos, depois nascemos de novo e de novo morremos, nascemos, morremos... Ó grande rei, isso é Saṃsāra.”

Disse o rei: “Não compreendo; por favor, explica-me com mais clareza.”

Nagasena replicou: “É como o caroço de manga que plantamos para comer-lhe o fruto. Quando a grande árvore cresce e dá frutos, as pessoas os comem para, em seguida, plantar os caroços. E dos caroços nasce uma grande mangueira, que dá frutos. Desse modo, a mangueira não tem fim. E assim, grande rei, que nascemos aqui, morremos ali, nascemos, morremos, nascemos, morremos. Grande rei, isso é Saṃsāra.”

Em outro Sūtra, o rei Milinda pergunta ainda: “Que é o que renasce no mundo seguinte (depois da morte)?”

Responde Nagasena: “Depois da morte nascem o nome, o espírito e o corpo.”

O rei pergunta: “É o mesmo nome, o mesmo espírito e o mesmo corpo que nascem depois da morte?”

“Não é o mesmo nome, o mesmo espírito e o mesmo corpo que nascem depois da morte. Esse nome, esse espírito e esse corpo criam a ação. Pela ação, ou Karma, nascem outro nome, outro espírito e outro corpo.”

A Dúvida de Narada

Narada era um sábio indiano, um rishi, e por isso era capaz de falar com os deuses. Após ter percorrido os quatro cantos do mundo e absorvido muito conhecimento e sabedoria, em uma ocasião ele vai ao encontro de Narayana.

Ao se encontrarem, Narayana diz: “Ó meu querido Narada, como é bom poder revê-lo. Por muito tempo ansiei por tua chegada, esperando que me contasse o quanto foi bom estar em companhia dos homens bons e sábios que há na Terra. Infelizmente não são muitos sobre a superfície terrestre, de qualquer maneira é o maior privilégio que um homem pode desfrutar durante a vida, estar na companhia de um sábio.”

Narada, ouvindo isso, nada fala e em respeito a Narayana se manteve em silêncio, se perguntando: “Seria mesmo essa a maior felicidade que um ser possa desfrutar durante a vida?”

Narayana, como o ser divino que é, logo percebe a dúvida de Narada: “Não entendeste o porquê do lhe falei, ó Narada?” – perguntou Narayana.

“Ó amado Narayana, em toda minha ignorância, fui incapaz de compreender a plenitude de tuas palavras. Não consigo entender por que a maior felicidade dos seres pode ser estar na companhia dos homens bons e sábios.” – respondeu Narada.

“Caro Narada” – falou Narayana – “a verdade só pode ser contemplada com a experiência, jamais de outra forma. Deste modo volte à terra e vá até aquela árvore Banyan, nela, no galho mais baixo, há um ninho, onde nascerá um pássaro. Assim que o jovem pássaro romper a casca do ovo, questione: Por que, querido pássaro, o maior privilégio dos seres é estar na companhia dos homens bons e sábio?”

Narada volta a terra e vai até o local indicado por Narayana. Encontra então o pássaro no exato momento que o este saiu da casca. E assim pergunta: “Ó belo e pequeno pássaro, eu vim aqui sob a ordem do Senhor dos Mundos para pergunta-lhe: por que o maior privilégio dos seres é estar na companhia dos homens bons e sábio?”

No mesmo instante, o passarinho olha para Narada, respira profundamente e cai morto no chão. Narada fica perplexo e não compreende o que houve. Assim volta pelo caminho do céu e retorna a presença de Narayana. Logo fala: “Narayana, meu Senhor, não sei o que houve, mas o pássaro morreu assim que lhe fiz a pergunta que me mandaste.”

Narayana então responde: “Filho, não te preocupes, em tudo há um porquê. Agora retorne a Terra e vai até a esta fazenda, lá há uma manjedoura onde está nascendo um bezerro, assim que ele cair no chão e abrir os olhos repita a mesma pergunta. Narada, ainda confuso faz o que lhe é determinado.

Ao chegar na fazenda o fazendeiro logo reconhece o famoso sábio e diz: “Ó sábio, que bom augúrio, chegaste no exato momento do nascimento de um bezerro aqui em minha fazenda. Venha e abençoa a cria da minha humilde vaquinha.”

Narada vai, e ao entrar na manjedoura, ao bezerro que acabara de nascer, pergunta: “Ó belo e jovem animal, venho aqui à mando do Senhor dos Mundos e lhe pergunto: por que o maior privilégio dos seres é estar na companhia dos homens bons e sábio?”

O bezerro, ainda um tanto desequilibrado, olha fixamente aos olhos de Narada e logo em seguida cai no chão, morto. Sem compreender nada e com certa fúria, Narada retorna ao deus e relata tudo.

Narayana então diz: “Sábio Narada, não desanime, confie e mim, ainda tens um ultimo dever. Deve ir até este reino, o rei está prestes a se tornar pai de seu primogênito, um príncipe. Confia em mim e vá lá, assim que a criança nascer faça-lhe a pergunta.”

Narada vai então, completamente receoso e desconfiado, temendo matar um príncipe e sofrer as consequências do seu ato. Chegando no reino ele é recebido bem pelo rei, que aceita a vontade dos deuses ao permitir que seu filho seja visto por Narada assim que nascesse. Quando chegou o momento do nascimento Narada se prostrou aos pés da cama e orou, o bebe nasce e ele logo questiona: “Ó jovem príncipe, venho aqui à mando do Senhor dos Mundos e lhe pergunto: por que o maior privilégio dos seres é estar na companhia dos homens bons e sábio?”

O recém-nascido abre os olhos, sorri e lhe responde: “Ó Narada, vê: sou a prova viva do que vieste me perguntar. Algum tempo atrás foi me permitido encarnar neste orbe como pássaro, no momento que eu rompi a casca vejo em minha frete um dos homens

mais sábios e bons desta terra, minha consciência sofreu um impulso que morri no mesmo segundo, foi me permitido encarnar novamente como outro ser. Desta vez encarnaria como bezerro. Assim que nasço, caio no solo e abro os olhos, mais uma vez vejo você, o mais querido dos deuses, o mais perfeito dos homens. Mais uma vez minha consciência sofre um impulso tão grande que morro e, eis que renasço aqui entre os homens, como príncipe primogênito. Tudo isso por estar em presença da tua grande sabedoria.”

O Buddha Cipreste

Um discípulo perguntou ao seu mestre: “Mestre, um cipreste possui a natureza de Buddha?”

“Sim.” – disse o sábio.

“E quando ele se tornará um Buddha?” – indagou o aluno.

“Quando o céu cair...” – comentou o mestre.

O discípulo, confuso, perguntou então: “E quando o céu cairá?”

“Quando o cipreste se tornar Buddha.” – finalizou o sábio, sorrindo.

Caminho para o Paraíso

Certa vez um homem chegou à sua família e disse: “Hoje, estou indo ao Paraíso. Adeus.”

Então calçou os sapatos, abriu a porta e foi embora- Começou a caminhar em direção ao Paraíso. Andou, andou, andou até que se cansou e decidiu parar e dormir um pouco.

Antes de dormir, tirou os sapatos e cuidadosamente deixou-os apontando para a direção certa em que estava caminhando. Afinal, ele não queria se perder no caminho até o Paraíso. Porém, enquanto estava dormindo, alguém passou e mudou os sapatos para o sentido oposto. Ao acordar, o homem continuou a sua caminhada rumo ao Paraíso.

Pouco a pouco, começou a perceber uma cidade de longe. Chegando nela, exclamou: “Nossa, é muito parecida com a cidade da qual vim! Deve ser assim mesmo, pois como dizem o Paraíso tem muitas semelhanças com a nossa vida.”

Andou mais e chegou ao seu vilarejo, encantado com as semelhanças que o Paraíso lhe mostrava. Andando mais, chegou à uma casa muito parecida com a sua em vida, bateu a porta e sua mulher e filhos atenderam. Ele pensou: “Nossa, que bom o Paraíso. Tem tantas semelhanças que posso até ter a minha família!”

E lá viveu feliz para sempre.

Mundo Material e Mundo Espiritual

Certa vez, Shiva disse: “O mundo é ilusão, a Natureza é ilusão- Matéria e miragem, tudo é impermanente. Até a comida é apenas ilusão.”

Ao ouvir isso Pārvatī disse: “Se eu sou apenas uma ilusão, vamos ver como você e o resto do mundo vai se virar sem mim!”

Então Pārvatī desapareceu do mundo e iniciou se um desequilíbrio no cosmos. O tempo parou, as estações não mudaram, a terra ficou estéril, não havia mais comida. Deuses, demônios e seres humanos sofriam as dores da fome. Eles choraram como crianças que procuram à mãe. Os sábios lamentavam: “A salvação não faz sentido para um estômago vazio!”

Depois de um longo período de fome Shiva ouviu falar que Pārvatī tinha reaparecido em Kashi e montou uma cozinha para o benefício do mundo- Ele apresentou sua taça para ela e disse: “Agora eu percebo que o mundo material, assim como espiritual, não pode ser menosprezado e considerado como ilusório.

Pārvatī sorriu e alimentou Shiva com suas mãos- Desde então Pārvatī veio a ser conhecida como Annapurna, a deusa da comida.

Diz-se que ela não come até que seus devotos estejam bem alimentados.

O Rei e o Besouro

Certa vez havia um reinado que foi invadido por bárbaros e o Rei foi trancafiado num forte, no topo de uma alta montanha. Trancado lá, o Rei foi deixando sem alimento à espera de sua morte.

Discretamente a Rainha foi de madrugada no pé do forte aonde estava o Rei estava preso. Era um forte incrivelmente alto, impossível subir até lá, então de baixo conversava com o Rei tentando imaginar um jeito de tira-lo de seu cárcere.

O Rei disse para a Rainha: “Não se preocupe. Já sei como sairei daqui. Venha aqui amanhã à noite e traga quatro coisas: um besouro, um pouco de mel, um fio de seda bem fino e um pedaço de corda maior.”

Na noite seguinte a Rainha voltou com os itens e chamou o Rei lá de baixo do forte. O Rei, então, pediu: “Pegue o besouro e amarre o fio de seda em uma de suas perninhas. Coloque um pouco de mel em suas antenas. Deixe o besouro de frente para a parede que sobe até o topo do forte.”

Assim, com o aroma do mel, o besouro começou a andar para frente e subiu até o topo do forte, entrando pela janela e encontrando o Rei com o longo e fino fio de seda.

Com o no de seda em suas mãos, o Rei pediu que a Rainha atasse na outra ponta a corda maior, escapando assim de sua prisão.

Comentário: Esta é uma estória comumente relatada nos Upanishads sobre o prana e o controle da respiração. O fio de seda bem fino e delicado representa a nossa tentativa de nos harmonizarmos com o prana, a energia cósmica que nos permeia. Assim, através da respiração, algo tão pequeno e delicado como o no de seda, nos preparamos para entrar em contato com uma energia muito maior, o prana cósmico. Através dele, como o Rei, conseguiremos escapar do nosso presídio de individualidade alcançando a unidade com o Todo. Através de algo pequeno e sutil ganhamos acesso a todo o restante do Cosmos. (Fonte: www.yogabrasil.org)

O Anel

Certo dia um jovem foi até um mestre e começou a questionar o valor dos ensinamentos que ele ministrava. Disse que ele estava errado em muitos aspectos e que não concordava com grande parte dos ensinamentos.

O mestre, sem se perturbar, retirou do dedo um anel e em seguida entregou ao jovem dizendo: “Por favor, pegue este anel e leve até o mercado. Veja se podes conseguir uma peça de ouro por ele.”

O jovem, sem entender o motivo do pedido do mestre, foi até o mercado. Correu barraca por barraca, mercador por mercador e o máximo que conseguiu foi a oferta de uma peça de prata pelo anel. Ele voltou ao mestre e relatou o ocorrido.

O mestre então lhe disse: “Agora vá até um joalheiro e mostre o anel. Então, pergunte quanto ele pagaria.”

O jovem assim o fez. O joalheiro olhou o anel e se deteve na pedra incrustada no mesmo. Depois de um certo tempo analisando o que estava vendo, ofereceu mil moedas de ouro, só pela pedra. O jovem ficou completamente surpreso e paralisado diante da oferta.

Ele voltou até o mestre e relatou o novamente o que havia acontecido. O mestre então lhe disse: “A sua noção de valor em relação aos conhecimentos que transmito aos discípulos e tão grande quanto a noção de valor dos mascates à respeito de joias. Quem se propõe a avaliar joias, deve primeiro tornar-se um joalheiro.”

O Pássaro e o Mercador

Um mercador mantinha um pássaro numa gaiola. Estando de partida para a Índia, país de onde o pássaro viera, perguntou-lhe se queria algo de lá.

O pássaro lhe pediu sua liberdade, mas está lhe foi negada. Então solicitou ao mercador que fosse a uma floresta na Índia e que anunciasse seu cativo aos pássaros livres que ali se encontrassem.

O mercador assim fez e mal se referira ao seu cativo, um pássaro selvagem semelhante ao que ele mantinha na gaiola caiu ao chão da árvore onde pousara, sem sentidos.

Pensando que o pássaro fosse parente do pássaro que mantinha engaiolado, o mercador ficou pesaroso por ter sido o causador daquela morte. Regressou a seu lar e então o pássaro cativo perguntou-lhe se trazia boas notícias da Índia.

Receio que minhas notícias sejam más. Um de seus parentes teve um colapso e caiu morto a meus pés quando anunciei que você estava preso numa gaiola.

Mal essas palavras foram pronunciadas, o pássaro do mercador sofreu um colapso e caiu no fundo da gaiola.

“A notícia sobre a morte de seu parente também lhe trouxe a morte.” - murmurou o mercador.

Desolado, recolheu o pássaro e o colocou no rebordo da janela. Imediatamente o pássaro reviveu e voou para uma árvore próxima.

“Pode perceber agora” – disse o pássaro – “que o que você interpretou como uma tragédia era, na verdade, uma boa notícia para mim. E de como a mensagem, ou seja, a indicação de como me comportar para obter minha liberdade, me foi transmitida por meio de você, meu raptador.”

O Homem Mais Pobre

Um dia um monge deixou seu ashram e saiu pela rua principal da cidade, tilintando algumas moedas de cobre na palma de sua mão. Assim que os mendigos o rodearam, ele anunciou que ele só daria aquelas moedas ao homem mais pobre da cidade. Como as mãos exigentes o espremiavam por todos os lados, ele continuava dizendo, “Não, não é você - você não - você não.” e continuou a caminhar.

De repente uma fanfarra de trompetes obscureceu o barulho da cidade. Os guardas se apressaram abrindo caminho rua abaixo em meio ao tumulto, proclamando que o Maharaja estava deixando o palácio em seu elefante real.

As pessoas margeavam a rua com grande ansiedade em fazer reverências a seu rei, mas o monge entrou na frente do elefante, e, dirigindo-se ao rei em voz alta, disse: “Oh Grande Maharaja! Tenho algo para você.” E ele lançou as moedas de cobre para o rei.

O rei ficou surpreso e exigiu saber porque o monge estava sendo tão impertinente. Então o monge disse: “Vossa Majestade, hoje eu fiz um voto de dar essas moedas de cobre ao homem mais pobre da cidade.”

“Eu?” – gritou o rei – “Eu sou o dono dessa cidade! Eu sou o dono do país inteiro! Como você pode dizer que eu sou o homem mais pobre?”

“Porque você constantemente anseia por mais posses.” – disse o monge.

A Paz Perfeita

Havia um rei que ofereceu um grande prêmio ao artista que fosse capaz de captar numa pintura a paz perfeita. Foram muitos os artistas que tentaram. O rei observou e admirou todas as pinturas, mas houve apenas duas de que ele realmente gostou, e teve que escolher entre ambas.

A primeira era um lago muito tranquilo. Este lago era um espelho perfeito onde se refletiam umas plácidas montanhas que o rodeavam. Sobre elas encontrava-se um céu muito azul com tênues nuvens brancas. Todos os que olharam para esta pintura pensaram que ela refletia a paz perfeita.

A segunda pintura também tinha montanhas. Mas estas eram escabrosas e estavam despidas de vegetação. Sobre elas havia um céu tempestuoso do qual se precipitava um forte aguaceiro com relâmpagos e trovões. Montanha abaixo parecia retumbar uma espumosa torrente de água. Tudo isto se revelava nada pacífico, mas, quando o rei observou mais atentamente, reparou que atrás da cascata havia um arbusto crescendo, de uma fenda na rocha. Neste arbusto encontrava-se um ninho. Ali, no meio do ruído da violenta camada de água, estava um passarinho placidamente sentado no seu ninho. Paz perfeita.

Qual pensas que foi a pintura ganhadora? O rei escolheu a segunda. Sabes por quê? “Porque” – explicou o rei – “paz não significa estar num lugar sem ruídos, sem

problemas, sem trabalho árduo ou sem dor. Paz significa que, apesar de se estar no meio de tudo isso, permanecemos calmos no nosso coração. Este é o verdadeiro significado da paz.”

O Diamante

Certa vez, um Hindu chegou aos arredores de certa aldeia e sentou-se para dormir debaixo de uma árvore. Eis que chega correndo, então, um habitante daquela aldeia e diz, quase sem fôlego: “Aquela pedra! Eu quero aquela pedra.”

Mas que pedra? – perguntou o Hindu.

Ontem à noite, eu vi meu Senhor Shiva e, num sonho, ele disse que eu viesse aos arredores da cidade, ao pôr-do-sol; ai devia estar o Hindu que me daria uma pedra muito grande e preciosa que me faria rico para sempre.

Então, o Hindu mexeu na sua trouxa e tirou a pedra e foi dizendo: Provavelmente é desta que ele lhe falou; encontrei-a numa trilha da floresta, alguns dias atrás; podes levá-la!

E assim falando, ofereceu-lhe a pedra. O homem olhou maravilhado para a pedra. Era um diamante e, talvez, o maior jamais visto no mundo. Pegou, pois, o diamante e foi-se embora. No entanto, durante a noite, ele virava de um lado para o outro em sua cama sem conseguir dormir.

Assim que nasceu o novo dia o homem foi ver novamente o Hindu e o acordou dizendo: “Eu quero que me dê essa riqueza que lhe tornou possível desfazer-se de um diamante tão grande assim tão facilmente!”

O Tesouro

Havia três irmãos que se dedicavam à mendicância. Vagavam de cidade em cidade e dormiam onde a noite os encontrava. Fazia muito tempo que levavam essa vida instável e errante, da qual já estavam cansados.

Certa noite, quando jantavam em torno de uma fogueira, nos arredores de um povoado, um velho homem aproximou-se, pediu licença para sentar-se com eles e compartilhar a refeição. Os três concordaram, de bom brado. E o homem, que era de fato muito velho perguntou-lhes quem eram e em que trabalhavam. Quando soube que eram mendigos e estavam fartos daquela vida, disse-lhes: “Pois eu estava justamente à procura de pessoas como vocês. Tenho uma propriedade perto daqui. Herdei-a de meu pai que, antes de morrer, contou-me que lá existe um tesouro. Passei minha juventude viajando muito e me divertindo mais ainda. Agora, ainda que quisesse, não poderia me dedicar à busca desse tesouro, pois estou velho e já não tenho forças nem vigor suficiente para procurá-lo. Vocês, que são jovens e têm tempo disponível, se quiserem: eu lhes darei minha propriedade e vocês, em contrapartida, começarão a busca, imediatamente.”

Loucos de alegria, os três irmãos relutaram nem relutaram em aceitar o presente daquele velho homem. E prometeram que explorariam todo o solo, sem descanso, até encontrarem o tesouro.

Pela manhã, o velho levou-os até sua propriedade, desejou-lhes sorte e se foi. Os três começaram a cavar a terra, com imenso entusiasmo. Tratava-se de uma vasta propriedade, com uma grande extensão de terra. Aliás, uma terra ressecada e dura. Até parecia que ninguém, jamais, a havia tocado. Ervas daninhas e cardos espalhavam-se por toda parte. A tarefa, que certamente seria difícil para um lavrador experiente, parecia ainda mais árdua para os três irmãos, que nunca haviam trabalhado. Antes de começar a cavar, tiveram de queimar as ervas daninhas e arrancar os tocos secos. Esse trabalho durou um mês.

No fim do segundo mês, os irmãos tinham conseguido cavar apenas um décimo de todas a extensão da propriedade. O entusiasmo do irmão mais velho começou a arrefecer, à mediada que o tempo passava. Sentia dores musculares, as mãos e os pés estavam esfolados. E, assim, o tesouro começava a lhe parecer um sonho impossível.

Certo dia, jogando a enxada longe, um dos irmãos disse aos outros dois: “Vou-me embora daqui! Não há tesouro no mundo que me faça acordar ao amanhecer para dedicar-me a um trabalho ingrato por um recompensa que ainda nem sabemos se realmente existe. Adeus meus irmãos! Neste momento, renuncio ao tesouro que vocês talvez encontrem, algum dia... embora eu duvide muito disso.”

O irmão então partiu, enquanto os outros dois continuavam cavando. Passaram-se o verão e o outono. Àquela altura, dois terços da propriedade estavam limpos. Foi então que o segundo irmão disse ao caçula: “Acho que aquele velho nos enganou. Já cavamos quase toda a extensão dessa propriedade e nada de tesouro algum! Agora, o inverno está chegando. E o inverno é muito rigoroso nesta região; tanto que chega a nevar. Estou pensando em ir para um país mais quente, onde tentarei esquecer esse assunto. Você me acompanha?”

“Não, meu irmão.” – respondeu o caçula – “Não quero renunciar justamente agora que falta tão pouco para terminar a busca. Além do mais, acreditei e continuo acreditando nas palavras daquele ancião. Portanto, ficarei aqui.”

E assim o caçula continuou na propriedade, sozinho, trabalhando desde a manhã até a noite. Veio o inverno, com suas nevascas, e depois a primavera, com suas chuvas. O caçula continuou trabalhando, ao longo de todo esse tempo. Assim, seu corpo se fortaleceu, graças aos exercícios e à vida ao ar livre.

Quando por fim terminou de cavar toda aquela extensão de terra, já era maio. E o jovem havia esquecido do objetivo inicial de seu trabalho. Mas os ventos de março tinham trazido, para o campo, milhares de sementes que germinaram com as chuvas de abril, naquela terra fértil, arduamente lavrada e preparada ao longo de um ano inteiro... Uma terra que, no devido tempo, proporcionou ao jovem uma abundante colheita.

O irmão caçula havia encontrado, por fim, o tesouro que o campo guardava. Um tesouro inesgotável que, devidamente cuidado, sustentou o jovem lavrador por toda a vida.

O Que é Meditação?

Certa vez, um pequeno jovem viu um sábio meditando sentado. Ao pensar que estava dormindo, chegou próximo dele e passou a mão na frente dos olhos do velho homem.

Calmamente, o sábio abriu os olhos, olhou nos olhos do garoto e disse, com a voz serena: “Bom dia meu jovem.”

“O senhor estava dormindo mestre?” – perguntou o garoto

“Não, estava meditando.” – respondeu o sábio

“O que é meditar?” – perguntou rapidamente o garoto.

O sábio disse então: “É estar totalmente calmo e relaxado, desligado de tudo que nos cerca e com a mente livre como um pássaro. Então você vê os pensamentos como se fossem nuvens que passam.”

“Se aprendermos a meditar corretamente,” – continuou o sábio – “podemos todos chegar à iluminação.”

A Filha do Sábio

Há muito tempo atrás, próximo a rio, morava um sábio e sua esposa – sem filhos. Certo dia, quando o sábio estava rezando no meio do rio, uma águia passou sobre ele e soltou uma rata sobre suas mãos. Ao ver a rata em suas mãos, decidiu levá-la para casa, para sua mulher.

Ao chegar em casa, ele contou à sua esposa sobre a rata e decidiram transformá-la em uma garotinha. O sábio e sua esposa começaram a cuidar da menina, criando-a como sua filha.

Dia após dia, a garota cresceu, até se tornar uma bela moça de dezesseis anos de idade. Vendo-a já crescida, seus pais decidiram encontrar um esposo para ela. Decidiram pelo Deus do Sol. Assim, o sábio rezou para que o Deus do Sol aparecesse e, quando este finalmente o fez, pediu-lhe que se casasse com sua filha. Mas a própria moça disse: “Perdoe-me! Não posso casar-me com o Deus do Sol, pois seu brilho é muito intenso e eu seria reduzida a cinzas diante de seu calor e de sua luz.”

Descontente, o sábio pediu ao Deus do Sol que sugerisse outro possível esposo para sua filha. O Deus, então, sugeriu o Deus das Nuvens, este poderia facilmente bloquear os raios do sol.

O sábio, então, rezou para o Deus das Nuvens e, quando este apareceu, levou-o até sua filha. Mais uma vez, a moça não aceitou o pretendente, ela disse: “Não quero casar-me com alguém tão sombrio quanto ele. Além do mais, tenho medo do barulho que o trovão produz.”

Ainda mais abatido, o sábio perguntou ao Deus das Nuvens por um esposo satisfatório para sua filha. O Deus disse-lhe: “Por que você não procura o Deus dos Ventos? Ele pode afastar minhas nuvens facilmente.”

O sábio, então, rezou para o Deus dos Ventos. Ao ver o pretendente, a filha do sábio rejeitou-o, dizendo que não podia casar-se com alguém tão fraco como o vento, que se move a todo instante.

Ao ser questionado pelo sábio sobre um esposo satisfatório, o Deus dos Ventos sugeriu o Deus das Montanhas, que é rocha firme e pode facilmente parar o vento. Então, o sábio foi até o Deus das Montanhas e pediu-lhe que se casasse com sua filha. Mas esta também o rejeitou, dizendo que ele era demasiado duro de coração para ela, e pediu que seu pai lhe achasse alguém mais macio. O Deus das Montanhas sugeriu, então, que ela se casasse com um rato, que é macio e pode facilmente fazer buracos na rocha.

Finalmente, a filha do sábio se contentou, aceitando casar-se com um rato. Diante disso, o sábio disse-lhe: “Veja o que o destino te reservou, começaste como rata, e, no fim, casar-se-á com um rato. Que assim seja.”

E então a transformou de volta numa rata, que pôde enfim casar-se com um rato.

O Presente do Brâmane

Certa vez viveu um piedoso brâmane em uma aldeia onde costumava executar rituais religiosos. Em uma ocasião, ele foi recompensado pelo trabalho que prestara a um homem rico com uma vaca, a qual o brâmane decidiu levar para casa. No caminho, três malandros viram o brâmane trazendo a vaca. Eles eram preguiçosos, e queriam enganar o brâmane para que pudessem roubar-lhe a vaca.

O primeiro deles aproximou-se do brâmane e perguntou: “És tu um serviçal, para guiar um burro?”

O brâmane ficou aborrecido por ser confundido com um mero serviçal. Ele seguiu em frente e um pouco depois, surgiu o segundo malandro em seu caminho, perguntando-lhe por que um brâmane precisava guiar um porco.

O brâmane ficou ainda mais confuso, mas seguiu em frente. Alguns metros à frente, encontrou o terceiro malandro, que lhe perguntou por que levava um animal selvagem.

Agora, o brâmane estava totalmente confuso, e também assustado. Ele pensou que aquele era um animal endiabrado que tomava diferentes formas. Assim, fugiu desesperado, deixando a vaca para trás. Os três malandros riram por ter enganado ao brâmane tão facilmente.

O Rei e Seus Três Filhos

Há muito tempo, ao sul da Índia, vivia um rei com seus três filhos.

Certa vez, desejando pôr à prova o grau de sabedoria de cada um, interpelou-os do seguinte modo: “Digam-me, filhos: qual é a conquista mais importante, a maior façanha que um pode realizar na vida?”

O mais velho respondeu: “Querido pai: na minha opinião, a maior façanha de um homem é dominar os vizinhos, apoderar-se de suas terras e reinar como soberano absoluto, amado e respeitado pelos súditos.”

O segundo disse: “Ao meu ver, a maior façanha de um homem é viajar por todo o planeta, chegando aos recantos mais longínquos... Até que não reste, no mundo, nenhum país desconhecido, ou estrangeiro, para ele.”

O terceiro filho, um menino de apenas oito anos, respondeu da seguinte maneira: “Querido pai, vou falar de uma conquista difícil e grandiosa, como nenhuma outra, em todo mundo: uma façanha que poucos tentam realizar e quase ninguém consegue é a do autoconhecimento.”

Esse filho caçula do rei, renunciando ao luxo e às riquezas da corte, um dia tornou-se monge. Foi ele quem introduziu, na China, o verdadeiro Buddhismo, I shin den shin, cujo significado vai muito além do sentido literal, muito além das letras e das palavras: de minha alma para a tua alma. O nome desse pequeno príncipe era Bodhidharma. Foi ele o primeiro patriarca do Buddhismo Ch’an (Zen).

Aprendendo do Modo Mais Duro

O filho de um mestre em roubos pediu a seu pai para ensinar-lhe os segredos de seu ofício. O velho ladrão concordou e naquela noite levou seu filho para assaltar uma grande mansão. Enquanto a família dormia, ele silenciosamente levou seu aprendiz para dentro de um quarto que continha um armário de ricas roupas. O pai disse ao filho para entrar no armário e pegar algumas roupas. Quando o rapaz fez isso, seu pai rapidamente fechou a porta e o prendeu lá dentro. Então ele saiu, e bateu sonoramente na porta da frente, acordando conseqüentemente a família que dormia, e rapidamente fugiu antes que qualquer pessoa o visse.

No interior do armário, o filho, apesar de aborrecido, não se atrevia a gritar. A família, que tinha escutado alguns ruídos, correu para ver o que estava acontecendo. O filho do ladrão, aterrorizado, pensava: “Tenho que fugir daqui o mais depressa possível.”

Com muito esforço o rapaz conseguiu arrombar a tranca do armário e, ao ver que tinha conseguido abri-la, deu um tremendo salto e se pôs a correr seguido de perto por toda a família. No caminho, deparou com um poço e, pegando uma enorme pedra, jogou-a lá dentro. Ao ouvir o “ploft!”, seus perseguidores julgaram que ele havia caído no poço. Então voltaram para casa, tranquilos com o suposto desfecho da história.

Horas mais tarde, o rapaz ao retornar à casa, em trapos e exausto encontrou seu pai, muito tranquilo à sua espera e reagiu com indignação:

“Pai!” – gritou o rapaz em fúria – “Porque o senhor me prendeu no armário? Se eu não tivesse usado desesperadamente meus recursos com medo de ser descoberto, eu jamais teria escapado. Tive que abandonar toda a minha timidez para sair de lá!”

“Mas você não disse que queria aprender o ofício de ladrão?” – disse o pai – “Pois ensinei-lhe a essência, a técnica principal do ofício: escapar e voltar para casa.”

O Lago e a Lua

Há muito tempo, viveu na floresta um grande bando de elefantes. O rei era um elefante enorme e possuía presas majestosas. Ele cuidava do bando com muito amor e carinho. Certa vez, uma grande seca assolou a região. Como não chovia uma vez sequer

nos anos que se passavam, todos os rios e lagos secaram. Pássaros e outros animaizinhos morreram de sede. Os elefantes selvagens sofriam, e seu rei sabia que se eles não conseguissem água logo, muitos não resistiriam à sede. Ele tinha de achar água o quanto antes.

Ele pediu aos elefantes para vasculharem diferentes áreas, em busca de água. Um deles achou um grande lago cheio de água em uma floresta distante. O rei ficou muito feliz e ordenou a todos os elefantes que se dirigissem àquele lago. Chegando lá, viram que era muito belo, e próximo a ele havia uma colônia de coelhos. Os elefantes tiveram de passar junto à colônia, e centenas de coelhos acabaram feridos ou pisoteados até a morte. Os coelhos remanescentes estavam atônitos, e seu rei convocou uma reunião.

“Um bando de elefantes selvagens estão atravessando a nossa colônia.” – disse ele – “Eles já mataram e feriram centenas de nós. Temos de tomar medidas urgentes para evitar mais mortes. Quero que todos vocês pensem em um meio de salvar nossa colônia.”

Os coelhos pensaram e pensaram. Como poderiam parar os elefantes? Eis que um coelhinho se levanta e pede a palavra.

“Vossa Majestade,” – disse ele – “se me enviar ao rei dos elefantes como seu mensageiro, posso encontrar uma solução.”

Ao receber a permissão do rei, o coelhinho partiu apressado. Logo ele avistou um grupo de elefantes voltando do lago. Bem no meio estava o rei. Aproximar-se dele seria impossível.

“Eu morrerei esmagado por suas patas.” – pensou o coelhinho.

Então, ele subiu em uma grande rocha e gritou: “Ó rei dos elefantes, ouça-me por favor!”

O rei ouviu sua voz e voltou-se na direção da rocha.

Bem, quem é você?” – perguntou o rei.

“Sou um mensageiro” – respondeu o coelhinho.

“Um mensageiro? De quem?”

“Sou um mensageiro da poderosa Lua”

“O que tem a dizer? Há alguma mensagem da Lua para mim?”

“Sim, sim, Vossa Majestade. No entanto não deve se zangar comigo. Lembre-se que um mensageiro nunca deve ser punido pelo que diz. Ele está apenas fazendo seu trabalho,” – disse o coelhinho.

“Pois bem, diga o que tem a dizer. Não o machucarei” – disse o rei dos elefantes.

“Senhor,” disse o coelhinho, “é isso o que a Lua tem a dizer: ‘Você, o rei dos elefantes, trouxe seu bando a meu lago sagrado e sujou suas águas. Matou centenas de coelhos em seu caminho rumo ao lago. Você deveria saber que os coelhos estão sob minha proteção. Todos sabem que o rei dos coelhos vive comigo. Peço que não mate mais coelhos, senão, algo terrível acontecerá a seu bando.’”

O rei dos elefantes estava em choque. Ele olhou para o coelhinho e disse: “Você está certo, nós matamos muitos coelhos em nosso caminho para o lago. Cuidarei para que não sofram mais. Devo pedir à Lua que perdoe meus erros. Por favor, diga-me o que fazer.”

“Venha sozinho comigo.” – disse o coelhinho – “Eu o levarei à Lua.”

O coelhinho levou o grande rei elefante até o Lago. Lá eles puderam ver o reflexo da Lua nas águas.

“Lá está a Lua, Sua Majestade” – disse o coelhinho.

“Deixe-me adorar a divina Lua” – disse o elefante, e mergulhou na água.

Imediatamente, a água foi agitada, e a Lua pareceu mexer-se de um lado para o outro.

Então, o coelho disse: “Agora a Lua está mais furiosa do que nunca!”

“Por que?” – perguntou o rei dos elefantes – “O que eu fiz?”

“Você tocou as águas sagradas do lago.” – respondeu o coelhinho.

O elefante, então, curvou a cabeça: “Por favor, peça que a Lua me perdoe. Jamais tocarei de novo as águas sagradas deste Lago. Jamais tornarei a ferir os coelhos tão amados pela Lua.”

Assim, o rei e seu bando de elefantes partiram. Logo tornou a chover e os elefantes viveram felizes em sua antiga floresta. Nunca lhes ocorreu que foram enganados por um coelhinho.

O Rugido do Despertar

Certa vez a mãe de um jovem tigre havia passado vários dias a procura de uma presa sem nada conseguir, até que deparou com um rebanho de cabras selvagens. A tigresa estava faminta e isto pôde explicar a violência da sua investida. O esforço do ataque precipitou o parto e ela acabou morrendo de completo esgotamento.

As cabras, que haviam se dispersado, retornaram ao lugar e lá encontraram o filhote de tigre choramingando ao lado de sua mãe. Levadas pela compaixão maternal, adotaram a débil criatura; amamentaram-na juntamente com suas próprias crias e dela cuidaram ternamente.

O animal cresceu e sobreveio a recompensa pelos cuidados dispensados, pois o pequeno companheiro aprendeu a linguagem das cabras, adaptou sua voz àquele som suave e mostrou tanto afeto quanto qualquer cabrito. A princípio, teve alguma dificuldade para mastigar com seus dentes pontiagudos as tenras rolhas do pasto, mas logo se acostumou. A dieta vegetariana o mantinha enfraquecido, conferindo ao seu temperamento uma notável doçura.

Certa noite – quando o órfão, crescido entre cabras, já havia alcançado a idade da razão – o rebanho foi atacado, desta vez, por um velho e feroz tigre. As cabras se dispersaram, porém, o jovem permaneceu onde estava, sem medo, ainda que surpreso.

Achando-se face a face com a terrível criatura da selva, fitou-a estupefato. Passado o primeiro impacto, começou a tomar consciência de si. Desamparado, berra, arranca folhas de pasto e se põe a mastigar, ante o olhar perplexo do outro. De repente, o poderoso intruso pergunta: “Que fazes aqui entre as cabras? Que estás mastigando?”

A resposta foi um berro. O outro, indignado, disse num rugido: “Por que emites este som estúpido?”

E antes que o pequeno pudesse responder, apanhou-o pelo cangote e o sacudiu como se quisesse fazer-lhe recobrar a lucidez. O tigre da selva carregou o assustado animal até um lago próximo, soltando-o na margem e obrigando-o a olhar para a superfície espelhada da água, então iluminada pela lua.

“Veja estas duas imagens! Não são semelhantes? Tens a cara típica de um tigre, e como a minha. Por que te iludes pensando ser um cabrito? Por que berras? Por que mastigas pasto?”

O tigrezinho, incapaz de responder, continuava a olhar espantado comparando as duas imagens refletidas. Inquieto, apoiou-se numa pata e logo noutra, lançou um grito de aflitiva incerteza. A velha fera novamente o carregou, porém agora até seu covil, onde lhe ofereceu um pedaço de carne crua e sangrenta, sobra de uma refeição anterior. Ante a inusitada visão, o jovem tremeu de repugnância, mas o velho, ignorando o fraco gesto de protesto, ordenou rudemente: “Coma! Engula!”

O outro resistiu, porém, a horripilante carne foi forçada a passar por entre seus dentes; o tigre vigiava atentamente seu aprendiz que tentava mastigar e preparava-se para engolir. Sua não familiaridade com a consistência da carne causava-lhe certa dificuldade, e estava prestes a emitir outro débil berro quando começou a experimentar o gosto do sangue. Excitado, devorou o restante com avidez, sentindo um prazer incomum à medida que o novo alimento descia-lhe pela garganta e atingia o estômago. Uma força estranha e quente irradiava de suas entranhas trazendo-lhe uma sensação eufórica e embriagadora-

Estalou a língua, lambeu o focinho satisfeito e, erguendo-se, deu um largo bocejo como se estivesse despertando de uma longa noite de sono - uma noite que o manteve sob feitiço por anos e anos. Espreguiçando-se, arqueou as costas, estendeu e abriu as garras. Sua cauda fustigava o solo e, de súbito, irrompeu de sua garganta o triunfal e aterrorizante rugido de um tigre.

O inflexível mestre, que estivera observando de perto, sentia-se recompensado. A transformação, de fato, acontecera. Ao cessar o rugido, perguntou severamente: “Agora realmente sabes quem és?”

E para completar a iniciação de seu jovem discípulo no saber secreto de sua própria e verdadeira natureza, acrescentou: “Venha! Vamos caçar juntos pela selva.”

O Uno Divino

Diz-se que um velho guru estava por concluir as lições secretas – ministradas a um discípulo adiantado – sobre a onipresença do Ser Supremo. O discípulo, recolhido em si mesmo e pleno de felicidade por aprender, escutava o mestre: “Tudo é Deus, infinito, puro e real, ilimitado, que vai além dos pares de opostos, livre de qualidades diferenciadoras e distinções restritivas. Esse é o sentido último de todos os ensinamentos de nossa sabedoria sagrada.”

O discípulo entendeu e disse: “Deus é a única realidade. O Uno Divino pode ser encontrado em tudo. E imperturbável pelo sofrimento ou qualquer outra imperfeição. Cada “tu” e cada “eu” é sua morada, cada forma é uma imagem obscura dentro da qual habita o único e inativo agente.”

Estava exultante, uma onda sentimental o invadiu e fê-lo sentir-se radiante e poderoso como uma nuvem que se avoluma até preencher o firmamento. Seu andar era lépido e sem peso.

Sublime, sozinho como a única nuvem no céu, ele seguia pela estrada quando um enorme elefante surgiu no sentido oposto. O cornaca, sentado sobre o pescoço do animal, gritou: “Saia do caminho!”

Os inúmeros sinos da manta que cobria o paquiderme deixavam ouvir uma cascata de sons argênteos seguindo o ritmo do lento e inaudível passo. O exaltado estudante da ciência vedantina, embora pleno de sentimentos divinos, ouviu e pôde ver o elefante aproximar-se. Então, pensou consigo mesmo: “Por que deverei dar passagem para esse elefante? Sou Deus. O elefante é Deus. Deverá Deus ter medo de Deus?”

E assim, destemido e com fé, ele continuou no meio da estrada. Mas quando “Deus” veio de encontro a “Deus”, o elefante ergueu sua tromba em torno da cintura do pensador e o atirou fora do caminho. No entanto, leves foram suas feridas apesar da dura queda.

Coberto de pó, mancando, aturdido mentalmente e cheio de espanto, voltou ao mestre para contar sua perturbadora experiência. O guru ouviu serenamente e, narrado o acontecimento, respondeu: “De fato, tu és Deus, como também o elefante. Mas, por que não escutastes a voz de Deus vindo a ti através do cornaca, que também é Deus, pedindo que saíesses do caminho?”

O Sonho do Rei Janaka

Certa vez, o rei Janaka, pai da princesa Sita, heroína do Épico Rāmāyana, estava dormindo e sonhou que havia uma guerra na qual o rei vizinho atacava seu reino.

No sonho, ele foi capturado e o rei vitorioso lhe disse: “Seu reino agora é meu. Ordeno que deixes agora meu palácio.”

Janaka pensou: “Quem vai me ajudar agora?”

Ele saiu andando do palácio. Viu as portas das casas fechadas e nenhum dos seus antigos súditos lhe deu comida, pois tinham medo de serem decapitados pelo rei vitorioso, conhecido pela crueldade.

Depois de cinco dias andando sem se alimentar, chegou à fronteira do reino. Já fora do país, pediu comida numa casa. O dono da casa lhe disse que havia um banquete público acontecendo perto dali.

Contudo, quando ele chegou, a comida tinha acabado. Voltou para a casa do homem, que tampouco tinha como alimentá-lo e que mesmo assim ofereceu-lhe um pouco de forragem de arroz com picles, a única coisa que pôde encontrar em sua casa. O rei comeu com vontade, e ficou muito feliz e aliviado.

Ao acordar do sonho, perguntou-se: “O que é verdade? O que vivi no sonho, ou o que estou vivendo agora?”

Seus assistentes ficaram preocupados, pois viam ele perguntando-se o tempo todo: “Isto é a verdade ou aquilo é verdade?”

Resolveram chamar o sábio Yājñavalkya para que pudesse ajudá-lo. O sábio lhe disse: “Quando você estava comendo a forragem de arroz, este palácio era seu?”

“Não.” – respondeu o rei.

“E, agora que você tem este palácio, aquela penúria existe?” – perguntou o sábio.

“Não.” – disse Janaka.

“Então,” – disse o sábio – “nem isto que você tem aqui era verdade no mundo do sonho, nem aquilo que parecia real no sonho é verdade no mundo da vigília. Porém, este

ser que você é, estava presente no sonho, permaneceu presente durante o sono, e está presente agora, na vigília.”

A Certeza e a Dúvida

Certa vez, Buddha estava reunido com seus discípulos certa manhã, quando um homem chega e pergunta: “Senhor, Deus existe?”

“Sim, ele existe.” – respondeu o Tathāgata.

Ouvido isso, o homem se dá por satisfeito e vai embora. Mais tarde surge outro homem. E pergunta a Buddha: “Senhor, Deus existe?”

“Não, ele não existe.” – respondeu o Tathagata.

No final da tarde, um terceiro homem chega e faz a mesma pergunta: “Senhor, Deus existe?”

“Encontre você mesmo a resposta.” – respondeu o Tathāgata.

Ānanda, vendo tudo aquilo, ficou perplexo e disse: “Mestre, que absurdo! Como podes o Senhor ser tão incoerente? Vi hoje três homens diferentes chegarem de ante de ti e lhe fazer a mesma pergunta e deste-lhes respostas totalmente diferentes para cada um!”

“Caro Ānanda, aos três homens eu dei a mesma resposta. Você não entende pois você não viu o interior deles.” – responde Buddha.

“O primeiro homem que aqui chegou tinha uma absoluta confiança em mim, o que eu dissesse ele tomaria como verdade e seguiria. Então eu disse a ele: ‘Sim, Deus existe.’ O segundo, em absolutamente nada confiava em mim, veio a mim com total espírito de contestação. O que eu lhe dissesse ele acreditaria no contrário, então eu disse: ‘Não, Deus não existe.’ O terceiro homem era alguém que tinha muita necessidade de descobrir as coisas por si próprio, qualquer resposta que eu lhe dessa pronta ele não aceitaria, deste modo eu lhe disse: ‘Encontre a resposta você mesmo.’” – continuou o Iluminado.

“Veja ó Ānanda, eu disse a mesma coisa a todos os três, segundo a condição e capacidade que cada um tinha de ouvir.” – concluiu o Tathāgata.

Kashyapa e a Primeira Resposta Zen

Ānanda perguntou a Kashyapa: “Após o Discurso da Flor, Buddha deu-lhe o manto dourado da sucessão. O que mais lhe deste o Abençoado?”

Kashyapa gritou-lhe subitamente: “Ānanda!”

Ānanda respondeu, surpreso: “Sim, irmão!”

Kashyapa disse suavemente: “É tarde. Já podes descer do mastro minha flâmula e colocar a sua.”

Narada e Maya

Certa vez, Narada (um grande sábio) foi até Narayana e disse-lhe: “Senhor, mostre-me Maya (Ilusão Cósmica).”

“Narada, Maya não pode ser explicada. Você só pode compreendê-la através da experiência. Venha comigo.” – disse Narayana.

Narayana levou Narada para um passeio pelo deserto e, depois de andarem algumas milhas, Narayana disse: “Narada, estou com sede; podes trazer-me um pouco d’água?”

“Meu Senhor, partirei imediatamente para buscar sua água.” – disse Narada, e partiu.

Não muito longe havia uma aldeia; entrou nela à procura de água e bateu numa porta, que foi aberta por uma linda mocinha. Ao vê-la, ele se esqueceu, imediatamente, que seu mestre esperava pela água, talvez morrendo de sede.

Esqueceu tudo e começou a conversar com a moça. Decorrido o dia todo, ele não voltou ao seu mestre. No dia seguinte, lá estava ele de novo a conversar com a mocinha. A conversa transformou-se em amor; ele pediu a garota em casamento e eles se casaram e tiveram filhos. Passaram-se assim doze anos.

Seu sogro faleceu e ele herdou sua propriedade. Vivia, como pensava, uma vida muito feliz com sua esposa e filhos, com seus campos e o gado e assim por diante.

Certa noite, o rio se encheu até transbordar e inundar toda a aldeia. As casas caíram, homens e animais foram arrastados e afogados e tudo flutuava na violência da torrente. Narada teve de fugir. Com uma das mãos segurava sua mulher e com a outra dois de seus filhos; outro filho estava em seus ombros e ele tentava atravessar aquela tremenda inundação. Após dar alguns passos, viu que a corrente estava forte demais e a criança que estava em seus ombros caiu e foi carregada pelas  guas. Narada soltou um grito de desespero. Ao tentar salvar a criança, largou uma das outras, que também se perdeu. Finalmente, sua mulher, que ele agarrara com toda sua força, foi arrebatada pela torrente e ele foi arremessado às margens, chorando e soluçando com amargas lamenta es.

Atrás dele surgiu uma voz delicada: “Meu filho, onde está a  gua? Você foi procurar um bocado d’água e estou esperando por você. Já faz meia hora que você partiu.”

“Meia hora?” – perguntou Narada, confuso.

Doze anos tinham se passado em sua mente e todas essas cenas aconteceram em meia hora!   isto que   Maya.

O Mantra

Há muito tempo, viveu um rei que tinha um péssimo g nio. Ansioso por mudar seu modo de ser, que só lhe trazia problemas, ordenou a um criado que fosse procurar um mantra capaz de curar seus acessos de cólera.

O criado caminhou por todo o reino em busca do mantra. Anos depois, chegou a um templo, onde segundo haviam lhe dito, poderia encontrar aquilo que seu rei necessitava. Mas o mantra era muito caro... Demasiado caro, aliás. Ou ao menos assim pareceu ao criado. Então o abade do templo lhe disse: “Se lhe parece caro demais, esqueça-o! Não tenho mesmo nenhuma pressa em vender este mantra.”

“Mas acontece que meu rei está à espera dele. E já faz três anos que estou   procura desse mantra. Portanto, vou leva-lo.” – disse o criado.

Assim, o criado pagou o preço pedido pelo monge e voltou para o reino. Antes de ir ao palácio real, resolveu passar em casa para falar com a esposa. Ao aproximar-se da

janela, viu-a conversando com um homem, do qual não consegui observar o rosto, pois ele estava de costas. A mulher parecia contente e fitava o homem com uma expressão de carinho. O ciúme invadiu o coração do criado.

“Maldita mulher!” – praguejou o homem em pensamento – “Atreveu-se a trazer um amante à nossa própria casa!”

Puxando um punhal que sempre levava consigo, decidiu entrar na casa e surpreender os dois.

A cólera, dominando-o por completo não o deixava sequer respirar direito. Foi então que ele se lembrou do mantra, que tão caro havia custado, e resolveu testar sua eficácia ali mesmo, em si próprio. Abriu, com muito cuidado, o pequenino papel dobrado com esmero e leu:

“Tenha paciência.

Concentre-se na expiração.

Alongue bem a coluna vertebral,

Alongue a nuca.

E deixe o queixo numa posição confortável.”

“Isso é tudo?” pensou o homem, perplexo – “E pensar que paguei um bom dinheiro por este mantra!”

Então constatou, ainda mais perplexos, que sua cólera havia desaparecido. Com toda calma, entro em casa. Ao vê-lo, a esposa atirou-se em seus braços, com uma exclamação de alegria. E o sogro – que era o homem que estava em companhia da mulher – cumprimentou-o afetuosamente, mostrando-se muito contente com seu regresso.

“Que mantra mais eficaz!” – disse o criado, feliz.

E, muito satisfeito da vida, foi levar o mantra ao rei, pensando naquela magnífica mudança de estado de espírito pela qual havia passado, em tão poucos instantes.

A conversão de Upāli

Upāli era um dos principais seguidores leigos do mestre Jaina Mahāvīra, contemporâneo de Buddha. Devido a sua inteligência, Upāli frequentemente aparecia em público para debater em prol do Jainismo.

Certa vez Upāli, buscando esclarecer os princípios do pensamento de Jaina, envolveu-se em um debate com o Buddha. Ao fim do debate, Upāli ficou tão impressionado com os ensinamentos de Buddha que acabou por solicitar se tornar um seguidor do Iluminado: “Venerável Senhor, por favor aceitai-me como um dos teus seguidores!” ele pediu.

Mas Buddha ponderou: “Upāli, tu estas sob a influência de suas emoções. Volte para o seio de seu mestre, e reconsidere cuidadosamente sua decisão antes de me solicitar tua inclusão no Sangha novamente.”

Upāli ficou então ainda mais impressionado e disse: “Se fosse qualquer outro guru, terias com certeza convocado uma parada para anunciar: ‘O maior dos discípulos leigos de Mahāvīra tornou-se o meu seguidor!’. Mas tu, Venerável Senhor, me falaste sobre ponderação e cautela reflexiva, para que eu reconsidere o meu ato. Agora desejo ainda mais ser seu seguidor. Não me erguerei daqui até tu me aceite.”

Finalmente, Buddha concordou em aceitar Upāli, sob uma condição: “Upāli, como um Jaina, tu sempre deste proventos aos monges Jainistas. Quando tornar-te meu seguidor, tu deverás continuar a dar-lhes apoio e proventos. Esta é minha condição.”

Upāli aceitou tal condição. Mais tarde ele tornou-se um dos principais discípulos de Buddha.

Upāli é considerado aquele que compilou os Vinaya, ou as regras para os monges.

Nāropā

Nāropā estudava na quietude de seus aposentos quando uma velha senhora surgiu e perguntou: “O que o senhor está lendo?”

Surpreendido pela inusitada pessoa o interrogando, Nāropā respondeu: “Estudo os ensinamentos de Buddha.”

A senhora perguntou então: “O senhor os compreende?”

Nāropā, sem titubear, respondeu: “Compreendo cada palavra.”

“Que maravilha para a Terra que tal estudioso exista.” – disse a senhora, que perguntou: “O senhor compreende o sentido literal dos ensinamentos. Também compreende o sentido íntimo, essencial?”

Nāropā responder: “Sim.”

A expressão da idosa se transformou em tristeza e, com a voz trêmula, afirmou: “Um grande estudioso e, ainda sim, mente.”

“Humilde, como um bom sábio, Nāropā perguntou se ela conhecia quem compreendesse o essencial. A anciã respondeu que apenas seu irmão, Tilopa, era capaz de penetrar na essência do Dharma.

Com lágrimas nos olhos, Nāropā perguntou: “Onde posso encontra-lo?”

Ela respondeu: “Ele não este em uma direção particular. Pode estar em qualquer lugar. Se sua mente for correta, se houver confiança, fé, devoção, entrega e se realmente desejar encontrar a essência, estará na direção correta. É onde Tilopa está.

Ansiando por Deus

Um sábio estava meditando à margem de um rio quando um homem jovem, um tanto entusiasmado, o interrompeu. “mestre, eu desejo ser seu discípulo!”, disse o jovem.

“Por quê?” replicou o sábio.

O jovem era uma pessoa que sempre ouviu falar dos caminhos espirituais, e tinha uma ideia fantasiosa e romântica deles. Em sua imaturidade, ele achava que ser “espiritual” era algo como participar de um movimento, de uma crença, de uma moda, sem grandes consequências. Ele então pensou numa resposta bem “profunda” e disse:

“Porque eu quero encontrar Deus!”

O sábio pulou de onde estava, agarrou o rapaz pelo cangote, arrastou-o até o rio e mergulhou sua cabeça sob a água. Manteve-o lá por quase um minuto, sem permitir que respirasse, enquanto o terrorizado rapaz chutava e lutava para se libertar. Finalmente o mestre o puxou da água e o arrastou de volta à margem. Largou-o no chão, enquanto o homem cuspiu água e engasgava, lutando para retomar a respiração e entender o que acontecera. Quando ele eventualmente se acalmou, o sábio lhe perguntou: “Diga-me, quando estava sob a água, sabendo que morreria, o que você queria mais do que tudo?”

“Ar!”, respondeu o jovem, amuado.

“Muito bem,” – disse o mestre – “vá para sua casa, e quando você souber ansiar por um Deus tanto quanto você acabou de ansiar por ar, pode voltar a me procurar.”

Sons da Floresta

Certa vez um rei mandou seu filho estudar no templo de um grande mestre com o objetivo de prepará-lo para ser uma grande pessoa. Quando o príncipe chegou ao templo, o mestre o mandou sozinho para uma floresta. Ele deveria voltar um ano depois, com a tarefa de descrever todos os sons da floresta.

Um ano depois, quando o príncipe retornou ao templo, após um ano, o mestre lhe pediu para descrever todos os sons que conseguira ouvir. Então disse o príncipe: “Mestre, pude ouvir o canto dos pássaros, o barulho das folhas, o alvoroço dos beija-flores, a brisa batendo na grama, o zumbido das abelhas, o barulho do vento cortando os céus...”

E ao terminar o seu relato, o mestre pediu que o príncipe retornasse a floresta, para ouvir tudo o mais que fosse possível. Apesar de intrigado, o príncipe obedeceu a ordem do mestre, pensando: “Não entendo, eu já distingi todos os sons da floresta...”

Por dias e noites ficou sozinho ouvindo, ouvindo, ouvindo, mas não conseguiu distinguir nada de novo além daquilo que havia dito ao mestre.

Porém, certa manhã, começou a distinguir sons vagos, diferentes de tudo o que ouvira antes. E quanto mais prestava atenção, mais claros os sons se tornavam. Uma sensação de encantamento tomou conta do rapaz. E logo pensou: “Esses devem ser os sons que o mestre queria que eu ouvisse...”

E sem pressa, ficou ali ouvindo e ouvindo, pacientemente. Queria ter certeza de que estava no caminho certo. Quando retornou ao templo, o mestre lhe perguntou o que mais conseguira ouvir. Paciente e respeitosamente o príncipe disse: “Mestre, quando prestei atenção pude ouvir o inaudível som das flores se abrindo, o som do sol nascendo e aquecendo a terra e da grama bebendo o orvalho da noite...”

O mestre sorrindo, acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e disse: “Ouvir o inaudível é contemplar a calma do espírito e nisto constitui o caminho do sábio.”

O Cadáver e os Demônios

Há muito tempo, em algum lugar, um monge estava à meditar. Nisso, chegou um demônio carregando nos ombros um cadáver, que deixou cair diante do monge. Em seguida chegou outro demônio, que ordenou ao primeiro: “Dê-me esse cadáver!”

“Mas o que você está dizendo?” – protestou o primeiro demônio indignado – “Fui eu quem trouxe este cadáver aqui, e à custa de muitas dificuldades!”

Os dois se envolveram numa violenta luta. E quando perceberam que aquela disputa não os levaria a lugar algum, resolveram submeter-se ao juízo do monge.

“Fui eu quem trouxe o cadáver, não?” – desse o segundo demônio – “Portanto, ele é meu!”

Mas o monge discordou: “Não... Foi este outro indivíduo quem o trouxe. Então, o terrível demônio arrancou-lhe um braço e devorou.”

“Maldição!” – lamentou-se o primeiro demônio – “Isso tinha que acontecer justo comigo!”

Arrancando um braço do cadáver, colocou-o no monge, substituindo o que havia sido devorado pelo outro demônio que, imediatamente, arrancou o outro braço do monge e o devorou. O primeiro demônio, então apressou-se a substituí-lo, tal como fizera com o outro. As pernas passaram pelo mesmo processo e, depois, foi a vez da cabeça. Assim, enquanto o monge praticava a meditação, seus membros foram arrancados e substituídos pelo do cadáver. Já nada restava do seu corpo original. E então o monge se perguntou:

“Este não é cadáver que motivou a luta dos demônios. E este tampouco sou eu. Quem será, portanto, este ser?”

A Manga Azul

A muito tempo atrás existia um sábio que detinha todo o conhecimento do mundo e praticava várias disciplinas espirituais, vivendo uma vida devota e ascética. Certo dia Deus, muito feliz com todo o esforço do sábio, aparece a ele e diz: “Devido ao teu grandioso esforço e devoção a mim, deixo-lhe aqui um presente: essa manga azul possui um gosto maravilhoso, inigualável e doce e textura; mas mais do que isso, aquele que comê-la terá mais quinhentos anos de vida aqui na Terra e os desfrutará em plena saúde, juventude, e boa sorte.”

O sábio pega aquela manga azul, olha, e por uma fração de segundos ele já ia comer a manga azul – afinal de contas, foi dado por Deus a ele – mas alguma coisa nele o segura. E ele pensa: “O que eu faria com mais quinhentos anos aqui na Terra? Estou bem, já vivi o que tinha que viver, já estou realizado. Estou sendo egoísta, existem pessoas nesse mundo que fariam um uso muito mais proveitoso dessa manga do que eu que só um sábio. Já sei o que vou fazer, vou levar a manga azul ao rei porque o rei é bondoso e virtuoso, reina em prol do bem-estar do povo. Sem dúvida se esse rei viver por mais quinhentos anos o país e o povo usufruirá de uma grande bem-aventurança.”

Ao chegar nos portões do rei os guardas o impedem. Ele diz que tem um presente para o rei e os soldados perguntam: “O que um indigente como você, magro como é, em farrapos como está, pode trazer de valioso ao rei?”

O sábio mostra a manga azul para os soldados e um dos soldados diz: “Isso aí está podre! Como ousas trazer algo assim para o rei?”

“Não é um presente!” – diz o sábio.

Mesmo assim os soldados não o deixam entrar. No entanto o sábio empurra os soldados e tenta de todo jeito passar pela guarda. Ainda não conseguindo se põe a meditar de frente aos portões do rei até que um dos soldados decide ir avisar o rei.

O soldado chega diante do rei e diz: “Vossa Majestade, há um indigente aqui nos portões afirmando que lhe trouxe um presente.”

O rei olha pela sacada e se volta indignado para o soldado: “Um indigente? É um sábio seu imbecil! Deixe-o entrar e trago-o aqui!”

O receber o sábio, o rei ouve toda a história sobre a manga azul. E o sábio diz: “Vossa Majestade, gostaria de lhe presentear com essa manga azul devido a toda a bem-aventurança que o senhor sempre trouxe ao reino. Sei que o senhor fará muito bom uso dela.”

O rei, muito agradecido, aceita e pega cuidadosamente a fruta, olha para a manga azul e a guarda para ponderar sobre tudo isso com mais calma. Agradece novamente e se despede do sábio.

Ao contemplar a manga azul com mais calma, fala para si mesmo: “Amanhã eu comerei essa manga.”

Ao acordar no dia seguinte, ele observa que não está com vontade de comer a manga azul e pensa: “Eu já sei o que vou fazer. Eu sou um rei, já vivi tudo que tinha que viver, já me doe pelo meu país e não quero viver mais quinhentos anos com essa toda essa responsabilidade. A minha esposa, no entanto, é uma pessoa muito bela, de coração, ela sempre foi toda a fonte de todo o meu equilíbrio, impedindo toda a minha ira que todos temiam. Ela é muito dedicada e merece a manga azul e por isso a merece. Sem contar que se ela comer essa manga azul, ela continuará sendo bela enquanto eu viver.”

O rei dá então a manga azul a rainha que recebe a manga azul um pouco desconfia, pois, ao ouvir a história, a rainha já tinha passado por duas pessoas e ninguém a comeu. Ela olha a manga azul, agradece e se retira para os seus aposentos. Ao chegar no quarto, senta-se na cama e fica olhando para a manga azul, refletindo se deveria ou não comê-la. No entanto, o coração dela não estava ali, essa vida que ela levava, sempre à sombra da figura do rei, não tinha a vida dela própria. E assim pensou: “Eu não quero viver quinhentos anos e ser lembrada como a esposa do rei que morreu.”

Além de tudo isso a rainha tinha um amante, e pensa: “Eu vou dar essa manga azul é para o meu amado, ele sim é a pessoa que sempre me fez feliz! Além do mais ele é um artista e tem ideias maravilhosas, produzirá grandes obras primas se viver quinhentos anos.”

O artista recebe a manga azul, também desconfiado, guarda a manga na bolsa e vai para casa. Chegando lá coloca a manga azul no cantinho do quarto e vai se dedicar a composição de suas músicas. O artista, contempla a manga azul e chega até a compor uma música sobre a manga: “Ó manga azul! Eu quero o gosto e o sumo!”. Lá pelas tantas ele pensa: “Se eu comer essa manga, por mais que eu viva quinhentos anos, estarei indo de encontro com a minha natureza, não quero mudar o que eu sou. Eu continuar sendo esse artista que eu sou. Se de repente eu do nada ficar forte, de repente eu não tiver mais problemas, como irei compor minhas músicas? As mais belas músicas que componho falam de solidão, tristeza, angústia. Isso é o que me faz ser quem eu sou – não quero deixar isso. Eu vou dar essa manga azul é para o meu amigo alcoólatra! Ele tem um desejo sincero de não mais ser assim, quem sabe a manga azul possa ajuda-lo”

O amigo, alcoolizado ao extremo para variar, recebe a manga e o amigo diz: “Tome! Faça bom uso, nem pense, coma-a logo enquanto ainda estás bêbados e verás o que acontecerá contigo.”

O amigo bêbado olha aquela manga azul e fala: “Uma manga azul? Eu nunca vi uma manga azul.”

O artista dá um tapinha no ombro do amigo bêbado e fala: “Come a manga azul.” Vira as costas e vai embora.

Enquanto isso o bêbado fica-la contemplando aquela manga azul sem saber se a manga azul era azul mesmo ou ele que estava bêbado demais. Sendo assim decidiu ir para o bar e falar que tinha uma manga azul e o atendente disse: “Amigo, você realmente precisa parar de beber!”

O bêbado reflete e pensa: “Transformação em... Eu em, quero isso não. Já sei que eu vou fazer.”

O bêbado pega a manga azul, leva a até a feira e conversa vai conversar com os comerciantes. Por fim, sem levar muito a sério o bêbado, um comerciante compra a manga azul por duzentas rúpias (10 reais, mais ou menos).

O comerciante nunca tinha visto a manga azul e decide aceita-la na esperança de que a colocando junto das outras mangas, como ninguém nunca viu, talvez pudesse atrair curiosos e acabar por vender mais.

Nisso o rei, que costuma caminhar pela feira, passa pela loja do comerciante e olha espantado para a manga azul e diz: “Como assim essa manga veio parar aqui?”

Rapidamente o rei pega a manga azul e o comerciante logo fala: “Pode ficar meu rei, seria uma honra minha, poder presentia-lo com algo assim.”

O rei fala: “De maneira alguma, há algo errado! Como é que essa manga azul veio parar aqui?”

O rei determinado a descobrir como isso veio acontecer, põe o comerciante na parede e fala: “O que você quer da vida? Se não quiser morrer, me fale sobre a procedência dessa manga azul!”

O comerciante diz então: “Pelo amor de Deus vossa Majestade! Quem me vendeu a manga foi o bêbado.”

“O bêbado? Como assim o bêbado? O bêbado te vendeu essa manga azul?” – diz o rei.

O rei então ordena que os soldados fossem buscar o bêbado. Bêbados não podiam falar com o rei e por isso colocaram-no na prisão até que ficasse sóbrio. O bêbado, sofre lá por três ou quatro dias, o tempo para se desintoxicar e voltar ao normal. Então dão comida a ele e o bêbado mesmo não se reconhece mais no estado de sobriedade.

Levam o homem ao rei que diz então: “Vossa Majestade, não desejo nada mais do que ser sincero com o senhor. Não estava com a cabeça no lugar, me perdoe de algum modo lhe prejudiquei, mas não sei o que está acontecendo.”

O rei disse então, pausadamente, contendo sua raiva: “Eu só quero saber quem te vendeu a manga azul.”

O homem então falou: “Essa manga azul eu ganhei de presente de um amigo, mas desses amigos bons mesmo. Daqueles únicos, é o único amigo que eu tenho que não mora no bar.”

“Quem é o amigo?” – pergunta o rei.

“É o artista.” – diz o homem, descrevendo-o.

“Eu o conheço, muito renomado ele, vem sempre aqui no palácio!” diz o rei.

O rei então manda chamar o artista. Quando o artista chega e vê o rei o artista tremendo todo, antes mesmo que o rei lhe questionasse sobre a manga azul, já começa a falar da rainha: “Vossa Majestade, mil perdões, juro que não foi minha intenção. Eu estava cego sob a influência das minhas emoções, por favor me perdoe!”

O rei fica olhando aquilo, olha para a esposa que estava ao lado, a esposa abaixa a cabeça sem jeito. Por fim, o rei mata a esposa e o artista. Sendo o único beneficiado da história foi o bêbado, que afinal de contas foi obrigado a parar de beber. Se aparecesse um dia bêbado, o rei que estava furioso o mataria também.

O comerciante que começou aquela má notícia, nunca mais apareceu no reino, viajando de reino em reino, exceto naquela.

Sobre a manga azul, ninguém nunca mais soube dela. Apenas sabe-se que, depois do ocorrido, toda a vida daquele rei se estruturou.

Comentário: a história se trata de uma metáfora. A manga azul é a meditação e o processo de estudo que lhe é entregue por alguém sábio. O sábio que lhe oferece algo desconhecido, algo inesperado, uma manga azul. O rei, que representa o ego, que com toda sua nobreza, entra no processo de estudo e autodescoberta, descobre que tudo aquilo que nele está pendurado está mal colocado, a relação com os amigos, filhos, trabalho, esposa ou marido, totalmente corrompida pela ignorância e difícil. A manga azul segue de uma coisa à outra coisa de pessoa a pessoa. Cada pessoa que encontra a manga azul, a contempla e nisso é dada a ela a oportunidade de viver muito anos, então a pessoa reprioriza sua vida e avalia se é aquilo mesmo que deseja. Ao fazer isso a pessoa acaba entregando a manga azul para aquilo no qual ela se apoia, afinal de contas ela deve tudo a sua esposa, a seus amigos, aos comerciantes que lhe disponibilizam a bebida. Desse modo tudo que a manga toca, se transforma. Após todo o percurso da manga, o rei a reencontra e todos os personagens que existem dentro dele morrem e se reintegram ao rei, ou seja, as várias personalidades e vozes que nele habita, tudo isso se acalma e integra. Assim, por fim, o rei volta a reinar sozinho, em toda a sua plenitude e grandeza. E a manga ninguém nunca mais soube dela, da mesma maneira são os estudos e a meditação que quando derem os frutos que tem que dar, nunca mais serão necessários. (Fonte: Curso Grátis de Meditação e Vedanta 2017, por Jonas Masetti)

Os Sonhos do Rei

Um dia, um rei teve um sonho: sentado em seu trono, no salão central do palácio, ao olhar à sua volta, viu que várias raposas entravam e saíam pelas janelas do salão, correndo de um lado para o outro, à sua volta. Assustado, chamou seus áugures e conselheiros e lhes pediu que decifrassem o sonho, mas nenhum deles deu uma resposta que lhe satisfizesse. Mandou, então, que se espalhassem proclamas por todo o reino descrevendo seu sonho e prometendo a recompensa de um saco de moedas de ouro para quem o decifrasse satisfatoriamente.

No meio da floresta, um lenhador muito pobre, de nome Ravi, leu o proclama e pensava, sentado em um tronco de árvore, sobre como seria bom se ele soubesse o significado daquele sonho, pois um saco de moedas de ouro o redimiria de sua miséria. Quando assim pensava, pousou um belo e pequeno pássaro colorido próximo dele, no tronco, e lhe falou: “O que o entristece, Ravi? Gostaria de saber o significado deste sonho do rei?”

Ravi se assustou: “O quê? Um pássaro que fala!”

“Não só falo, como também sei o significado deste sonho, e posso te contar, com a condição de que você volte aqui e dívida este saco de ouro comigo. Combinado?” – disse o pássaro.

“Bem,” – pensou Ravi – “meio saco de moedas de ouro é sempre melhor do que nenhum saco de moedas de ouro.”

Assim, ele concorda com a condição do pássaro, e pássaro prossegue: “O sonho do rei significa que o ar do reino está impregnado de traição; que ele se acautele para que não seja traído!”

Assim, Ravi foi e se apresentou ao rei, que, muito grato pela explicação, que coincidia exatamente com o que ele já intuía estar acontecendo, deu-lhe de imediato o saco de moedas de ouro. Porém, no caminho de casa, Ravi começou a pensar: “Minha miséria é tamanha que necessitava de todo este saco de ouro para me redimir dela, e não apenas metade. Também, para que um passarinho necessita de moedas de ouro, cada uma delas quase do seu tamanho? Que miserável explorador! O que ele faria com esse ouro?”

Ravi então resolve tomar outro caminho para casa, evitando o ponto de encontro com o pássaro e guardando todo o ouro para si. Com as moedas, pôde construir uma casa bem melhor e mais confortável do que sua choupana, e ali viver com relativo conforto.

Um dia, porém, passado algum tempo, o rei teve outro sonho: sentado em seu trono, ao olhar para cima, viu que havia um punhal pendente do teto, prestes a cair sobre sua cabeça. Assustado, acorda e chama seus guardas: “Não chamem ninguém; vão diretamente à casa daquele lenhador, Ravi, e o tragam aqui. Ninguém nesse reino entende de sonhos, exceto ele. Diga-lhe que lhe darei dois sacos de moedas de ouro como recompensa.”

Qual não foi a surpresa de Ravi ao ver a guarda real em sua porta; tentou se esquivar do convite, mas foi informado pela mesma que a recusa a um convite do rei era punida com a morte. Assim, pediu que lhe contassem o sonho e lhe dessem um dia para pensar; no dia seguinte, iria ao rei. Quando os guardas se retiraram, porém, Ravi entrou em desespero pensando em como faria para salvar a sua vida.

Sua única saída foi voltar à floresta e sentar-se naquele tronco, pondo-se a lamentar. Em breve, o pássaro veio e o homem se apressa em dizer: “Ó meu querido e bom pássaro! Como é bom revê-lo!”

O pássaro, desconfiando diz então: “O que houve, Ravi? O rei teve um novo sonho?”

“Por favor, me desculpe. Sei que não fui honesto com você. Preciso de ajuda, minha vida está em jogo.”

“Tudo bem.” – disse o pássaro – “Se eu lhe contar o significado do sonho você vai desta vez dividir a recompensa comigo?”

“Sim.” – respondeu o homem – “Se puder me ajudar, comprometo-me a, a dividir contigo todo o outro que receber.”

Então, o pássaro, aceitando a proposta, falou: “O sonho do rei indica que o ar do reino está impregnado de violência; vai e diz a ele para que se acautele para não ser vítima de nenhum ato violento!”

O lenhador, mais do que contente corre logo ao encontro do rei. Ao falar do significado do sonho ao rei, este, mais radiante que nunca, entregou a Ravi, os dois sacos de ouro.

No caminho de volta para casa, porém, Ravi pôs-se a pensar: “Como esse passarinho é desleal e aproveitador! Usa minha dor e aflição para enriquecer às minhas custas! É um vil e ordinário! Já terá sua recompensa em uma bela pedrada!”

Com este pensamento em mente, Ravi se dirige ao local do encontro; pega uma pedra na mão e a esconde às costas. Quando o pássaro se aproxima, ela a lança com força, mas o pássaro, espertamente, levanta voo a tempo, e a pedra apenas passa de raspão. Assim, Ravi volta para casa e passa a viver com ainda maior comodidade e luxo.

Porém, o tempo passa, e, um dia, o rei tem um novo sonho. Agora, sentado em seu trono, vê ovelhas muito brancas entrando e saindo pelas janelas, e correndo à sua volta. Sem hesitações, chama sua guarda e manda que tragam Ravi à sua presença, com a promessa da recompensa de três sacos de ouro.

Perplexo ante a guarda à sua porta, Ravi usa a mesma estratégia de ouvir o sonho e pedir um dia para pensar. Porém, agora, seu desespero é total e sem perspectivas: “Se é que o pássaro sobreviveu, como haveria de confiar em mim novamente, após quase morrer pelas minhas mãos? Como fui estúpido, ingrato e brutal!”

Reconhecendo seu erro passado, lamentou-se amargamente e sem ter mais o que fazer, Ravi arrastou-se até a floresta e sentou-se no antigo tronco. Para sua surpresa, o pássaro, em breve, aproximou-se e pousou ao seu lado: “Novo sonho do rei, Ravi?”

Sem caber em si de alegria, Ravi pôs-se de joelhos ante o pássaro, pedindo-lhe mil perdões por sua conduta passada. O pássaro, sem dar muita atenção a estas demonstrações de arrependimento, concordou em dizer o significado do sonho, com a mesma condição de sempre: metade da recompensa.

“Diga ao rei que as ovelhas representam pureza; agora, há pureza e honestidade impregnando o ar do reino. Que ele desfrute e fique em paz.”

Novamente Ravi correu em direção ao rei e relatou o significado do sonho. Ravi recebeu abraços e condecorações de um soberano ainda mais feliz, pois, afinal, agora a notícia era boa.

Ao receber seus três sacos de moedas de ouro, Ravi, desta vez, finalmente, mostrou-se sinceramente determinado a corrigir seus erros passados, e foi ao ponto de encontro: “Aqui está, belo pássaro colorido: o meio saco de ouro que te devia da primeira vez, um saco de ouro que te devia da segunda vez e um saco e meio que te devo por este terceiro sonho. Ao todo, três sacos de ouro, tudo o que acabo de receber, além de meu pedido de perdão.”

Para sua surpresa, porém, o pássaro lhe disse: “Não necessito de moedas de ouro, Ravi; tudo o que preciso são sementes para me alimentar, um galho para pousar, asas para voar e meu canto, para embelezar meus dias. Tenho tudo isso sem necessitar de ouro. Também não necessito de seu pedido de perdão, pois nunca esperei que você agisse de maneira diferente. No primeiro momento o ar do reino estava impregnado de traição, e você me traiu; no segundo momento, o ar do reino estava impregnado de violência, e você foi violento comigo. Agora, o ar do reino está impregnado de pureza e honestidade, e você está sendo puro e honesto comigo. Poucos homens são capazes de serem fieis a si mesmos, sem se deixarem contaminar pelo ar à sua volta, e nunca esperei que você fosse um deles. Leve seu ouro e seja feliz se puder, apesar da miséria continuar vivendo dentro de ti.”

O Diamante e Pato

Certo dia, um monje que praticava a mendicância, chegou à casa de um lapidador de diamantes. Este, deixando de lado seu trabalho, saiu da oficina e foi até a cozinha, onde começou a preparar um pouco de arroz para oferecer ao monge.

Naquele momento, um pato entrou na oficina e, ao ver o diamante que brilhava, bem ali, no tapete, engoliu-o rapidamente.

O monge que usava um kesa cor de carne pensou: “Se o pato olhar para o meu kesa, pensará que se trata de um pedaço de carne.”

Nesse meio tempo, o lapidador voltou da cozinha trazendo uma tigela de arroz cozido. Bastou-lhe um olhar em torno para perceber que o diamante, que havia deixado sobre o tapete, havia pouco, tinha desaparecido. Surpreso, concluiu: “Certamente esse monge roubou o meu diamante.”

O lapidador sentiu-se terrivelmente aborrecido e, com o rosto corado pela ira, perguntou ao monge: “Foi você quem me roubou o diamante?”

“Não, de modo algum. Não fui eu.” – respondeu o monge.

“Pois então quem foi?” – perguntou o homem, irado.

O homem continuou a insultar o monge, com uma cólera crescente. Por sua vez, o monge não queria acusar o pato, pois sabia que, se o fizesse, o homem o mataria.

De repente, o pato, que não conseguiu digerir o diamante, começou a sentir-se mal e a grasnar muito alto, tamanha era sua aflição. O lapidador, fora de si, começou a agredir o pato, que se agitava ainda mais, grasnando cada vez mais alto até que o lapidador, golpeando-o com força, acabou por mata-lo.

Então o monge pensou: “Certamente o diamante era mais importante para esse homem do que o pato.”

Voltando-se para o lapidador, o monge disse: “Não roubei o diamante que você deixou sobre o tapete. Foi o pato que o comeu.”

Mas o homem indignado disse: “Por que não me disse antes? Bem! Deixe estar! Já que o pato está morto, vou comê-lo.”

Assim o lapidador abriu o animal e ali estava o diamante.

O Elefante e o Reino dos Cegos

Certa vez o rei de um país onde só havia cegos ouviu falar de um animal fabuloso, que se chamava elefante. Ansioso por saber como era esse animal, enviou os quatro cegos mais sábios do reino ao lugar onde vivia o elefante para que o estudassem e o descrevessem com exatidão quando voltassem.

Os quatro sábios cegos partiram ao encontro do animal. Quando chegaram diante dele, com extrema atenção, começaram a apalpá-lo. Um dos cegos agarrou a tromba e começou a tateá-la, de cima a baixo, repetidas vezes. Outro tocou uma orelha e apalpou-a lentamente, com muito cuidado. O terceiro cego tocou uma pata e nela concentrou-se, com toda a atenção. O quarto, por fim, conseguiu pousar ambas as mãos na parte central

do corpo do elefante. Tateou-o com acuidade, examinando-o atentamente, com o intuito de memorizar cada detalhe.

A primeira coisa que os cegos fizeram, quando voltaram ao seu país, foi se apresentarem ao rei, que estava ansioso por notícias.

“E então, contem-me... como é o elefante?” – disse o rei.

O primeiro cego, adiantando-se disse: “Ó rei! O elefante é uma criatura metade serpente metade cipó. Pois, embora possua a mobilidade das víboras, não tem a faculdade de arrastar-se pelo solo, já que possui uma das extremidades presa a uma pedra. E a partir dessa pedra pode subir, descer e girar como um cipó que pende de uma árvore.”

“Mas que absurdo você está dizendo!” – protestou o segundo cego – “O elefante em nada se parece com a sua descrição.”

Então o segundo cego voltou-se ao rei e disse: “Majestade, o elefante é uma lamina fina e larga, marcada por veias e rugas, que brota de uma parede da qual está presa.”

“Ora, vamos!” – interveio o terceiro cego – “Mas que conversa é essa?”

Voltando-se para o rei, o terceiro cego disse: “Esse animal que Vossa Majestade anseia por conhecer é, na verdade uma árvore! Sim, uma árvore, mas com uma peculiaridade: sua seiva é quente e, quando tocada, pulsa e estremece.”

O quarto cego se adiantou e, com um gesto de impaciência, disse: “Majestade, meus três companheiros estão equivocados. Devem ter tocado outra criatura, por engano, e não um elefante. Posso garantir que o ser que apalpei com todo cuidado, com ambas as mãos, era um elefante. E posso afirmar, sem sombra de dúvida, que é uma criatura semelhante a uma colina deserta, quase sem vegetação, apenas com um ou outro tudo de erva rala e ressecada. Mas ele se move e irradia calor... E de seu interior brota um ruído compassado com o percutir de um tambor.”

Os outros cegos irromperam em indignados protestos. Cada um, por sua vez, assegurava e jurava que o elefante era tal como havia descrito e tocado.

O povo do reino se dividiu: cada habitante acabou tomando partido de um ou outro sábio cego, segundo sua simpatia. E ainda hoje não se chegou a um acordo.

Que Tipo de Pessoas Vivem Neste Lugar?

Certo dia um jovem chegou a um oásis, próximo de um povoado, e aproximando-se de um velho sábio, perguntou-lhe: “Que tipo de pessoas vivem neste lugar?”

“Que tipo de pessoas vivem no lugar de onde vens?” – perguntou o sábio.

“É um grupo de pessoas egoístas e malvadas, replicou o rapaz, estou satisfeito de ter saído de lá.”

O sábio respondeu: “Aqui encontrarás o mesmo.”

No mesmo dia, um outro jovem aproximou-se do oásis para beber água e, vendo o sábio, perguntou-lhe: “Que tipo de pessoas vive aqui?”

O sábio respondeu com a mesma pergunta: “Que tipo de pessoas vive no lugar de onde vens?”

O rapaz respondeu-lhe: “É um magnífico grupo de pessoas amigas, honestas e hospitaleiras. Fiquei um pouco triste por ter de deixá-las.”

“O mesmo encontrarás aqui.” – respondeu o sábio.

Um discípulo que havia escutado as duas conversas perguntou ao sábio: “Como é possível dar respostas tão diferentes à mesma pergunta?”

O sábio respondeu-lhe: “Cada um carrega no seu coração o meio em que vive. Aquele que nada encontrou de bom nos lugares por onde passou não poderá encontrar outra coisa por aqui. Aquele que encontrou amigos ali, também encontrará aqui. Somos todos viajantes no tempo, e o futuro de cada um está escrito no passado; ou seja, cada um encontra na vida exatamente aquilo que traz dentro de si mesmo.”

Os Insultos de um Brâmane

Certa vez, um brâmane, que tinha muita inveja do Buddha Shakyamuni, foi visitá-lo. Cheio de ira e ressentimento, começou a insultá-lo duramente, com palavrões e falsas acusações.

Buddha escutava-o pacientemente, sem alterar-se, sem responder aos repetidos insultos que o brâmane lhe dirigia.

Depois de algum tempo, o homem, cansado de seus ataques verbais e da falta de reação do Buddha, calou-se. Então o Tathāgata disse: “Terminou?”

“Sim.” – respondeu o homem.

“Você recebe visitas em sua casa?” – indagou Buddha.

“Sim, com frequência.” – o homem assentiu, intrigado.

“E costuma oferecer alimento e bebida às visitas?” – perguntou Buddha.

“Claro.” – disse o brâmane – “Afinal, assim manda a tradição, os bons costumes...”

“E como você age, quando a visita recusa sua gentileza?”

“Nem me importo.” – respondeu o brâmane – “Se a visita não quiser, eu mesmo dou conta, sozinho, dos comes e bebes.”

Então Buddha Shakyamuni disse: “Pois, então, faça isso com suas críticas. Você foi muito amável, convidando-me a ouvi-las. Mas o fato é que não as desejo. Não quero compartilhá-las com você. Portanto pode saboreá-las sozinho.”

O brâmane, terrivelmente envergonhado, não soube o que dizer.

O Karma de Buddha

Enquanto Buddha vivia, havia muitos brâmanes e adeptos de outras religiões que o odiavam e caluniavam o máximo que podiam. Seus discípulos, então perguntavam: “Como é possível que existam pessoas que o odeiem e critiquem, se seu grande coração está cheio de amor e compaixão por todos nós?”

Buddha então respondeu: “Em uma vida anterior fui um mestre muito severo e eu repreendia duramente meus discípulos, por qualquer motivo que fosse. Bastava minha presença para que tremessem de medo. Por isso, segundo a Lei do Karma, agora me acontecem essas coisas.”

O Caminho de Nanda

Nanda e Andari formavam um belo casal. Jovens e apaixonados viviam felizes, em plena harmonia.

Certo dia, Buddha Shakyamuni passou diante da casa onde moravam. Impressionado com o mestre, Nanda quis dar-lhe um presente, uma oferenda de flores e alimentos.

Andari suplicou ao marido que não fizesse isso, que não saísse de casa. Ela conhecia a reputação de Buddha, que apenas com sua presença, levava os homens a abandonar o próprio lar, o trabalho e a família, para segui-lo. Nanda, porém, disse-lhe que não se preocupasse. E prometeu que voltaria logo em seguida.

“Eu jamais abandonarei você, por nada nem ninguém no mundo, nem mesmo por Buddha... Ou será que você dúvida do amor que tenho por você? Fique tranquila, logo voltarei!”

Enquanto isso o Tathāgata se afastava, pela estrada. Nanda saiu de casa correndo, levando nas mãos o presente. Estava quase alcançando-o, quando o viu desaparecer numa curva da estrada.

Nanda seguiu o Iluminado durante um bom trecho de caminho. Porém, por mais que corresse, não conseguiu alcançá-lo. Assim, chegou ao templo de Buddha, situado num pequeno bosque, nos arredores do povoado. Foi então que Buddha, voltando-se para ele disse: “O que desejas? Por acaso vieste ordenar-se como monge?”

Nana assentiu, quase sem se dar conta do que fazia; estava fascinado pelo Iluminado. Dois discípulos se aproximaram para raspar-lhe a cabeça. Depois o vestiram com o kesa, o manto sagrado dos monges discípulos de Buddha. Enquanto isso, Nanda, que havia se recuperado daquela espécie de encantamento, só pensava em partir, em voltar para a companhia de sua linda e amada esposa. Mas, cada vez que tentava ir embora, algo o impedia. Por fim, já estava a ponto de sair pela porta dos fundos do templo, quando novamente deparou com o Tathāgata.

“Está indo embora, Nanda?” – perguntou o Iluminado.

“Sim mestre. Minha esposa, Andari, me espera. Eu prometi a ela que voltaria logo.”

“Sua esposa é bonita?” – pergunto Buddha.

“É a mais bela entre todas as mulheres!” – Nanda respondeu, com orgulho.

“Venha, vou lhe mostrar uma coisa.” – disse o Buddha, envolvendo-o com seu kesa.

No mesmo instante, Nanda sentiu-se transportado a um mundo maravilhoso, a um paraíso onde tudo era perfeito. Donzelas encantadoras, de corpo escultural e rosto divinamente belo, executavam um bailado com movimentos sensuais, de rara delicadeza. Seus trajes leves deixavam entrever os membros que se moviam harmoniosamente, de forma que comovessem Nanda no recanto mais profundo de seu ser. Em meio a tantas belezas, uma se destacava, por seu infinito encanto. No entanto, apesar de ser a mais bela de todas, estava sentada a um canto, triste e chorosa. Entre suspiros de desalento dizia: “Em algum recanto do planeta Terra vive o jovem Nanda, o homem que meu coração elegeu. Ele é discípulo de Buddha Shakyamuni. E quando receber o shiho, a transmissão, virá juntar-se a mim. Enquanto isso não acontecer, não terei descanso... E nenhuma alegria encontrará abrigo em meu coração. Espero ansiosa, a chegada de meu amado.”

Nanda estava perplexo.

“Sua esposa, Andari, é tão bela como aquela jovem?” – perguntou-lhe Buddha.

“Perto dessa deusa, a beleza de Andari pouco ou nada significa.” – respondeu Nanda, já perdidamente enamorado daquela jovem divindade.

E foi assim que se esqueceu de Andari. Empenhando-se, com total dedicação, só pensava no shiho que receberia de Buddha; pois estava impaciente para juntar-se à sua amada celestial. Tornou-se o discípulo mais aplicado do templo, o primeiro em tudo: na meditação, no estudo dos sutras, no trabalho... No entanto, os outros discípulos o desprezavam, pois, os motivos de tanta dedicação não eram puros, nem desprovidos de interesse.

“Por que não me respeitam? Por que vivem me criticando? Por acaso não sigo à risca os ensinamentos?” – perguntou Nanda a um dos principais discípulos de Buddha.

“Você não segue o Dharma.” – respondeu o discípulo – “Você é obsessivo, uma espécie de maníaco sexual, com um objetivo nem um pouco louvável.”

“Sigo todos os ensinamentos do mestre!” – replicou Nanda.

“Apenas exteriormente.” – replicou o outro – “No entanto, em seu íntimo, não é isso que acontece. Seu espírito não segue o Dharma. Se duvida do que estou dizendo, então pergunte ao mestre.”

Nanda resolveu interpelar Buddha, que lhe perguntou: “Você já visitou o inferno alguma vez?”

“Não. Nunca!” – Nanda respondeu, espantado.

“Venha comigo, vou lhe mostrar.” – disse Buddha.

Tornando a envolver Nanda em seu kesa, transportou-o a um mundo terrível, um mundo cujo simples vislumbre já seria suficiente para matar um homem... Ou até mais: demônios trafegavam de um lado a outro, muito ocupados, em meio a um calor insuportável, triturando membros, sorvendo entranhas, fatiando pessoas... Tudo isso acompanhado de um espantoso coro de gritos de horror, que brotavam das gargantas das vítimas apavoradas.

Nanda, a ponto de desmaiar, avistou um grupo de demônios concentrados em torno de um imenso caldeirão, cheio de um líquido fervente.

“Seria água?” – pensou Nanda.

Ao aproximar-se, Nanda percebeu que não se tratava de água, mas de ferro fundido.

“O que estão fazendo?” – perguntou a um dos demônios.

“Temos que deixar este caldeirão no ponto para receber o jovem Nanda.” – todos responderam, quase ao mesmo tempo – “Nanda então tornou-se discípulo de Buddha Shakyamuni, não para seguir o Supremo Dharma, mas sim para desposar e fazer amor com uma bela deusa que o espera, no Paraíso. Mas assim que ele possuir essa beldade, o que deverá acontecer em breve, seu karma sexual o fará cair, diretamente do paraíso, bem no meio da fervura... Por isso mantemos este caldeirão bem aquecido, para esperar a chegada de Nanda.”

Nesse momento, Nanda compreendeu profundamente o que se passava e obteve a Iluminação.

Serpentes Venenosas

Havia um casal idoso, um velhinho e uma velhinha que, sem trabalho, viviam como mendigos. Certo dia Buddha passava com seu discípulo Ānanda, perto do local onde moravam. Naquele exato momento, muitas pedras começaram a se desprender da encosta de uma montanha vizinha, deixando a descoberto um grande buraco, cheio de moedas de ouro. Ao ver isso, Buddha disse a Ānanda: “Daquele buraco estão surgindo serpentes venenosas.”

Com um gesto de assentimento, Ānanda comentou: “De fato, existem serpentes venenosas...”

E os dois seguiram seu caminho.

O casal ouviu a conversa dos viajantes. O velho, que era muito curioso, disse: “Mulher, vamos até lá dar uma olhada.”

Lá se foi o casal. E ao ver as peças de ouro que cintilavam ao sol, exclamaram: “Se são estas as serpentes venenosas, então que me mordam até que se fartem!”

Recolheram algumas moedas e celebraram aquele incrível acontecimento. Depois, pegaram mais e compraram trajes suntuosos. Assim, pouco a pouco, foram espalhando moedas de ouro por toda a cidade. Mas não sabiam que aquele tesouro pertencia ao rei Ajatasatra e que o ladrão que o havia roubado enterrara-o na encosta da montanha, esperando recuperá-lo mais tarde. Todas as moedas de ouro traziam a efígie do rei e assim, seguindo as pistas deixadas pelo casal de velhos, a guarda real não tardou a encontrá-los e prendê-los sob a acusação de terem roubado o tesouro imperial.

Porém, os velhos, decididos a não renunciar às moedas que ainda restavam no esconderijo, fizeram um pacto de silêncio. No fim, foram condenados à forca. No dia da execução, estavam diante do carrasco, quando lhes perguntaram se teriam algo a alegar em sua defesa. E ambos, em uníssono, gritaram: “Eram serpentes venenosas”

Ante essa estranha resposta, os juízes os interrogaram novamente. E os dois acabaram por confessar a verdade. Essa história deu origem ao provérbio: “O ouro é uma serpente venenosas.”

Proteger o Dharma

Certo dia, Sakra Devanam Indra perguntou a Buddha: “Como posso proteger aqueles que queiram praticar o Dharma?”

Buddha respondeu perguntando: “Você pode ver o Dharma que quer proteger? Onde está? O desejo de proteger o Dharma é como o desejo de proteger o próprio espaço. Praticantes protegem o Dharma e a si mesmo ao viver na verdade.”

O Deva e o Buddha

O Buddha estava um dia no jardim de Anathapindika, na cidade de Jetavana, quando lhe apareceu um Deva (espírito da natureza) em figura de brâmane e vestido de hábitos brancos como a neve, e entre ambos se estabeleceu o seguinte diálogo:

O Deva disse: “Qual é a espada mais cortante?”

Ao que Buddha respondeu: “A palavra raivosa é a espada mais cortante.”

“Qual é o maior veneno?”

“A inveja é o mais mortal veneno.”

“Qual é o fogo mais ardente?”

“A luxúria.”

“Qual é a noite mais escura?”

“A ignorância.”

“Quem obtém a maior recompensa?”

“Quem dá sem desejo de receber é quem mais ganha.”

“Quem sofre a maior perda?”

“Quem recebe de outro sem devolver nada é o que mais perde.”

“Qual é a armadura mais impenetrável?”

“A paciência.”

“Qual é a melhor arma?”

“A sabedoria.”

“Qual é o ladrão mais perigoso?”

“Um mau pensamento é o ladrão mais perigoso.”

“Qual o tesouro mais precioso?”

“A virtude.”

“Quem recusa o melhor que lhe é oferecido neste mundo?”

“Recusa o melhor que se lhe oferece quem aspira à imortalidade.”

“O que atrai?”

“O bem atrai.”

“O que repugna?”

“O mal repugna.”

“Qual é a dor mais terrível?”

“A má conduta.”

“Qual é a maior felicidade?”

“A libertação.”

“O que ocasiona a ruína no mundo?”

“A ignorância.”

“O que destrói a amizade?”

“A inveja e o egoísmo.”

“Qual é a febre mais aguda?”

“O ódio.”

O Deva então faz sua última pergunta: “O que é que o fogo não queima, nem a ferrugem consome, nem o vento abate e é capaz de reconstruir o mundo inteiro?”

Buddha respondeu: “O benefício das boas ações.”

Satisfeito com as respostas, o Deva, com as mãos juntas, se inclinou respeitosamente ante Buddha e desapareceu.

Buddha e o Riacho

Certa vez, Buddha, já com idade avançada, caminhava por uma floresta junto a seus discípulos. O sol estava alto no céu e seu calor era intenso. Buddha sentia muita sede e então disse a seu amado discípulo Ānanda: “Ānanda, há cinco ou seis quilômetros atrás passamos por um pequeno riacho. Preciso que volte lá e me traga um pouco de água, estou fraco e com muita sede.”

Ānanda pegou a uma tigela e voltou ao riacho. Ao chegar lá percebeu que alguns carros de boi haviam atravessado o riacho a pouco, revolvendo o leito de folhas secas e deixando a água enlameada. Já não era mais possível beber daquela água, ela estava muito suja. Assim ele voltou com as mãos vazias a Buddha. Ao reencontra-lo disse o que havia acontecido e acrescentou: “Seguirei adiante, ouvi falar de um grande rio a apenas três ou quatro quilômetros daqui e trarei água de lá.”

Buddha, no entanto insistiu: “Volte e traga água do mesmo riacho.”

“E não volte se a água ainda estiver suja. Se estiver suja, simplesmente sente-se à margem do riacho e permaneça em silêncio, observando. Cedo ou tarde a água estará límpida novamente, tu poderás encher a vasilha e voltar.” – acrescentou Buddha.

Ānanda não conseguia entender tanta insistência, mas, se o mestre estava ordenando, o discípulo obedecia. Assim, ele regressou ao riacho, mesmo sabendo do absurdo que seria caminhar cinco ou seis quilômetros, sabendo que a água não era boa para ser bebida.

Quando Ānanda regressou ao local a água estava quase límpida, as folhas tinham sido levadas, a boa parte da sujeira tinha assentado. No entanto, a água ainda não estava absolutamente límpida. Deste modo, Ānanda se sentou-se à margem e apenas observou o riacho fluir. Lentamente, ela tornou-se transparente como um cristal e Ānanda regressou dançando.

Ele tinha entendido porque Buddha fora tão insistente, pois na sua insistência, Buddha havia deixado uma mensagem que ele compreendera. Ānanda entregou a água a Buddha e agradeceu tocando nos seus pés.

Buddha então disse: “O que está fazendo? Sou eu quem deveria agradecer por me ter trazido água.”

Ānanda respondeu: “Agora eu entendo. No início eu estava com raiva. Eu não demonstrei, mas estava com raiva porque achava que era absurdo voltar. Agora, entendi a mensagem. Sentado na margem do riacho, dei conta que a mesma coisa acontece com a minha mente. Se eu mergulhar no rio, eu sujarei novamente. Se eu mergulhar na mente, apenas irei criar mais barulho, mais problemas serão desenterrados e irão começar a aparecer.”

“Compreendo que devo sentar-me também ao lado da minha mente, observando-a com todas as suas impurezas, problemas, folhas velhas, mágoas, feridas, memórias e desejos. E assim devo permanecer até o momento em que tudo fique limpo.”

A Pergunta de Ānanda

Certa vez estava Buddha e seu seletos grupo de discípulos a caminhar por uma floresta na intenção de viajar para disseminar o Dharma. Eis que Ānanda, inquieto, pergunta: “Mestre em toda a tua sabedoria, desapego e virtude reside à chave para o fim da ignorância e do sofrimento dos homens e mesmo assim o senhor não a compartilha abertamente aos homens, libertando-os dos desejos e do sofrimento?”

Naquela noite Buddha nada disse.

Ao surgir de um novo dia, Buddha se volta a Ānanda e diz: “Ānanda, perto daqui há um povoado. Vá até lá e bata na porta da casa de todos os que lá residem. Pergunte a eles o que eles mais desejam na vida e traga-me as respostas.”

Então Ānanda prontamente se põe a atender o pedido do mestre. Passa o dia inteiro a bater de porta em porta e perguntar o que o mestre havia lhe pedido.

Ao fim do dia, Ānanda volta a Buddha com as respostas.

“Mestre, aqui estão todas as respostas!” – disse Ānanda.

“Perguntou a todos os que lá residem, sem ao menos esquecer de um?” – perguntou o Tathāgata.

“Sim mestre. Perguntei a todos.” – confirmou Ānanda.

“Pois então, quais são as respostas?” – perguntou Buddha.

“Mestre, aproximadamente 60% das pessoas afirmaram desejar mais bens materiais, mais riqueza e conforto. Outros 20% afirmaram que desejam mais saúde, curar problemas de saúde seus ou de seus familiares. Outros 10% afirmaram que o que mais gostariam era casar bem os filhos. Os outros 5% afirmaram que gostariam de uma vida mais longa.” – respondeu Ānanda.

“Veja só Ānanda, desses quantos, quais anseiam por sabedoria e iluminação, pela verdade, pelo Dharma? Pois bem, diga-me então Ānanda, como posso eu dar algo a alguém se esse nem ao menos a almeja?” – finalizou Buddha.

A Morte de Buddha

Certo dia, estava Buddha - já adentrado em anos - caminhando no Bosque de Upavartana, em companhia de seu dileto discípulo Ānanda, quando subitamente sentiu-se fatigado. Deitou-se um pouco para descansar, com Ānanda a seu lado. Após um tempo, sentiu-se melhor e levantou-se.

Um pouco mais adiante na senda, o Venerável voltou a parar, fatigado. Logo após algum tempo em descanso, levantou-se. Então, pela terceira vez, sentiu-se muito cansado, e Ānanda, aflito, o ajudou a deitar-se à sombra de uma árvore. O Tathāgata então disse a seu discípulo: “Busque meus discípulos e reúna-os à minha volta, pois o Tathāgata em breve terá sua personalidade extinta.”

Quando os discípulos se assentaram, disse o Buddha muitas coisas sábias, e então disse a Ānanda, mas falava para todo o Sangha: “Preguei o Dharma sem limites entre o oculto e o revelado, pois no tocante à Verdade o Tathagata não tem nada que se assemelhe ao punho cerrado de um instrutor que oculta alguma coisa.”

“Já sou velho, Ānanda, tenho oitenta anos e termino meus caminhos e meus dias; assim como uma velha carroça que vagamente roda na estrada, assim meu corpo se sustenta com muita fragilidade. Meu corpo só está bem quando mergulho no equilíbrio da meditação.

“Por isso, monges, permaneçei na Senda, e assim deveis vos guiar pelos Preceitos. Que o Dharma e as regras da Sangha sejam vosso mestre quando eu partir; e que a Sangha saiba interrogar, se convier, os preceitos de pouca importância. Se conseguirdes guardar bem os Preceitos, disso resultará a Boa Lei. Se não conseguirdes guardar de forma correta o sentido dos Preceitos, então seus pretensos atos de benevolência serão destituídos de méritos reais.”

“Assim, pois, Ānanda, sede vossas próprias lâmpadas. Apoiar-vos em vós mesmos e não em nenhum sustentáculo externo. Sustentai-vos apenas na Verdade. Que ela seja vossa bandeira e refúgio.”

Dirigindo-se aos seus discípulos, perguntou-lhes: “Se ainda entre vós alguém abriga dúvidas, que a exponha livremente, pois meu tempo de responder a todas as dúvidas está encurtando.”

Ānanda disse, após um período: “Certamente, dentre os que aqui se encontram não há ninguém que abrigue dúvidas ou receios acerca do Buddha, do Dharma e da Senda.”

Então o Abençoado proferiu suas últimas palavras: “Decadência é inerente a todas as coisas existentes, porém o Dharma perdurará eternamente. Busquem com afincamento por vossa libertação.”

Neste momento o Buddha entrou em meditação, e expirou tranquilamente.

A Iluminação de Ānanda

Diz-se que Ānanda – um dos dez principais discípulos de Buddha, era o discípulo, mas próximo de Buddha Śākyamuni, o Tathāgata – estava sempre próximo a seu mestre, e claro também no momento de sua morte.

Após os rituais de cremação do corpo do Tathāgata, alguns dos seus discípulos decidiram se reunir na intenção de decidir sobre os rumos que aquele grupo tomaria, agora que seu mestre se fora.

Todos esses discípulos, que viriam a se reunir, já eram Buddhas, seres totalmente despertados, iluminados. Com isso um desses monges foi a Ānanda e disse: “Você por muito tempo, esteve muito próximo da fonte da sabedoria, foi o discípulo mais próximo de Buddha e, no entanto, não alcançaras a iluminação. É lamentável lhe dizer isso, mas não poderás participar da nossa reunião.”

Com isso, Ānanda ficou um tanto chateado, pois sabia que era verdade; do mesmo modo, todos os outros monges também sabiam.

Ao anoitecer, Ānanda recolheu-se aos seus aposentos e sentou em meditação com a firme determinação de só se levantar após ter atingido a iluminação.

A primeira hora passou, e ele continuava firme. Passou-se a segunda hora, e ele, – ainda muito resoluto – permanecia com as costas eretas em meditação. Veio a terceira hora e a lua já estava alta no céu. A quarta hora então se aproximou e Ānanda começava a se sentir cansando e suas costas já começavam a arquear.

Passou-se então a quinta hora, a sexta hora... e os primeiros raios de sol que davam boas-vindas ao novo dia logo começaram a aparecer no horizonte. Foi quando Ānanda – não aguentando mais – cedeu ao cansaço e seu corpo começou a cair para trás...

Quando suas costas tocaram o solo, Ānanda já era um iluminado.

A história conta que em algum momento entre o início de sua queda e ao tocar de suas costas no solo, iluminação o atingiu. Assim, apenas quando Ānanda soltou o controle, se rendeu ao que é, ele compreendeu...



中國

CHINA

Sem Trabalho, Sem Comida

Baizhang Huaihai, o mestre ch'an (zen) chinês, costumava trabalhar com seus discípulos mesmo na idade de 80 anos, aparando o jardim, limpando o chão, e podando as árvores.

Os discípulos, vendo aquilo, sentiram pena em ver seu velho mestre trabalhando tão arduamente. De qualquer maneira eles sabiam que Huaihai não iria escutar seus apelos para que parasse. Sendo assim resolveram esconder suas ferramentas e naquele dia o Mestre não comeu. No dia seguinte também, e no outro...

“Ele deve estar irritado por termos escondido suas ferramentas,” os discípulos acharam. “É melhor nós as colocarmos de volta no lugar.” No dia em que eles fizeram isso, o mestre trabalhou e comeu exatamente como antes. À noite ele os instruiu, simplesmente: “Sem trabalho, sem comida.”

O Homem Sagrado

Certa vez, boatos espalharam-se por toda a região acerca do sábio Homem Sagrado que vivia em uma pequena cabana na montanha. Ao ouvir sobre tal sábio, um homem de uma vila distante decidiu fazer a longa e difícil jornada para visitá-lo. Quando chegou na cabana, ele viu um simples velho dentro que o recebeu, abrindo a porta.

“Eu gostaria de ver o sábio Homem Sagrado.” disse ele ao outro. O velho sorriu e permitiu-o entrar. Enquanto eles caminhavam ao longo da casa, o homem da vila olhava ansiosamente em torno, antecipando seu encontro com um homem considerado um verdadeiro Santo. Mas antes que pudesse dar pela coisa, ele já havia percorrido a extensão da casa e levado para fora. Ele parou e voltou-se para o velho: “Mas eu quero ver o Homem Sagrado!”

“Já o fizeste.” disse o velho. “Todos que encontras em tua vida, mesmo que pareçam simples e insignificantes... reconheça cada um deles como um Homem Sagrado. Se fizeres deste modo, então quaisquer que sejam os problemas que trouxestes aqui hoje, serão resolvidos...” E fechou a porta.

O Eremita e O Ambicioso

Na China antiga, um eremita, que também era alquimista, vivia numa montanha profunda. Um belo dia, um velho amigo foi visitá-lo. Senrin, muito feliz por recebê-lo, ofereceu-lhe um jantar e um abrigo para a noite.

Na manhã seguinte, antes da partida do amigo, quis ofertar-lhe um presente. Tomou de uma pedra e, com o dedo, converteu-a num bloco de ouro puro. O amigo não ficou satisfeito; Senrin apontou o dedo para uma rocha enorme, que também se transformou em ouro. O amigo, porém, continuava sem sorrir.

- “Que queres, então?” - indagou Senrin.

- “Corta esse dedo, eu o quero.” respondeu o amigo.

O Velho Bêbado e a Correnteza

Um velho homem bêbado acidentalmente caiu nas terríveis corredeiras de um rio que levavam para uma alta e perigosa cascata. Ninguém jamais tinha sobrevivido àquele rio.

Algumas pessoas que viram o acidente temeram pela sua vida, tentando desesperadamente chamar a atenção do homem que, bêbado, estava quase desmaiado. Mas, miraculosamente, ele conseguiu sair salvo quando a própria correnteza o despejou na margem em uma curva que fazia o rio.

Ao testemunhar o evento, Kung Tzu (Confúcio) comentou para todas as pessoas que diziam não entender como o homem tinha conseguido sair de tão grande dificuldade sem luta: “Ele se acomodou à água, não tentou lutar com ela. Sem pensar, sem racionalizar, ele permitiu que a água o envolvesse. Mergulhando na correnteza, conseguiu sair da correnteza. Assim foi como conseguiu sobreviver.”

O Mestre Chu-chih e o Dedo

O mestre budhista ch'an Chu-chih (Gutei Isshi, em japonês) sempre recebia viajantes em busca de sabedoria e iluminação. Esses buscadores se prostravam de ante do mestre e perguntavam-lhe: “Qual a real natureza da mente?”

E esse mestre sempre respondia a essa pergunta e as outras perguntas dos viajantes levantando o dedo indicador para cima. Com isso, os viajantes sempre se satisfaziam e iam embora.

O mestre Chu-chih tinha um discípulo muito próximo e certo dia o mestre teve que se ausentar por algum tempo enquanto o discípulo ficou nos aposentos do mestre. Neste dia chegou um viajante, um buscador da verdade, que tomou o discípulo ali presente como sendo o mestre Chu-chih.

O viajante se prostrou diante do discípulo e lhe perguntou: “Mestre, qual a real natureza da mente?” O discípulo então, lembrando do mestre, simplesmente levantou o dedo indicado como o seu mestre sempre fazia. O viajante, satisfeito, então deixou o lugar.

Acontece que o mestre Chu-chih havia chegado no meio de tudo isso e havia presenciado todo o ocorrido. Assim foi ao discípulo, encarou-o e perguntou-lhe: “Qual a real natureza da mente?”

O discípulo então, meio temeroso, levantou o dedo e num ato de extrema agilidade o mestre pegou uma lâmina afiada e decepou o dedo do discípulo.

Então se dirigindo novamente ao discípulo, o mestre perguntou: “Qual é mesmo a real natureza da mente?”

Quando o discípulo olhou então a direção aonde devia estar o dedo dele, ele não o encontrou. E nesse momento o discípulo alcançou o Satori.

O Sonho de Chuang Tzu

Certa vez o venerável mestre taoísta Chuang Tzu sonhou que era uma borboleta, voando alegremente aqui e ali. No sonho ele não tinha mais a mínima consciência de sua individualidade como pessoa. Ele era realmente uma borboleta.

Repentinamente, ele acordou e descobriu-se deitado ali, uma pessoa novamente. Mas então ele pensou consigo mesmo: “Fui antes um homem que sonhava ser uma borboleta, ou sou agora uma borboleta que sonha em ser um homem?”

O Egoísmo

O Primeiro Ministro da Dinastia Tang era um herói nacional pelo seu sucesso tanto como homem de estado quanto como líder militar. No entanto, a despeito de sua fama, poder e riqueza, ele se considerava um humilde e devoto Budista. Frequentemente ele visitava seu mestre ch’an (zen) favorito para estudar com ele, e eles pareciam se dar muito bem. O fato de que ele era primeiro ministro aparentemente não tinha efeito em sua relação, que parecia ser simplesmente a de um reverendo Mestre e seu respeitoso estudante.

Um dia, durante sua visita usual, o Primeiro Ministro perguntou ao mestre, “Mestre, o que é o egoísmo de acordo com o Budismo?” O rosto do mestre ficou vermelho, e num tom de voz extremamente desdenhoso e insultuoso ele gritou em resposta: “Que tipo de pergunta estúpida é esta?”

Tal resposta tão inesperada chocou tanto o Primeiro Ministro que este tornou-se imediatamente arrogante e com raiva: “Como ousa me tratar assim?” Neste momento o mestre zen sorriu e disse: “Isto, Sua Excelência, é egoísmo...”

Conhecendo os Peixes

Certa vez Chuang Tzu e um amigo caminhavam à margem de um rio. “Veja os peixes nadando na corrente,” disse Chuang Tzu, “Eles estão realmente felizes...”

“Você não é um peixe,” replicou arrogantemente seu amigo, “então você não pode saber se eles estão felizes.”

“Você não é Chuang Tzu,” disse Chuang Tzu, “Então pode você saber que eu não sei que os peixes estão felizes?”

A Arte do Tiro ao Arco

Lie Tzu, aquele que mais tarde viria a ser um grande mestre taoísta, estava ansioso por mostrar a perícia que tinha atingido na arte do tiro ao arco a um amigo. Ele puxou do arco e colocou uma taça de água no antebraço esquerdo dele. A seguir introduziu uma flecha e após ter retesado o arco, libertou-a. Antes da primeira flecha atingir o alvo, já ele tinha soltado uma segunda e uma terceira. Quando viu que todas as três tinham atingido o centro do alvo, Lie-Tzu sentiu-se amplamente satisfeito consigo próprio. Tão firme era a sua mão e focada a sua concentração que a água da taça nem se quer ousou a derramar.

O seu amigo, contudo, não se deixou impressionar. Ele disse a Lie Tzu: “Aquilo que me mostraste não passa da destreza do olho e da mão, e não o estado de espírito de um verdadeiro arqueiro. Vamos até ao monte e ficar à beira de um penhasco. Se conseguires disparar com precisão sob tais condições, então ter-me-ás conseguido convencer da tua mestria de arqueiro.”

Os dois subiram até os montes, e assim que chegaram ao todo de um penhasco, o amigo de Lie Tzu caminhou até à beira do precipício que descia um milhar de pés até baixo. Ao permanecer de pé e de costas para a encosta, e com metade do pé sobre a borda, ele convidou Lie Tzu a juntar-se a ele.

Lie Tzu, claramente, tremia já quando viu o amigo caminhar até à beira do precipício. Agora, só de pensar que permanecer ali com as costas voltadas para o precipício, caiu de cara e foi invadido por suores frios.

Então, o seu amigo disse: “O mestre arqueiro consegue disparar o arco seja em que condição for. Quer consiga ver num céu claro ou em face de um abismo e da morte, nada consegue perturbar-lhe a quietude de sua mente. Olha para ti. Encontras-te de tal modo assustado que nem de pé consegues manter-te ou mesmo olhar direito. Como poderás sequer começar a demonstrar a arte do tiro ao arco?”

Livros

Shítóu Xīqiān (Hsüan-chien, em japonês), quando jovem, foi um devoto estudante do *Buddhismo Ch’an*. Estudou muito os conceitos e as doutrinas, e tornou-se muito hábil em analisar os termos complexos, e se considerava um profundo conhecedor em filosofia

Ch'an. Tinha decorado o Sūtra do Diamante, e orgulhosamente escreveu um longo comentário sobre ele.

Certo dia, sabendo que em Hunan havia um grande sábio que dizia coisas que ele não concordava, Hsüan-chien resolveu viajar até lá para provar, através de seu conhecimento, que o pretense sábio estava errado. Ele pegou seu comentário Qinglong sobre o Sūtra do Diamante e partiu. No caminho, encontrou uma velha senhora que vendia bolinhos de arroz. Cansado e com fome, falou à senhora:

“Gostaria de comprar alguns bolinhos, por favor.”

“Que livros está carregando?”, perguntou a senhora.

“É o meu comentário sobre o sentido verdadeiro do Sūtra do Diamante,” disse orgulhoso, “mas você não sabe nada sobre esses assuntos profundos.”

Após um pequeno momento em silêncio, a velha lhe disse: “Vou lhe fazer uma pergunta, e se puder me responder eu lhe darei os bolinhos de graça. Se não, terá que ir embora, pois não vou lhe vender os bolinhos.”

Achando-se capaz de responder qualquer pergunta, quanto mais de uma pessoa sem os seus anos de conhecimentos nos termos filosóficos, disse: “Muito bem, pergunte.”

“Está escrito no Sūtra do Diamante que a Mente do passado é inatingível, a Mente do futuro é inatingível e a Mente do presente é inatingível; diga-me então: com qual Mente você vai se alimentar?”

Estupefato, Hsüan-chien não soube o que dizer. A velha levantou-se e comentou: “Sinto muito, mas acho que terá que se alimentar em outro lugar”, e partiu.

Quando chegou no seu destino encontrou Longtan, o mestre do templo. Tinha chegado tarde, e ainda abalado com o encontro anterior, sentou-se silenciosamente em frente ao mestre, esperando que ele iniciasse o debate. O mestre, após muito tempo, disse:

“É muito tarde, e você está cansado. É melhor ir para seu quarto dormir.”

“Muito bem,” disse o intelectual, levantou-se e começou a sair para a escuridão do corredor. O mestre veio de dentro do salão e comentou: “Está muito escuro, tome, leve esta vela acesa,” e lhe passou uma das velas acesas do altar.

Quando Hsüan-chien pegou a vela trazida pelo mestre, Longtan subitamente assoprou-a, apagando a luz e deixando ambos silenciosos em meio à escuridão. Neste momento Hsüan-chien atingiu o Satori. No dia seguinte, levou todos seus livros e comentários para o pátio e os queimou.

Nada Sagrado

Certa vez Bodhidharma foi levado à presença do Imperador Wu, um devoto benfeitor budhista, que ansiava receber a aprovação de sua generosidade pelo sábio. Ele perguntou ao mestre: “Nós construímos templos, copiamos os sūtras sagrados, ordenamos monges e monjas. Qual o mérito, reverenciado Senhor, da nossa conduta?”

“Nenhum mérito, em absoluto.”, disse o sábio.

O Imperador, chocado e ofendido, pensou que tal resposta com certeza estava subvertendo todo o dogma budhista, e tornou a perguntar:

“Então qual é o Sagrado Dharma, o Primeiro Princípio?”

“Um vasto Vazio, sem nada sagrado dentro dele”, afirmou Bodhidharma, para a surpresa do Imperador. Este ficou furioso, levantou-se e fez sua última pergunta:

“Quem és então, para ficares diante de mim como se fosse um sábio?”

“Eu não sei, Majestade.”, replicou o sábio, que assim tendo dito virou-se e foi embora.

Onde Está Sua Mente?

Finalmente, após muitos sofrimentos, Shang Kwang foi aceito por Bodhidharma como seu discípulo. O jovem então perguntou ao mestre:

“Eu não tenho paz de espírito. Gostaria de pedir, senhor, pacificasse minha mente.”

“Ponha sua mente aqui na minha frente e eu a pacificarei!” replicou Bodhidharma.

“Mas... é impossível que eu faça isso!” afirmou Shang Kwang.

“Então já pacifiquei a sua mente.”, conclui o sábio.

A Nora e a Sogra

Tempos atrás, uma moça chinesa se casou e foi viver com o marido e a sogra. Depois de alguns dias, passou a não se entender com a sogra. As personalidades delas eram muito diferentes e a jovem foi se irritando com os hábitos da mulher mais velha, que frequentemente a criticava.

Meses se passaram e as duas cada vez discutiam e brigavam mais. De acordo com a antiga tradição chinesa, a nora tinha que se curvar à sogra e obedecê-la em tudo.

Já não suportando mais a convivência, decidiu a jovem tomar uma atitude e foi visitar um velho sábio, entendido em ervas, que a ouviu e entregou-lhe um pacote de ervas, dizendo: “Você não poderá usá-las de uma só vez para se libertar de sua sogra, porque isso causaria suspeitas. Vou lhe dar várias ervas que irão lentamente envenenando-a. A cada dois dias, ponha um pouco destas ervas na comida dela. Agora, para ter certeza de que ninguém suspeitará de você quando ela morrer, tenha muito cuidado e aja com ela de forma amigável. Não discuta e trate-a o mais amorosamente possível, como se ela fosse a pessoa mais importante da vida para você. Siga minhas instruções e seu problema será resolvido.”

Muito contente, a moça voltou apressada para casa para começar o projeto de assassinar a sua sogra.

Semanas se passaram e a cada dois dias, servia a comida “especialmente tratada” à sua sogra. Ela sempre lembrava do que o velho sábio havia recomendado sobre evitar suspeitas e assim, controlou o seu temperamento, obedeceu à sogra e tratou-a como se fosse sua própria mãe.

Depois de seis meses, a casa inteira estava com outro astral. A nora mudou o temperamento e quase nunca se aborrecia. Nesses seis meses não tinha tido nenhuma discussão com a sogra, que agora parecia muito mais amável e mais fácil de lidar.

As atitudes da sogra também mudaram e elas passaram a se tratar como mãe e filha. Finalmente, a jovem foi novamente procurar o velho homem para pedir-lhe ajuda: “Senhor, por favor me ajude a evitar que o veneno mate minha sogra! Ela se transformou numa mulher agradável e eu a amo como se fosse minha mãe. Estou muito arrependida e não quero que ela morra por causa do veneno que eu lhe dei.”

O velho sábio sorriu e acenou com a cabeça: “Não precisa se preocupar. As ervas que eu dei eram basicamente vitaminas para melhorar a saúde dela. O veneno estava na sua mente e na sua atitude, mas foi jogado fora e substituído pelo amor que você passou a dar a ela.”

O Oasis

Duas pessoas estavam perdidas no deserto. Elas estavam morrendo de inanição e sede. Finalmente, eles avistaram um alto muro. Do outro lado eles podiam ouvir o som de quedas d’água e pássaros cantando. Acima eles podiam ver os galhos de uma árvore frutífera atravessando e pendendo sobre o muro. Seus frutos pareciam deliciosos.

Um dos homens subiu o muro e desapareceu no outro lado. O outro, em vez disso, saciou sua fome com as frutas que sobressaíam da árvore ali mesmo, e retornou ao deserto para ajudar outros perdidos a encontrar o caminho para o oásis.

A Natureza do Movimento

Certa vez, Huineng, o sexto e último patriarca do Budhismo Ch’an, encontrou dois monges que discutiam sobre uma flâmula que balançava ao vento.

“É o vento que está movendo a flâmula!” declarou o primeiro.

“Não, obviamente é a flâmula que se move!” contestou o segundo.

Huineng interrompeu a ambos: “Caros senhores, nem a flâmula nem o vento estão se movendo. É a mente que faz todo o movimento!”

Talvez

Há um conto Taoísta sobre um velho fazendeiro que trabalhou em seu campo por muitos anos. Um dia seu cavalo fugiu. Ao saber da notícia, seus vizinhos vieram visitá-lo.

“Que má sorte!” eles disseram solidariamente.

“Talvez.”, o fazendeiro calmamente replicou. Na manhã seguinte o cavalo retornou, trazendo com ele três outros cavalos selvagens.

“Que maravilhoso!”, os vizinhos exclamaram.

“Talvez.”, replicou o velho homem. No dia seguinte, seu filho tentou domar um dos cavalos, foi derrubado e quebrou a perna. Os vizinhos novamente vieram para oferecer sua simpatia pela má fortuna.

“Que pena.”, disseram.

“Talvez,” respondeu o fazendeiro. No próximo dia, oficiais militares vieram à vila para convocar todos os jovens ao serviço obrigatório no exército, que iria entrar em guerra. Vendo que o filho do velho homem estava com a perna quebrada, eles o dispensaram. Os vizinhos congratularam o fazendeiro pela forma com que as coisas tinham se virado a seu favor.

O velho olhou-os, e com um leve sorriso disse suavemente: “Talvez.”

Poderes Sobrenaturais

Certa manhã, o mestre Dahui Zonggao (Daie Sōkō, em japonês) ao levantar-se, chamou seu discípulo Gyozan e lhe disse: “Vamos fazer uma disputa para saber quem de nós dois possui mais poderes sobrenaturais?”

Gyozan retirou-se sem nada responder. Dali a pouco, voltou trazendo uma bacia com água e uma toalha. O mestre lavou o rosto e enxugou-se em silêncio. Depois, Daie e Gyozan sentaram em ante uma mesinha e ficaram conversando sobre assunto diversos, tomando chá.

Pouco depois, Kyogen, outro discípulo, aproximou-se e perguntou: “O que estão fazendo?”

“Estamos fazendo uma competição com nossos poderes sobrenaturais”, respondeu o mestre, “Queres participar?”

Kyogen retirou-se calado e logo depois retornou trazendo uma bandeja com doces e biscoitos. O mestre Daie então dirigiu-se aos seus dois discípulos, e exclamou: “Na verdade, vós superais em poderes sobrenaturais Sariputra, Mogallana e todos os discípulos de Buddha!”

Pó

Zhaozhou Congshen (Jōshū Jūshin, em japonês) certa vez varria o chão quando um monge lhe perguntou: “Sendo vós o sábio e santo mestre, dizei-me como se acumula tanto pó em seu quintal?”

Disse o mestre, apontando para o pátio: “Ele vem lá de fora.”

Ponte de Pedra

Havia uma famosa ponte de pedra no Monastério de Zhaozhou Congshen (Jōshū Jūshin, em japonês) que era uma atração do lugar. Certa vez um monge viajante afirmou: “Já ouvi falar sobre a famosa ponte de pedra, mas até agora não a vi. Vejo somente uma tábua.”

“Vedes uma tábua,” confirmou Jōshū, “e não vedes a ponte de madeira.”

“Então onde está a ponte de pedra?” perguntou o monge.

“Acabastes de cruzá-la”, disse prontamente Jōshū.

Aranha

Um conto Tibetano fala de um estudante de meditação que, enquanto meditava em seu quarto, pensava ver uma assustadora aranha descendo à sua frente. A cada dia a criatura ameaçadora retornava cada vez maior em tamanho.

Tão terrificado estava o estudante que finalmente foi ao seu professor para relatar o seu dilema: “Não posso continuar meditando com tal ameaça sobre mim,” disse ele tremendo de pavor. “Vou guardar uma faca em meu colo durante a meditação, de forma que quando a aranha aparecer eu possa matá-la!”

O professor advertiu-o contra esta ideia: “Não faça isso. Faça como eu lhe digo: leve um pedaço de carvão na sua meditação, e quando a aranha aparecer, marque um ‘X’ em sua barriga. Depois disso venha até mim.”

O estudante retornou à sua meditação. Quando a aranha novamente apareceu, ele lutou contra o impulso de atacá-la e em vez disso fez como o mestre sugeriu. Então correu para a sala de dele, gritando: “Eu a marquei na barriga! Fiz o que me pediu! O que faço agora?”

O professor olhou-o e falou: “Levante a túnica e olhe para sua própria barriga.” Ao fazer isso, o estudante viu o “X” que havia feito.

A Meditação

Certa vez, um comerciante muito rico, ouvira falar sobre meditação, um estranho hábito dos velhos sábios, homens iluminados. O comerciante curioso então foi em busca de homem desses, viajou pedindo informações na esperança de encontrar alguém que pudesse instruir-lhe. Por fim, após algum tempo, encontrou um velho sábio de barba longa e branca, de olha sereno.

O comerciante, aproximou-se do sábio e disse: “Ó velho homem, por muito tempo ouvi sobre a prática da meditação e tudo que ela pode trazer, no entanto, levo uma vida muito corrida e agitada. Por favor, diga-me, o que devo fazer?”

O sábio, com o seu olhar sereno apenas disse: “Pratique apenas 20 minutos por dia e será o suficiente. Se no entanto, ainda achar que não tens tempo o suficiente, pratique 40 minutos por dia.”

O Mudo e o Papagaio

Um jovem monge foi até o mestre Ji-shou e perguntou: “Como chamamos uma pessoa que entende uma verdade, mas não pode explicá-la em palavras?”

Disse o mestre: “Uma pessoa muda comendo mel”.

“E como chamamos uma pessoa que não entende a verdade, mas fala muito sobre ela?”

“Um papagaio imitando as palavras de uma outra pessoa”.

O Silêncio Completo

Quatro monges decidiram meditar em silêncio completo, sem falar por duas semanas. Na noite do primeiro dia a vela começou a falhar e então apagou.

O primeiro monge disse: “Oh, não! A vela apagou!”

O segundo comentou: “Não tínhamos que ficar em silêncio completo?”

O terceiro reclamou: “Por que vocês dois quebraram o silêncio?”

Finalmente o quarto afirmou, todo orgulhoso, “Aha! Eu sou o único que não falou!”

Impermanência

Um famoso mestre espiritual aproximou-se do portão principal do palácio do Rei. Nenhum dos guardas tentou pará-lo, constrangidos, enquanto ele entrou e dirigiu-se aonde o Rei em pessoa estava solenemente sentado, em seu trono.

“O que tu desejas?” – perguntou o Monarca, imediatamente reconhecendo o visitante.

“Eu gostaria de um lugar para dormir aqui nesta hospedaria.” – replicou o mestre.

Mas aqui não é uma hospedaria, bom homem.” – disse o Rei, divertido – “Este é o meu palácio.”

“Posso lhe perguntar a quem pertenceu este palácio antes do senhor?” – perguntou o mestre.

“Meu pai. Ele está morto.”

“E a quem pertenceu antes dele?”

“Meu avô.” – disse o Rei já bastante intrigado – “Mas ele também está morto.”

“Sendo este um lugar onde pessoas vivem por um curto espaço de tempo e então partem – tu me dizes ainda que tal lugar não é uma hospedaria?”

Uma Vida Inútil?

Um bondoso fazendeiro tornou-se velho demais para poder trabalhar nos campos. Assim ele passava seus dias apenas sentado na varanda, feliz em observar a natureza. Seu filho era uma pessoa insensível e ambiciosa que não gostava de dar duro. Mas, ainda trabalhando na fazenda, podia observar seu pai de vez em quando ao longe.

“Ele é inútil,” o filho falou para si mesmo, agastado, “ele não faz nada!”

Um dia o filho ficou tão frustrado por ver seu pai numa vida que ele considerava absurda, que construiu um caixão de madeira, arrastou-o até a varanda e disse insensivelmente para o seu pai entrar nele. Sem dizer uma palavra, o pai deitou-se no caixão. Após fechar a tampa, o filho arrastou o caixão até as fronteiras da fazenda onde existia um grande abismo. Quando ele se aproximou da beira, ouviu uma suave batida na tampa, de dentro do caixão. Ele abriu-o. Ainda deitado lá pacificamente, o pai olhou para seu filho e disse: “Sei que você vai lançar-me no abismo, mas antes de fazer isso posso lhe sugerir uma coisa?”

“O que é?” disse o filho, confuso e um pouco constrangido por ver seu pai tão calmo.

“Lance-me ao abismo, se quiser,” disse o pai, “mas salve este bom caixão de madeira. Seus filhos podem querer usá-lo um dia com você...”

Quando Com Fome, Quando Cansado...

Certa vez um estudante perguntou a Zhàozhōu Cōngshěn (Jōshū Jūshin, em japonês): “Mestre, o que o Satori?”

O mestre replicou: “Quando estiver com fome, coma. Quando estiver cansado, durma.”

Jōshū e o Fogo

Jōshū trabalhava na cozinha do templo. Certo dia, fechou todas as portas, atçou as brasas até conseguir um verdadeiro fogaréu e se pôs a gritar: “Socorro! Ajudem! Fogo! Fogo!”

Todos os monges se agruparam diante do porte e então Jōshū disse: “Só abrirei a porta quando alguém pronunciar uma palavra do Tao (Caminho).

Os monges ficaram em silêncio. Nánshēn, porém, com toda a naturalidade, entregou a Jōshū a chave da porta, através de uma janela aberta. E Jōshū, por sua vez, abriu a porta.

A Iluminação de Jōshū

Zhaozhou Congshen (Jōshū Jūshin, em japonês) – que era discípulo de Nanquan Puyuan (Nánshēn Fugan, em japonês) que, por sua vez, era discípulo de Mazu Daoyi (Baso Dōitsu, em japonês) – certo dia perguntou ao seu mestre: “O que é Tao (Caminho)?”

Nánshēn respondeu: “A mente comum é o Tao.”

“Concordo, mas como posso compreender isso inteiramente, através de todas as células do meu corpo? Como eu deveria procurá-lo? – Insistiu Jōshū.

“Se você o procurar, só caminhará na direção errada.” – Nán sēn respondeu.

“Mas se eu não o procurar, como saberei o que é o Tao?” – perguntou Jōshū.

Então Nán sēn replicou: “O Tao não é o não saber, tampouco o saber. Conhecimento é uma ilusão, não conhecimento é indiferença. Quando você realmente encontrar o Tao que é incontestável, você o compreenderá vasto e ilimitado como é espaço. Como falar em termos de certo ou errado?”

Ante essas palavras, Jōshū imediatamente iluminou-se e sua mente ficou tão clara quanto a lua.

Caminho até Nán sēn

Num dia em que Nán sēn trabalhava no campo, fora do monastério, um monge aproximou-se para perguntar: “Qual é o caminho até Nán sēn?”

Erguendo a foice, Nán sēn respondeu: “Paguei muito barato por esta ferramenta.”

“Não me interessa o preço de sua foice.” – disse o monge – “Quero saber qual é o caminho até Nán sēn.”

“Esta foice me foi muito útil.” – replicou Nán sēn.

Baso e a Meditação

Quando jovem, Mazu Daoyi (Baso Dōitsu, em japonês) praticava incessantemente a Meditação. Certa ocasião, seu mestre Nányuè Huáiràng (Nangaku, em japonês) aproximou-se dele e perguntou-lhe: “Por que praticas tanta Meditação?”

“Para me tornar um Buddha.”

O mestre tomou de uma telha e começou a esfregá-la com uma pedra. Com toda aquela barulheira, um tanto intrigado, Baso perguntou: “O que fazes com essa telha?”

“Pretendo transformá-la num espelho.”

“Mas por mais que a esfregueis, ela jamais se transformará num espelho!” será sempre uma pedra.

“O mesmo posso dizer de ti. Por mais que pratiques Meditação, não te tornarás Buddha.”

“Então o que fazer?”

“É como fazer um boi andar.”

“Não entendo.”

“Quando queres fazer um carro de bois andar, bates no boi ou no carro?”

Baso não soube o que responder e então o mestre continuou: “Buscar o Estado de Buddha fazendo apenas Meditação é matar o Buddha. Dessa maneira, não acharás o caminho certo.”

Tigelas

Certa vez um estudante perguntou ao mestre Jōshū: “mestre, por favor, o que é o Iluminação?”

Jōshū respondeu-lhe: “Terminaste a refeição?”

“É claro, mestre, terminei.”

“Então, vai lavar tuas tigelas!”

Abandone o Abandonar

Certa vez um monge disse ao mestre Jōshū: “Eu não tenho mais nada. Tudo abandonei. E agora?”

“Abandone o abandonar.” – respondeu Jōshū.

Fuja de Buddha

Certa vez um monge foi se despedir do mestre Jōshū. O mestre perguntou: “Para onde você vai?”

“Estou indo visitar vários locais para aprender o Dharma de Buddha.” – respondeu o monge.

Jōshū pegou um instrumento litúrgico chamado hōssu (um bastão com crina de cavalo na ponta, que simboliza os fios brancos de cabelo entre as sobrancelhas de Buddha) e disse: “Não fique onde Buddha existe. Corra rapidamente de onde Buddha não existir.”

A Essência do Buddhismo

Na China, havia um monge ch’an, chamado mestre Dori, que, por meditar empoleirado num pinheiro pára-sol, fora alcunhado de mestre Ninho de Passarinho.

Certa vez, Sakuraten – um poeta muito célebre – foi visitá-lo e, ao vê-lo em meditação, disse-lhe: “Tomai cuidado, que isso é perigoso; podereis, um dia, cair do pinheiro!”

“De maneira nenhuma,” – respondeu mestre Dori – “tu é que correis perigo de um dia cair.”

Sakuraten refletiu: “Com efeito, vivo dominado por paixão, é como brincar com o raio.”

E perguntou ao mestre ch’an: “Qual é a verdadeira essência do Buddhismo?”

Mestre Dori respondeu: “Não façais nada violento, praticai somente o aquilo que é justo e equilibrado.”

“Mas até uma criança de três anos sabe disso!” – exclamou o poeta.

“Sim, mas é uma coisa difícil de ser praticada até mesmo por um velho de oitenta anos...” – completou o mestre.

Sementes

Certa vez perguntaram ao mestre Dòngshān Liángjiè (Tōzan Ryōkai, em japonês): “O que é Buddha?”

O mestre respondeu: “Rês punhados de sementes de gergelim.”

Bonecas

Eis aqui a história do monge ch’an Hotan:

Hotan ouvia as preleções de um mestre. Na estreia das palestras, a assistência foi numerosa, mas, a pouco e pouco, nos dias seguinte, a sala se esvaziou; até que, um dia, Hotan ficou só na sala com o mestre. E este lhe disse: “Não posso fazer uma conferência só para ti; de mais a mais, estou cansado.”

Hotan prometeu voltar no outro dia com muita gente. Nesse dia, porém, voltou só. Não obstante, disse ao mestre: “Podeis fazer a conferência hoje, porque eu trouxe numerosa companhia!”

Hotan trouxeram bonequinhas, que espalhara pela sala. Disse-lhe o mestre: “Mas são apenas bonecas!”

“Com efeito,” respondeu-lhe Hotan. “mas todas as pessoas que aqui vieram não são mais do que bonecas, pois não compreendem nada dos teus ensinamentos. Só eu lhes compreendi a profundidade e a verdade. Mesmo que muita gente tivesse vindo, serviria tão somente de enchimento, decoração, vazio sem fundo.”

Jōshū e o Tao

Certa vez, um homem encontrou Jōshū, que estava atarefado em limpar o pátio do mosteiro. Feliz com a oportunidade de falar com um grande mestre, o homem, imaginando conseguir de Jōshū respostas para a questão metafísica que lhe estava atormentando, lhe perguntou: “Oh, mestre! Diga-me: onde está o Tao (Caminho)?”

Jōshū, sem parar de varrer, respondeu solícito: “O caminho passa ali fora, depois da cerca.”

“Mas,” replicou o homem meio confuso, “eu não me refiro a esse caminho.”

Parando seu trabalho, o mestre olhou-o e disse: “Então de que caminho se trata?”

O outro disse, em tom místico: “Falo, mestre, do Grande Caminho (Tao)!”

“Ahhh, esse!” – sorriu Jōshū – “O grande caminho segue por ali até a Capital.”

E continuou a varrer.

Seguir Após a Morte

Nánsēn Fugan, que foi ordenado monge aos 10 anos, acabou se tornando um grande mestre ch’an. Quando tinha 48 anos, construí um pequeno templo no topo da Montanha Nánsēn, de onde nunca mais saiu.

Pouco antes de morrer, o líder dos monges residentes perguntou ao mestre: “Para onde o senhor irá depois de morrer?”

O mestre respondeu: “Vou descer a montanha e me tornar um búfalo nas águas.”

E o monge perguntou: “Será possível, para mim, segui-lo até lá?”

“Se quiser me seguir, você precisará vir com um pedaço de palha na boca.”

A Verdade Suprema

Certa ocasião, Jōshū perguntou ao mestre Nánsēn: “O que é a verdade?”

Mestre Nánsēn respondeu: “A mente equilibrada e constante é a verdade.”

Jōshū perguntou então: “Podemos obtê-la intencionalmente?”

“Se você tiver tal intenção, a verdade o recusará.” – foi a resposta de Nánsēn.

“Se não houver a intenção de alcançar a verdade, como poderemos reconhecer a verdade?” – questionou Jōshū.

Nánsēn respondeu: “A verdade não pertence ao não reconhecimento ou não reconhecimento. Reconhecer é uma espécie de ilusão. Não reconhecer não é nem bom nem ruim.”

“Se realmente realizarmos a verdade da não intenção,” – continuou Nánsēn – “a situação será como o espaço – que é claro, sereno e imenso. Sendo assim, como nos atreveríamos a discutir se é certo ou errado?”

A Essência Indestrutível

Certa vez um monge perguntou a Jōshū: “Mestre, antes que o mundo existisse, a essência do mundo existia. Após o mundo ser destruído, a essência do mundo não será destruída. O que é essa essência indestrutível?”

Jōshū disse: “Os quatro elementos e os cinco agregados.”

“Isso é o que é destruído. Qual a essência que não é destruída?” – replicou o monge.

“Os quatro elementos e os cinco agregados.” – disse novamente Jōshū.

Comentário: “Mestre Jōshū responde com a descrição do mundo material, ou seja, a essência não é diferente do mundo físico. Não podemos dividir o mundo em duas partes: existência eterna e matéria física, porque na realidade elas são inseparáveis. O buddhismo ensina que podemos encontrar a essência no mundo objetivo e que é ela que nos permite dar valor ao mundo objetivo. Por isso Jōshū foi firme e incisivo. A essência são os quatro elementos e os cinco agregados. Não podemos separar a criatura do criador – seria a expressão usada por outras tradições espirituais. Os quatro elementos básicos são: água, terra, fogo e ar. Os cinco agregados são: corpo físico, sensações, percepções, conexões neurais e consciência.” (Fonte: 108 Contos e Parábolas Orientais por Monja Coen)

Pegar de Volta

O monge Genyo Zenshin perguntou certa vez ao mestre Jōshū: “O que devemos fazer quando não temos mais nada?”

“Jogue tudo fora.” – foi a resposta de Jōshū.

O monge disse: “Eu não tenho nada, como posso jogar fora?”

“Então pegue tudo.” – replicou Jōshū.

Apenas uma Estátua

Certa vez Tan-hsia, monge ch’an da dinastia Tang, fez uma parada em Yerinji, na Capital, cansado e com muito frio. Como era impossível conseguir abrigo e fogo, e como era evidente que não sobreviveria à noite, retirou em um antigo templo uma das imagens de madeira entronizadas de Buddha, rachou-a e preparou com ela uma fogueira, e assim aqueceu-se.

O monge guardião de um templo mais novo próximo, ao chegar ao local de manhã e ver o que tinha acontecido, ficou estarrecido e exclamou: “Como ousais queimar a sagrada imagem de Buddha?”

Tan-hsia olhou-o e depois começou a mexer nas cinzas, como se procurasse por algo, dizendo: “Estou recolhendo as Śārīras^[1] de Buddha...”

“Mas,” disse o guardião confuso “este é um pedaço de madeira! Como podes encontrar Śārīras em um objeto de madeira?”

“Nesse caso,” retorquiu o outro “sendo apenas uma estátua de madeira, posso queimar as duas outras imagens restantes?”

^[1] Śārīras são depósitos minerais – como pequenas pedras - que sobram de alguns corpos cremados, e que segundo a tradição foram encontrados após a cremação do corpo de Gautama Buddha, assim como nos corpos cremados de todos os mestres que atingiram a iluminação.

Desapego

Certa vez, um imperador chinês recebeu de presente de um país vizinho um cavalo que podia viajar milhares de quilômetros por dia.

Com tristeza, ele pensou: “Mesmo que eu viaje milhares de quilômetros neste excelente cavalo, de nada adiantará se meus seguidores não me acompanharem.”

Conversou com seu ministro, que concordou. Assim, o imperador e devolveu o cavalo carregado de ouro e seda.

Não devemos guardas o que não necessitamos ou não nos é útil. Para que guardar tais coisas inúteis?

O Monge Carrancudo

Uma velha senhora certa vez construiu uma cabana para um monge e o alimentou por vinte anos, como forma de adquirir méritos. Certo dia, no intuito de testar a sabedoria adquirida pelo monge, a velha senhora pediu a uma jovem moça que levava ao monge o alimento todos os dias – já que a velha senhora não podia mais fazer o caminho com frequência – o abraçasse.

Ao chegar à cabana, a menina encontrou o monge em meditação. Ela abraçou-o e perguntou-lhe se gostava dela. O monge, frio e indiferente, disse de forma dura: “É como se uma árvore seca estivesse abraçada a uma fria rocha. Está tão frio como o mais rigoroso inverno, não sinto nenhum calor.”

A jovem retornou, e disse o que o monge fez. A velha, irritadíssima, foi até lá, expulsou o monge e queimou a cabana. Enquanto ele se afastava, ela gritou: “E eu, que passei vinte anos sustentando um idiota!”

Baso e o Nariz

Certo dia Mazu Daoyi (Baso Dōitsu, em japonês) passeava em companhia de seu jovem discípulo Hyakujō. A certa altura do passeio, viram uma revoada de patos selvagens. Baso perguntou então a Hyakujō: “Que é aquilo, Hyakujō?”

“São patos selvagens, mestre” - disse o jovem.

“E para onde vão?”

“Vão-se embora, voando...” - replicou Hyakujō, fitando o céu, pensativo.

Então Baso agarrou o nariz de seu discípulo com toda a força, dando um forte puxão e Hyakujō gritou: “Aaaai!”

Baso exclamou: “Não foram embora coisa nenhuma!”

Ao ouvir isso, Hyakujō obteve o Satori.

O Buddha Está em Casa

Um dia, um jovem chamado Yang Fu deixou sua família e lar para ir a Sze-Chuan visitar o Bodhisattva Wu-Ji. Ele sonhou que junto àquele mestre poderia encontrar um grande tesouro de sabedoria. Quando já se encontrava às portas da cidade, após uma longa viagem cheia de aventuras, encontrou um velho senhor. Este lhe perguntou:

“Onde vais, jovem?”

“Vou estudar com Wu-Ji, o Bodhisattva.”, respondeu o rapaz.

“Em vez de buscar um Bodhisattva, é mais maravilhoso encontrar Buddha.”

Excitado com a perspectiva de encontrar o grande mestre, disse Yang Fu: “Oh! Sabes onde encontrá-lo?”

“Voltes para casa agora mesmo. Quando lá chegares, encontrarás uma pessoa usando uma manta e chinelos trocados, que lhe cumprimentará. Essa pessoa é o Buddha.”

O rapaz pensou, aterrado: “Como posso retornar agora, quando estou às portas do meu objetivo? Eu teria que confiar muito no que este simples velho me diz”. Então Yang

Fu teve uma forte intuição de que aquele simples homem à sua frente era alguém de grande sabedoria. Num impulso, voltou-se para a estrada, sem jamais ter encontrado Wu-Ji.

Ele retornou o mais rápido que pode, ansioso pela vontade de encontrar Buddha. Chegou em casa tarde da noite, e sua amorosa mãe, em meio à alegria e pressa de abraçar o filho que retornava ao lar, cobriu-se de uma manta usada e calçou seus chinelos trocados. Olhando para sua mãe desse modo, que vinha sorrindo e pronta a abraçá-lo, Yang Fu atingiu o Satori. Este era o maior tesouro.

A Chinesa e os Vasos

Uma velha senhora chinesa possuía dois grandes vasos, cada um suspenso na extremidade de uma vara que ela carregava nas costas.

Um dos vasos era rachado e o outro era perfeito. Este último estava sempre cheio de água ao fim da longa caminhada da torrente até a casa, enquanto aquele rachado chegava meio vazio. Por longo tempo a coisa foi em frente assim, com a senhora que chegava em casa com somente um vaso e meio de água.

Naturalmente o vaso perfeito era muito orgulhoso do próprio resultado e o pobre vaso rachado tinha vergonha do seu defeito, de conseguir fazer só a metade daquilo que deveria fazer.

Depois de dois anos, refletindo sobre a própria amarga derrota, o vaso rachado falou com a senhora durante o caminho: "Tenho vergonha de mim mesmo, porque esta rachadura que eu tenho me faz perder metade da água durante o caminho até a sua casa."

A velhinha sorriu e disse: "Você reparou que lindas flores existem somente do teu lado do caminho? Eu sempre soube do teu defeito e, portanto, plantei sementes de flores na beira da estrada do teu lado e todo dia, enquanto a gente voltava, tu as regavas."

Por dois anos pude recolher aquelas belíssimas flores para enfeitar a mesa. Se tu não fosses como és, não teríamos essas belas flores para contemplar pelo caminho."

A Lenda do Carpa e do Dragão

Conta a lenda que certa vez uma carpa que viu o topo de uma montanha e decidiu alcançá-lo. Nadou rio acima, escalando correntezas e cachoeiras e não as deixando atrapalharem seu caminho. Quando alcançou o topo, lá havia a mística “porta do dragão” pela qual saltou se transformou no Grande Dragão Celestial!

Acredita-se que diversas cachoeiras e cataratas na China poderiam ser a localização da porta do dragão. A Carpa Oriental simboliza prosperidade e alegria uma vez que, de acordo com a mitologia, a carpa é um animal que precisava atravessar todo o Oriente para conseguir pôr os seus ovos. Eram corredeiras, pedras e cascatas que precisavam ser superadas pelo peixe e ao final, se ela sobrevivesse, se transformaria em um belo e poderoso dragão.

O Ensino de Prasanendrya

Certo dia, o Bodhisattva Mañjuśrī disse a Buddha: “Havia dois monges que viveram há muito, mas muito tempo atrás. Um se chamava Prasanendrya e o outro, Agrammati.”

“Prasanendrya, de aspecto simples e sincero, concentrava-se sempre na prática da meditação. Não havia renunciado às coisas do mundo e tampouco era apegado a elas. Não fazia distinção entre o bem e o mal. Seus discípulos eram inteligentes e o amavam, tanto quanto a seus ensinamentos. Prasanendrya não lhes dizia para se despojarem dos desejos, nem lhes ordenava que seguissem rigidamente os preceitos. Apenas lhes instruía na meditação e dizia: ‘Todos os fenômenos que existem são caracterizados pelo amor, ódio e a estupidez. Mas, no fim das contas, o amor, o ódio e a estupidez não são obstáculos. Continuem com a meditação!’”

“Seus ensinamentos eram tão generosos que muitos discípulos o seguiam. Discípulos que, graças a meditação, voltavam à sua condição natural. Diante dos fenômenos, permaneciam calmos e pacientes, simples e amáveis.”

“A essência da verdadeira Lei é permanecer imóvel como uma montanha.”

“O outro mestre se chamava Agrammati. Seus ensinamentos baseavam-se no radicalismo e nos preceitos. Ele praticava a meditação, mas via-a como um meio para chegar a uma meta que, segundo seu ponto de vista, compunham-se de várias etapas. Seus discípulos eram uns tantos estreitos de espírito, sempre muito preocupados em distinguir a prática pura da prática impura. Viviam em profunda agitação mental e se perguntavam com frequência: ‘Estarei praticando o verdadeiro Ch’an (Zen)?’”

“Muitas vezes, Agrammati dirigia-se ao povoado onde estavam os discípulos de Prasanendrya e, sentado numa grande cadeira, repreendia-os: ‘Vocês devem se concentrar nos preceitos! Devem permanecer solitários, controlar os desejos e o apego, como bons monges... Só então poderão praticar a verdadeira meditação!’”

“E sempre concluía: ‘O mestre Prasanendrya equivocou-se quando ensinou a vocês que o amor, o ódio e a estupidez não são obstáculos!’”

“Diante dessas críticas, os discípulos de Prasanendrya, que eram muito sábios, não se aborreciam. E certa vez simplesmente perguntaram a Agrammati: ‘O senhor disse que os sentimentos humanos são obstáculos para a prática da meditação, e que é preciso para anular e combater os desejos. Então, quais são as características do amor?’”

“‘A características do amor é a paixão.’ – respondeu Agrammati.”

“‘E essa paixão... vem do interior ou do exterior?’ – questionaram os discípulos de Prasanendrya.”

“‘Nem de um, nem de outro! Se viesse do interior, não dependeriam do encontro com outra pessoa. E se viesse do exterior, nosso ego não seria afetado. Portanto, essa paixão não nos faria sofrer.’ – respondeu Agrammati”

“‘O senhor é muito inteligente. Mas se o amor por mais que se cogite sobre ele... Se o amor não se encontra nem dentro nem fora, nem ao sul nem ao norte, nem acima nem abaixo... Ninguém poderá dizer de onde vem e para onde vai. O amor não nasce nem morre é vazio. Assim sendo, como eliminá-lo? E como ele poderia nos incomodar? Como poderia ser um obstáculo?’ – contra argumentaram os discípulos de Prasanendrya.”

“Diante desse argumento, Agrammati reagiu, furioso. Afastando-se declarou: ‘Seu mestre levou muitos discípulos ao erro! Agora aí estão vocês, ensinando bobagens!’”

“Agrammati não conseguiu compreender. Quando ouvia as palavras de Buddha, sentia-se feliz. Mas quando ouvia palavras comuns, sentia-se incomodado. Quando ouvia

más notícias, ficava muito desolado. Quando as notícias eram boas, ficava muito contente. Detestava ouvir falar de coisas desagradáveis, tais como a dor, o sofrimento, os bonno... Mas gostaria de ouvir falar sobre a iluminação, sobre o Nirvāna. Quando voltou ao templo, disse a seus discípulos: ‘Há algo que vocês precisam saber: Prasanendrya é um impostor. Ele afirma que o amor, o ódio e a estupidez, tal como todos os fenômenos que existem, não são obstáculos.’”

“Quando Prasanendrya compreendeu o estado de espírito de Agrammati, disse: ‘Esse mestre é tão violento, tão melindroso e áspero que certamente acabará caindo no inferno. É preciso ensinar-lhe o verdadeiro Dharma. Ainda que ele não compreenda hoje, acabará por entender mais tarde. E reunindo seus discípulos, recitou um poema:

O amor é o Caminho.

O ódio e a estupidez também são.

Essas três coisas incluem inumeráveis iluminações.

Qualquer pessoa que dizer distinção entre

O amor, o ódio, a estupidez,

O apego, a ignorância e o Caminho,

Se afastará de Buddha,

Como o céu da terra.

O Caminho e todas os fenômenos

São uma única e mesma coisa.

O homem que escuta suas dúvidas e temores

Afasta-se totalmente do estado de Buddha.

O amor não nasce nem morre...

Portanto, como poderia atraparilhar a meditação?

Mas se o homem der ouvidos ao seu ego,

O amor o levará até um mau destino.

Se um homem fizer distinção entre shiki e ku,

Não se libertará de ambos.

Se ele compreender que são inseparáveis,

Em sua identidade fundamental,

Terá conseguido a vitória,

Terá obtido a iluminação.’”

O Mistério do Ch'an

Certa vez, Huang Shan-ku perguntou ao mestre Hui-Tang:

“Por favor, mestre, diga-me qual é o significado oculto do Buddhismo?”

O mestre replicou: “Kung-Tzu (Confúcio) disse: ‘Pensais que estou escondendo coisas, ó meus discípulos? Na verdade, não escondo nada de vocês’. O Ch'an (Zen) também não tem nada de oculto. A Verdade já está revelada.”

“Não enten...!” – ia dizendo o homem.

Mas o mestre fez um gesto de silêncio e disse: “Não diga nada!”

Huang Shan-ku ficou confuso. O mestre então ergueu-se e convidou-o a segui-lo até o sopé de uma montanha. Eles caminharam em silêncio. Lá chegando, o mestre perguntou: “Sentes o suave aroma dos ciprestes?”

“Sim.” – disse o outro.

“Como vêes, também eu não escondo nada de ti.”

Sem Motivo

Certo dia, três amigos passeavam e viram um homem no cume de um pequeno monte, sentado. Curiosos sobre o que estaria o homem fazendo, foram até ele, usando a trilha na encosta.

Chegando lá, o primeiro disse: “Olá, está esperando um amigo?”

“Não...” – respondeu o homem.

O segundo homem replicou: “Então está respirando o ar puro!”

“Não...” – disse o estranho.

O terceiro amigo disse: “Já sei! Você estava passando e resolveu observar essa bela paisagem!”

“Não, na verdade...” – repetiu o homem. Os três amigos então questionaram-no ao mesmo tempo, estupefatos: “Mas então, o que faz aqui!”

O homem disse com um suave sorriso: “Apenas estou aqui...”

O Dharma Eterno

Um dia um discípulo perguntou ao seu mestre: “mestre, todas as coisas existentes têm de extinguir-se, mas há uma Verdade Eterna?”

“Sim.” – disse o mestre. E apontou para o jardim:

“Ela é como as flores do campo, que de tão belas parecem brocados de pura seda; como um riacho aparentemente imóvel, mas que de fato está fluindo suavemente para o oceano.”

O Verão Zen

Ao terminar o Verão, Yang-shan fez uma visita a Kuei-shan, que lhe perguntou: “Não o vi por aqui todo o Verão, o que fizeste?”

Yang-shan replicou: “Estive cultivando um pedaço de terra e terminei de plantar umas sementes.”

“Então,” – comentou Kuei-shan – “não desperdiçaste o teu Verão.”

Por sua vez, Yang-shan disse: “E vós, como passastes o Verão?”

“Uma refeição por dia e um bom sono à noite.” – argumentou o outro.

“Então,” – foi a vez de Yang-shan comentar – “não desperdiçaste o teu Verão.”

Vem!...vem!...

Mestre Tokusan estava sentado a meditar à beira do rio. Avizinhando-se da margem, um discípulo gritou-lhe: “Bom dia, mestre! Como estás?”

Tokusan interrompeu sua meditação e, com o leque, fez sinal ao discípulo: “Vem!... vem!...”

Levantou-se, deu meia-volta e pôs-se a ladear o rio, seguindo o curso da água... O discípulo, nesse instante, experimentou o Satori.

Como Capturar o Vazio

Shin-kung perguntou a um dos seus mais inteligentes monges:

“Podes capturar o Vazio?”

“Sim, senhor.” – replicou ele.

“Mostrai-me como fazes.” – pediu o mestre.

O monge abriu os braços e açambarcou o espaço vazio. Shin-kung disse: “É essa a maneira? Apesar de tudo, não capturou coisa alguma.”

“Então,” – replicou o monge um tanto ofendido – “qual é o método que usas?”

O mestre segurou o nariz do aluno e deu um forte puxão. O rapaz gritou: “Aaah! Estás puxando com muita força! Está me machucando!”

O mestre replicou: “Perfeito! Essa é a maneira de realmente capturar o Vazio!”

A Pedrinha no Bambu

Hsiang-yen foi discípulo de Pai-chang. Era uma pessoa muito inteligente, e sempre confiou na presunção de que se estudasse e absorvesse todo o conhecimento dos termos e textos budhistas, seria um entendedor do Ch’an (Zen). Após a morte de seu mestre, ele dirigiu-se a Kueishan – que era o mais antigo discípulo de Pai-chang - para que este lhe orientasse. Mas Kueishan comentou:

“Soube que estiveste sob a orientação de meu antigo mestre e falaram-me de tua notável inteligência. Tentar compreender o buddhismo através deste meio leva geralmente a uma compreensão analítica, que em si nada tem de útil, mas que pode indiretamente levar o praticante a uma intuição do sentido Ch’an (Zen). Por isso, eu lhe pergunto: como tu eras antes de teus pais terem lhe concebido?”

Hsiang-yen ficou pasmo, sem saber o que dizer. Pediu licença e foi para seu quarto, e procurou em todos os textos e conceitos uma resposta para a estranha questão. Não foi capaz, e voltou ao outro monge. Pediu-lhe para ensinar sobre o sentido do que quis dizer, e Kuei-shan perguntou: “Sinto muito, mas nada tenho a lhe dar. Tu sabes mais

do que eu, e se nós debatêssemos com certeza eu ficaria em dificuldades. Tudo o que eu lhe pudesse dizer pertence às minhas descobertas pessoais e jamais poderia ser teu.”

Hsiang-yen ficou desapontado e achou que o monge mais velho lhe estava escondendo algo deliberadamente. Resolveu partir do templo, e buscar o conhecimento através dos livros e conceitos, pois achava que na verdade o seu conhecimento não era suficiente, e por isso o outro não quis lhe responder. Foi morar em um eremitério e passou a estudar com afinco.

Após vários anos, achando-se suficientemente conhecedor dos conceitos budistas, voltou a Kuei-shan. Este, quando ouviu suas douras explicações e sua solicitação por orientação, apenas sorriu e nada disse. Virou-se e foi embora.

Hsiang-yen ficou irritadíssimo. Naquele momento tomou uma decisão, destruiu todos os seus textos e resolveu desistir dos estudos, ainda que já fosse um grande intelectual. Ele pensou: “Qual a utilidade de estudar o Budismo, se este é tão sutil e se é tão difícil receber instruções de outrem? Serei agora um simples monge praticante, e desisto de entender qualquer coisa!”

Abandonou o templo e suas cercanias, construiu uma cabana próxima à sepultura de Chu, o mestre nacional de Nan-yang, e passou a viver uma vida simples longe dos estudos e questões.

Certo dia, estava varrendo o chão de sua casa quando a vassoura tocou numa pedrinha, que rolou e bateu em um bambu. Em meio ao silêncio, o som ecoou suavemente. Ao ouvir este som, Hsiang-yen experimentou o Satori, e finalmente compreendeu o que tinha lhe dito Kueishan. Ele então ajoelhou-se e silenciosamente fez uma reverência de agradecimento ao sábio monge.

Compreendes o Budismo?

Um monge perguntou a Huineng (o Sexto Patriarca Ch’an): “Quem herdou o espírito do Quinto Patriarca?”

Huineng respondeu: “Aquele que compreende o Budismo.”

“Terias então tu herdado este espírito?” – quis saber o monge.

“Não.” – replicou o mestre – “Eu não o herdei.”

“Por que não?” – pergunto o monge, naturalmente pasmo.

“Porque não compreendo o Buddhismo.” – afirmou Huìnéng.

Além do Vazio

Certa vez um monge perguntou a Li-chan: “Se todas as coisas se reduzem em última análise ao Vazio, este a que se reduzirá?”

Respondeu o mestre: “Minha língua é curta demais para lhe explicar.”

“E por que tua língua é tão curta?” – perguntou o monge, intrigado.

“No interior e no exterior ela é da mesma natureza vazia.” – disse o mestre.

O Que Estas Fazendo?

Shih-t’ou, certa vez, perguntou ao seu discípulo Yueh-shan: “O que estas fazendo aqui?”

“Nada estou fazendo” – respondeu o discípulo.

“Então estais gastando seu tempo!” – disse o mestre, testando-o.

“Não será também gastar o tempo, quando fazemos alguma coisa?” – replicou o monge.

“Dizeis que nada estais fazendo, mas quem é este indivíduo que nada faz?”

Respondeu Yueh-shan: “Nem mesmo o mais sábio pode saber.”

A Gargalhada Ch’an

Uma bela noite, o mestre Yàoshān foi passear pelas montanhas. Era uma linda noite de verão, e quando o sábio estava na beira de uma escarpa, as nuvens descobriram a lua e a névoa dissipou-se subitamente. Yàoshān pôde então ver o vale iluminado pela lua, numa visão de sonho...

Olhando tanta beleza, Yàoshān repentinamente começou a dar gostosas gargalhadas. Seu riso foi tão alto que os ecos reverberaram por quilômetros de distância.

No dia seguinte, os habitantes da pequena aldeia próxima das montanhas comentavam entre si: “Ontem à noite ouvi risos! Misteriosos risos, e não sei de onde vinham.”, disse um aldeão.

“Sim, eu também ouvi! Isso é realmente misterioso!” – replicou outro.

Dois monges do templo ouviram os comentários e um deles simplesmente disse:

“Não há mistérios no Ch’an (Zen). O som que ouvistes foram de Yàoshān, rindo nas colinas. O Som da alegria zen é como a vida: não encontra fronteiras, e é ouvida por todos.”

Homem ou Mulher, Não Faz Diferença

Uma monja vivia preocupada e mortificada porque, segundo tinha lido num texto, o fato de ser uma mulher obstaculizava seu caminho espiritual; que toda mulher deveria ansiar por renascer como homem, para que assim pudesse desenvolver-se no Tao (Caminho).

Como ela tinha lido tal coisa em um Sūtra, ela imaginou que isso seria algo real e sério, mas não entendia como poderia ser assim. Um dia, buscou o mestre Long-tan e perguntou-lhe: “mestre, li em um Sūtra que ser uma mulher é algo ruim, e que devo me aperfeiçoar para que, um dia, possa renascer como um homem e assim poder atingir a sabedoria. Mas como posso fazer isso? O que devo fazer para renascer como um homem?”

O mestre simplesmente perguntou-lhe: “Há quanto tempo és uma monja?”

“Mas...” – replicou a monja – “eu não perguntei sobre isso. Perguntei como posso um dia renascer como homem!”

“O que tu és agora?” – perguntou o mestre.

“Uma mulher, ora!” – respondeu a monja, surpresa – “Quem não sabe disso?”

“E quem realmente conhece tua verdadeira natureza para, a partir do fato de seres uma mulher, sentenciar tolamente que tua condição feminina lhe impede de compreender o Dharma?” – disse Long-tan.

Neste momento a monja obteve o Satori.

Chuva

Num dia chuvoso, quando estava sentado com um discípulo no salão do templo e ouvindo as gotas d'água batendo suavemente no telhado e no pátio, o mestre Jing-qing perguntou ao outro monge: “Que som é aquele lá fora?”

“É a chuva.” – respondeu o monge.

O mestre disse: “Ao buscar fora de si mesmos alguma coisa, todos os seres se confundem com os significados.”

“Então,” – replicou o discípulo – “como deveria eu me sentir em relação ao que percebo, mestre?”

O sábio apenas disse: “Eu sou o barulho da chuva.”

O Melão

Certa vez um mestre estava a se deliciar com um melão, ao ver seu discípulo e lhe oferece o melão.

“E então, o que me diz? Que te parece o melão?” – pergunta o mestre – “Tem bom gosto?”

“Sim, sim! Muito bom gosto!” – disse o discípulo.

O mestre faz então outra pergunta: “O que é que tem bom gosto, o melão ou a sua língua?”

O discípulo refletiu e respondeu: “O sabor do melão, puramente falando, não existe. Na verdade, o sabor provém da interdependência entre a língua e o melão, que então depende da interpretação do ...”

O mestre então olhou indignado para o discípulo e disse: “Não sejas idiota! O melão está simplesmente maravilhoso!”

Onde Começa o Caminho?

Um dia, um discípulo foi ao mestre Kian-fang e perguntou-lhe: “Todas as direções levam ao caminho de Buddha, mas apenas uma conduz ao Nirvāna. Por favor, mestre, diga-me onde começa este Caminho?”

O velho mestre fez um risco no chão com seu bastão e disse: “Aqui.”

Não Tenho Nada

Um jovem monge aproximou-se de Jōshū muito orgulhoso e eufórico, e disse: “Me desfiz de tudo o que tinha! Minhas mãos estão vazias e vim a tu com o coração sereno!”

“Então resta apenas desfazer-te disso, e chegarás ao Zen.” – afirmou o mestre.

“Mas,” – replicou o monge – “não tenho mais nada. Do que mais posso me desfazer?”

“Tudo bem,” – comentou o sábio – “se tu queres manter o Nada que ainda carregas, fique com ele...”

Meu Trabalho Está Aqui, O Sol Está Lá

Um velho monge estava secando vegetais sob o inclemente sol do meio-dia. Um homem aproximou-se solícito e disse: “Quantos anos tens?”

“Sessenta e Oito.” – disse o ancião.

“Por que trabalhas tanto aqui no templo?”

“Porque aqui no tempo tem tanto trabalho a fazer,” – replicou o monge.

“Mas porque trabalha sob este sol tão quente?”

“Porque o sol quente está lá, e meu trabalho é aqui.”

Isso Também Passará

Um praticante foi até o seu mestre de meditação, tristemente e disse: “Minha prática de meditação é horrível! Ou eu fico distraído, ou minhas pernas doem muito, ou eu constantemente fico com sono. É simplesmente horrível!”

“Isso passará.” – o mestre disse suavemente.

Uma semana depois, o estudante retornou ao seu professor, eufórico: “Minha prática de meditação é maravilhosa! Eu sinto-me tão consciente, tão pacífico, tão relaxado, tão vivo! É simplesmente maravilhoso!!!!!”

O mestre disse tranquilamente: “Isso também passará.”

O Real Imaginário

Certa vez um monge perguntou a Yen-kuan: “Quem é realmente Vairochana Buddha?”

“Por favor,” replicou Yen-kuan, “passe-me aquele jarro d’água.”

O monge esticou o braço, pegou o jarro e o colocou na frente do outro. Yen-kuan então disse: “Pode recolocá-lo no lugar original, por favor?”

O monge fez isso, sem comentários. Após um momento ele perguntou novamente a Yen-kuan: “Quem é realmente Vairochana Buddha?”

O mestre respondeu: “A venerável divindade esteve aqui, mas já retornou ao seu lugar.”

Quem é Você?

O mestre Ma-ku certa vez chamou seu discípulo: “Liang-sui!”

O outro monge respondeu: “Sim?”

Ao ouvir essa resposta, o mestre novamente chamou: “Liang-sui!”

O monge disse: “Pronto!”

Pela terceira vez o mestre falou: “Liang-sui!”

O discípulo, intrigado, replicou: “Estou aqui, mestre.”

Após uma pausa sem nada dizer, o sábio exclamou para seu aluno:

“Quão tolo tu és!”

Ao ouvir isso Liang-sui teve o Satori, e afirmou: “Mestre, já não mais me engano. Se não tivesse buscado a vós como mestre, eu teria sido levado miseravelmente, durante toda minha vida, a permanecer preso aos sūtras e aos śāstras!”

Mais tarde, alguns companheiros de Liang-sui perguntaram-lhe: “O que sabes sobre a filosofia de Buddha?”

Liang-sui respondeu: “Tudo o que sabeis eu também sei. Mas o que sei nenhum de vós sabeis.”

Mente e Não-Mente

Um monge perguntou a Ta-chu: “São as palavras a Mente?”

“Não, as palavras são condições externas. Elas não são a Mente.” – disse o mestre.

“Então onde, fora das condições externas, podemos encontrar a Mente?”

“Não há Mente além das palavras.” – declarou o sábio.

“Não havendo Mente independente das palavras, o que é afinal a Mente?” perguntou o monge, confuso.”

“A Mente é sem forma e sem imagens. Em verdade, ela nem depende nem é independente das palavras. É eternamente serena e livre em seu movimento.”

Gato Ritual

Certa vez, Jōshū, o grão-mestre de um mosteiro budhista ch’an teve de se ausentar por conta de uma viagem.

Acontece que lá havia um gato que sempre passeava pelo mosteiro, todos cuidavam dele, sendo assim era muito querido pelos monges do mosteiro.

No mosteiro haviam duas alas, a ocidental e a oriental. Nan-Ch’üan – o segundo mestre em exercício que ficou encarregado de substituir Jōshū em ausência – ao entrar no refeitório do se deparou com uma briga ferrenha entre os monges das duas alas.

“Não! Porque o gato é nosso!”

“Não, o gato é da nossa ala! Ele sempre fica lá com a gente!”

“Não o gato é nosso! Nós sempre damos comida para ele e ele sempre dorme lá!”

“Nada disso! Eu que trouxe o gato para o templo!”

Em meio à tal confusão sobre a posse do gato, o mestre entra e silenciosamente vai na cozinha e pega um imenso facão de cortar legumes, pega o gato, coloca-o na mesa, levanta o facão e diz aos discípulos: “Que algum de vós digais algo justo para que eu não corte esse pobre animal ao meio!”

Todos os discípulos ficaram receosos, morrendo de receio e olhando uns para os outros sem saber o que fazer. No refeitório, por um instante, reinou o absoluto silêncio. E assim o mestre cortou o gato no meio, dando uma parte para uma das alas.

Os discípulos, sem entender nada, ficaram completamente irritados com Nan-Ch’üan.

Passado uma semana, o grão-sacerdote Jōshū retorna ao mosteiro e logo os discípulos correm ao seu encontro e contar sobre o ocorrido, esperando que o mestre repreendesse Nan-Ch’üan.

Ao ouvir isso o ocorrido, Jōshū caiu em gargalhadas, descalçou as sandálias, colocou-as na cabeça, e saiu andando.

Comentário: Uma possível interpretação aqui é que o Ch'an (Zen) não se baseia em distinção de certo e errado, são só palavras que não dizem. Sendo assim, para salvar o gato os discípulos deveriam ter dito a Nan-Ch'üan que não havia palavra justa alguma que poderia salvar o gato, e assim o salvariam. Ninguém pode possuir o gato, não existe posse, não existe certo ou errado, justo ou injusto. Ao contarem o ocorrido para o mestre Jōshū, os discípulos esperavam que ele julgasse Nan-Ch'üan. Sendo assim Jōshū começou a rir porque ele entendeu o que Nan-Ch'üan quis fazer com os discípulos, e colocou as sandálias na cabeça e saiu andando para mostra que sua cabeça é como seus pés, não julgam.

O Corajoso General

Havia um certo general chinês, que em batalha liderou seus homens com coragem e destemida força. Nada podia levá-lo a sentir medo, pois sua convicção era inabalável.

Certo dia ele estava em casa, tomando chá usando sua mais adorada relíquia, uma bela xícara de porcelana finamente decorada. Ele era profundamente apegado àquela peça, e a estimava muito. Quando fez o gesto de colocá-la na mesa sua mão vacilou e a xícara começou a cair ao chão.

Terrificado com o temor de que a peça se quebrasse, o general lançou-se ao chão e no último momento conseguiu pegá-la. Ainda tenso, tremendo e suando frio, o general pensou: “Liderei homens em terríveis guerras e passei por momentos assustadores na vida sem jamais vacilar! Como é possível que eu sentisse tanto temor por causa de um pequeno objeto de porcelana?!?”

Então o general percebeu plenamente a natureza de seu apego na vida. Neste momento, largou a xícara ao chão, voltou-se para uma vida contemplativa e abandonou a violência e a paixão ignorante.

O Cego e a Lamparina

Quando saía da casa de um amigo tarde da noite, um homem cego recebeu deste uma lanterna. O cego disse, surpreso: “Sou cego. De que me vale levar uma lamparina?”

“Sei disso, mas como vais caminhar no escuro, a lanterna evitará que outras pessoas esbarrem em você.” disse o solícito amigo, acendendo a vela dentro da lamparina.

O homem partiu levantando a lamparina à sua frente. Confiante no fato de que ela evitaria acidentes com outras pessoas, ele caminhou sem medo ou relutância ao longo da estrada. Nunca ele se sentiu tão confiante, sabendo que a lanterna era um eficiente aviso de sua presença no caminho.

Entretanto, para sua completa surpresa, de repente alguém esbarra fortemente nele, que cai ao chão. Irritado com isso, o cego grita: “Não podes ver uma lamparina aproximando-se? Com certeza és mais cego do que eu!”

Mas o outro homem disse confuso: “Mas como poderia ter visto uma lanterna apagada nesta noite escura?” Todo aquele tempo o cego carregava a lanterna inutilmente, pois a vento tinha apagado a vela há muito...

O Machado Desaparecido

Era uma vez um homem que não conseguia encontrar seu machado. Ele suspeitava do filho do vizinho, porque o rapaz caminhava como um ladrão, parecia um ladrão, e falava como um ladrão. Na manhã seguinte o homem encontrou o machado, quando se lembrou onde o deixara. Na próxima vez que ele viu o filho do vizinho, o rapaz caminhava, parecia e falava como qualquer outra criança.

A Maça Perfeita

Certo dia um mestre falava para seus discípulos sobre a natureza da Perfeição. Um dos discípulos, cético quanto a possibilidade de poder realmente algo chegar à perfeição concretamente e incapaz de compreender o sentido do que o mestre falava, observou próximo ao grupo um cesto de maçãs e disse ironicamente: “Mestre, fiquei fascinado com

sua explicação sobre a Perfeição. Poderia o senhor, para ilustrar o que acabou de dizer, me dar uma maçã perfeita?”

O mestre calmamente olhou dentro da cesta, retirou uma maçã e entregou ao aluno. Pegando-a, este viu que a fruta estava com uma parte podre num dos lados. Olhou para o professor e disse arrogante: “Essa é a perfeição de que fala? Esta maçã tem uma parte podre!”

“Sim,” – replicou o mestre – “no entanto, para teu nível de compreensão e discernimento, esta maçã podre é o máximo de maçã perfeita que poderás obter...”

O Rei apreciador de Dragões

Certa vez houve um rei que muito apreciava os dragões. Nas paredes de seu palácio haviam muitas pinturas de dragões. Nos pisos, os mosaicos de dragões pareciam reluzir. E, nos salões, havia estátuas e esculturas de dragões por toda parte.

Certa manhã, ao levantar-se, o rei foi abrir a janela como sempre fazia. Eis que por ali entra um enorme dragão, para lhe mostrar de perto suas feições. O rei ficou tão assustado, tão transtornado, que desmaiou.

Na verdade, o rei gostava apenas das imitações de dragões. Os autênticos dragões davam-lhe medo, muito medo.

O Médico e Seu Dilema

Havia um médico na antiga China, cujo trabalho era cuidar dos soldados nas batalhas. Entretanto a angústia de ver as atrocidades da guerra, e o fato de que sua função como médico parecia inútil, pois sempre que curava um soldado este voltava à guerra e eventualmente morria, fez com que ele pensasse: “Se o destino de todas as pessoas é morrer, por que devo eu buscar salvar vidas? Se minha medicina tem realmente valor, por que estes homens, após serem curados, voltam a buscar a morte?”

Sem conseguir encontrar uma resposta, o médico abandonou sua profissão e foi às montanhas procurar um sábio mestre ch’an. Após meses de prática, ele finalmente

compreendeu seu dilema. Afastou-se de seu retiro e voltou à cidade. Quando lá chegou, um amigo seu cumprimentou-o pela sua volta e disse: “Que felicidade o ver de volta. Encontrou a resposta para sua dúvida?”

“Descobri que todo este tempo fiz a pergunta errada. Não sou médico porque busco salvar vidas; sou médico porque a Vida merece ser perpetuada o mais possível. O médico não salva a vida de outrem; ele apenas ajuda a perpetuar a Vida Universal (o Tao) em cada ser que busca curar. Pois a vida de cada ser é uma só Vida, e cada vez que curo alguém, mantenho o Tao em perpétuo e maravilhoso movimento.”

Olhando da Maneira Correta

Havia em uma aldeia uma velha senhora chamada “mulher chorosa” pois todos os dias, chovendo ou fazendo sol, ela sempre estava chorando. Ela vendia bolinhos na rua, e um monge sempre passava por ela quando ia ao grande templo para os ritos. Um dia, curioso, ele lhe perguntou: “Sempre que passo, seja em belos dias ensolarados, seja em suaves dias chuvosos, vejo a senhora chorando. Por que isso acontece?”

“Tenho dois filhos,” – ela respondeu – “Um faz delicadas sandálias, o outro guarda-chuvas. Quando faz sol, penso que ninguém comprará os guarda-chuvas de meu filho, e ele e sua família passarão necessidades. Quando chove, penso no meu filho que faz sandálias, e que ninguém comprará suas sandálias. Então ele também passará dificuldade para sustentar sua família.”

O monge sorriu e disse: “Mas... a senhora deveria ver as coisas de forma correta. Veja: quando o sol brilha, seu filho que faz sandálias venderá muito, e isso é muito bom! Quando chove, seu filho que faz guarda-chuvas venderá muito, e isso é também muito bom!”

A velha olhou-o com alegria e exclamou: “Tem razão!”

Desde então a velha passa todos os dias, chovendo ou fazendo sol, sorrindo feliz.

Alegria

O monge Shou-duan era muito diligente, mas não tinha senso de humor. Praticava o Ch'an (Zen) de forma rígida e moralista, e era incapaz de se guiar pela alegria. Um dia seu mestre Yang-ki perguntou: “Quem foi seu mestre anterior?”

“O monge Chaling Yu.” – respondeu o outro.

“Ouvi dizer que ele obteve o Satori quando escorregou de uma ponte e caiu na água, e até mesmo chegou a escrever um poema sobre isso, não foi assim?”

“Sim,” – replicou Shou-duan – “e eu ainda me lembro do poema: “

“Tenho uma pérola brilhante

Que por muito tempo esteve obscurecida pelo pó;

Agora o pó se foi

E o brilho voltou

Iluminando os rios e as colinas.”

Ouvindo isso, o mestre Yang-ki caiu na gargalhada, rindo sem parar. O monge Shou-duan ficou pasmo. Não entendeu o porquê de tanta alegria. Naquela noite foi incapaz de dormir, pensando no que poderia ter sido engraçado naquilo tudo. No dia seguinte foi à presença do mestre e lhe perguntou: “Mestre, por que riste tanto ao ouvir o poema que recitei ontem? Não entendo o que pode ser tão engraçado!”

“Ontem um palhaço esteve aqui, apresentando-se numa pantomima. Tu lembras disso?”

“Sim, lembro-me.”

“Pois há um aspecto nele que é completamente superior ao teu espírito.”

Intrigado, o monge replicou: “E o que um palhaço possui de mais profundo do que eu?”

“Ele gosta que as pessoas riem, e tu tens medo quando elas riem...”

Ouvindo isso, o monge obteve o Satori.

A Vaca Zen

Shih-kung, um dia, trabalhava na cozinha quando Ma-tsu aproximou-se e perguntou o que fazia.

“Estou cuidando da Vaca.” – disse o outro, enquanto lavava os pratos.

“Como cuidais da vaca?” – desejou saber o mestre.

“Se ela se afasta da Senda, eu puxo-a de volta pelo focinho. Não posso me distrair nem um minuto!”

Comentou Ma-tsu: “Sabeis realmente cuidar dela.”

Tudo Neste Mundo é Valioso

Certo dia, o mestre Yi-shan tomava banho, mas a água estava muito quente. Ele pediu então ao seu discípulo que trouxesse água fria. O discípulo encheu um balde e foi despejando-o devagar na tina de banho, e em determinado momento o mestre disse: “Está bom, obrigado. A quentura foi diminuída e agora está muito agradável.”

Como sobrou um pouco de água no balde, o noviço simplesmente virou-se e jogou a água no chão, perto da tina. O mestre ao ver isso gritou para o outro monge: “Por que fizeste tal estupidez? Tudo tem utilidade. Por que desperdiçou a água? Poderia tê-la despejado sob uma planta ou árvore, onde poderia ser útil! Ou então por que não a jogou num canteiro de flores? Nunca se esqueça: não devemos desperdiçar nem mesmo uma gota de água, nem uma folha de grama! Tudo neste mundo é valioso.”

Ouvindo isso, o monge noviço compreendeu o significado da vida. Desde então ele ficou conhecido como “gota d’água”.

A Imagem Sagrada

Um monge adorava uma imagem dourada de Buddha, bem como algumas relíquias, que ele mantinha sempre ao seu lado. Mesmo no dormitório, constantemente queimava incenso e se prostrava diante da imagem e das relíquias, honrando-as e fazendo oferendas.

Certo dia, o mestre se aproximou do monge: “A imagem e as relíquias de Buddha que você está adorando eventualmente lhe farão mal.”

O monge não se convenceu. O mestre continuou: “Isso é arte do demônio. Jogue tudo fora imediatamente.”

Quando o monge se retirava, furioso, o mestre gritou: “Abra e veja por si mesmo.”

Embora com raiva, o monge abriu a caixa e lá dentro viu, toda enrolada, uma cobra venenosa.”

Mu

Certa vez um monge perguntou a Jōshū se o cão tem natureza Buddha.

Ao ouvir isso Jōshū replicou: “Mu.”

Crítica e Elogio

Durante um reinado da Dinastia Tang, na China, um dos ministros comentou com o imperador: “Algumas pessoas estão difamando Vossa majestade.”

O imperador respondeu: “Como soberano, se acaso me cabe alguma virtude, não posso ter medo de ser difamado pelas pessoas. O que mais devo temer é ser elogiado sem ter nenhuma virtude.”

O Mestre Sem Língua

Certa vez Tao-kwang, um intelectual budista e estudioso do Vijñaptimara (idealismo absoluto), aproximou-se de um mestre ch’an e perguntou: “Com que atitude mental deve um indivíduo disciplinar-se para alcançar a Verdade?”

Respondeu o mestre ch’an: “Não há nenhuma mente a ser disciplinada, nem qualquer verdade na qual nós devemos nos disciplinar.”

Replicou o intelectual: “Se não há nenhuma mente para ser controlada e nenhuma Verdade para ser ensinada, por que te reúnes todos os dias aos monges? Se não tenho língua, como será possível aconselhar a outrem a virem até mim?”

“Eu não possuo nem uma polegada de espaço para dar, portanto onde posso conseguir uma reunião de monges? Eu não possuo língua, como posso aconselhar a outrem virem a mim?” – respondeu o mestre.

Tao-kwang então exclamou: “Como podeis proferir uma tal mentira na minha cara!”

“Se não tenho língua,” – retorquiu o mestre – “para aconselhar os outros como é possível pregar uma mentira?”

Desesperado em confusão, gritou Tao-kwang: “Não posso seguir teu raciocínio!”

“Nem eu tampouco...” – concluiu o mestre.

Não Ouso Dizer

Pai-chang certa vez questionou a Nán-chuān: “Há alguma verdade que nenhum sábio como tu jamais ousou dizer até hoje?”

“Sim.” – respondeu Nán-chuān.

O outro continuou: “E qual é, então, esta coisa sobre a qual não falais?”

Respondeu o mestre: “Não é nem Mente, nem Buddha, nem Matéria.”

Quer Chá?

Jōshū perguntou a um monge recém-chegado a seu mosteiro: “Já estivestes antes aqui?”

“Sim, senhor,” – respondeu o monge – “já estive no verão passado.”

“Ah! Então entre e tome uma xícara de chá,” – disse o mestre, feliz.

Outro dia, apareceu um novo recém-chegado. Jōshū lhe perguntou: “Já estivestes antes aqui?”

“Eu jamais estive aqui, mestre.”

“Ah!” – exclamou o sábio, feliz – “Então entre e tome uma xícara de chá.”

Inju, o monge que administrava o templo, testemunhou ambos os eventos. Disse então para Jōshū, intrigado: “Por que sempre fazes o mesmo oferecimento, qualquer que seja a resposta do monge?”

O mestre subitamente gritou-lhe: “Inju!”

O outro assustou-se e disse, apreensivo: “Sim! O que houve?”

Jōshū completou: “Entre e tome uma xícara de chá.”

Poeira

O salão de meditação (zen-dō) vivia empoeirado, e Jōshū costumava varrê-lo, assim como ao pátio em frente. Certa vez perguntaram a Jōshū: “Por que, mestre, este sagrado zen-dō está sempre atraindo tanta poeira?”

Jōshū exclamou: “Oh, veja! Ali está outro grão de poeira!!”

O Eu e a Carroça

Um Imperador, sabendo que um grande sábio zen estava às portas de seu palácio, foi até ele para fazer uma importante pergunta: “Mestre, onde está o Eu?”

O mestre então pediu-lhe: “Por favor traga-me aquela carroça que está lá.”

A carroça foi trazida. O sábio perguntou: “O que é isso?”

“Uma carroça, é claro,” – respondeu o Imperador.

O mestre pediu que retirasse os cavalos que puxavam a carroça. Então disse: “Os cavalos são a carroça?”

“Não.”

O mestre pediu que as rodas fossem retiradas.

“As rodas são a carroça?”

“Não, mestre.”

O mestre pediu que retirassem os assentos.

“Os assentos são a carroça?”

“Não, eles não são a carroça.”

Finalmente apontou para o eixo e falou: “O eixo é a carroça?”

“Não, mestre, não são.”

Então o sábio concluiu: “Da mesma forma que a carroça, o Eu não pode ser definido por suas partes. O Eu não está aqui, não está lá. O Eu não se encontra em parte alguma. Ele não existe. E não existindo, ele existe.”

Dito isso, ele começou a se afastar do surpreso monarca. Quando estava já afastado, voltou-se e perguntou-lhe: “Onde Eu estou?”

O Mais Importante Ensino

Mazu Daoyi (Baso Dōitsu, em japonês), um renomado mestre ch’an (zen) dizia que seu maior ensinamento era este: “A mente comum é o Tao. A mente em si é Buddha.”

Ao ouvir essas palavras, de tão impressionado com a profundidade implicada nesse ensinamento, Hojo, discípulo de Baso, decidiu deixar o mosteiro e retirar-se em um local afastado, o monte Daibi, para meditar sob essa peça de sabedoria. Construiu uma cabana rústica, próxima a um pequeno lago, onde havia lótus em abundância. Suas roupas eram de folhas de lótus e se alimentava dos frutos do bosque, principalmente de pinhões. As rãs e os animais selvagem eram sua única companhia. Praticava sua meditação e não se ocupava nem um pouco dos assuntos mundanos. Ele viveu 20 anos como um eremita refletindo no grande ensinamento.

“Um dia, um monge – que era discípulo de Saian – saiu do templo em busca de lenha e acabou se perdendo na montanha. Foi assim que chegou à ermida de Hojo.

Contam que isso aconteceu graças a uma rã que, saltando à sua frente, indicou-lhe o caminho. O monge ficou perplexo ao ver Hojo vestido do modo que estava.

“Há quanto tempo está vivendo aqui?” – perguntou-lhe o monge?

“Já perdia a conta.” – respondeu Hojo – “Não presto a menor atenção à passagem dos dias e dos meses. Mas as cores da montanha mudam do verde para o amarelo, do amarelo para o ocre e do ocre para o branco. Quando ao som do arroio, às vezes é muito forte e em outras é tão tênue que chega a tornar-se inaudível.”

O monge voltou ao mosteiro e contou a Saian sobre seu encontro com Hojo, pedindo-lhe que deixasse a montanha e viesse ao monastério para fazer um sermão. Hojo respondeu com o seguinte poema:

*“No bosque profundo
as árvores envelhecem, intactas.
Embora eu tenha visto muitas primaveras,
meu coração não se alterou.
Se o lenhador ignora a madeira,
Por que o carpinteiro haveria de amá-la?”*

Depois disso, Hojo refugiou-se mais adentro da floresta e compôs outro poema:

*No lago crescem inumeráveis lótus;
Os pinhões me oferecem alimento ilimitado
O mundo descobriu meu refúgio.
Então, devo fixar minha morada
no ponto mais recôndito da montanha*

Em outra ocasião, o mestre Baso, preocupado com a longa ausência do discípulo e querendo verificar se estava bem, pediu a um monge que o procurasse na mata e lhe perguntasse sobre a compreensão que havia alcançado.

Um dia estava o eremita meditando calmamente, quando ouviu ruídos de passos se aproximando de sua ermida. Assim ele encontrou outro monge que viajava na pela

floresta próxima à sua ermida. Recebeu o visitante, que dizia ter se perdido e procurara uma saída. Sentaram-se por alguns momentos, e começaram a conversar e logo o monge eremita soube que o viajante também era discípulo de Baso.

“Por favor, diga-me se você conhece o grande ensinamento do mestre.” – disse ansioso ao outro.

Os olhos do monge viajante brilharam.

“Ah! O mestre foi muito claro sobre isto. Ele disse que seu maior ensinamento era: ‘A mente comum não é o Tao. A mente em si não é Buddha.’” – respondeu o monge viajante.

Surpreso, o eremita se calou e pensou: “Teria o mestre mudado o ensinamento por alguma razão? Quem sabe...”

O monge visitante voltou a indagar sobre o caminho para sair da floresta. E ele disse: “Siga a correnteza do rio.”

E assim o eremita mudou-se mais para dentro da mata ainda, a fim de evitar outro visitante, dizendo para si mesmo: “Sei que a mente comum é o Tao. Sei que a mente em si é Buddha.”

De volta ao mosteiro, o monge contou ao mestre do seu encontro com o eremita.

“E ele não discutiu com você sobre a verdade?” – inquiriu o mestre.

“Não senhor!” – respondeu o monge.

Depois de alguns instantes, ele acrescentou: “Quando me afastava em direção ao rio, pareceu-me tê-lo ouvido murmurar que a mente é Buddha, mas talvez tenha sido engano meu.”

Então o mestre sorriu e disse: “A ameixa amadureceu!” (pois Hojo significa ‘ameixa’)

Fudaishi e a Explicação do Sūtra do Diamante

O mestre Fudaishi foi convidado pelo imperador Wu, de Liao, para fazer uma preleção sobre o famoso Sūtra do Diamante. No palácio estavam o Imperador, seus ministros e mandarins, todos solenemente aguardando a presença do mestre no salão principal.

Ao chegar, Fudaishi subiu ao púlpito, e observou por alguns momentos atentamente os presentes. Depois ergueu o bastão, deu uma pancada com ele com toda a força no chão e retirou-se.

O Imperador ficou pasmo. Um de seus ministros perguntou-lhe: “Vossa Majestade, entendeu?”

“Não entendi nada, na verdade!”olveu o surpreso monarca. Seu ministro então explicou:

“O mestre já explicou tudo o que poderia explicar sobre o Sūtra do Diamante...”

O Cão Zen

Certa vez, um monge perguntou a Jōshū: “Mestre, um cão possui a natureza de Buddha?”

Jōshū respondeu: “Wu!”

Ricos Adornos

Certa vez um homem foi visitar Confúcio e lhe disse: “Quero ser seu discípulo.”

“Por quê?” – perguntou Confúcio.

“Porque seu ar nobre e digno, a elegância de seus trajes, a suntuosidade da carruagem que o leva ao palácio do imperador, quando o senhor vai vista-lo... Tudo isso me deixa muito impressionado.” – replicou o homem.

Chamando um de seus discípulos, Confúcio pediu: “Traga-me uma carruagem, roupas ricamente bordadas e adornos luxuosos.”

E voltando-se para o homem, disse: “Leve tudo com você e siga seu caminho. Não é a mim que você admira e respeita, e sim a estes objetos. Portanto, leve-os.

Pai-chang e a Raposa

Todas as vezes que Pai-chang (Hyakujo) fazia preleções sobre o Ch’an um velho homem as assistia, despercebido pelos monges. Ao final de cada palestra, ele partia junto com os monges. Mas um dia ele permaneceu após a partida de todos, e Pai-chang perguntou-lhe: “Quem és tu?”

O velho respondeu: “Não sou um ser humano, mas eu era um homem quando o Buddha Kashyapa pregou neste mundo. Eu era um mestre ch’an e vivia nestas montanhas. Naquela época um dos meus estudantes me perguntou se um homem iluminado é sujeito à Lei da Causalidade. Eu lhe respondi: ‘O homem iluminado não é sujeito à Lei da Causalidade.’ Devido a esta resposta evidenciar um apego à um conceito absoluto eu tornei-me uma raposa por quinhentos renascimentos, e eu ainda estou renascendo como raposa. Podes tu me resgatar desta condição com suas palavras e assim liberar-me de um corpo de raposa? Por favor, responda-me: Está o homem iluminado sujeito à lei da causalidade?”

Pai-chang disse: “O homem iluminado é uno com a Lei da Causalidade.”

Ao ouvir as palavras de Pai-chang o velho se iluminou. “Estou emancipado!” ele disse, prestando homenagem ao mestre com uma profunda inclinação. “Não sou mais uma raposa, mas eu devo deixar meu corpo em meu local de residência atrás desta montanha. Por favor, peço-te que realizes meu funeral na condição de um monge.” E então desapareceu.

No dia seguinte Pai-chang deu uma ordem por intermédio do monge-principal para que se preparasse um funeral para um monge.

“Mas ninguém está moribundo no hospital,” – questionaram os monges – “o que o mestre pretende?”

Após o jantar Pai-chang liderou os monges para fora do templo e em torno da montanha. Em uma caverna ele e seu grupo de monges retiraram o cadáver de uma raposa e então realizaram o rito funeral de cremação.

Naquela noite Pai-chang falou para seus monges e contou-lhes a história sobre a Lei da Causalidade. Huang-po (Obaku), após ouvir a estória, perguntou ousadamente a Pai-chang: “Eu entendo que há muito tempo atrás, devido a uma certa pessoa ter dado uma resposta ch’an errada ela tornou-se uma raposa por quinhentos renascimentos. Mas eu perguntaria: se algum mestre atual for questionado muitas vezes sobre várias perguntas, e se ele sempre respondesse corretamente, o que lhe aconteceria?”

Pai-chang disse: “Aproxime-se e eu lhe direi.”

Obaku aproximou-se e deu rapidamente um tapa na face do mestre, porque percebeu facilmente que essa seria a resposta que Pai-chang pretendia lhe dar.

Pai-chang bateu palmas e riu muito diante do discernimento do outro, e disse simplesmente: “Eu sempre imaginei que um Persa tivesse barba vermelha, e agora eu conheço um Persa que possui mesmo uma barba vermelha.”

O Koan da Roda

Getsuan disse aos seus discípulos: “Keichu, o primeiro mestre-construtor de rodas da China, fez duas rodas com 50 raios em cada uma. Agora, suponham que vocês removam o cubo do centro da roda, que une os raios. O que aconteceria com a roda? E se o próprio Keichu fizesse isso, poderia ele ser chamado de mestre-construtor de rodas?”

O Buddha do Passado

Um monge perguntou a Seijo: “Soube que um Buddha que viveu antes da história recordada sentou-se em meditação por dez ciclos de existência e não foi capaz de alcançar a verdade mais alta, e, portanto, não foi capaz de tornar-se completamente emancipado. Por que isso aconteceu?”

Seijo replicou: “Sua questão é auto explanatória.”

O monge insistiu: “Uma vez que o Buddha estava meditando, por que não pôde alcançar a compreensão da natureza búddhica?”

Seijo disse: “Ele não era um Buddha.”

A pobreza de Seizei

Um monge chamado Seizei pediu a Sozan, cheio de auto piedade: “Estou pobre e miserável. Podes me ajudar?”

Sozan chamou: “Seizei?”

“Sim, senhor!” – respondeu o outro.

Sozan disse: “Tu possuis o Zen, o melhor vinho da China, e vós já terminastes de beber três copos cheios. Ainda assim estais dizendo que nem sequer seus lábios foram molhados!”

Jōshū e o Punho Levantado

Jōshū foi até um lugar onde um monge havia se retirado para meditar e perguntou-lhe: “O quê é o que é?”

O monge, em resposta, levantou seu punho.

Jōshū replicou: “Navios não podem permanecer ancorados onde a água é muito rasa,” e partiu.

Poucos dias mais tarde o mestre foi mais uma vez à ermida do monge e fez-lhe a mesma questão. O monge respondeu do mesmo modo, e então disse Jōshū: “Corretamente oferecido, corretamente recebido, corretamente morto, corretamente poupado.” Então fez uma reverência ao monge.

Shi-yan e Seu Mestre

Shi-yan, quando desejava falar com seu mestre, sempre dizia para si mesmo: “Mestre!”

E respondia para si mesmo: “Sim?”

Então ele mesmo continuava: “Fique Atento!”

E ele respondia: “Sim, mestre!”

“E além disso,” – ele completava – “não se deixe iludir pelos outros!”

“Sim, sim, meu mestre!” – ele afirmava para si.

Tokusan e a Refeição

Tokusan foi ao refeitório do templo com sua tigela nas mãos, pronto para comer alguma coisa. Seppo estava trabalhando como o cozinheiro naquele dia. Quando viu Tokusan, disse: “O tambor das refeições ainda não foi tocado. Aonde vais com tua tigela?”

Tokusan então retornou aos seus aposentos.

Seppo falou a Ganto sobre o ocorrido, e Ganto declarou: “O velho Tokusan na verdade ainda não entende a Verdade Última!”

Tokusan ouviu o comentário e pediu para Ganto aproximar-se.

“Ouvi o que dissestes,” – ele disse – “tu não aprovas o meu Zen?”

Ganto admitiu isso de forma indireta. Tokusan não disse mais nada, afastando-se calmamente.

No dia seguinte, no momento da palestra, Tokusan entrou, sentou-se, e calmamente falou sobre um tema de forma completamente diferente do que normalmente fazia. Ganto então riu alto e bateu as mãos, dizendo: “Vejo que nosso velho mestre entende completamente a Verdade Última! Ninguém em toda a China pode superá-lo nisso!”

Como Entender o Tao?

Jōshū perguntou a Nānsēn: “Qual é o Tao?”

Nānsēn disse: “O dia-a-dia é o Tao.”

“Pode ele ser estudado?” perguntou Jōshū

Nānsēn disse: “Se tentares estudá-lo, irás estar muito longe dele.”

Jōshū replicou: “Se não posso estudá-lo, como posso entender o Tao?”

Nānsēn completou: “O Tao não pertence ao mundo da percepção, nem ele pertence ao mundo da não-percepção. A cognição é delusão e a não-cognição é sem sentido. Se desejais alcançar o verdadeiro Tao além das dúvidas, busqueis ser tão livre como o céu. E não afirmais que isso é bom ou ruim.”

Ao ouvir tais palavras, Jōshū atingiu a Iluminação.

O Tao e a Morte

Certa vez um antigo sábio disse: “Se eu compreender o Tao de manhã e morrer à noite, minha vida não terá sido em vão.”

Quando penetramos o verdadeiro Tao, quando temos o encontro místico, a morte já não é obstáculo.

Talvez o sentido da vida seja encontrar a verdade e, sem medo de nada, apreciar vida-morte com a mente de equanimidade.

Equanimidade não é igualdade. É dar o mesmo valor tanto à vida quanto à morte.

“Vida e morte são de suprema importância.

Tempo rapidamente se esvai e a oportunidade se perde.

Cada um de nós deve esforçar-se por despertar.

Cuidado! Não desperdice esta vida.”

Esterco Seco

Certa vez um monge perguntou a Yúnmén (Ummon, em japonês): “O que é o o Buddha-Dharma?”

Yúnmén respondeu: “Esterco seco.”

Além do “Bem” e do “Mal”

Quando atingiu a iluminação completa o Sexto Patriarca (Huìnéng) recebeu do Quinto Patriarca (Hôngjîn) o manto e a tigela, simbólicos da sucessão de grandes mestres a partir de Gautama Buddha, geração após geração.

O monge-chefe do templo chamado Jīnshǔ, cheio de rancor, perseguiu Huìnéng com a intenção de retirar-lhe estes tesouros. O Sexto Patriarca colocou o manto e a tigela sobre uma pedra ao lado da estrada e disse a Jīnshǔ: “Estes objetos apenas simbolizam uma crença. Não há motivos para se brigar por eles. Se desejas possuí-los, tome-os agora.”

Quando Jīnshǔ tentou erguer os objetos eles pareceram-lhe tão pesados como uma montanha. Ele não pode tomá-los. Tremendo de vergonha ele disse: “Eu vim em busca de esclarecimento, e não de tesouros materiais. Por favor, ensine-me.”

O Sexto Patriarca disse: “Quando não mais pensar no ‘Bem’ e quando não mais pensar no ‘Mal’, em qual momento estará a tua verdadeira natureza?”

Ao ouvir tais palavras Jīnshǔ atingiu a Iluminação. Suor escorreu de todo seu corpo. Ele gritou e fez uma reverência, dizendo: “O senhor me deste as secretas palavras e os secretos significados. Há ainda alguma parte mais profunda do teu ensinamento?”

Huìnéng disse: “O que te disse não é um segredo, em verdade. Quando compreendes teu verdadeiro Eu o segredo já então lhe pertence.”

Jīnshǔ disse: “Estive sob a orientação do Quinto Patriarca por muitos anos, mas não pude compreender meu verdadeiro Eu até agora. Através de teu ensinamento eu atingi a fonte. Uma pessoa bebe água e sabe por si mesma se esta é fria ou quente. Posso lhe considerar meu mestre?”

Huìnéng replicou: “Estudamos ambos sob o mesmo Quinto Patriarca. Continue chamando-o seu mestre, mas apenas guarde em si aquilo que tu mesmos realizaste.”

Sem Palavras, Sem Silêncios

Um monge perguntou a Fuketsu: “Sem falar, sem silenciar, como podes expressar a Verdade?”

Fuketsu replicou: “Eu sempre me lembro das primaveras no sul da China. Os pássaros cantam por entre as inumeráveis espécies de belas e cheirosas flores...”

O que é Buddha?

Certa vez Daibai perguntou a Baso: “O que é Buddha?”

Baso disse: “Esta mente em si é Buddha.”

Onde está Jōshū?

Um dia um monge viajante, buscando encontrar o caminho até o templo Kwan-yin de Jōshū. Perguntou a uma velha senhora que vivia nas cercanias da cidade de mesmo nome: “Estou procurando por Jōshū. Podes me indicar onde está?”

A velha senhora disse: “Siga em frente. Não vire para leste ou oeste.”

Impressionado com a resposta, o monge relatou o ocorrido a Jōshū, acrescentando: “Aquela velha senhora era muito sábia no Ch’an (Zen). Quando perguntei onde estavas tu, ela me deu uma resposta muito profunda!”

Jōshū apenas disse: “Irei lá testá-la.”

Chegando à presença da velha senhora, Jōshū perguntou: “Estou procurando por Jōshū. Podes me indicar onde está?”

A velha disse: “Siga em frente. Não vire para leste ou oeste.”

Voltando até onde ficou o monge, ele replicou: “Ela apenas não percebe uma coisa: Jōshū esteve aqui todo o tempo.”

Vivo ou Morto?

O mestre Dao-wu e seu discípulo Jian-yuan foram prestar seus pêsames à família de um amigo falecido. Ao ver o esquife mortuário Jian-yuan perguntou ao seu mestre: “O nosso amigo está vivo ou morto?”

“Não é possível se afirmar que ele está vivo ou morto.” disse o sábio serenamente. Jian-yuan era um monge muito agressivo e impaciente. Ao ouvir tal resposta, ele insistiu: “E por que não podes me responder?”

O mestre replicou: “Não posso fazer isso, me é impossível.”

Jian-yuan ficou muito alterado. Gritou então para o sábio: “Se não me responder, eu vou lhe bater!”

“Pois então faça-o. Ainda assim, não poderei lhe responder,” disse Dao-wu.

O outro então começou a bater muito no velho sábio, dizendo enlouquecido: “Que tipo de mestre és tu? Possui o Conhecimento e recusas a dizer para teu discípulo! Falso! Mentiroso!”

Após agredir violentamente seu mestre, Jian-yuan abandonou-o ao chão, declarando: “Pois então não diga! Vou embora!”

Depois de alguns anos, Dao-wu morreu. Jian-yuan, que havia procurado outro mestre – chamado Shi-chuang, soube disso e resolveu fazer a mesma pergunta ao seu mestre atual: “Soube que Dao-wu morreu. Está ele realmente vivo ou morto?”

O sábio disse serenamente: “Não é possível se afirmar que ele está vivo ou morto.”

Ao ouvir isso, Jian-yuan obteve a Iluminação. Compreendeu então o que Dao-wu quis lhe ensinar. No dia seguinte Jian-yuan foi encontrado andando de um lado a outro no salão de meditação do Templo, segurando uma enxada e parecendo procurar alguma coisa. Shi-chuang perguntou-lhe: “O que fazes?”

Jian-yuan declarou, firmemente: “Procuro os restos mortais do grande mestre Dao-wu!”

Shi-chuang comentou: “O oceano é vasto, suas ondas brancas inundam o céu. Que restos há para buscar?”

Jian-yuan respondeu: “Esforço-me na busca da melhor maneira que posso.”

O Concreto Imaginário

Certa vez um monge perguntou a Jōshū: “O que dirias se eu chegasse ante tu sem nada trazer?”

Jōshū respondeu: “Deixaria o aí mesmo, no chão.”

O monge contestou: “Mas eu disse que nada trazia, como então poderia pôr algo no chão?”

“Tudo bem então,” comentou Jōshū, despreocupado, “nesse caso, levaria o daqui.”

Um Discurso Muito Importante

O mestre Yàoshān Wéiyǎn (Yakusan Igen, em japonês) há muitos meses que não dava uma palavra de orientação aos seus discípulos. Estes estavam confusos, e certo dia um discípulo foi à sua presença e disse: “Todos os discípulos anseiam pela orientação de seu mestre. Por que andas a estar tão silencioso?”

Yàoshān replicou: “Muito bem. Toque o sino e chame todos no zen-dō do Templo. Farei um discurso muito importante.”

O sino foi tocado e todos foram alegres para o salão de meditação, esperando pelo discurso de seu mestre. Yàoshān entrou, sentou-se em frente a todos, e permaneceu em silêncio.

Passou-se dez minutos, vinte, trinta minutos, uma hora. Em determinado momento o sábio levantou-se e foi embora, encerrando a reunião. O discípulo foi atrás dele

correndo, chamou-o e perguntou: “Mestre! Por que vais embora sem nos dizer uma palavra?!”

Yàoshān respondeu: “Há intelectuais do Dharma para ensinar sūtras, disciplinadores que ensinam apenas proibições. Mas sou um mestre ch’an. Não adianta falar sobre isso, pois o Ch’an (Zen) está além das palavras. Portanto, o que vós esperais de mim?”

O Ganso na Garrafa

Li-k’u, alto oficial do governo da dinastia Tang, perguntou a Nán-chuān: “Há muito tempo um homem mantinha um ganso dentro de uma garrafa. Este cresceu tanto que não podia mais sair da garrafa. O homem desejava retirá-lo, mas não desejava quebrar a garrafa nem ferir o ganso. Como poderia ele tirar o ganso da garrafa sob tais condições?”

O sábio repentinamente gritou: “Li-k’u!!”

Li-k’u respondeu, assustado: “O que foi?!”

O mestre disse, afastando-se: “O ganso já está fora.”

A Monja e o Koan Misterioso

Tendo-se tornado monge há pouco tempo, Chu-chih (Gutei, em japonês) vivia em uma cabana de sapê, onde dia após dia dedicava-se à prática fundamental do Ch’an (Zen): o aperfeiçoamento pessoal. Um dia, uma monja chamada Chih-chi aproximou-se da cabana, deu três voltas à frente do jovem monge e disse: “Diga apenas uma palavra e eu lhe tiro o meu chapéu.”

Chu-chih ficou estupefato. Não sabia o que dizer. Pensou: “Isso é algum tipo de Koan Zen, com certeza! Mas o que significa?” Como ele se mantinha em silêncio e perturbado, a monja simplesmente comentou: “Como não podes me dizer nada, vou embora.”

E afastou-se. Chu-chih ficou lá, sentado, inquieto e sentindo-se fracassado. “O que ela quis dizer? O que significa o chapéu?” ele pensava angustiado. “Oh! Vencido por uma

monja noviça! Como posso continuar aqui e chamar isso de aperfeiçoamento pessoal?”, ele refletiu. Preparou-se então para partir na manhã seguinte. Enquanto tentava dormir, apareceu um velho sábio.

Este lhe perguntou: “Tu pareces muito perturbado! O que te aflige tanto?”

Chu-chih contou tudo o que ocorrera. Ao final, comentou para o velho: “A mente de um homem é inútil e sem dignidade. Não posso responder nem mesmo à questão de uma noviça!”

O mestre replicou: “Gostarias de saber a resposta ao Koan?”

Chu-chih exclamou, aflito: “Sim, sim mestre!”

O mestre então ergueu seu indicador e disse: “Todas as Verdades estão aqui.”

Neste momento Chu-chih obteve a Iluminação. Disse então, agradecido: “Agora compreendo. A unidade do Tao é o Todo, o Todo é a unidade do Tao.”

O velho sábio, como num sonho, sumiu de sua presença.

Sem Diferenças

Certo dia, um discípulo perguntou ao monge Pa-ling: “Há alguma diferença entre o que disseram os patriarcas e o que está escrito nos Sūtras sagrados?”

O sábio respondeu: “Quando fica frio, os faisões empoleiram-se nos galhos das árvores, e os patos mergulham sob a água...”

O Tao e o Mundo

Certa vez, o mestre ch’an Fa-yun disse aos seus discípulos: “Suponham que estejam em uma situação na qual, se avançarem perderão o Tao, se recuarem, perderão o Mundo, e se não se moverem, terão demonstrado uma ignorância tão grande quanto a de uma pedra. O que fariam?”

Um dos monges, confuso, disse: “Neste caso, como evitar parecer ignorante?”

O mestre respondeu: “Abandonem o apego e a aversão, e saibam realizar todo seu potencial.”

“Mas,” – replicou outro monge – “neste caso, como evitar perder o Tao ou o Mundo? Ambos são fundamentais. Como podemos existir ignorantes do Tao, ou ignorantes das maravilhas do Mundo?”

O sábio declarou, enfim: “Avancem e recuem ao mesmo tempo, com fluidez e humildade!”

Entender

Certo dia, o monge Chuang-tzu perguntou ao mestre Ching-fêng: “O que é o Buddha?”

O mestre disse: “O deus do fogo busca pelo fogo.”

O monge ficou eufórico e saiu gritando da conversa, feliz, afirmando: “Eu entendi! Eu realmente entendi!”

Ainda muito feliz consigo mesmo, ele voltou até o seu próprio mestre, Yang-ki, e este lhe perguntou: “O que aprendestes com Ching-fêng?”

“O deus do fogo, que é em si o fogo, busca sua natureza em outro lugar! Eu, que sou Buddha, busco o Buddha fora de mim!” afirmava o monge, orgulhoso e feliz de sua descoberta.

Yang-ki comentou, triste: “Eu pensei que tu tivesses entendido, mas agora vejo que nada entendeu realmente.” E foi-se embora.

O monge ficou pasmo. Pensou: “O que? Como é possível que eu não tenha entendido? Como posso estar errado?”

Ele correu até Yang-ki e pediu-lhe, desesperado: “Espere! Espere! Dizei-me enfim: O que é Buddha?”

O mestre replicou: “O deus do fogo vem buscar o fogo.”

O monge, neste momento, alcançou a Iluminação.

O Mestre Certo

Os mestres Da-yu e Yu-tang aceitaram o convite para ensinar um alto oficial imperial sobre o Ch'an (Zen). Ao chegar Yu-tang apressou-se em dizer, politicamente: "Tu pareces um homem inteligente e receptivo, e isso é muito bom! Creio que serias um bom aprendiz ch'an."

Mas Da-yu replicou, sem preocupar-se com suavidades: "O que dizeis? Este tolo pode ter uma alta posição, mas não entenderia o Ch'an nem se este lhe caísse na cabeça!"

O oficial, após ouvir os comentários, disse: "Ouvindo o que ouvi, agora sei o que fazer para entender o Ch'an."

A partir de então, tornou-se estudante sob a orientação de Da-yu.

Boa Neve

Certa vez, num dia de inverno, quando o Leigo Pang estava deixando o mosteiro do mestre Yàoshān, alguns jovens monges, os quais desrespeitavam o seu status de mero leigo, o acompanharam até a porta da frente. Quando Pang olhou para fora ele viu que estava nevando. "Boa neve!", ele disse, "Os flocos não caem em outros lugares." Um monge chamado Quan, que era tão atrevido quanto estúpido, não entendeu, de modo algum, a esperteza da observação de Pang. Ele ridicularizou o Leigo, perguntando sarcasticamente: "Onde você esperava que os flocos caíssem?"

Ora, Pang estava cumprimentando, de boa vontade, a neve por não cair na cozinha ou no hall de meditação, isto é, por cair onde deveria cair - no pátio e nos campos, sobre as árvores e na estrada. Pang sabia que ele precisaria andar uma longa distância naquela neve extremamente fria e aceitou esse fato sem sofrimento.

Mas Pang não tinha somente a sabedoria de um mestre, tinha também o temperamento de um. Quando viu o olhar de desprezo na face do jovem monge, ele bateu nele. "Como você ousa!", disse o monge. "E você é um monge ordenado?", perguntou Pang, incredulamente. "Você seria rejeitado nos portões do Inferno!" "O que exatamente você quer dizer com isso?", exigiu o monge. Pang bateu nele de novo. "Quero dizer que, apesar de você ter olhos, ouvidos e língua, você é absolutamente cego, surdo e mudo."

Então, calmamente, seguiu em direção a neve como se estivesse à luz do sol. Ele havia dado ao monge uma boa lição.

A Bela Lua de Outono

Baso e seus três discípulos, Hyakujô, Nânsên e Chīzui (o nome deste último significa “armazém de Sabedoria”), contemplavam, juntos, a bela lua de Outono.

Hyakujô disse: “Esta é uma noite ideal para realizar-se uma cerimônia budhista!”

Nânsên disse: “Esta noite é perfeita para meditar.”

Mas Chīzui nada disse. Contemplava, com um suave sorriso, a bela lua naquela linda noite...

O mestre Baso então comentou: “O Sūtra acabou de preencher o ‘armazém de Sabedoria’. Depois retornou ao Oceano, ao Universo...”

Jōshū e o Livro do Mestre

Certa vez, quando o mestre Nanquan Puyuan (Nânsên Fugan, em japonês) estava velho. Decidiu passar a direção do mosteiro para seu discípulo mais proeminente, Zhàozhōu Cōngshěn (Jōshū Jūshin, em japonês).

Assim, certa noite, sentados ao redor de uma fogueira, o mestre Nânsên disse: “Estou ficando velho, em breve morrerei. Para simbolizar sua sucessão a mim como mestre vou lhe dar este livro valiosíssimo que está no mosteiro a sete gerações e possui anotações de todos os grãos-sacerdotes, inclusive anotações minhas.”

Jōshū olhou para o livro, coçou a cabeça... fez uma pausa e disse: “Não quero não mestre, muito obrigado. Não aceito o presente.”

O mestre pensou consigo mesmo: “Como assim? Onde já se viu? Uma ofensa!” e disse: “Este livro atravessou sete gerações, é uma relíquia! Eu exijo, faço questão que você aceite!”

Jōshū então disse: “Tudo bem então mestre, já que o senhor insiste...”

Imediatamente ao pegar o livro, Jōshū jogou-o na fogueira.

Ao presenciar tal fato o mestre ficou chocado e vermelho de raiva.

Vendo isso, Jōshū perguntou: “Mestre, por que o senhor está tão zangado comigo?”

O mestre, ainda sem crer, disse indignado: “Como pôde fazer isso? Era uma peça inestimável de conhecimento!”

Jōshū então respondeu: “O senhor passou a vida inteira me ensinando o Ch’an (Zen) sem nenhuma palavra, então por que eu precisaria de um livro? Como pode dar mais valor ao papel e ao couro do que àquilo que me ensinaste diretamente, de forma pura? Ensinar uma sabedoria que não se pode praticar é como agir sem coração, e não ser nada mais do que um repetidor de textos sagrados. Tu me deste um objeto, e eu usufruí dele como considerei adequado!”

O mestre vendo isso, ainda meio indignado, coçou a cabeça e disse: “É... tudo bem, até que você tem razão.”

Nada a Possuir

O leigo Hoon (discípulo de Baso Dōitsu) ficou famoso entre os praticantes zen. Quando iniciou sua prática, quis jogar ao mar todas as posses de sua família. As pessoas tentaram dissuadi-lo: “Você deveria dar suas posses a outras pessoas ou para o bem do Buddhismo.”

Ele respondeu: “Estou jogando-as fora porque as considero prejudiciais. Sabendo que são prejudiciais, como poderia dá-las a outras pessoas? Riqueza é um veneno que enfraquece corpo e mente.”

E acabou arremessando tudo ao mar. Depois disso, fez cestas de bambu e as vendeu para sobreviver.

Só de Passagem

Certa vez, estava um viajante, passando pela casa de um velho sábio, perguntou admirado: “Onde estão os teus móveis?”

A que o sábio respondeu, perguntando: “E os teus?”

“Mas eu...”, retrucou o viajante, “estou só de passagem.”

“Eu também”, respondeu o velho sábio

Canteiro de Orquídeas

Certa vez um antigo sábio disse: “Embora o sol e a lua brilhem, as nuvens flutuantes podem encobri-los. Embora canteiros de orquídeas estejam para florescer, os ventos de outono fazem com que murchem.”

O Dragão e o Monge Ch’an

Certa vez, ocorreu que, no estado de Kashmir, um grande dragão terrestre venenoso vivia numa caverna perto de um mosteiro de quinhentos santos que trilhavam o caminho inferior. Esse dragão aterrorizava a região tornando a vida de muitas pessoas miserável. Todos os dias os santos reuniam e, juntos, tentavam usar o poder de sua meditação coletiva para mandar embora o dragão. Mas sempre fracassavam. O dragão simplesmente não ia embora.

Então, um dia, um monge ch’an do caminho superior chegou até o mosteiro. Os santos reclamaram sobre esse terrível dragão e pediram ao monge para se juntar a eles na meditação, a fim de acrescentar o poder de sua meditação ao deles. “Devemos forçar essa besta a nos deixar!”, eles clamaram.

O monge ch’an meramente sorriu e foi diretamente até a caverna do dragão venenoso. Colocando-se diante da caverna, o monge chamou o dragão: “Sábio e virtuoso senhor, o senhor poderia ser gentil o suficiente para nos deixar e sair de seu lugar e encontrar refúgio num lugar mais distante?”

“Bem,” – disse o dragão – “como você pediu tão polidamente, eu concordarei com seu pedido e sairei daqui.”

O dragão, você vê, tinha um fino sentido de etiqueta e, assim, ele foi embora. Em seu mosteiro, os santos observaram tudo em absoluta surpresa. Certamente este monge possuía poderes de samādhi miraculosos. Tão logo o monge chegou, os santos se juntaram ao redor dele e pediram que ele contasse sobre seus poderes maravilhosos.

“Eu não usei nenhum tipo de meditação especial ou samādhi.” – disse o monge – “Eu simplesmente mantive as regras de disciplina e essas regras estipulam que eu devo observar os menores requisitos de cortesia tão cuidadosamente quanto eu observo os maiores requisitos de moralidade.”

O Príncipe e o Pássaros

Certa vez na China existiu um príncipe que amava pássaros. Sempre que encontrava um pássaro machucado ele o alimentava, e cuidava dele até ter restaurado sua saúde. Então, quando o pássaro tinha recuperado suas forças, ele o soltava com muita alegria. Naturalmente, ele se tornou famoso por este talento de ser um curador amante dos pássaros feridos. Sempre que um pássaro machucado era encontrado em algum lugar do seu reino o pássaro era rapidamente trazido até ele, e ele expressava sua gratidão à pessoa que o trazia. Mas, então, a fim de conseguir o favor do príncipe, logo as pessoas logo começaram a apanhar pássaros e deliberadamente machucá-los, a fim de trazê-los ao palácio.

Tantos pássaros foram mortos no curso da captura e da ação de ferir que o reino se tornou um inferno para eles. Quando o príncipe viu quanto dano sua bondade estava causando, ele decretou que nenhum pássaro ferido deveria ser ajudado. Quando as pessoas viram que não havia nenhum lucro ou ganho proveniente da ajuda aos pássaros, então, elas cessaram de feri-los.

O Lenhador e a Voz

Certa vez havia um velho lenhador que estava numa clareira, próxima a sua cabana, a cortar lenha quando de repente, por cima de seus ombros ouviu uma voz: “Mas é um pobre coitado mesmo!”

E o lenhador, ao se voltar em direção a voz, nada viu. E então ouviu a voz novamente: “Sempre foi um imprestável!”

E essa voz de alguém ou de alguma coisa causavam calafrios no lenhador, no entanto, mesmo com medo, o lenhador segurou firmemente o machado e correu em direção a voz. E chegando no local de onde achava que a voz vinha, nada encontrou.

E a voz continuava a zombar dele: “Seu miserável...”

E do outro lado da clareira, o lenhador ouviu uma gargalhada: “Hahahahaha...”

A voz, parecia sempre mudar de lugar. O lenhador, no entanto, com seu machado, foi correndo até o outro lado da clareira e novamente nada encontrou. E a voz continuava: “Mas é um tolo mesmo!”

O lenhador – sem saber o que fazer – com medo e irritado, gritava: “Mostre-se de uma vez criatura!”

E o dono da voz parecia se divertir cada vez mais, e continuava a zombar dele: “Velho e tolo...”

E nesse “jogo”, uma vez que a criatura sempre estava um passo à frente, prevendo as intenções do lenhador, o velho então percebeu que a criatura podia ler seus pensamentos. Assim o velho lenhador chegou a conclusão de que nunca conseguiria surpreender a criatura, percebendo assim que nada podia ser feito e que a melhor coisa que poderia fazer era voltar a cortar a lenha de que precisava.

O lenhador voltou a cortar a lenha e de tempos em tempos ele podia ouvir a voz misteriosa, mas ele foi se concentrando tanto naquela tarefa que com o tempo o lenhador parou de se importar com aquela voz. Era como se ela nem existisse mais.

Concentrado no trabalho, numa das vezes que o lenhador levantou o machado para deferir outro golpe no tronco, fez com tanta força, que a cabeça do machado acabou se desprendendo do cabo do machado. A lamina saiu voando e acabou acertando a criatura, que morreu.

Foi o fim da voz...

Uma Prancha no Mar

Um monge confirmado e um noviço viajavam de barco. Sobreveio violenta tempestade, que afundou o barco. Encontrando uma prancha de madeira, o jovem monge agarrou-se a ela e nadou na direção do monge mais velho, que não tinha nada que o ajudasse a boiar.

Compreendes o ensinamento de Buddha? – perguntou ele ao jovem noviço. E sem nenhuma reflexão, espontaneamente, o jovem noviço ofereceu-lhe a prancha.

Nesse momento, o deus do mar, o Grande Dragão, surpreendido com a atitude do jovem monge, acionou uma onda imensa, do tamanho de uma montanha, que transportou o noviço até a praia.

O Curso da Montanha

Certa vez um velho sábio foi passear na montanha. Quando regressou, um discípulo lhe perguntou: “Mestre, aonde fostes passear?”

“Na montanha.” – respondeu o mestre.

O discípulo insistiu: “Mas que caminho tomastes, que viste?”

Respondeu-lhe o mestre: “Segui o aroma das flores e acompanhei o curso dos brotos novos.”

Viva Como as Flores

Certa vez um discípulo perguntou ao seu mestre: “Mestre, como faço para não me aborrecer? Algumas pessoas falam demais, outras são ignorantes. Algumas são indiferentes. Sinto ódio das que são mentirosas. Sofro com as que caluniam.”

“Pois viva como as flores!” – advertiu o mestre.

“Como é viver como as flores?” – perguntou o discípulo.

“Repare nestas flores” – continuou o mestre, apontando lírios que cresciam no jardim – “Elas nascem no esterco, entretanto são puras e perfumadas. Extraem do adubo

malcheiroso tudo que lhes é útil e saudável, mas não permitem que o azedume da terra manche o frescor de suas pétalas. É justo angustiar-se com as próprias culpas, mas não é sábio permitir que os vícios dos outros o importunem. Os defeitos deles são deles e não seus. Se não são seus, não há razão para aborrecimento. Exercite, pois, a virtude de rejeitar todo mal que vem de fora. Isso é viver como as flores.”

Os Hashis de Marfins

Na China antiga, um jovem príncipe resolveu mandar fazer, de um pedaço de marfim muito valioso, um par de kuàizi (hashi, em japonês). Quando isto chegou ao conhecimento do rei seu pai, que era um homem muito sensato, foi ao filho e lhe disse: “Não deves fazer isso, porque esse luxuoso par de hashi pode levar-te à perdição!”

O jovem príncipe ficou confuso. Não sabia se o pai falava a sério ou se estava a brincar. Mas o pai continuou: “Quando tiveres os teus hashis de marfim, verás que não estes não combinam com a loiça de barro que usamos à mesa. Vais precisar de copos e tigelas de jade. Ora, as tigelas de jade e os paus de marfim não admitem iguarias grosseiras. Precisarás então de cauda de elefante e fígado de leopardo. E quem tiver comido cauda de elefante e fígado de leopardo não vai contentar-se com vestes de cânhamo e uma casa simples e austera.”

“Irás precisar de fatos de seda e palácios sumptuosos.” – continuou o rei – “Ora, para teres tudo isto, vais arruinar as finanças do reino e os teus desejos nunca terão fim. Depressa cairás numa vida de luxo e de despesas sem limite. A desgraça irá atingir os nossos camponeses, e o reino afundar-se-á na ruína e desolação... Os teus hashis de marfim fazem lembrar a estreita fissura no muro de uma fortaleza, que acaba por destruir toda a construção.”

O jovem príncipe esqueceu o seu capricho e mais tarde veio a ser um monarca reputado pela sua grande sensatez.

Seja como o Tigre

Certa vez, um discípulo estava a tomar uma lição com seu mestre, que lhe instruiu: “Seja como o tigre que entra e caminha silenciosa e sorrateiramente pela floresta, sem quebrar um único galho e uma árvore sequer e, por fim, a atravessa sem pôr um único momento a ter conflitado.”

O Maior Mestre de Todos

Certo dia, na china, um discípulo que estava a estudar com seu mestre, perguntou: “Venerável mestre, diga-me, quem foi o maior mestre de Kung Fu e Tai-Chi-Chuan de todos os tempos?”

O mestre, olhou calmamente e lhe voltou um sutil sorriso. Em seguida respondeu: “O maior de todos os mestres de Kung Fu e Tai Chi Chuan da antiga china foi, e continua sendo, o silêncio.”

Comentário: a verdadeira prática do Kung Fu e Tai Chi Chuan tem por objetivo máximo conduzir o praticante a concepção de sua verdadeira essência, de seu espírito, e assim não existe melhor mestre do o silêncio, pois só por meio dele pode-se voltar ao interior. Você só vai encontrar a resposta dentro de você, o mestre apenas serve para instruir o discípulo nessa busca. O mestre mostra o caminho do espírito, o professor leva-o para o campeonato e o instiga a disputas – estimula o ego. (Fonte: Palestra O Poder do Kung Fu, por Professor Laércio Fonseca)

Céu Azul

Certa vez, um jovem discípulo, muito confuso sobre o propósito da vida, estava junto ao seu mestre a olhar o céu noturno, era uma bela noite, o céu estava limpo, haviam poucas estrelas e a lua estava cheia.

O jovem olhou para o sábio homem ao seu lado – que com a mãos de trás das costas, serenamente contemplava a vastidão do céu noturno – e perguntou: “Ó amado mestre, por favor, diga-me, qual é o sentido dessa vida que passamos aqui na Terra?”

O sábio mestre, sem tirar os olhos do céu, disse ao discípulo: “Meu amado aprendiz, busque pela integridade do teu ser, aperfeiçoe-te inteiramente. O universo nos trouxe até aqui para que possamos evoluir, esse é o propósito máximo da vida. Viva-o, e desfrutará de toda a plenitude e satisfação do teu ser.”

“Mas mestre,” – continuou o jovem – “não devemos nos preocupar em ensinar a verdade? O Dharma? Não devemos sempre ajudar os outros, aqueles que sofrem? Não seria esse o propósito máximo da vida?”

“Caro discípulo, vejas o céu e contemple sua vastidão, vejas como são poucas e pequenas as estrelas que nele habitam. A verdade sempre esteve diante dos olhos de toda a humanidade, no entanto, tantos permanecem cegos. Muitos são aqueles que insistem na ignorância, cegos para a verdade. É teu dever, sem dúvida, instruir a todos no Dharma, todavia poucos são aqueles que o buscam verdadeiramente e darão o devido valor a esses conhecimentos. Esses poucos viverão o Tao; o muitos outros, no entanto, por muitas vidas aqui permanecerão, totalmente cegos, por pura ignorância. Sobre esses que insistem em permanecer cegos, não há muito o que fazer.”

“O sábio,” – continuou o mestre – “não tem a ambição de iluminar os inconscientes ou mesmo conduzir as pessoas mundanas ao sublime vazio. Ele reconhece que não ‘eu’ ou ‘outro’, portanto ninguém a ser iluminado. Não há Céu, não há Terra; assim destino algum há de existir. Livre da ilusão o sábio aperfeiçoa a si mesmo a cada dia e assim beneficia todos os dez mil seres.”

“Seja como este vasto céu noturno, e que as poucas e pequenas estrelas sejam suficientes e te guiem. Quando não mais existir o céu azul, verás as estrelas.” – concluiu o velho mestre.

Nesse momento, não houve mais velho mestre, tampouco houve jovem discípulo; não houve mais Céu e Terra; não houve mais ‘eu’ e ‘outro’ e o céu azul deixou então de existir...



日本

JAPÃO

A Viajem de Dōgen

Dōgen não conseguiu encontrar um verdadeiro mestre no Japão e por isso decidiu ir até a China.

Na época de Dōgen, a travessia do mar do Japão era uma verdadeira expedição, que durava de um a dois meses, desde Kyushu, no Japão, até Shanghai, na China.

Ao desembarcar na China, Dōgen visitou vários templos e conheceu muitos mestres. Foi bem recebido, em todos os templos, mas em nenhum lhe foi permitido entrar na sala de meditação. Podia apenas ficar junto à entrada, do lado de fora da porta. Esse tipo de segregação lhe desagradava por demais. Por isso Dōgen repetia, incansavelmente, em todos os templos, a mesma pergunta: “Por que os monges japoneses são tratados de maneira tão diferente dos chineses?”

Nenhum mestre respondeu-lhe com clareza, ou sinceridade. Ao contrário, sempre se esquivavam, de um modo ou de outro. Assim, o monge acabou por se sentir frustrado em seu franco desejo de aprender. Após três anos de busca infrutífera, decidiu retornar ao Japão.

Estava já no porto de Shanghai, prestes a tomar a embarcação que o levaria de volta ao seu país, quando se deparou com um homem muito idoso.

“Trata-se, com certeza, de um estrangeiro.” – observou o homem, com atenção.

E então o velho aproximou-se e começou a conversar com Dōgen, que lhe disse: “Até o presente momento, você ainda não conseguiu encontrar um mestre. Então, peço-lhe que faça uma última tentativa... Vá até aquela montanha. Lá você encontrará o verdadeiro mestre pelo qual tanto tem procurado.

Dōgen seguiu o caminho que o ancião lhe indicou e, assim, chegou ao templo de Keitoku, onde o mestre Nyojo o esperava. Na noite anterior, Nyojo tivera um sonho no qual recebia a visita de um grande monge, que era a reencarnação do mestre Tōzan. Por isso aguardava sua chegada, cheio de alegria.

O encontro de ambos foi como fogo e chama, como imã e ferro. Desde o primeiro momento em que se olharam, perceberam uma sintonia perfeita, uma unidade incomparável. O mestre Dōgen chorava de emoção. E, mais tarde, escreveu em seu diário:

“A viagem à China me levou à descoberta de um tesouro inestimável: o encontro com o mestre Nyojo; essa foi a maior alegria de minha vida. Nasci como homem, trilhei o Caminho do Buddha e, graças ao Ensino que me foi transmitido por um verdadeiro mestre, pude compreender a verdadeira palavra do Dharma e receber a Fé real, já depurada de qualquer dogma.”

Verso Zen

*“Antes de entendermos o Zen,
as montanhas são montanhas e os rios são rios;
Ao nos esforçarmos para entender o Zen,
as montanhas deixam de ser montanhas e os rios deixam de ser rios;
Quando finalmente entendemos o Zen,
as montanhas voltam a ser montanhas e os rios voltam a ser rios.”*

Uma Xícara de Chá

Nan-In foi um mestre japonês que viveu durante a era Meiji (1868-1912). Certa vez recebeu um professor de universidade que veio lhe inquirir sobre o Zen.

Chegando lá Nan-In o convidou para tomar chá.

Enquanto o mestre lhe servia chá o professor iniciou um longo discurso intelectual sobre suas teorias e questionamentos.

E o mestre continuou servindo até que a xícara estivesse completamente cheia, continuou a enchê-la, derramando chá por toda a mesa.

O professor, vendo o excesso se derramando, não pode mais se conter e disse: “Está muito cheio. Não cabe mais chá!”

“Como esta xícara,” Nan-In disse, “você está cheio de suas próprias opiniões e especulações. Como posso eu lhe demonstrar o Zen sem você primeiro esvaziar sua xícara?”

Esvaziar-se

Certa ocasião, um mestre zen recomendou a seu discípulo: “Esvazie-se por dentro, siga o exterior.”

“Como posso fazê-lo, mestre?” – perguntou o jovem.

O mestre então respondeu: “Vazio por dentro, seguindo o lado de fora. Esvazie-se e siga sem apegos ao eu individual. Relacione-se bem com as outras pessoas. Se completamente esquecer seu corpo-mente, penetrar a verdade e manter a prática de acordo com os ensinamentos, você será bom dentro e fora, no presente, passado e futuro.”

O Monge Cozinheiro e o Balde D’água

Certa vez, o mestre de um mosteiro zen, iria fundar um novo templo numa cidade próxima e por isso ele precisava escolher o monge mais apto e sábio para cuidar do mosteiro. Assim ele reuniu todos os discípulos no pátio do mosteiro, pegou um balde, encheu com água e o colocou no centro do pátio.

“Vocês devem me dizer o que é isso que coloquei aqui no centro, entretanto, vocês não podem falar que é um balde d’água.” – disse o mestre

Silêncio total, todos ficaram olhando para aquele balde de água. O mestre chamaria discípulo por discípulo.

O primeiro discípulo veio, olhou para o balde d’água e disse: “Mestre, certamente isso não é um cachorro.”

O mestre segurou-se para não rir e disse: “Óooo... Grande sabedoria!”

Veio o segundo discípulo e disse: “Mestre, isso contém o líquido da vida!”

O mestre, com cara de espanto, disse: “Óooo...”

E assim foi, discípulo por discípulo, cada um inventando uma definição mais maluca do que a outra. Até que todos os discípulos fizeram o teste e o mestre ficou em choque dizendo: “Não é possível? Como assim? Ninguém?”

Eis que descobrem que faltava o cozinheiro, o monge que estava trabalhando na cozinha.

“Pois então, chamem o Shiu.” – disse o mestre.

Após chama-lo, chega o monge cozinheiro, sem saber o que estava acontecendo e pergunta: “O que que está acontecendo?”

“O mestre quer que você fale o que é isso sem falar que é um balde d’água.” – disse um dos monges.

Shiu olhou... sem pensar muito foi lá e deu um chute no balde.

“Péeeii!” e o balde quebrou todo, derramando água pelo pátio.

“Esse é meu escolhido, o monge mais sábio do mosteiro! O que chutou o balde!” – disse o mestre.

Comentário: O Zen detesta regras e lei, detesta definições intelectuais e modelos. Para o Zen é necessário primeiro esvaziar-se e não estudar milhares de livros. Todos os discípulos, usaram a mente e as palavras para definir o balde d’água. O único que desprezou completamente a indagação foi o cozinheiro que chutou o balde, ele sabia do Zen, o monge deve ter pensando: “O mestre é idiota. Me fazer uma pergunta dessa para mim? No Zen não se tem explicação de nada, não há definições, vou é dar um chute nisso aí.” Por isso Shiu se mostrou mais sábio, o que realmente tinha definido a essência do treinamento zen, o ensinamento sem palavras. (Fonte: Professor Laércio Fonseca na palestra: Jesus um Mestre Zen na Galileia)

Hábitos Umedecidos

Certa vez uma mestra zen do Mosteiro Feminino de Nagoya disse, sobre a prática correta: “Praticar de forma correta é como caminhar através da névoa e do orvalho. Embora você não fique molhado, seus hábitos estarão umedecidos.”

Nobunaga e a Moeda

Um grande guerreiro japonês chamado Nobunaga certa vez decidiu atacar o inimigo. Mesmo tendo tivesse apenas um décimo do número de homens que seu oponente, Nobunaga sabia que poderia ganhar, todavia seus soldados tinham dúvidas.

No caminho para a batalha Nobunaga e seus homens pararam em um templo Xintoísta. Nobunaga então disse:

“Após eu visitar o relicário eu jogarei uma moeda. Se sair Cara, iremos com certeza vencer; se sair a Coroa, iremos com certeza perder. O Destino nos tem em suas mãos.”

Nobunaga entrou no templo e ofereceu uma prece silenciosa. Então saiu, e ao jogar a moeda, a Cara apareceu. Seus soldados ficaram tão entusiasmados a lutar que ganharam a batalha facilmente.

Após a batalha, seu segundo em comando disse-lhe orgulhoso: “Ninguém pode mudar a mão do Destino!”

“Realmente não...” disse Nobunaga mostrando-lhe reservadamente sua moeda, que tinha sido duplicada, possuindo a Cara impressa nos dois lados.

Os Dois Monges e a Moça

Tanzan e Ekido certa vez viajavam juntos por uma estrada lamacenta. Uma pesada chuva ainda caía, dificultando a caminhada. Chegando a uma curva, eles encontraram uma bela garota vestida com um quimono de seda e cinta, incapaz de cruzar a intercessão.

“Venha moça, eu lhe carregarei em meus braços.” – disse Tanzan de imediato.

Erguendo-a em seus braços, ele a carregou atravessando o lamaçal. Ekido não falou nada até aquela noite até que eles atingiram o alojamento do Templo e não mais se conteve dizendo: “Nós monges não nos aproximamos de mulheres, especialmente as jovens e belas. Isto é perigoso. Por que fez aquilo?”

“Caro Ekido eu deixei a garota lá a muito tempo,” – disse Tanzan – “no entanto você ainda a carrega em sua mente?”

A Raiva e o Cachimbo de Bambu

Quando Yamaoka Tesshū era um jovem estudante zen, visitou um mestre após outro. Certo dia então foi até Dokuon de Shokoku. Desejando mostrar o quanto já sabia, Yamaoka, todo vaidoso, disse: “A mente, Buddha, e os seres sencientes, além de tudo, não existem. A verdadeira natureza dos fenômenos é vazia. Não há realização, nenhuma delusão, nenhum sábio, nenhuma mediocridade. Não há nada a dar, tampouco nada a receber!”

Dokuon, que estava fumando pacientemente, nada disse. Subitamente ele acertou Yamaoka na cabeça com seu longo cachimbo de bambu. Isto fez o jovem ficar muito irritado, gritando xingamentos.

“Se nada existe,” – perguntou, calmo, Dokuon – “de onde veio toda esta sua raiva?”

A Subjugação de um Fantasma

Certa vez, uma jovem e bela esposa caiu doente e finalmente chegou às portas da morte. “Eu te amo tanto,” ela disse ao seu marido, “eu não quero deixar-te. Prometas que não me trocarás por nenhuma outra! Se tu não o fizeres, eu retornarei como um fantasma e te causarei aborrecimentos sem fim!” Logo em seguida, a esposa morreu. O marido procurou respeitar seu último desejo pelos primeiros três meses, mas então ele encontrou outra mulher e se apaixonou. Eles tornaram-se noivos e logo se casariam.

Imediatamente após o noivado um fantasma aparecia todas as noites ao homem, acusando-o por não ter mantido sua promessa. O fantasma era esperto, também. Ela lhe dizia tudo o que acontecia e era falado entre ele e sua noiva, mesmo as mais íntimas experiências. Sempre que dava à sua noiva um presente, o fantasma o descrevia em detalhes. Ela até mesmo repetia suas conversas, e isso aborrecia tanto o homem que ele não era capaz de dormir. Alguém o aconselhou a expor seu problema a um mestre zen que vivia próximo à vila.

Enfim, em desespero, o pobre homem foi buscar sua ajuda.

“Então sua ex-esposa tornou-se um fantasma e sabe tudo o que você faz.” – comentou o mestre, se divertindo – “O que quer que você faça ou diga, o que quer que você dê à sua amada, ela sabe. Ela deve ser um fantasma muito sábio... Realmente você deveria admirar tal fantasma! A próxima vez que ela aparecer, barganhe com ela. Diga a ela exatamente o que direi a você...”

Naquela noite o homem encontrou o fantasma e disse o que o mestre havia instruído: “Você sabe tanto de mim que eu nada posso esconder-lhe! Se você me responder apenas uma questão, eu lhe prometo desfazer meu noivado e permanecer solteiro.”

“Na verdade, eu sei que você foi ver um mestre zen hoje! Diga-me sua questão.”, disse o fantasma. O homem levantou sua mão direita fechada e perguntou: “Já que sabes tanto, diga-me apenas quantos feijões eu tenho nesta mão...”

Neste exato momento não havia mais nenhum fantasma para responder à questão.

Comentário: Muitos geralmente não entendem esse koan sob um primeiro olhar. É importante lembrar que os contos zen possuem a característica de geralmente não terem uma interpretação fixa. Todavia, uma possível interpretação desse conto é que o fantasma seria apenas fruto da imaginação do homem por causa de seu remorso por ter quebrado a promessa, sendo assim o fantasma estava apenas na cabeça dele por isso sempre sabia tudo. Quando ele pediu para o fantasma adivinhar uma coisa que nem mesmo ele sabia ele percebeu que não existia fantasma algum.

A Verdadeira Riqueza

Certa vez, um homem muito rico pediu a Sengai Gibon, um monge zen japonês, para escrevesse algo pela continuidade da prosperidade de sua família, de tal modo que esta pudesse manter sua fortuna de geração a geração.

Sengai pegou uma longa folha de papel de arroz e escreveu: “Pai morre, filho morre, neto morre.”

O homem rico ficou indignado e ofendido: “Eu lhe pedi para escrever algo pela felicidade de minha família! Porque fizeste uma brincadeira destas?”

“Não pretendi fazer brincadeiras,” – explicou Sengai tranquilamente – “Se antes de sua morte seu filho morrer, isto iria magoá-lo imensamente. Se seu neto se fosse antes de seu filho, tanto você quanto ele ficariam arrasados. Mas se sua família, de geração a geração, morrer na ordem que eu escrevi, isso seria o mais natural curso da Vida. Eu chamo a isso Verdadeira Riqueza.”

Céu e Inferno

Certa vez, um orgulhoso guerreiro chamado Nobushige foi até o mestre zen japonês Hakuin Ekaku, e perguntou-lhe: “Se existe um paraíso e um inferno, onde estão?”

“Quem é você?” – perguntou Hakuin – “Eu sou um samurai!” o guerreiro exclamou.

“Você, um guerreiro!” – riu-se Hakuin – “Que espécie de governante teria tal guarda? Sua aparência é a de um mendigo!”

Nobushige ficou tão raivoso que começou a desembainhar sua espada, mas Hakuin continuou: “Então você tem uma espada! Sua arma provavelmente está tão cega que não cortará minha cabeça...”

O samurai retirou a espada num gesto rápido e avançou pronto para matar, gritando de ódio. Neste momento Hakuin gritou: “Acabaram de se abrir os Portais do Inferno!”

Ao ouvir estas palavras, e percebendo a sabedoria do mestre, o samurai embainhou sua espada e fez-lhe uma profunda reverência.

“Acabaram de se abrir os Portais do Paraíso.” – disse suavemente Hakuin.

O Monge Com as Palmas Suadas

Kasan, um mestre e monge zen, ia officiar o funeral de um nobre famoso. Enquanto esperava pela chegada do governador da província e de outros senhores e senhoras, percebeu que estava com as palmas das mãos suadas.

No dia seguinte, ele reuniu seus discípulos e confessou que não estava pronto para ser um professor de verdade. Explicou-lhes que ainda não conseguia adotar o mesmo tipo de comportamento diante de todos os seres humanos, fosse a pessoa um mendigo ou um rei. Não era capaz de considerar os papéis sociais e as identidades conceituais e ver a igualdade do ser em todos os indivíduos. Depois, ele partiu e se tornou o aprendiz de outro mestre. Oito anos mais tarde, retornou iluminado à companhia de seus antigos discípulos.

É Mesmo?

Certo dia, uma linda garota da vila ficou grávida. Seus pais, encolerizados, exigiram saber quem era o pai. Inicialmente resistente a confessar, a ansiosa e embaraçada menina finalmente acusou Hakuin Ekaku, o mestre zen o qual todos da vila reverenciavam profundamente por viver uma vida digna.

Quando os insultados pais confrontaram Hakuin com a acusação de sua filha, ele simplesmente disse: “É mesmo?”

Quando a criança nasceu, os pais a levaram para Hakuin, o qual agora era visto como um pária por todos da região. Eles exigiram que ele tomasse conta da criança, uma vez que essa era sua responsabilidade.

“É mesmo?” – Hakuin disse calmamente enquanto aceitava a criança.

Por muitos meses ele cuidou carinhosamente da criança até o dia em que a menina não aguentou mais sustentar a mentira e confessou que o pai verdadeiro era um jovem da vila que ela estava tentando proteger.

Os pais imediatamente foram a Hakuin, constrangidos, para ver se ele poderia devolver a guarda do bebê. Com profusas desculpas eles explicaram o que tinha acontecido.

“É mesmo?” – disse Hakuin enquanto devolvia a criança.

Certo e Errado

Quando Bankei, um mestre zen, realizava seus retiros semanais de meditação, discípulos de muitas partes do Japão vinham participar. Durante um destes Sesshins um discípulo foi pego roubando. O caso foi reportado a Bankei com a solicitação para que o culpado fosse expulso. Bankei ignorou o caso. Mais tarde o discípulo foi surpreendido na mesma falta, e novamente Bankei desdenhou o acontecimento. Isto aborreceu os outros discípulos, que enviaram uma petição pedindo a dispensa do ladrão, e declarando que se tal não fosse feito eles todos iriam deixar o retiro.

Quando Bankei leu a petição ele reuniu todos diante de si. “Vocês são sábios,” ele disse aos discípulos. “vocês sabem o que é certo e o que é errado. Vocês podem ir para qualquer outro lugar para estudar e praticar, mas este pobre irmão não percebe nem mesmo o que significa o certo e o errado. Quem irá ensiná-lo se eu não o fizer? O mantere aqui, mesmo que o todos o resto de vocês partam.”

Uma torrente de lágrimas foi derramada pelo monge que roubara. Todo seu desejo de roubar tinha se esvaecido.

Árvore Sem Sombra

Certa vez o mestre Keizan Jokin perguntou à monja Mofuku Sonin: “O inverno acabou e a primavera está chegando. Há uma ordem para isso. Qual é sua compreensão?”

A monja Sonin responde: “Nos galhos de uma árvore sem sombra, como pode haver qualquer estação?”

O mestre Keizan então perguntou: “E sobre o exatamente agora?”

A monja fez uma reverência e o mestre transmitiu a ela o Dharma e o manto de Buddha.

O Budhismo e a Bíblia Cristã

Um dos monges do mestre Gasan visitou a universidade em Tokyo. Ao retornar, ele perguntou ao mestre se ele já tinha lido a Bíblia Cristã.

“Não,” – Gasan replicou – “por favor leia algo dela para mim.”

O monge abriu a Bíblia no Sermão da Montanha em São Mateus, e começou a ler. Após a leitura das palavras de Cristo sobre os lírios no campo, ele parou. Mestre Gasan ficou em silêncio por muito tempo.

“Sim,” – ele finalmente disse – “Quem quer que proferiu estas palavras é um ser iluminado. O que você leu para mim é a essência de tudo o que eu tenho estado tentando ensinar a vocês aqui.”

A Lua Não Pode Ser Roubada

Ryōkan Taigu, um mestre zen, vivia a mais simples e frugais das vidas em uma pequena cabana aos pés de uma montanha. Uma noite um ladrão entrou na cabana apenas para descobrir que nada havia para ser roubado.

Ryōkan retornou e o surpreendeu lá.

“Você fez uma longa viagem para me visitar,” – ele disse ao gatuno – “e você não deveria retornar de mãos vazias. Por favor tome minhas roupas como um presente.”

O ladrão ficou perplexo. Rindo de troça, ele tomou as roupas e esgueirou-se para fora. Ryōkan sentou-se nu, olhando a lua.

“Pobre coitado,” – ele murmurou – “gostaria de poder dar-lhe esta bela lua.”

O Homem Rico

Um homem queria ficar rico e, todos os dias, ia pedir a Deus que lhe atendesse às súplicas. Num dia de inverno, ao voltar da oração, avistou, presa no gelo do caminho, uma polpuda carteira de dinheiro. No mesmo instante, julgou-se atendido. Mas como a

carteira resistisse aos seus esforços, urinou em cima dela a fim de derreter o gelo que a retinha. E foi então... Que despertou na cama toda molhada...

Equanimidade

Durante as guerras civis no Japão feudal, um exército invasor poderia facilmente dizimar uma cidade e tomar controle. Numa vila, todos fugiram apavorados ao saberem que um general famoso por sua fúria e crueldade estava se aproximando - todos exceto um mestre zen, que vivia afastado.

Quando chegou à vila, seus batedores disseram que ninguém mais estava lá, além do monge. O general foi então ao templo, curioso em saber quem era tal homem. Quando ele lá chegou, o monge não o recebeu com a normal submissão e terror com que ele estava acostumado a ser tratado por todos; isso levou o general à fúria.

“Seu tolo!” – ele gritou enquanto desembainhava a espada – “não percebe que você está diante de um homem que pode trucidá-lo num piscar de olhos?” Mas o mestre permaneceu completamente tranquilo.

“E você percebe,” – o mestre replicou calmamente – “que você está diante de um homem que pode ser trucidado num piscar de olhos?”

A Velha Manta

O mestre Ryōkan vivia numa pequena ermida, na montanha. Certa noite, um ladrão apareceu por lá. Entrou na ermida e olhou ao redor, atentamente, mas não encontrou nada para roubar.

Ryōkan, ao que parecia, dormia profundamente, envolto numa velha manta que o ladrão, para não sair de mãos vazias, resolveu levar. Tomou-a com todo cuidado e fugiu rapidamente.

Então Ryōkan, que não estava tão adormecido quanto o ladrão imaginava, levantou-se. E, tremendo de frio, compôs um haikai:

*“Cá, na janela,
deixada pelo ladrão,
ficou a lua.”*

O Ladrão de Batatas

Numa noite de lua cheia, o mestre Ryōkan estava praticando zazen, em meio a uma plantação de batatas. Ao vê-lo, proprietário tomou-o por um ladrão que, todas as noites, roubava-lhe uma boa quantidade de batatas. Até o momento, ainda não tinha conseguido agarrá-lo. Mas agora ali estava sua chance...

“Armando-se de um porrete, correu em direção ao mestre e começou a golpeá-lo, enquanto gritava: “Ladrão! Enfim consegui pegá-lo.”

Entretanto, o mestre Ryōkan permanecia imóvel, imperturbável, contemplando a lua, em silêncio.

Um vizinho que passava por ali, e que conhecia o mestre Ryōkan, correu a acudir-lo. E quando por fim conseguiu deter o furioso proprietário do campo, disse: “Mas o que está fazendo? Você enlouqueceu? Este homem que você está surrando não é um ladrão, e sim o mestre Ryōkan, aquém conheço muito bem!”

Surpreso, e depois envergonhado, o proprietário largou o porrete. Voltando-se para o mestre, perguntou: “Por que o senhor não me disse antes?”

Como resposta, Ryōkan compôs o seguinte poema:

*“Os que agredem
e os que são agredidos
são como uma só gota de orvalho,
ou como um relâmpago.
Assim devem ser considerados.”*

O Ladrão que se Tornou um Discípulo

Uma noite quando Shichiri Kojun estava recitando sūtras um ladrão com uma espada entrou em seu *zen-dō*,^[2] exigindo seu dinheiro ou a sua vida. Shichiri disse-lhe: “Não me perturbe. Você pode encontrar o dinheiro naquela gaveta.”

E retomou sua recitação. Um pouco depois ele parou de novo e disse ao ladrão: “Não pegue tudo. Eu preciso de alguma soma para pagar os impostos amanhã.”

O intruso pegou a maior parte do dinheiro e principiou a sair.

“Agradeça à pessoa quando você recebe um presente.” – Shichiri acrescentou.

O homem lhe agradeceu, meio confuso, e fugiu. Poucos dias depois o indivíduo foi preso e confessou, entre outras coisas, a ofensa contra Shichiri. Quando Shichiri foi chamado como testemunha ele disse: “Este homem não é ladrão, ao menos tanto quanto me diz respeito. Eu lhe dei o dinheiro e ele inclusive me agradeceu por isso.”

Após o homem ter cumprido sua pena, ele foi a Shichiri e tornou-se um de seus discípulos.

^[2] *zen-dō* é no Zen, o local se pratica o zazen (meditação sentado).

O Sobrinho de Ryōkan e a Cortesã

Ryōkan devotou sua vida ao estudo do Zen. Um dia ele ouviu que seu sobrinho, a despeito das advertências de sua família, estava gastando seu dinheiro com uma cortesã. Uma vez que o sobrinho tinha substituído Ryōkan na responsabilidade de gerenciar os proventos da família, e os bens desta, portanto corriam risco de serem dissipados, os parentes pediram a Ryōkan fazer algo.

Ryōkan teve que viajar por uma longa estrada para encontrar seu sobrinho, o qual ele não via há muitos anos. O sobrinho ficou grato por encontrar seu tio novamente e o convidou a pernoitar em sua casa.

Por toda a noite Ryōkan sentou em meditação. Quando ele estava partindo na manhã seguinte ele disse ao jovem: “Eu devo estar ficando velho, minhas mãos tremem tanto! Poderia me ajudar a amarrar minha sandália de palha?” O sobrinho o ajudou devotadamente. “Obrigado,” disse Ryōkan finalmente, “você vê, a cada dia um homem se torna mais velho e frágil. Cuide-se com atenção.” Então Ryōkan partiu, jamais mencionando uma palavra sobre a cortesã ou as reclamações de seus parentes. Daquela manhã em diante o esbanjamento do seu sobrinho terminou.

A Morte do Mestre Takuan

Quando o mestre Takuan (cujo nome significa “pepino”) estava morrendo; um discípulo aproximou-se e perguntou-lhe qual era o seu testamento. Takuan respondeu que não tinha testamento; mas o discípulo insistiu:

“Não tendes nada... Nada para dizer?”

“A vida não passa de um sonho.” Respondeu o mestre, e expirou...

Presente de Insultos

Certa vez existiu um grande guerreiro. Ainda que muito velho, ele ainda era capaz de derrotar qualquer desafiante. Sua reputação estendeu-se longe e amplamente através do país e muitos estudantes reuniam-se para estudar sob sua orientação.

Um dia um infame jovem guerreiro chegou à vila. Ele estava determinado a ser o primeiro homem a derrotar o grande mestre. Junto à sua força, ele possuía uma habilidade fantástica em perceber e explorar qualquer fraqueza em seu oponente, ofendendo-o até que a este perdesse a concentração. Ele esperaria então que seu oponente fizesse o primeiro movimento, e assim revelando sua fraqueza, e então atacaria com uma força impiedosa e velocidade de um raio. Ninguém jamais havia resistido em um duelo contra ele além do primeiro movimento.

Contra todas as advertências de seus preocupados estudantes, o velho mestre alegremente aceitou o desafio do jovem guerreiro. Quando os dois se posicionaram para

a luta, o jovem guerreiro começou a lançar insultos ao velho mestre. Ele jogava terra e cuspiam em sua face. Por horas ele verbalmente ofendeu o mestre com todo o tipo de insulto e maldição conhecidos pela humanidade. Mas o velho guerreiro meramente ficou parado ali, calmamente. Finalmente, o jovem guerreiro finalmente ficou exausto. Percebendo que tinha sido derrotado, ele fugiu vergonhosamente.

Um tanto desapontados por não terem visto seu mestre lutar contra o insolente, os estudantes aproximaram-se e lhe perguntaram: “Como o senhor pôde suportar tantos insultos e indignidades? Como conseguiu derrotá-lo sem ao menos se mover?”

“Se alguém vem para lhe dar um presente e você não o aceita,” – o mestre replicou – “para quem retorna este presente?”

Caçando Dois Coelhos

Um estudante de artes marciais aproximou-se de seu mestre com uma questão: “Gostaria de aumentar meu conhecimento das artes marciais. Em adição ao que aprendi com o senhor, eu gostaria de estudar com outro professor para poder aprender outro estilo. O que pensa de minha ideia?”

“O caçador que espreeita dois coelhos ao mesmo tempo,” – respondeu o mestre – “corre o risco de não pegar nenhum.”

O Cego e a Ponte

Certa vez, um cego passava por uma ponte sobre um rio de águas correntes, no fundo de um vale. A ponte não era muito sólida. Mas, apoiando-se num bastão, o cego conseguiu avançar, lentamente. Mas no meio da ponte havia um buraco, e o bastão do cego acabou caindo nele, desaparecendo nas águas do rio.

“Ai meu Deus!” – exclamou o cego – “Algum demônio está me pregando uma peça de muito mau gosto!”

Apavorado, o cego perdeu o controle, jogou-se ao chão, bateu a cabeça várias vezes contra o piso de tábuas da ponte. Depois levantou-se, mas caiu de novo e assim permaneceu por algum tempo. Quando por fim seu medo arrefeceu, o cego pensou que

talvez estivesse engando, que talvez não houvesse demônio algum por ali. Tateando as tábuas, começou a procurar o bastão e acabou encontrando o buraco.

“Ah, então foi assim que perdi meu bastão!” – exclamou, aliviado.

Pegando seu leque, tentou encaixá-lo fechado dentro do buraco. Demorou um pouco, mas conseguiu. Depois, girou-o por alguns instantes e soltou-o. O leque caiu, produzindo um “ploft!” ao bater na água, lá embaixo.

“Meu bastão caiu aqui!” – exclamou, exultante – “Foi a água que o levou, e não um demônio, como eu pensava.”

E muito feliz da vida, terminou de atravessar a ponte, sem bastão, sem medo, sem dúvidas.

Ilusões

Certa vez uma velha senhora foi visitar um mestre zen para pedir-lhe um amuleto que a protegesse dos demônios. O mestre então deu-lhe uma pequenina bolsa, em cujo interior havia uma página escrita.

Depois de muitos anos, curiosa por saber o conteúdo da página, a mulher retirou-a da bolsa e leu:

*“Quando temos ilusões,
os três mundos se convertem
num campo de batalha,
numa luta.”*

Atenção Plena

Após dez anos de aprendizagem, Tenno atingiu o título de mestre zen. Num dia chuvoso, ele foi visitar o famoso mestre Nan-In. Ao entrar no mosteiro, o mestre recebeu-o com uma questão a seguinte questão: “Você deixou seus tamancos e seu guarda-chuva na varanda?”

“Sim.” – Tenno replicou.

“Diga-me então,” – o mestre continuou – “você colocou seu guarda-chuva à esquerda de seu calçado, ou à direita?”

Tenho não soube como responder, percebendo afinal que ele ainda não tinha alcançado a plena atenção. Assim tornou-se aprendiz de Nan-in e estudou sob sua orientação por mais dez anos.

A Lição do Sino

Um novo estudante aproximou-se do mestre zen e perguntou-lhe como ele poderia absorver seus ensinamentos de forma correta.

“Pense em mim como um sino,” – o mestre explicou – “Me dê um suave toque, e eu irei lhe dar um pequeno tinido. Toque-me com força e você receberá um alto e profundo badalo.”

O Elefante e a Pulga

Roshi Kapleau (um mestre zen moderno) concordou em falar a um grupo de psicanalistas sobre o Zen. Após ser apresentado ao grupo pelo diretor do instituto analítico, o Roshi quietamente sentou-se sobre uma almofada colocada sobre o chão. Um estudante entrou, prostrou-se diante do mestre, e então sentou-se em outra almofada próxima, olhando seu professor.

“O que é Zen?” – o estudante perguntou. O Roshi pegou uma banana, descascou-a, e começou a comê-la.

“Isso é tudo? O senhor não pode me dizer nada mais?” – o estudante disse.

“Aproxime-se, por favor.” – o mestre replicou. O estudante moveu-se mais para perto e Roshi balançou o que restava da banana em frente ao rosto do outro. O estudante fez uma reverência e partiu.

Um segundo estudante levantou-se e dirigiu-se à audiência: “Vocês todos entenderam?”

Quando não houve resposta, o estudante adicionou: “Vocês acabaram de testemunhar uma completa demonstração do Zen. Alguma questão?”

Após um longo silêncio constrangido, alguém falou: “Roshi, eu não estou satisfeito com sua demonstração. O senhor nos mostrou algo que eu não tenho certeza de ter compreendido. Deve existir uma maneira de nos dizer o que é o Zen!”

“Se você insiste em usar mais palavras,” – Roshi replicou – “então Zen é ‘um elefante copulando com uma pulga...’”

A Voz do Vale e os Bambus de Yoka

Sotoba é célebre por seu poema: “A voz do vale”:

*“A cor da montanha,
a voz do vale,
tudo é Buddha.”*

Sotoba admirava o pintor Yoka, famoso principalmente pelos quadros nos quais retratava bambus. Sempre que podia, Sotoba gostava de contemplá-los. Nessas ocasiões, dizia: “Quando Yoka pinta bambus, tudo o que ele vê são bambus. Não presta atenção algum às pessoas que o observam enquanto pira. Esquece-se até de si mesmo. Seu corpo se torna bambu e, nesse momento, realiza-se um frescor infinito: pintura fresca, tinta fresca, bambus frescos.”

O Cuco

Certa vez um monge viajava de barco, seguindo o curso de um rio. A noite estava escura e o barco deslizava, levado pela corrente. O barqueiro dormia. De repente, ouviu-se o canto do cuco: “Cu-co! Cu-co!”

“Esse pássaro deve estar por perto.” – pensou o monge – “Provavelmente estamos atravessando um vale entre as montanhas.”

Em seguida, o monge correu a acordar o barqueiro: “Volte ao seu posto, pegue o timão e fique atento ao curso do rio!”

Assim o mestre Kodo Sawaki escreveu um poema:

*“Talvez existam montanhas
naquela direção,
lá de onde vem o canto do cuco.
Então, barqueiro,
gire esse timão
e mude o curso
da embarcação!”*

Obra de Arte

Um mestre em caligrafia escreveu alguns ideogramas em uma folha de papel. Um dos seus mais especiais e sensíveis estudantes estava observando. Quando o artista terminou, ele perguntou a opinião do seu discípulo - que imediatamente lhe disse que não estava bom. O mestre tentou novamente, mas o estudante criticou também o novo trabalho. Várias vezes, o mestre cuidadosamente redesenhou os mesmos ideogramas, e a cada vez seu estudante rejeitava a obra.

Então, quando o estudante estava com sua atenção desviada por outra coisa e não estava olhando, o mestre aproveitou o momento e rapidamente apagou os caracteres que havia escrito no último trabalho, deixando a folha em branco.

“Veja! O que acha?” – ele perguntou.

O Estudante então virou-se e olhou atentamente.

“Esta... é verdadeiramente uma obra de arte!” – exclamou o estudante.

Comentário: Uma lenda diz que este é o conto que descreve a criação de arte do mestre Kosen, que por sua vez foi usada para criar o entalhe em madeira das palavras “O Primeiro Princípio”, que ornamentam o portão do Templo Obaku em Kyoto.

A Realidade do Agora

Um guerreiro japonês foi capturado pelos seus inimigos e jogado na prisão. Naquela noite ele sentiu-se incapaz de dormir pois sabia que no dia seguinte ele iria ser interrogado, torturado e executado. Então as palavras de seu mestre zen surgiram em sua mente: “O “amanhã não é real. É uma ilusão. A única realidade é o agora. O verdadeiro sofrimento é viver ignorando este Dharma.”

Em meio ao seu terror subitamente compreendeu o sentido destas palavras, ficou em paz e dormiu tranquilamente.

Compaixão

Há muito tempo Eshin Sozu, também conhecido como Genshin, espantou um veadinho que comia grama no jardim.

“Parece que o senhor não tem compaixão. Por que não quer compartilhar sua grama com o bichinho e o afugentou?”

Ele respondeu: “Se eu não o afugentasse, ele eventualmente se tornaria familiar com os seres humanos. E se acaso se aproximasse de uma pessoa má, certamente seria morto. Por isso o espantei.”

A Seda e a Fome

Myōan Eisai Zenji recebeu uma peça de seda e, feliz, voltou ao mosteiro – seria uma boa troca por alimentos para os monges.

Entretanto, chegou uma pessoa que lhe pediu a seda. Imediatamente ele a entregou e disse aos monges: “Vocês podem pensar que foi errado. Mas vocês estão aqui por causa da sua aspiração pelo Caminho de Buddha. Mesmo que possamos morrer de fome, é melhor beneficiar e salvar pessoas no mundo secular que estão sofrendo por falta de algo que precisam. A mente de uma pessoa do Caminho é diferente da mente das pessoas comuns.”

Coração Vazio

Koun Ejo era o fiel discípulo do mestre Eihei Dōgen. Sempre que o mestre dava algum ensinamento aos monges ou aos leigos, ao voltar a seus aposentos, Koun Ejo escrevia o que ouvira.

Foram tantos escritos que acabaram se tornando um livro chamado Zuimonki (Anais do que Foi Ouvido). Entre esses textos estava o seguinte:

*“Se o coração não estiver vazio, será impossível aceitar conselho leal.
Quando o seu ouvir estiver completamente puro no corpo e na mente,
será capaz de ouvir intimamente.
Quando ouve com essa atitude, pode clarificar a verdade e resolver suas questões.
O verdadeiro obter do Tao (Caminho)
é abandonar corpo-mente e seguir seu mestre diretamente.
Esse é o segredo principal.
Se mantiver essa atitude,
será a verdadeira pessoa do Tao (Caminho).”*

O Bem e o Mal

“Mestre,” – perguntou o praticante – “há pessoas boas e pessoas más de nascença? Estamos determinados ao bem ou ao mal?”

E o mestre Dōgen Zenji respondeu: “Originalmente não há nem mal na mente humana. O bem e mal dependem da situação. A mente não tem características fixas – muda de acordo com as circunstâncias. Se encontra boas circunstâncias, a mente se torna boa. Se encontra más circunstâncias, ela se torna má. Não pense que sua mente é má por natureza. Apenas siga as boas circunstâncias.”

Tudo Vem da Terra

Certa ocasião, Eihei Dōgen, fundador de Eihei-ji (um dos dois principais templos da escola Sōtō de Zen Buddhismo), no século XIII, assim falou: “Sentar ao vento e dormir ao sol é melhor que usar brocados. Ouro e joias foram tiradas da terra, assim como madeira e pedras. Sem preferências nem julgamentos de valor. Se achar que ficará apegado aos ricos brocados, também poderá ficar apegado ao sol e ao vento. Cuidado. Buddha recebia alimentos finos e alimentos simples da mesma maneira.”

Arrogância

Dōgen Zenji dizia: “Não seja arrogante se considerando igual ou superior aos outros. Não se deprecie se considerando inferior. Ambos são espécies de arrogância. Lembre-se de que pode estar numa alta posição e cair. Pode estar em segurança agora, mas poderá estar em perigo no próximo minuto. Está vivo agora, mas não se sabe do amanhã.”

A Prática Faz a Perfeição

Um estudante de canto de ópera dramática treinou sob um rígido professor que insistia que ele recitasse dia após dia, mês após mês o mesmo trecho da mesma canção, sem jamais ser permitido ir adiante. Finalmente, oprimido pela frustração e desespero, o jovem fugiu em busca de outra profissão.

Uma noite, parando em uma estalagem, ele encontrou por acaso o anúncio de uma competição de recitação. Não tendo nada a perder, ele entrou na competição e, é claro, cantou a única passagem que ele conhecia tão bem.

Quando ele terminou, o patrocinador da competição congratulou-o efusivamente sua performance. A despeito das embaraçadas objeções do estudante, recusou-se a acreditar que havia escutado um cantor principiante.

“Diga-me,” perguntou o patrocinador, “quem é seu instrutor? Ele deve ser um grande mestre!”

O estudante mais tarde tornou-se conhecido como o grande cantor japonês Koshiji.

Complicando o Que é Simples

Quando um mestre espiritual e seus discípulos começavam sua meditação do anoitecer, o gato que vivia no Monastério fazia tanto barulho que os distraía. Então o professor ordenou que o gato fosse amordaçado durante a prática noturna.

Anos depois, quando o mestre morreu, o gato continuou a ser amarrado durante a meditação. E quando o gato eventualmente morreu, outro gato foi trazido para o Monastério e amarrado.

Séculos depois, quando todos os fatos do evento estavam perdidos no passado, praticantes intelectuais que estudavam os ensinamentos daquele mestre espiritual escreveram longos tratados escolásticos sobre a significância de se amordaçar um gato durante a prática da meditação...

Sem Mais Questões

Ao encontrar um mestre zen em um evento social, um psiquiatra decidiu colocá-lo uma questão que sempre esteve em sua mente: “Exatamente como você ajuda as pessoas?”

“Eu as alcanço naquele momento mais difícil, quando elas não têm mais nenhuma questão para perguntar.” – o mestre respondeu.

Não Morri Ainda

O Imperador perguntou ao mestre Gudo:

“O que acontece com um homem iluminado após a morte?”

“Como eu poderia saber?” – replicou Gudo.

“Porque o senhor é um mestre... não é?” – respondeu o Imperador, um pouco surpreso.

“Sim Majestade,” – disse Gudo suavemente – “mas ainda não sou um mestre morto.”

Chá ou Paulada

Certa vez Hakuin contou uma estória: “Havia uma velha mulher que tinha uma casa de chá na vila. Ela era uma grande conhecedora da cerimônia do chá, e sua sabedoria no Zen era soberba. Muitos estudantes ficavam surpresos e ofendidos que uma simples velha pudesse conhecer o Zen, e iam à vila para testá-la e ver se isso era mesmo verdade.”

“Toda vez que a velha senhora via monges se aproximando, ela sabia se eles vinham apenas para experimentar o seu chá, ou para testá-la no Zen. Àqueles que vinham pelo chá ela servia gentil e graciosamente, encantando-os. Àqueles que vinham tentar saber de seu conhecimento do Zen, ela escondia-se até que o monge chegasse à porta e então lhe batia com um tição.”

“Apenas um em cada dez conseguiam escapar da paulada...”

Jardim Zen - A Beleza Natural

Um jovem monge era o responsável pelo jardim zen de um famoso templo zen. Ele tinha conseguido o trabalho porque amava as flores, arbustos e árvores. Próximo ao templo havia um outro templo menor onde vivia apenas um velho mestre zen.

Um dia, quando o monge estava esperando a visita de importantes convidados, ele deu uma atenção extra ao cuidado do jardim. Tirou as ervas daninhas, podou os arbustos, cardou o musgo, e gastou muito tempo meticulosamente passando o ancinho e

cuidadosamente tirando as folhas secas de outono. Enquanto ele trabalhava, o velho mestre observava com interesse de cima do muro que separava os templos.

Quando terminou, o monge afastou-se um pouco para admirar seu trabalho.

“Não está lindo?” – ele perguntou, feliz, para o velho monge.

“Sim,” – replicou o ancião – “mas está faltando algo crucial. Me ajude a pular este muro e eu irei acertar as coisas para você.”

Após certa hesitação, o monge levantou o velho por sobre o muro e pousou-o suavemente em seu lado. Vagarosamente, o mestre caminhou para a árvore mais próxima ao centro do jardim, segurou seu tronco e o sacudiu com força. Folhas desceram suavemente à brisa e caíram por sobre todo o jardim.

“Pronto!” – disse o velho monge – “Agora você pode me levar de volta.”

A Vaca do Mestre Issan

Mestre Issan tinha uma vaca, com a qual costumava passear frequentemente. A maioria das vacas tem uma argola no focinho, para que seus donos possam conduzi-las por uma corda. Mas a vaca de Issan vivia livre, sem necessidade de argolas nem cordas.

Quando Issan saía do templo, encontrava a vaca à sua espera. Levava-a então ao campo para pastar grama fresca e tenra, sem que argola alguma atrapalhasse seus movimentos.

Quando Issan a chamava, depois de praticar o zazen, a vaca atendia prontamente. Então Issan montava em seu lombo, perguntado: “Para onde iremos hoje?”

“Para onde você quiser!” – respondia a vaca.

Certo dia, Issan disse a seus discípulos: “Cem anos depois da minha morte, renascerei em forma de vaca. Pertencerei a alguém que viverá ao pé dessa montanha. Em meu flanco direito estará escrito: “Eu sou Issan.” E então, se vocês disserem que a vaca será eu, estarão equivocados, pois é claro que a vaca será uma vaca... Mas se disserem que ela ‘não passa de uma vaca’, também estarão equivocados, pois a vaca será, serei, eu.”

Apenas Duas Palavras

Havia um certo Monastério Sōtō Zen que era muito rígido. Seguindo um estrito voto de silêncio, a ninguém era permitido falar. Mas havia uma pequena exceção a esta regra: a cada 10 anos os monges tinham permissão de falar apenas duas palavras. Após passar seus primeiros dez anos no Monastério, um jovem monge foi permitido ir ao monge Superior.

“Passaram-se dez anos,” – disse o monge Superior – “quais são as duas palavras que você gostaria de dizer?”

“Cama dura...” – disse o jovem.

“Entendo...” – replicou o monge Superior.

Dez anos depois, o monge retornou à sala do monge Superior.

“Passaram-se mais dez anos,” – disse o Superior – “Quais são as duas palavras que você gostaria de dizer?”

“Comida ruim...” – disse o monge.

“Entendo...” – replicou o Superior.

Mais dez anos se foram e o monge uma vez mais encontrou-se com o seu Superior, que perguntou: “Quais são as duas palavras que você gostaria de dizer, após mais estes dez anos?”

“Eu desisto!” – disse o monge.

“Bem, eu entendo o porquê,” – replicou, cáustico, o monge Superior – “Tudo o que você sempre fez foi reclamar!”

Meditação e Macacos

Um homem estava interessado em aprender meditação. Foi até um zen-dō (local de prática de zazen) e bateu na porta. Um velho professor o atendeu: “Sim?”

“Bom dia, meu senhor,” – começou o homem – “eu gostaria de aprender a fazer meditação. Como eu sei que isso é difícil e muito técnico, eu procurei estudar ao máximo, lendo livros e opiniões sobre o que é meditação, suas posturas, etc... Estou aqui porque o senhor é considerado um grande professor de meditação. Gostaria que o senhor me ensinasse.”

O velho ficou olhando o homem enquanto este falava. Quando terminou, o professor disse: “Quer aprender meditação?”

“Claro! Quero muito?” – exclamou o outro.

“Estudou muito sobre meditação?” – disse um tanto irônico.

“Fiz o máximo que pude...” – afirmou o homem.

“Certo.” – replicou o velho – “Então vá para casa e faça exatamente isso: não pense em macacos.”

O homem ficou pasmo. Nunca tinha lido nada sobre isso nos livros de meditação. Ainda meio incerto, perguntou: “Não pensar em macacos? É só isso?”

“É só isso.”

“Bem isso é simples de fazer” – pensou o homem, e concordou.

O professor então apenas completou: “Ótimo. Volte amanhã!” – e bateu a porta.

Duas horas depois, o professor ouviu alguém batendo freneticamente a porta do zen-dō. Ele abriu-a, e lá estava de novo o mesmo homem.

“Por favor me ajude!” – exclamou aflito – “Desde que o senhor pediu para que eu não pensasse em macacos, não consegui mais deixar de me preocupar em não pensar neles! Vejo macacos em todos os cantos!”

O Carrasco e a Cortesã

Durante a Era Tokigawa, os criminosos eram sumariamente condenados à degolação, sem demora, sem distinção de classe social, até mesmo sem distinção de casos. Tanto fazia o tipo de crime, se era crime, já merecia a condenação. Assim se pensava na época.

Entre as execuções famosas daquele tempo, conta-se a de uma célebre cortesã, muito bela e corajosa. Seu nome era Oden Takahashi.

O carrasco, um homem chamado Asaemon, tinha o costume de declarar um poema de Kobo Daishi, enquanto executava o réu:

*“As flores têm perfume,
Mas acabam murchando.”*

Depois erguia a espada e, com um golpe certo, degolava o condenado, enquanto concluía o poema:

*“Não cultive ilusões,
Nem cultive vãos,
Nem se embriague.”*

Em seguida guardava o sabre e juntava as mãos, num respeitoso gasshō. Este era seu kito, sua cerimônia para ajudar o morto a despojar-se de toda e qualquer ilusão desse mundo.

No momento de executar Oden Takahashi, Asaemon começou a declamar os primeiros versos do poema, como sempre fazia. Já estava prestes a deferir o golpe fatal, quando a cortesã, voltando o rosto, fitou-o sem nenhum medo e, piscando um olho, presenteou-o com um sorriso sedutor.

A beleza daquela mulher, sobretudo naquele instante, seria capaz de desarmar e comover o mais feroz dos demônios...

Trêmulo, Asaemon errou o golpe e deixou cair o a espada, que foi se crava na madeira, bem ao lado da cabeça da moça.

O Eu Verdadeiro

Um homem muito perturbado foi até um mestre zen, apresentou-se e disse: “Por favor, mestre, eu me sinto desesperado! Não sei quem eu sou. Sempre li e ouvi falar sobre o Eu Superior, nossa verdadeira Essência Transcendental, e por muitos anos tentei atingir esta realidade profunda, sem nunca ter sucesso! Por favor mostre-me meu Eu Verdadeiro!”

Mas o professor apenas ficou olhando para longe, em silêncio, sem dar nenhuma resposta. O homem começou a implorar e pedir, sem que o mestre lhe desse nenhuma atenção. Finalmente, banhado em lágrimas de frustração, o homem virou-se e começou a se afastar. Neste momento o mestre chamou-o pelo nome, em voz alta.

“Sim?” – replicou o homem, enquanto se virava para fitar o sábio.

“Eis o seu verdadeiro Eu.” – disse o mestre.

Por Que Palavras?

Certa vez, um monge aproximou-se de seu mestre – que se encontrava em meditação no pátio do Templo à luz da lua – com uma grande dúvida: “Mestre, aprendi que confiar nas palavras é ilusório; e diante das palavras, o verdadeiro sentido surge através do silêncio. Mas vejo que os Sūtras e as recitações são feitas de palavras; que o ensinamento é transmitido pela voz. Se o Dharma está além dos termos, porque os termos são usados para defini-lo?”

O velho sábio respondeu: “As palavras são como um dedo apontando para a Lua; cuida de saber olhar para a Lua, não se preocupe com o dedo que a aponta.”

O monge replicou: “Mas eu não poderia olhar a Lua, sem precisar que algum dedo alheio a indique?”

“Poderia,” – confirmou o mestre – “e assim tu o farás, pois ninguém mais pode olhar a lua por ti. As palavras são como bolhas de sabão: frágeis e inconsistentes, desaparecem quando em contato prolongado com o ar. A Lua está e sempre esteve à vista.

O Dharma é eterno e completamente revelado. As palavras não podem revelar o que já está revelado desde o Primeiro Princípio.”

“Então,” – o monge perguntou – “por que os homens precisam que lhes seja revelado o que já é de seu conhecimento?”

“Porque,” – completou o sábio – “da mesma forma que ver a Lua todas as noites faz com que os homens se esqueçam dela pelo simples costume de aceitar sua existência como fato consumado, assim também os homens não confiam na Verdade já revelada pelo simples fato dela se manifestar em todas as coisas, sem distinção. Desta forma, as palavras são um subterfúgio, um adorno para embelezar e atrair nossa atenção. E como qualquer adorno, pode ser valorizado mais do que é necessário.”

O mestre ficou em silêncio durante muito tempo. Então, de súbito, simplesmente apontou para a lua.

O Som do Silêncio

Certa vez, um budhista foi às montanhas procurar um grande mestre, que segundo acreditava poderia lhe dizer a palavra definitiva sobre o sentido da Sabedoria. Após muitos dias de dura caminhada o encontrou em um belo templo à beira de um lindo vale. “Mestre, vim até aqui para lhe pedir uma palavra sobre o sentido do Dharma. Por favor, faça-me atravessar os Portões do Zen.”

“Diga-me,” – replicou o sábio – “vindo para cá vós passastes pelo vale?”

“Sim.”

“Por acaso ouvistes o seu som?”

Um tanto incerto, o homem disse: “Bem, ouvi o som do vento como um suave canto penetrando todo o vale.”

O sábio respondeu: “O local onde vós ouvistes o som do vale é onde começa o caminho que leva aos Portões do Zen. E este som é toda palavra que vós precisais ouvir sobre a Verdade.”

Autocontrole

Um dia aconteceu um tremendo terremoto que sacudiu inteiramente um templo zen. Partes dele chegaram mesmo a ruir. Muitos dos monges ficaram terrificados. Quando o terremoto parou o professor do templo disse, vaidosa e arrogantemente: “Agora vocês tiveram a oportunidade de ver como um verdadeiro sábio zen se comporta diante de uma situação de crise. Vocês devem ter notado que eu não entrei em pânico. Eu estive sempre muito consciente do que estava acontecendo e do que fazer. Eu guiei vocês todos para a cozinha, a parte mais firme do templo. E esta foi uma brilhante decisão, pois como vocês veem todos sobrevivemos sem nenhum arranhão! Contudo, a despeito de meu grande autocontrole e compostura exemplar, admito ter sentido um pouco - muito pouco – de tensão. Fato que vocês devem ter deduzido quando me viram beber um grande copo de água, algo que eu jamais faço em circunstâncias normais...”

Neste momento alguns monges sorriram, mas não disseram nada.

“De que estão rindo?” – perguntou o professor.

“Aquilo não era água,” – disse um dos monges – “era um grande copo de molho apimentado...”

Escola da Fome

No Japão do século XVII, durante um período de privações e fome, um camponês, que já não tinha como sustentar sua família, lembrou-se de um antigo costume de sua pátria: aquele que fosse capaz de desafiar e vencer um mestre samurai, ganharia uma grande recompensa.

Embora jamais houvesse sequer tocado numa arma em toda a sua vida, o camponês resolveu desafiar o maior mestre samurai de toda a região, famoso por sua invencibilidade e por sua escola, considerada a melhor entre todas.

No dia marcado para o duelo, diante de uma grande plateia, os dois homens preparavam-se para o confronto. O camponês, sem se mostrar nem um pouco impressionado com a reputação do adversário, aguardava, em pé, numa postura altiva e

serena, o início da luta. Quanto ao mestre samurai, estava um tanto perturbado pela calma e determinação de seu oponente.

“Quem será esse homem?” – pensou o mestre samurai – “Nunca um samurai, ou lutador de qualquer outra categoria, ousou me desafiar... Então, por que ele fez isso? Justo ele, que nem sequer parece um guerreiro! Será que meus inimigos me pregaram algum tipo de armadilha?”

O duelo começou.

Acochado pela fome e pela necessidade, o camponês avançou, decidido, em direção ao rival e tentou o primeiro golpe.

O mestre espadachim hesitou, desconcertado ante a falta de técnica e malícia de seu adversário. Por fim, recuou, movido pelo medo. Antes mesmo que terminasse o primeiro assalto, o mestre sentiu que seria derrotado. Então, baixando sua espada, disse: “Você venceu. É a primeira vez em minha vida que perco uma luta. Entre todas as escolas, a minha é a mais famosa... O povo costuma dizer que lá os alunos aprendem, ‘com um só gesto, a deferir dez mil golpes’. Agora, posso perguntar-lhe, respeitosamente, o nome de sua escola?”

Com toda serenidade, o camponês respondeu: “A Escola da Fome.”

Bokusan e os Soldados

Na época da guerra civil japonesa, os partidários do regime feudal – que apoiavam o Shogun – se opunham ao imperador, que tentava iniciar um processo de modernização no país.

Nishari Bokusan era responsável por um templo chamado Sosan-ji. Depois da derrota do regime do Shogun, Bokusan acolheu no tempo um antigo discípulo chamado Muroga. Por ser membro das forças derrotadas, Muroga estava sendo perseguido pelos partidários do imperador. Estes não tardaram a chegar ao templo para exigir que Bokusan entregasse o fugitivo.

“De fato ele esteve aqui.” – disse Bokusan – “Mas eu mesmo o aconselhei a ir embora, já que não tinha condições de escondê-lo.”

Furiosos, os soldados replicaram: “Mentira! O templo inteiro está cercado. Portanto ninguém poderia sair sem ser visto. Agora deixe-nos entrar e prender Muroga ou então cortaremos sua cabeça. Faça sua escolha!”

Nishari Bokusan respondeu: “Se vocês querem minha cabeça, podem toma-la... Mas, antes de me matar, concedam-me um último favor.”

“Qual?” – replicou um dos soldados.

“Aprecio muito o sabor do saquê e gostaria de deixar a vida com ventre cheio dessa boa bebida.”

Sem esperar pela resposta, Bokusan serviu-se de uma dose de saquê, sorvendo-a lentamente, com os olhos semicerrados, saboreando com prazer cada gole.

Os soldados, ao vê-lo assim, tranquilo, com o rosto iluminado de prazer, entreolharam-se, consternados e partiram, em silêncio. Mas foi somente ao terminar de beber que Bokusan se deu conta disso.

Esse fato singular correu o mundo...

Muita gente perguntou a Bokusan o que ele havia sentido naquele momento de impasse. Mas Bokusan nunca respondeu. Somente no fim da vida evocou o episódio, do seguinte modo: “Quando deparei com aqueles indivíduos, entendi que não podia dar-lhes o que queriam. Recusando-me a discutir ou lutar com eles, mantive-me à margem, consegui evitar o confronto. Recusava, assim, o mundo deles, onde não havia lugar para mim. E, quando abri os olhos, os soldados tinham desaparecido.”

O Ataque de Genghis Khan

Genghis Khan atacou o Japão com uma grande frota de navios durante a época do grande mestre Dōgen. O país inteiro ficou transtornado. Tokimune, o primeiro-ministro, resolveu consultar um monge zen de Kamakura.

“O que vamos fazer?” – pergunto Tokimune, angustiado.

O monge, que era chinês e seguiu a linha Rinzaï, respondeu: “Maku mozo!” (Não criar ilusões, não confundir o espírito, não pensar.)

Tokimune compreende. Não era necessário pensar e sim concentrar-se na defesa do país. Era preciso agir, mobilizando todas as forças militares japonesas, especialmente os soldados concentrados no litoral do mar da Coreia.

Os japoneses dispunham apenas de uma pequena frota, enquanto Genghis Khan tinha dois mil barcos, que se aproximavam de Kyushu rapidamente, além de um exército de cerca de cem mil homens.

Kyushu inteira foi tomada pela ansiedade e pelo terror. A ilha de Iki tinha sido invadida. E toda a população fora brutalmente exterminada, inclusive mulheres e crianças. Kitos eram celebrados em todos os templos japoneses, com intenso fervor, de manhã até a noite.

Foi então que desabou uma terrível tempestade. Era setembro, época de violentos tufões, que sobrevinham regularmente a cada duzentos dias, a partir do primeiro dia de janeiro.

Quando os homens de Genghis Khan se preparavam para desembarcar, gigantescas ondas se ergueram no mar, bem perto da costa. Trombas d'água destruíam tudo o que encontravam pela frente. E assim a frota do invasor foi totalmente aniquilada.

“Milagre! Milagre!” – diziam as pessoas, em toda a parte.

Mas não foi um milagre. Era época de grandes tufões, de chuvas fortes, tempestade, trombas d'água e outros desastres naturais. E Tokimune era um grande estrategista.

Como dizia aquele monge zen de Kamakura... “Maku mozo: ‘Não é necessário criar ilusões.’”

Sem Problema

Certa vez, aflito, um praticante zen foi à Bankei e lhe perguntou: “Mestre, eu tenho um temperamento irascível. Sou às vezes muito agitado e agressivo e acabo criando discussões e ofendendo outras pessoas. Como posso curar isso?”

“Tu possuis algo muito estranho,” – replicou Bankei – “Deixe ver como é esse comportamento.”

“Bem... eu não posso mostrá-lo exatamente agora, mestre,” – disse o outro, um pouco confuso.

“E quando tu a mostrarás para mim?” – perguntou Bankei.

“Não sei... é que isso sempre surge de forma inesperada,” – replicou o estudante.

“Então,” – concluiu Bankei – “essa coisa não faz parte de tua natureza verdadeira. Se assim fosse, tu poderias mostrá-la sempre que desejasse. Quando tu nasceste não a tinhas, e teus pais não a passaram para ti. Portanto, saibas que ele não existe.”

Duelo de Chá

Um mestre da cerimônia do chá no antigo Japão certa vez acidentalmente ofendeu um soldado, ao distraidamente desdenhá-lo quando ele pediu sua atenção. Ele rapidamente pediu desculpas, mas o altamente impetuoso soldado exigiu que a questão fosse resolvida em um duelo de espadas. O mestre de chá, que não tinha absolutamente nenhuma experiência com espadas, pediu o conselho de um velho amigo mestre zen que possuía tal habilidade.

Enquanto era servido de um chá pelo amigo, o espadachim zen não pôde evitar notar como o Mestre de chá executava sua arte com perfeita concentração e tranquilidade.

“Amanhã,” – disse o mestre zen – “quando você duelar com o soldado, segure sua arma sobre sua cabeça como se estivesse pronto para desferir um golpe, e encare-o com a mesma concentração e tranquilidade com que você executa a cerimônia do chá”.

No dia seguinte, na exata hora e local escolhidos para o duelo, o mestre de chá seguiu seu conselho. O soldado, também já pronto para atacar, olhou por muito tempo em silêncio para a face totalmente atenta, porém suavemente calma do mestre de chá. Finalmente, o soldado lentamente abaixou sua espada, desculpou-se por sua arrogância, e partiu sem ter dado um único golpe.

Surpreendendo o Mestre

Os discípulos de um certo mosteiro ficavam espantadíssimos com o monge mais velho, não porque ele fosse rígido, mas porque nada parecia irritá-lo ou perturbá-lo. Na verdade, eles o consideravam alguém sobrenatural e até mesmo um tanto assustador. Um dia eles decidiram fazer um teste com o mestre. Um grupo deles escondeu-se silenciosamente em um canto escuro de uma das passagens do templo, e esperaram o momento em que o velho monge iria passar por ali. Num momento o velho homem apareceu, carregando uma xícara de chá quente.

Exatamente quando ele passava, todos os estudantes pularam na sua frente, gritando o mais alto que podiam: “AAAAAAHHHH!”

Mas o monge não demonstrou absolutamente nenhuma reação, deixando todos pasmos de espanto. Pacificamente fez seu caminho até uma pequena mesa no canto mais afastado do templo, gentilmente pousou a xícara, e então, encostando no muro, deu um grito de choque: “OOHHHHH!”

Palavras Sujas

Certa vez, o imperador disse a Kyoyu: “Você é um grande homem. Portanto, vou torna-lo herdeiro do meu império... e suponho que você aceitará essa honra.”

Em vez de alegrar-se, Kyoyu ficou terrivelmente aborrecido.

“Suas palavras sujaram meus ouvidos!” – protestou.

E saiu correndo em direção ao rio mais próximo, onde lavou cuidadosamente as orelhas. Naquele momento, um lavrador, que era seu amigo, aproximou-se pela estrada, conduzindo uma vaca.

“O que está fazendo, Kyoyu?” – perguntou o amigo.

“Ah, nem me pergunte!” – Kyoyu responde, exasperado – “Hoje não é o meu dia de sorte!”

“Mas o que aconteceu?”

“Imagine você que o imperador queria me tornar seu herdeiro... Queria me deixar, de herança, todo esse império! Meus ouvidos ficaram tão sujos com essa proposta absurda que vim correndo lavá-los neste rio.”

“Puxa!” – o lavrador exclamou – “E eu que vinha aqui trazer minha vaquinha para matar a sede... E agora a água está tão suja!”

Trabalhando Duro

Um estudante foi ao seu mestre e disse fervorosamente: “Eu estou ansioso para entender seus ensinamentos e atingir a Iluminação! Quanto tempo vai demorar para eu obter este prêmio e dominar este conhecimento?”

A resposta do mestre foi casual: “Uns dez anos...”

Impacientemente, o estudante completou: “Mas eu quero entender todos os segredos mais rápido do que isto! Vou trabalhar duro! Vou praticar todo o dia, estudar e decorar todos os sūtras, farei isso dez ou mais horas por dia! Neste caso, em quanto tempo chegarei ao objetivo?”

O mestre pensou um pouco e disse suavemente: “Bom... Neste caso, vinte anos.”

“Mas, eu lhe digo que vou dedicar-me em dobro, e o senhor me responde que a duração será maior?” – disse o estudante

O mestre então replicou: “A resposta é simples. Quando um olho está fixo aonde se quer chegar, só resta um para se encontrar o caminho.”

A Bola e o Zen

Certa vez, enquanto o velho mestre Seppo Gisen jogava bola, Gessha aproximou-se e perguntou: “Por que é que a bola rola?”

Seppo respondeu: “A bola é livre. É a verdadeira liberdade.”

“Por quê?”

“Porque é redonda. Rola em toda parte, seja qual for a direção, livremente. Inconsciente, natural, automaticamente.”

Kito

Um dia, um velho foi visitar mestre Ryōkan e disse-lhe: “Gostaria que fizesse um Kito (cerimônia para cumprimento de uma promessa) em minha intenção. Assisti à morte de muita gente ao meu redor. E também deverei morrer um dia. Portanto, por favor, fazei um Kito para eu viver por muito tempo.

“Tudo bem, fazer um Kito para viver muito tempo não é difícil. Quantos anos tendes?” – disse o mestre.

“Apenas oitenta.”

“Ainda és jovem. Diz um provérbio japonês que até os cinquenta anos somos como crianças e que, entre os setenta e os oitenta, precisamos amar.”

“Concordo, fazei-me então um bom Kito!”

“Até que idade queres viver?”

“Para mim, acho que basta-me viver até os cem.”

“Vosso desejo, na verdade, não é muito grande. Para chegar aos cem anos, só vos resta viver mais vinte. Não é um período tão longo assim. E sendo o meu Kito muito exato, morrereis exatamente aos cem anos.”

O velho ficou com medo: “Não, não! Faizei que eu viva cento e cinquenta anos!”

“Atualmente, tendo atingido os oitenta, já viveste mais da metade do prazo que desejais. A escalada de uma montanha exige grande soma de esforços e tempo, mas a descida é rápida. A partir de agora, vossos derradeiros setenta anos passarão como um sonho.”

“Nesse caso, dai-me até trezentos anos!”

Ryōkan respondeu: “Como o vosso desejo é pequeno! Somente trezentos anos! Diz um provérbio antigo que os grous vivem mais de mil anos e as tartarugas dez mil. Se

animais podem viver tanto assim, como é que tu, um homem, desejas viver apenas trezentos anos?”

“Tudo isso é muito difícil...” – tornou o velho, confuso – “Para quantos anos de vida podes fazer-me um Kito?”

“Quer dizer, então, que não quereis morrer! Eis aí uma atitude de tolo em todo egoísta...” – replicou o mestre.

“Bem, tem razão....” – respondeu o ancião, constrangido.

“Assim sendo, o melhor é fazer um Kito para não morrer.”

“Sim, é claro! E pode ser? Esse é o Kito que eu quero!” – o velho animou-se bastante.

“É muito caro, muito, muito caro, e leva muito tempo...”

“Não faz mal.” – concordou o velho.

Ajuntou, então, Ryōkan: “Começaremos hoje cantando apenas o Maka Hannya Shingyō (Sūtra do Coração da Grande Sabedoria Completa); a seguir, todos os dias, venha fazer zazen no templo. Pronunciarei, então, conferências em vossa intenção.”

“Dessa maneira, de uma forma suave e indireta, Ryōkan fez o velho homem deixar de se preocupar com o dia de sua morte e o conduziu ao Dharma.”

Satori

Era uma vez, um homem muito pobre, que morava perto de uma densa floresta. O que conseguia fazendo um trabalho ou outro mal dava para sustentá-lo e assim, ele vivia se queixando de sua triste sorte.

Certa noite, estava começando a jantar, quando alguém bateu à sua porta. Era um monge andarilho, que lhe pediu abrigo por aquela noite.

O homem o acolheu com amabilidade, compartilhou com ele seu humilde jantar e cedeu-lhe sua própria cama, para que dormisse com o maior conforto possível em sua modesta casa.

Na manhã seguinte, antes de partir, o monge disse: “Você foi muito gentil e hospitaleiro comigo. E, para demonstrar minha gratidão, vou lhe confiar um tesouro. Nessa densa floresta, bem diante de sua casa, vive um animal fabuloso, que se chama Satori. Esse animal vive na copa das árvores; ali como e ali dorme. Aquele que conseguir caçá-lo terá como prêmio o fim de todas as suas preocupações; conseguirá tudo o que deseja e desfrutará em paz o resto de sua vida.

Ao ouvir isso, o homem ficou muito feliz. E, depois que o monge partiu, foi até o povoado mais próximo, comprou um machado, voltou à floresta e começou a cortar todas as árvores que podia.

“Com um pouco de sorte,” – pensava ele – “consegurei surpreendê-lo durante o sono. E, então, antes que o Satori possa reagir, já o terei capturado.”

Mas o animal chamado Satori era muito velho e esperto. Além do mais, tinha o dom de ler pensamentos. Por isso, cada vez que o homem chegava perto da árvore onde o Satori se encontrava, este, adivinhando suas intenções, mudava-se para outra árvore.

Assim o tempo ia passando. Sempre que o homem se aproximava de sua árvore, o Satori saltava para outra.

Àquela altura, o homem já havia cortado muitas árvores, que vendia com lenha no povoado próximo. Assim ia resolvendo seus problemas econômicos. Ganhava bastante para sobreviver com muito mais conforto e largueza do que antes. Até que chegou um dia que já nem pensava mais no Satori, simplesmente cortava uma árvore, produzia uma boa quantidade de lenha, ia ao povoado e voltava com dinheiro suficiente para viver bem.

Também o Satori já havia deixado de temer aquele homem, já que não percebia nele nenhum pensamento de perigo nem ameaça.

Certa manhã, lá estava o homem, como de costume, cortando uma árvore, quando o Satori caiu bem diante de seus pés... Apenas um momento antes, dormia sossegado, na copa daquela árvore, sem adivinhar no homem sequer uma única intenção que pudesse deixá-lo em alerta.

O Médico e o Zen

Kenso Kusuda, diretor de um hospital em Nihonbashi, Tokyo, recebeu um dia a visita de um velho amigo, também médico, que não via há sete anos.

“Como vai?” – perguntou Kusuda.

“Deixei a medicina” – respondeu o amigo.

“Ah, sim?”

“Na verdade, agora eu pratico o Zen.”

“E o que é o Zen?” – quis saber Kusuda.

“É difícil explicar...” – hesitou o amigo.

“E como é possível entendê-lo, então?”

“Bem, deve-se praticá-lo.”

“E como faço isso?”

“Em Koishikawa, há uma sala de meditação dirigida pelo mestre Nan-In. Se quiser experimentar, vá até lá.”

No dia seguinte Kusuda dirigiu-se à sala de meditação do mestre Nan-In. Ao chegar, gritou: “Com licença!”

“Quem é?” – responderam lá de dentro.

Um velho de aspecto miserável, que se aquecia junto a um fogareiro próximo ao vestíbulo, dirigiu-se a ele. Kusuda entregou-lhe seu cartão e o velho, após dar uma olhada, disse sorrindo: “Olá! Faz tempo que o senhor não aparece!”

“Mas... é a primeira vez que venho aqui!” – disse Kusuda, surpreso.

“Ah, sim? É a primeira vez? Como está escrito ‘Diretor de hospital’, pensei que fosse o Sasaki.

O que o senhor deseja?”

“Quero falar com o mestre Nan-In.”

“Já está falando com ele!” – disse o velho, abrindo um largo sorriso.

“Então o mestre Nan-In é o senhor?” – disse Kusuda meio desconfiado – “Esperava alguém mais venerável.”

“Eu mesmo.” – respondeu o velho, sem dar mostras de resolver a mandar seu visitante entrar.

Já meio desanimado e um tanto desdenhoso, Kusuda decidiu falar ali mesmo, de pé, no vestíbulo: “Eu gostaria que o senhor me ensinasse a praticar o Zen.”

O velho olhou para ele e disse: “Praticar o Zen? O senhor é um médico não? Deve então tratar bem de seus doentes e se esforçar para o bem de sua família, o Zen é isso. Agora, pode ir embora.”

Kusuda voltou para casa, sem entender nada. Intrigado com as palavras de Nan-In, três dias depois resolveu visitar novamente o velho mestre. Nan-In atendeu-o novamente no vestíbulo.

“Novamente o senhor aqui? O que deseja?”

“Insisto para que o senhor me ensine a praticar o Zen!” – disse Kusuda petulantemente.

“Ora, nada tenho a acrescentar ao que já disse outro dia. Vá embora e seja um bom médico.” – E fechou a porta.

Dois ou três dias depois, Kusuda novamente voltou a ver o mestre, pois absolutamente não conseguira entender suas palavras.

“Outra vez aqui?”

“Eu vim porque não consegui entender suas palavras, por mais que pensasse sobre elas.”

“Pensando nas palavras é que o senhor não vai entender coisa nenhuma mesmo!” - disse o velho monge.

“Então o que eu devo fazer?” – disse Kusuda, já quase desesperado.

“Procure perceber por si, ora essa! Agora, vá embora.”

Mas Kusuda desta vez zangou-se muito e respondeu: “Por três vezes, embora tenha muitos afazeres, larguei tudo e vim até aqui pedir-lhe para me ensinar o Zen e sempre o senhor me manda embora sem me dar o mínimo esclarecimento!

Que espécie de mestre é o senhor, afinal?”

“Ah! Finalmente ele zangou-se!” – exclamou o mestre.

“Mas é evidente!” – desabafou o médico.

“Então agora chega de palavreado e seja educado! Faça-me uma saudação.”

Encarando fixamente o velho monge, Kusuda reprimiu sua vontade de dar-lhe um soco na cara e inclinou-se em reverência. O mestre então conduziu-o à sala de meditação e o ensinou a praticar zazen.

Anos depois, Kusuda finalmente entendeu porque o Zen também é cuidar bem dos doentes e esforçar-se para o bem de sua família.

A Sábia Iluminada

Perto do templo onde vivia o mestre Hakuin, morava uma jovem com seu pai. Seu nome era Osatsu, e embora segunda a tradição japonesa ela estivesse em idade para casar, por mais que seu pai insistisse ela não queria fazê-lo, preferindo estudar os Sūtras. Certo dia, após ler um Sūtra, atirou o livro para cima de uma mesa e sentou-se em cima dele, dando gostosas gargalhadas.

Assustado, seu pai foi ver Hakuin em busca de conselhos. Então o mestre resolveu ir falar com a menina. Ao ver Hakuin chegar ela sorriu e sentou-se à sua frente.

“Disseram-me que sentastes em cima de um Sūtra” – perguntou o mestre.

“Sim,” – respondeu a mulher – “pois sou mais digna de respeito do que um simples livro de sūtras.”

Hakuin olhou-a e disse: “Nesse caso é melhor ir para o templo e não mais ficar em casa.”

A partir deste dia Osatsu praticou o Zen sob a orientação de Hakuin. Depois de algum tempo, seguindo os conselhos do mestre, ela casou-se e teve filhos, ainda que

continuasse a praticar o Zen. Quando ficou mais velha, ela teve netos, os quais amava muito. Já então era considerada uma sábia mestra.

Um dia aconteceu de um de seus jovens netos adoecer e morrer. No dia do funeral, Osatsu abraçou o esquife, e chorou muito. Um dos presentes, estranhando o fato, disse-lhe: “Então, embora sejas Iluminada pela Sabedoria, sofres mais do que nós?”

“Eu amava muito este meu neto!” – disse simplesmente a sábia Osatsu, entre lágrimas.

Naraka?

Um homem perguntou ao mestre zen: “Onde estará o senhor daqui a cem anos?”

“Renascido como um cavalo ou um burro” – respondeu o velho sábio.

“Oh!”, exclamou o homem, confuso.

“E depois disso?”

“Renascerei em um Naraka^[3]” – declarou o mestre.

“Mas... o senhor é um homem bom e sábio, por que tal coisa aconteceria?” perguntou o homem.

“Se não renascer lá para ensinar o Dharma, quem o fará?”

^[3] Região de demérito kármico, associada ao semita “Inferno”.

Bambu longo, bambu curto

Certa vez, durante uma palestra, um monge perguntou a um mestre zen: “Qual o significado fundamental do Buddhismo?”

O mestre disse: “Ao final da palestra fique aqui sozinho comigo que eu lhe explicarei.”

Imaginando que algo muito importante lhe seria revelado, o monge esperou impaciente o fim da preleção. Quando todos saíram, ele perguntou ansioso: “Então, responder-me-ás agora?”

“Siga-me.” – disse o mestre e levantou-se.

Conduziu o monge ao belo jardim aos fundos do templo, apontou para o bosque de bambus e disse: “Este bambu é longo, aquele é curto.”

Mente Ecológica, Mente Zen

Certa vez, um discípulo perguntou ao seu mestre zen: “Como posso fazer com que as montanhas, os rios e a grande Terra me beneficiem?”

Respondeu o mestre: “Tu deves beneficiar as montanhas, os rios e a grande Terra.”

O Aperfeiçoamento Pessoal

Um praticante certa vez perguntou a um mestre zen, que ele considerava muito sábio: “Quais são os tipos de pessoas que necessitam de aperfeiçoamento pessoal?”

“Pessoas como eu.” – comentou o mestre.

O praticante ficou algo espantado: “Um mestre como o senhor precisa de aperfeiçoamento?”

“O aperfeiçoamento,” – respondeu o sábio – “nada mais é do que vestir-se, ou alimentar-se...”

“Mas,” – replicou o praticante – “fazemos isso sempre! Imaginava que o aperfeiçoamento significasse algo mais profundo para um mestre.”

“O que achas que faço todos os dias?” – retrucou o mestre – “A cada dia, buscando o aperfeiçoamento, faço com cuidado e honestidade os atos comuns do cotidiano. Nada é mais profundo do que isso.”

Lembrança dos Antigos Sábios

Quando o mestre zen Hoe se tornou abade, o templo estava dilapidado e os monges, perturbados. Um oficial disse que deveriam consertar o templo. Mas ele respondeu: “Mesmo que o prédio caia, certamente é um lugar melhor para praticar zazen do que o chão ou sob uma árvore. Se uma parte cair e surgirem goteiras, poderemos nos sentar onde não houver goteiras. Se monges pudessem obter a iluminação construindo paredes, deveríamos fazê-las de ouro e joias. O despertar da mente búddhica não depende de o prédio ser bom ou mau. Depende da diligência na prática.”

No dia seguinte, ele disse: “Eu me tornei agora abade de Yoge e o telhado e as paredes têm muitas rachaduras e buracos. O chão está coberto com flocos de neves e os monges encolhem os ombros de frio e suspiram na escuridão. Isso me faz lembrar os antigos sábios sentados sob as árvores.”

Ikkyū e a Ponte

Ikkyū era filho do imperador com uma criada. Na tentativa de ocultar o fato, o imperador entregou-o aos cuidados dos monges de um templo, mas todo o mundo sabia que Ikkyū era um príncipe.

Ainda menino, foi escolhido pelo maior mestre do templo para entregar uma mensagem urgente ao mestre de outro templo. Ikkyū saiu correndo e, no meio do caminho, deparou com uma ponte onde havia um aviso: “Proibido atravessar. Ponte em processo de restauração.”

Ignorando a advertência, Ikkyū transpôs a ponte rapidamente. Mas um guarda, que o observava, indagou: “Você não viu o aviso?”

“Sim.” – respondeu Ikkyū – “Mas ali está escrito que é proibido atravessar a ponte.”

“E não foi isso que você fez?” – indagou o guarda.

“Não... na verdade, passei correndo, tomando cuidado para não pisar no meio da ponte, onde está bem danificado. Preferi caminhar pela beirada, onde a madeira está mais firme.” – respondeu Ikkyū.

Anos mais tarde, Ikkyū chegou a ser mestre em Daitoku-ji, o templo mais belo de Kyoto, onde introduziu a cerimônia do chá, da qual é o criador.

Ikkyū costumava beber saquê na companhia das gueixas e não cuidava da própria aparência. Seu kolomo, totalmente esfarrapado, lembrava o traje de um mendigo. Não se barbeava e, em certas épocas, deixava o bigode crescer até tomar-se muito, muito longo. Quase não tomava banho, cheirava mal e seu rakusu estava sempre muito sujo.

Certo dia, um homem muito rico mandou convidar Ikkyū para uma cerimônia em sua casa, em homenagem aos seus antepassados.

Ikkyū apresentou-se na imponente residência, vestido como de costume. Os criados, tomando-o por um mendigo, logo o enxotaram. Então Ikkyū voltou ao templo e, pela primeira vez em sua vida, calçou um belo par de sapatos, vestiu um belíssimo kolomo cor de violeta, um rakusu dourado e um hábito branco de seda.

Trajando dessa maneira, dirigiu-se à casa do homem rico, onde o esperava. Lá recitou três vezes o Hannya Shingyô, alterando o ritmo, pois havia se esquecido de trazer seu livro de sūtras. De qualquer maneira, ninguém ia mesmo compreender...

Quando a cerimônia terminou, kolomo dirigiu-se à sala de refeições, onde os criados serviam fantásticas iguarias. A mesa que kolomo ocupava estava repleta dos mais saborosos pratos. ^[4]

Ikkyū, porém, não tocou em um prato sequer. Tirando seu kolomo e o rakusu, dobrou-os, colocou-os diante da mesa e fez sampai.

“Talvez ele prefira beber.” – pensou o anfitrião.

Mas Ikkyū nada provou... Nem os pratos nem as bebidas.

“Mestre, por que não está comendo?” – alguém perguntou.

“Este banquete não foi preparado para mim, e sim para este kolomo cor de violeta e este rakusu dourado. Portanto, são eles que devem saboreá-lo.

^[4] No Japão, é costume colocar uma mesa diante de cada convidado. Nos banquetes mais refinados, chega-se a colocar três mesas.

Tudo Morre

Quando era jovem, o então monge zen budhista Ikkyū e seu irmão estavam arrumando o quarto de seu mestre, e num acidente o irmão quebrou a tigela da cerimônia do chá favorita do sábio mestre. Ambos ficaram assustados, pois a tigela era muito estimada pelo mestre, já que havia sido um presente do imperador. Entretanto, Ikkyū disse ao irmão: “Não se preocupe. Sei como abordar a questão com nosso mestre!”

Juntou os pedaços de cerâmica, escondeu-os no manto, saiu para o jardim do templo e sentou-se a esperar pelo velho sábio. Quando este se aproximou, Ikkyū propôs-lhe um Mondo (uma sequência de perguntas e respostas):

“Mestre, é dito que todos os seres e todas as coisas no Universo estão fadadas a morrer?”

“Sim,” respondeu o mestre, “o próprio Buddha assim afirmou, e tal conceito é inegável: todas as coisas têm de perecer.”

“Sendo assim, devemos compreender a natureza da impermanência, e superar o sofrimento ignorante pelas perdas que são, afinal, relativas e inevitáveis.”

“Com certeza, tal compreensão faz parte do caminho correto!” disse o mestre feliz pela sagacidade de seu jovem discípulo.

Neste momento, Ikkyū retirou os cacos de sua manga, pousou-os à frente do mestre e disse: “Mestre, sua querida xícara de chá morreu...”

E saiu ligeiro da presença do surpreso sábio...

O Que Mais?

Certa vez um monge perguntou ao seu mestre: “Faz muito tempo que venho a ti diariamente, a fim de ser instruído no santo caminho de Buddha, mas até hoje jamais tu me deste nenhuma palavra a este respeito. Eu lhe imploro, mestre, seja mais caridoso.”

O velho mestre olhou-o com surpresa: “O que quereis dizer com isso, meu rapaz? Todas as manhãs tu me saúdas e eu ti respondo. Quando me trazes uma xícara de chá, eu a aceito, agradeço-te e me delicio com tua solicitude. O que mais desejas que eu lhe ensine?”

Não Conheço Nenhum Grande General

Um dia, o grande general Kitagaki foi visitar seu velho amigo, o superior do templo Tofuku. Ao chegar, disse a um noviço de forma um tanto desdenhosa como comumente se dirigia àqueles que considerava seus subordinados no exército: “Diga ao mestre que o Grande General Kitagaki está aqui.”

O noviço foi ao seu mestre e disse: “Mestre, o Grande General Kitagaki está aqui.”

O mestre respondeu: “Não conheço Grandes Gerais.”

O noviço voltou à presença do militar com o recado enquanto o velho sábio observava do pórtico: “Desculpe, o mestre não pode vê-lo. Ele não conhece nenhum Grande General.”

O General inicialmente ficou surpreso, depois indignado, e finalmente compreendeu. Humildemente disse ao noviço: “Desculpe minha arrogância. Por favor, diga-lhe que Kitagaki deseja vê-lo.”

O monge assim o fez. Logo, o mestre aproximou-se com um sorriso e cumprimentou: “Ah, Kitagaki! Há quanto tempo! Por favor, entre.”

O Koan do Galho

Certa vez, Kyogen disse o seguinte: “Zen é como um homem pendurado num alto galho de árvore pelos dentes, sobre um precipício. Suas mãos não podem alcançar o galho, seus pés não podem se apoiar em outro ramo. Um homem sob a árvore lhe pergunta: ‘Por que Bodhidharma foi da China para Índia?’.

“Se o homem na árvore não responder, ele falha; e se ele o fizer, ele cairá e perderá a vida. Assim eu lhes pergunto: O que deve este homem fazer?”

Nobre Silêncio

Certa vez um sábio disse: “Mantenha tua boca silenciosa como seu nariz e nenhum desastre o alcançará.”

Está sentado, está em pé

Certo dia, chegou um visitante a um templo de uma província. O monge cuidava do templo era uma pessoa simples, nada intelectual.

“O que é Buddha?” – perguntou o visitante.

O monge voltou-se em direção ao altar, onde havia duas estátuas de Buddha. Uma representava-o sentado; outra, em pé.

“Está sentado, está em pé.” – disse o monge

O visitante ficou muito impressionado com essa resposta simples e profunda.

Três Golpes em Tōzan

Tōzan foi à presença de Yúnmén (Ummon, em japonês). Este perguntou-lhe de onde Tōzan estava chegando. Tōzan disse: “Da aldeia Sato.”

Yúnmén quis saber: “Em qual templo tu passaste o verão?”

“No templo de Hoji, ao sul do lago”, disse Tōzan de forma casual.

“Quando partiste de lá?” quis saber Yúnmén.

“Em 25 de Agosto”, respondeu Tōzan.

Yúnmén então lhe afirmou: “Eu deveria te dar três golpes de bastão, mas hoje eu te perdoo.”

No dia seguinte Tōzan foi até Yúnmén, fez uma reverência e perguntou, confuso: “Ontem tu me perdoaste os três golpes. Entretanto eu não compreendo nem mesmo qual foi a falta que cometi para merecer sofrer tais golpes!”

Yúnmén então repreendeu Tōzan desta forma: “Tu és um inútil. Suas respostas ontem foram sem espírito. Tu simplesmente vagueias de um mosteiro a outro!”

Ao ouvir as palavras de Yúnmén, Tōzan obteve o Satori.

Musashi Sensei

Musashi, quando jovem, era um guerreiro valente e audacioso, mas não sabia controlar sua força e seu temperamento. Estava sempre criando problemas e um dia foi preso. Seria julgado e talvez executado.

No caminho, passou pelo templo de sua infância, e o monge Takuan o reconheceu. Insistiu com os soldados que deixassem Musashi amarrado de ponta-cabeça na árvore e sob seus cuidados. Ele domaria a fera. O monge Takuan era confiável, amigo do senhor feudal. Assim foi feito.

Furioso, o jovem Musashi gritava para que o monge soltasse, mas esse apenas ria debaixo da árvore. Musashi cuspiu, falava de forma grosseira, mas o monge apenas ria, até que disse: “Essa sua raiva pessoal não serve para nada. Se sua indignação fosse maior do que você poderia sair dessa árvore.”

Foi assim que o monge Takuan soltou Musashi e o treinou na arte zen do autoconhecimento para que se tornasse um dos maiores samurais do Japão.

Sinos e Mantos

Yúnmén certa vez perguntou: “O mundo é realmente um imenso mundo! Por que vós respondeis ao badalar dos sinos e vestis mantos cerimoniais?”

Um Quilo e Meio

Um monge perguntou a Tōzan enquanto ele estava pesando algum linho: “O que é Buddha?”

Tōzan disse: “Um quilo e meio de puro linho...”

O Homem Iluminado

Shogen perguntou: “Por que o homem Iluminado não se ergue e explica sua natureza?”

E então completou: “Na verdade, não é necessário que as palavras venham da língua...”

Mais um Passo

Certa vez, numa tarde fria de outono, o mestre Dōgen reuniu seus discípulos e falou o seguinte: “Do topo de um poste de 30 metros de altura, como você dá mais um passo? Abandone corpo e mente de maneira decisiva. Pense que a morte não é má. Quando abandonarmos preocupações sobre tudo, desde a arte de viver até nossas próprias vidas, poder obter o Tao (Caminho). Mesmo se praticarmos como se tivéssemos de apagar o fogo em nossas cabeças, se ainda houver preocupações sobre sua vida, nada será obtido.”

O Desafio do Tigre

Takuan, um célebre mestre zen, ensinou ao lendário Miyamoto Musashi a verdadeira essência do Zen e do Kendo.

Certa vez, o Shogun convidou Takuan e um famoso mestre samurai para visitá-lo em seu palácio. Lá chegando, encontraram o Shogun. Havia também um tigre, presente do rei da Coreia, numa jaula.

“Os senhores terão de entrar nessa jaula.” – disse o Shogun.

O mestre samurai adiantou-se. Entrando na jaula, armado com sua katana, aproximou-se do tigre, amedrontado com sua digna postura, refugiou-se a um canto. Logo em seguida, o samurai saiu da jaula.

Dirigindo-se então a Takuan, o Shogun disse: “Agora é a sua vez.”

Takuan assentiu. Entrou na jaula, aproximou-se do tigre e começou a brincar com ele, a coçar-lhes as orelhas e acaricia-lo.”

Pregando do Terceiro Assento

Em um sonho Kyozen foi à Terra Pura de Maitreya. Ele se viu lá sentado no terceiro assento no estrado de Maitreya. Alguém então anunciou: “Hoje aquele que está assentado no terceiro trono irá fazer a Oração!”

Kyozen levantou-se e batendo no martelo, disse: “A verdade do ensinamento Mahayana é transcendente, além das palavras e dos pensamentos! Vós me compreendeis?”

Hōgen e a Cortina de Bambu

Hōgen, do Mosteiro Seiryō, estava em vias de dar sua palestra antes do jantar quando percebeu que a cortina de bambu, abaixada para a seção de meditação, não tinha sido levantada. Ele apontou para ela, sem falar. Dois monges levantaram-se da audiência e juntos a levantaram.

Hōgen, observando o momento concreto, disse: “Os gestos do primeiro monge são corretos, mas não os do segundo.”

O Fio da Manta

Após algumas horas em agradável conversa com seu mestre Niāowō, o discípulo ergueu-se e reverentemente despediu: “Mestre, obrigado pelo seu tempo. Agora eu me vou.”

“E para onde vais?” – perguntou o sábio.

“Viajo pelo país, sempre estudando com afinco o Buddha-Dharma.” – disse o discípulo.

“Ah, o Buddha-Dharma!” – exclamou o mestre – “Por acaso eu tenho um pouco disso aqui comigo, sabes?”

O jovem discípulo, intrigado, um tanto curioso, e também ligeiramente ambicioso, perguntou rapidamente, olhando em volta: “É mesmo? Onde está? Onde está?”

O mestre retirou um fio de seu manto e mostrou-o, declarando: “Este fio também é o Buddha-Dharma.”

Conflito - Amor ou Paixão?

Havia uma monja chamada Eshun, que era uma mulher muito bonita. Um jovem monge apaixonou-se por ela. Sem poder resistir ao sentimento, escreveu-lhe uma carta propondo um encontro às escondidas.

No dia seguinte ao fato, tão logo o mestre terminou a palestra, Eshun levantou-se e disse para o monge, em frente a todos: “Tu me enviaste uma carta se dizendo enamorado. Entretanto, o amor não é algo para ser realizado às escondidas, pois ele é pleno e sincero. Se tu realmente me amas e não simplesmente me desejas, venha aqui e abraça-me em frente a todos. O que há para esconder?”

Mas o monge abaixou a cabeça envergonhado. Na verdade, o que sentia não passava de luxúria...

Fome

Certo dia, o mestre Eisai estava no templo que ele mesmo fundara, chamado Kennin-ji, em Kyoto. Um homem pobre veio visitá-lo e disse: “Minha família é tão pobre que não tivemos nada para comer por muitos dias. Minha mulher e filhos estão quase morrendo de fome. Por favor, sinta compaixão por nós.”

O mestre ficou perdido – não havia roupas, alimentos nem outras posses no templo. Lembrou-se de um pouco de cobre que fora doado para fazer o halo da imagem do Buddha da Medicina, que estava sendo construída. Eisai pegou esse cobre e deu ao homem para que pudesse vender e trocar por alimentos. Feliz, o homem se foi.

Entretanto, alguns praticantes criticaram o mestre, dizendo que ele não deveria dar parte da imagem de um Buddha a uma pessoa leiga. E o mestre respondeu: “Pensem na vontade Buddha. Mesmo que tivéssemos de dar toda a imagem de Buddha a alguém que estivesse com fome, saibam que isso estaria de acordo com a vontade de Buddha. E,

mesmo que eu vá para o inferno por causa de um pecado como esse, salvei algumas pessoas da possível morte e do sofrimento da fome.”

Conhecer a si mesmo

Certa ocasião, o mestre Eihei Dōgen instruiu: “Para se tornar hábil em alguma arte ou função, a pessoa precisa se dedicar a aprender essa arte, a estudar para essa função. Não adiantava estudar o que não tem nada a ver com sua especialidade.”

“Entretanto,” – continuou Eihei – “todas as pessoas devem e podem se especializar em conhecer a si mesmas. Para isso, é preciso abandonar o apego ao eu individual e seletivo e seguir as instruções de um bom guia. A essência de estudar praticando é libertar-se da ganância. Para dar fim à ganância, primeiro é preciso se afastar do eu centrado em si mesmo. Para se afastar do eu centrado em si mesmo, reconhecer a impermanência é a necessidade primária.”

“Se você seguir os ensinamentos de seu mestre, progredirá. Se ficar respondendo, considerando que você sabe melhor a verdade, sem ser capaz de abrir mão das coisas, e continuar a se apegar às próprias preferências, afundará mais e mais.”

“A principal prática é shikantaza – apenas sentar-se. Independentemente do seu grau de inteligência, sem dúvida alguma progredirá se praticar zazen.”

Transitoriedade

Certa vez, uma pequena onda do oceano percebeu que ela não era igual às outras ondas e disse: “Como sofro! Sou pequena, e vejo tantas ondas maiores e poderosas do que eu! Sou na verdade desprezível e feia, sem força e inútil...”

Mas outra onda do oceano lhe disse: “Tu sofres porque não percebes a transitoriedade das formas, e não enxergas tua natureza original. Anseias egoisticamente por aquilo que não és, e mergulhas em auto piedade!”

“Mas,” – replicou a pequena onda – “se não sou realmente uma pequena onda, o que sou?”

“Ser onda é temporário e relativo. Não és onda, és água!”

“Água? E o que é água?”

“Usar palavras para descrevê-la não vai levar-te à compreensão. Contemples a transitoriedade à tua volta, tenhas coragem de reconhecer esta transitoriedade em ti mesma. Tua essência é água, e quando finalmente vivenciáres isso, deixarás de sofrer com tua egóica insatisfação...”

Onde Vais?

Em dois mosteiros vizinhos viviam dois jovens monges muito amigos. De manhã, sempre os monges se encontravam, cada um cuidando de seus afazeres. Certo dia, um dos monges estava varrendo o pátio de seu templo e, vendo aproximar-se o amigo, perguntou: “Olá! Onde vais?”

O amigo respondeu, feliz: “Vou aonde meus pés me levarem...”

O monge ficou intrigado com a resposta e comentou com seu mestre. Este lhe disse: “Da próxima vez, diga-lhe: ‘E se não tivesses pés?’”

Quando o jovem noviço viu o amigo de novo na manhã seguinte, fez a mesma pergunta já antecipando o momento em que pegaria o amigo de jeito, desta vez: “Onde vais?”

Mas o outro disse: “Aonde o vento me levar!”

O monge ficou frustrado! Voltou ao mestre e contou a nova resposta, e este, sorrindo, disse: “Da próxima vez, diga-lhe: ‘E se o vento parasse de soprar?’”

O jovem monge ficou encantado com a ideia: “Sim, sim! Essa é boa! Agora ele não me escapa!”

No dia seguinte, ao amanhecer, ele viu seu amigo aproximando-se de novo. Perguntou-lhe: “Olá! Onde vais?”

O amigo parou, sorriu-lhe, e falou suavemente: “Simplesmente vou ao mercado, meu amigo...”, e seguiu seu caminho.

Fazer o Bem

Na China antiga, havia um monge ch'an (zen) que, para evitar adormecer durante a meditação zazen (meditação sentada), decidiu fazer sua prática sentando-se nos galhos de uma árvore. Assim, se perdesse a atenção, cairia. Tornou-se conhecido pelo sua singularidade, e muitas pessoas vinham pedir a ele ensinamentos e conselhos.

Ora, nessa mesma área existia um poeta célebre. Sakuraten, que ao tomar conhecimento da fama do monge, decidiu ir testá-lo. Assim que chegou e o encontrou em meditação, no galho da árvore, falou: "Tome cuidado monge, é perigoso. Um dia o senhor poderá cair."

"Talvez." – responde o monge – "De qualquer maneira, o senhor corre mais risco do que eu."

Sakuraten refletiu: "Com efeito, vivo no mundo, controlado pelas paixões."

E perguntou então: "Qual é a verdadeira essência dos ensinamentos de Buddha?"

O monge respondeu: "Não faça o mal. Faça o bem. Faça o bem a todos os seres."

"Mas até uma criança de 3 anos sabe disso!" – exclamou o poeta.

Sim, mas é uma coisa difícil de ser praticada até mesmo por um velho de 80 anos..." – completou o mestre.

Autopiedade

Dois velhos amigos se encontraram, após muitos anos. Entretanto, a vida tinha levado um a se tornar muito rico e o outro miserável. Eles ficaram juntos muitas horas, trocando reminiscências e bebendo saquê. O homem rico era muito generoso e afável, mas seu amigo só sabia se entregar à autopiedade.

Após certo tempo, o homem miserável adormeceu, e seu amigo, condoído com sua condição, resolveu lhe dar uma dádiva e antes de partir colocou no bolso do amigo um belo diamante. "Se meu pobre amigo estiver em dificuldades poderá conseguir uma boa soma com a venda desta joia." – pensou o bom homem.

Anos se passaram e os dois amigos de novo se encontraram. Mas o homem miserável continuava assim, e ainda se lamentando. “Mas como ainda estás tão pobre depois de tantos anos?” – perguntou o rico, surpreso.

“Pobre de mim!” – lamuriou-se o outro – “Sou inútil, e ninguém se importa comigo! Sou incapaz de ganhar dinheiro para sobreviver!”

“Tua autopiedade e egoísmo te fizeram um tolo! Não fosse tua profunda cegueira autoindulgente, poderias há muito ter percebido o tesouro que deixei em teu bolso!”

Entender

Tōzan perguntou a seu mestre Ugan: “Quem pode entender o ensinamento das coisas não sensíveis?”

Ugan respondeu: “Só as coisas não sensíveis podem entender o ensinamento das coisas não sensíveis.”

Tōzan então questionou: “Para assim me responder, entendeste ou experimentaste este ensinamento?”

Ugan afirmou: “Se eu pudesse entendê-lo, tu não o poderias.”

Nada, e uma xícara de chá...

Certa vez indagaram a um velho sábio iluminado: “O que o senhor fez quando alcançou a iluminação?”

“Nada...” – respondeu o sábio – “apenas tomei uma xícara de chá...”

Nem Água, Nem Lua

Por anos e anos, a monja Reiko estudou, sem conseguir chegar à Iluminação. Uma noite, estava ela a carregar um velho pote cheio de água. Enquanto caminhava, ia observando a imagem da lua cheia refletida na água do pote. De repente, as tiras de bambu

que seguravam o pote inteiro partiram-se e o pote despedaçou-se. A água escorreu e o reflexo da lua desapareceu... e Reiko iluminou-se. Ela escreveu estes versos:

*De um modo ou de outro, tentei segurar o pote inteiro,
Esperando que o frágil bambu nunca se partisse.
De repente, o fundo caiu. Não havia mais água.
Nem mais lua na água. Apenas o vazio em minhas mãos.
E seu significado em minha alma.*

O Belo Vazo e a Rosa Amarela

Um dia o mestre que cuidava de um mosteiro zen veio a falecer, para decidir quem seria o novo mestre, o grão-mestre veio, convocou todos os discípulos e disse: “O primeiro que conseguir resolver o problema que eu vou apresentar assumirá o posto.”

Então, numa mesa que estava no centro da sala, colocou um vaso de porcelana muito raro e belo, com uma rosa amarela de extraordinária beleza. E disse apenas: “Aqui está o problema!”

Todos ficaram a olhar para a cena: o vaso belíssimo, de valor inestimável, com a maravilhosa flor ao centro! O que representaria? O que fazer? Qual o enigma? De repente, um dos discípulos se aproxima e dá um tapa no belo vazo que se estilhaça no chão.

O grão-mestre então diz: “Eis o novo mestre!”

O Bambu e a Lua

Certa vez um jovem de 12 anos foi visitar o templo com seu pai. Tudo era novidade. Enquanto seu pai conversava com o abade, ele se esgueirou para a sala de Buddha. Lá estava um monge recitando em voz alta:

*“A sombra do bambu
Varre os degraus da entrada
Sem perturbar a poeira.
A lua penetra o fundo do lago*

Sem deixar qualquer marca na água.”

O Jovem se alegrou. Tudo agora fazia sentido. A sombra não perturba, a lua não deixa marcas.

“Essa é uma maneira de viver que eu gostaria de seguir.”

Quando o pai o encontrou, ele estava sentado em meditação, absorvido a observar sombra do bambu varrendo o chão e a lua penetrando o fundo do lago.

No ano seguinte, seu pai faleceu e Mugaku Sogen entrou para a vida monástica e se tornou um grande mestre.

Venerável Monge

Houve um dia que o mestre Obaku deixou seus discípulos e entrou no Templo Daina. Misturou-se com os outros a limpar e varrer a sala de Buddha e a sala de palestras. Ninguém notou que era o mestre Obaku – fundador de uma ordem Zen Budista.

Pouco tempo depois, o primeiro-ministro Haikyū foi ao templo para oferecer incenso e foi recebido por um dos monges oficiais do templo.

O primeiro-ministro observou uma pintura na parede representando um religioso e perguntou: “Que figura é essa?”

“É o desenho de um venerável monge.” – responde o monge.

“Posso ver o desenho, mas onde está o venerável monge?” – replicou Haikyū.

Nenhum dos monges presentes puderam responder. Então ele perguntou: “Há quem pratique zazen neste templo?”

“Recentemente chegou um monge para trabalhar no templo. Ele parece ser uma pessoa de zazen.” – respondeu um dos monges.

O primeiro-ministro pediu que o chamassem e, assim que o mestre Obaku chegou, ele lhe fez a mesma pergunta, dizendo: “Sua resposta poderá modificar minha vida. Por favor, me responda: aqui na parede vejo o desenho, mas onde está o venerável monge?”

“Primeiro-ministro!” – gritou o mestre Obaku.

E ele respondeu: “Sim.”

“Onde está o senhor?” – replicou Obaku.

O primeiro-ministro ficou tão feliz, como se houvesse recebido uma pérola do nó de cabelo de Buddha, e disse: “Meu mestre é verdadeiramente um venerável monge.”

A Bela Monja

A irmã do mestre Ryoan Emyô, fundador do Mosteiro Daiyuzan Saijoji, era uma jovem belíssima. Inspirada pela prática de seu irmão, pediu para se tornar uma monja.

“Mas você é tão bela. Isso será um obstáculo. Não posso permitir.” – respondeu Ryoan.

Entristecida, ela se afastou. Nessa noite, com estava muito frio, acenderam os pequenos aquecedores de carvão nos aposentos. Peças bonitas de porcelana pintadas que mantinham a sala aquecida. Para arrumar os carvões em brasa, havia um par de hashis de ferro. A jovem aqueceu os dois bastões finos de ferro até que ficassem incandescentes e, sem hesitar, queimou o próprio rosto.

No desespero da dor que se seguiu, saiu correndo em meio à floresta, até a dor diminuir. Seu irmão, notando a determinação da jovem, a ordenou algum tempo depois.

Hoje, há um altar especial nos jardins do templo, e o caminho que ela percorreu depois de queimar a face é um local sagrado. Muitas pessoas vão até lá pedir milagres e muitas dizem ter seus pedidos atendidos, pois a bela jovem, que queimara sua face, havia se tornado uma iluminada.

O Carvão Iluminado

O monge Isan Reiyu, quando tinha 23 anos, foi visitar o mestre Hyakujo Ekai. Certo dia, ele estava servindo como atendente pessoal do mestre, que lhe perguntou: “Quem é você?”

“Sou Isan.” – respondeu o monge

“Por favor Isan, procure em meio às cinzas da fornalha se ainda há algum carvão queimando.” – pediu o mestre.

O jovem monge revirou as cinzas e voltou-se ao mestre dizendo: “Senhor, não há mais carvão queimando.”

O mestre Hyakujo levantou-se de seu assente, mexeu nas cinzas e lá do fundo extraiu um pequenino e brilhante carvão em brasa. Virou-se para Isan e perguntou: “Este não é um pedaço em brasa?”

O monge Isan fez uma profunda reverência, e o mestre comentou: “Para acessar a natureza Búdhdica, é preciso espera pelo momento correto e pelas condições corretas. Quando o tempo chega, a pessoa desperta como se despertasse de um sonho. É como se a memória lembrasse de algo há muito esquecido. A pessoa reconhece que o obtido sempre foi e não veio de fora de si mesmo.

O Guerreiro e a Rocha

Certa vez o discípulo de um grande mestre samurai perguntou-lhe: um aluno perguntou ao mestre: “Como faço para me tornar o maior dos guerreiros?”

“Vá atrás daquelas colinas e insulte a rocha que se encontra no meio da planície.” – disse o mestre.

“Mas para que, se ela não vai me responder?” – replicou o discípulo.

“Então golpeie-a com a tua espada.”

“Mas minha espada se quebrará!”

“Então agrida-a com tuas próprias mãos.”

“Assim eu vou machucar minhas mãos... E também não foi isso que eu perguntei. O que eu queria saber era como que eu faço para me tornar o maior dos guerreiros.”, respondeu o discípulo indignado.

“O maior dos guerreiros e aquele que é como a rocha, não se importa com insultos tampouco provocações, no entanto, está sempre pronto para desvencilhar qualquer ataque do inimigo.”

A Lição do Cavalo

Conta-se que certa vez um fazendeiro, dono de excelentes cavalos de muita valia nos trabalhos de sua propriedade rural recebeu a notícia de que o seu cavalo favorito, um muito forte e bonito, havia caído num velho poço abandonado.

O buraco era muito profundo e seria difícil tirar o animal de lá. O fazendeiro avaliou a situação e certificou-se de que o cavalo estava vivo. Mas pela dificuldade e alto custo para retirá-lo do fundo do poço, decidiu que não valia a pena investir no resgate.

Chamou o capataz e ordenou que sacrificasse o animal soterrando-o ali mesmo. O capataz chamou alguns empregados e orientou-os para que jogassem terra sobre o cavalo até que o cobrissem totalmente e o poço não oferecesse mais perigo aos outros animais.

No entanto, na medida que a terra caía no seu dorso, o cavalo se sacudia e derrubava a terra no chão e ia pisando sobre ela.

Logo os homens perceberam que o animal não se deixava soterra, mas, ao contrário, estava subindo à medida que a terra caía, até que, finalmente conseguiu sair.

O Samurai e a Lua, O Mestre e o Sol

Certa vez um samurai, conhecido por todos pela sua nobreza e honestidade, veio visitar um monge zen em busca de conselhos. Entretanto, assim que entrou no templo onde o mestre meditava, sentiu-se inferior, e concluiu que, apesar de toda a sua vida ter lutado por justiça e paz, não tinha sequer chegado perto ao estado de graça do homem que tinha à sua frente.

“Por que razão me estou a sentir-me tão inferior diante de ti? Já enfrentei a morte muitas vezes, defendi os mais fracos, sei que não tenho nada do que me envergonhar.

Entretanto, ao vê-lo meditar, sento que a minha vida não tem a menor importância.” – disse o samurai.

O velho monge disse então: “Espere. Assim que eu tiver atendido todos os que me procurarem hoje, eu dou-te a resposta.”

Durante o resto do dia o samurai ficou sentado no jardim do templo, a olhar para as pessoas que entraram e saíram à procura de conselhos. Viu como o monge atendia a todos com a mesma paciência e com o mesmo sorriso luminoso no seu rosto. Mas o seu estado de ânimo ficava cada vez pior, pois tinha nascido para agir, não para esperar. De noite, quando todos já tinham partido, ele insistiu: “Agora podes-me ensinar?”

O mestre pediu que entrasse, e conduziu-o até o seu quarto. A lua cheia brilhava no céu, e todo o ambiente inspirava uma profunda tranquilidade. Então disse: “Estás a ver esta lua, como ela é linda? Ela vai cruzar todo o firmamento, e amanhã o sol tornará de novo a brilhar. Só que a luz do sol é muito mais forte, e consegue mostrar os detalhes da paisagem que temos à nossa frente: árvores, montanhas, nuvens. Tenho contemplado os dois durante anos, e nunca escutei a lua a dizer: por que não tenho o mesmo brilho do sol? Será que sou inferior a ele?”

“Claro que não.” – respondeu o samurai – “A lua e sol são diferentes, e cada um tem sua própria beleza. Não podemos comparar os dois.”

“Então, já sabes a resposta. Somos duas pessoas diferentes, cada qual a lutar à sua maneira por aquilo que acredita, e a fazer o possível para tornar este mundo melhor; o resto são apenas aparências.” – disse o mestre.

Momentos Finais

Há muito tempo atrás, um mestre zen, muito velho, aguardava os seus últimos momentos de vida. O seu último dia chegara e ele declarou que naquela noite não estaria mais ali. Nesse momento, os seus seguidores, discípulos e amigos começaram a vir. Havia muitas pessoas que o amavam, todas elas começaram a chegar de todos os lugares do mundo. Um dos seus discípulos mais antigos, quando ouviu que o mestre ia morrer, correu para o mercado. Então, alguém perguntou: “O mestre está a morrer na sua cabana e tu vais ao mercado?”

“Sim, eu sei que o mestre adora um determinado bolo,” – respondeu o discípulo – “então vou lá comprar o bolo.”

Foi difícil encontrar o bolo. Mas à noite, quando finalmente conseguiu, ele correu para a cabana do mestre. Todos estavam preocupados, era como se o mestre estivesse à espera de alguém. Ele abria os olhos, olhava à sua volta e fechava-os novamente. Quando o discípulo chegou, ele disse: “Bem, finalmente chegaste! Onde está o bolo?”

O discípulo mostrou o bolo, muito contente com a pergunta do mestre.

À beira da morte, o mestre pegou o bolo na mão. Ele era muito velho e mesmo assim sua mão não tremia. Então alguém perguntou: “O senhor é muito idoso e está à beira da morte, mas sua mão não treme.”

“Eu nunca tremo porque não tenho medo. O meu corpo ficou velho, mas eu ainda sou jovem, permaneço jovem mesmo quando o meu corpo está a morrer.” – respondeu o mestre.

O mestre deu uma mordida no bolo e começou a mastigar ruidosamente e então alguém perguntou: “Qual é a sua última mensagem, mestre? O senhor deixar-nos-á em breve. O que gostaria que nós recordássemos de si?”

O mestre sorriu e disse: “Ah, este bolo está uma delícia!”

O Copo e o Lago

O velho mestre pediu a um jovem triste que colocasse uma mão cheia de sal dentro de um copo com água e em seguida bebesse.

“Qual é o gosto?” – perguntou o mestre.

“Ruim.” – disse o rapaz.

O mestre sorriu e pediu ao jovem que pegasse noutra mão cheia de sal e o acompanhasse. Os dois caminharam em silêncio até um lago, onde o velho pediu ao jovem que deitasse o sal, dizendo-lhe logo depois: “Beba um pouco dessa água.”

Enquanto a água escorria pelo queixo do jovem, o mestre perguntou: “Qual é o gosto?”

“Bom!” – disse o rapaz

“Dá para sentir o gosto do sal?” – perguntou o mestre.

“Não.” – disse o jovem.

Então o mestre sentou-se ao lado do jovem, pegou-lhe na mão e disse: “A dor na vida de uma pessoa não muda. Mas o sabor da dor depende do lugar onde a colocamos. Então quando sentires tristeza ou dor a única coisa que deves fazer é deixar de ser como o copo e tornares-te como o lago.”

O Vento e o Escorpião

Um monge cruzava uma ponte na qual mal se conseguia equilibrar. Embora seus passos fossem curtos e lentos, a ponte cada vez baloiçava mais. Nisto um escorpião, escondido na ponte, começou a subir pela sua mão. Continuou lentamente pelo braço até alcançar-lhe o ombro. O monge gelado de medo parou a sua caminhada. Antes de entrar em pânico lembrou-se de respirar fundo e acalmar a mente. O escorpião não se mexeu e, como numa providência divina, uma rajada de vento fê-los balançar violentamente e o escorpião caiu pelo abismo. Feliz, o monge agradeceu ao vento e seguiu sua caminhada.

O Mestre e a Chávena de Chá

Certa vez, um discípulo vendo seu mestre tomar chá atentamente questionou-lhe: “Mestre, porque sempre estás tão concentrado no seu chá?”

O mestre calmamente pousou a chávena de chá na mesa, olhou para o discípulo e disse: “Temos que estar totalmente despertos para apreciar o chá como deve ser. Temos que estar no momento presente. Apenas com a consciência no presente, as nossas mãos podem sentir o agradável calor da chávena. Apenas no presente podemos apreciar o aroma, sentir a doçura e saborear a delicadeza. Se estamos a lembrar o passado ou preocupados com o futuro, perdemos por completo a experiência de apreciar a chávena de chá. Olharemos para a chávena e o chá terá já terminado.”

“A vida é assim.” – continuou o mestre – “Se não estamos totalmente no presente, quando olharmos à nossa volta esta terá desaparecido. Quando pararmos de pensar no que já aconteceu, quando pararmos de nos preocupar com o que poderá nunca vir a acontecer, então estaremos no momento presente. Só então começaremos a experimentar a alegria de viver.”

O Vento que Sopra

Certa tarde de outono, o mestre Ikkyū vagueava pelos campos, levando consigo um a flauta de bambu. Um eremita, ao vê-lo perguntou: “Quem és tu?”

“Sou um peregrino que segue para onde sopra o vento.” – respondeu Ikkyū.

Tencionando deixa-lo sem resposta, o eremita perguntou: “E quando o vento não sopra?”

“Então sopro eu.” – respondeu Ikkyū, começando a soprar na sua flauta.

O Karma

Há cerca de oitocentos anos, o príncipe da província de Kyushu, Kato Saemon Shigenji, tinha duas mulheres. Amava as duas, mas elas não se entendiam e viviam às turras. As queixas constantes de ambas, suas cóleras, seu espírito mesquinho e invejoso, envenenavam a vida do príncipe, a ponto de fazê-lo acalentar ideias de assassinio.

Um dia, cansado dessa situação falsa, cansado da superficialidade da existência e das honras do cargo, decidiu romper com suas ilusões e procurar as raízes do próprio ser; abandonou o rico palácio e todas as propriedades que possuía, para levar a existência simples de monge.

A primeira esposa seguiu-lhe o exemplo e recolheu-se a um mosteiro. A segunda, nos meses que sucederam à repentina partida do marido, deu à luz uma belíssima criança, filho dele.

Passaram os anos. Desde a mais tenra idade o filho não cessava de perguntar à mãe: “Onde está papai? Por que não tenho pai?”

E a mãe lhe explicava que ele havia desaparecido sem, contudo, satisfazê-lo. Depois de completar dezesseis anos, o desejo de encontrar o pai se tornou de tal ordem que ele resolveu partir à sua procura. Diante de tamanha insistência, a mãe, que acabara sabendo, afinal, que o príncipe se havia recolhido a um mosteiro da montanha sagrada de Koyasan, decidiu acompanhá-lo até esse lugar.

Ao chegar, ela teve de ficar esperando numa estalagem, pois a entrada do mosteiro era vedada às mulheres, enquanto o filho marinava à procura do pai.

Passou-se o dia, a noite caiu e o garoto adormeceu entre dois troncos de árvores. Na manhã seguinte, uma voz despertou-o: “Que estás fazendo aqui?”

Era um monge alto, de traços altivos e suaves, crânio rapado, que lhe falava.

“Estou procurando meu pai.” – disse o menino.

“Ah! Mas quem é seu pai?” – replicou o monge.

“É o príncipe de Kyushu, que vive nestas montanhas. É meu pai, quero encontrá-lo!” – respondeu o garoto.

Conturbado, o monge compreendeu que tinha diante de si o filho único, em cujos traços reconheceu os seus e os da mãe. O coração pulsava tanto que se diria a pique de arrebrantar. Quis apertar entre os braços o homenzinho que o fitava com o semblante triste e obstinado.

Conteve-se, porém, e não se mexeu. Naquele tempo, as regras observadas pelos monges eram muito severas: quando um leigo decidia tomar a tigela, o bastão e vestir o kesa, tinha de cortar todo e qualquer laço com a existência anterior, sob pena de quebrar os kais, os preceitos.

Disse, então, brutalmente, o monge ao menino: “Sim, teu pai vivia aqui, mas morreu na semana passada.”

Os olhos do menino encheram-se de lágrimas e ele abaixou a cabeça. Com o coração dilacerado, o monge não sabia o que fazer, entre o desejo de apertar a criança nos braços e a vontade de não infringir a regra da ordem. Mas o pequeno ergueu a cabeça e disse: “Quero ir rezar no túmulo dele. Acompanhai-me, por favor.”

Num determinado sítio do cemitério, o monge indicou uma sepultura debaixo de um grande rochedo, uma laje singela em que se lia, gravado, o nome de um monge.

“Pronto, aqui está.” – disse o monge.

O garoto prosternou-se e orou longamente. O monge reteve as lágrimas e, ao cabo de um momento, disse-lhe: “Vai, já está na hora de voltares para junto de tua mãe.”

A caminho do cemitério, ele o fizera contar a vida levada pelo filho, que já não podia reconhecer como tal.

“Ora, vamos, nunca viste teu pai, ele está morto, esquece-o, torna-te agora um homem digno da tua herança de príncipe.” – falou o monge.

O menino seguiu-o até o pórtico do templo e dali tornou tristemente pelo caminho indicado.

De volta à estalagem, ficou sabendo que a mãe falecera, durante a noite, de repentino acesso de febre. Louco de dor, regressou com a escolta à cidade, esperando ver ali sua tia querida. Mas ela também acabava de morrer, vitimada pela epidemia.

Sentiu, então, o garoto que o universo desabava à sua volta. Mais solitário do que nunca, já nada o atraía, os alimentos, para ele, tinham gosto de cinzas, as paisagens graciosas do seu jardim não lhe despertavam mais nada, e as músicas mais suaves emitiam um som fúnebre.

Em sua cabeça de criança, contudo, ainda luzia uma esperança: o monge que encontrara no alto da montanha, no mosteiro onde fluiu uma vida mansa, ritmada pela meditação e pelas cerimônias.

Fugiu do palácio com a intenção de voltar para lá. O monge, um dia, viu o surgir no pátio do templo: “Que estás fazendo aqui?”

“Quero ser monge. Toda a minha família morreu, a vida já não tem sentido para mim, quero ficar convosco.”

E, assim, o filho se tornou discípulo do pai.

O Dragão Azul e o Dragão Amarelo

No país do sol nascente, pelo vigésimo aniversário da sua coroação, o Imperador resolveu decorar a sala do trono do palácio com o mais belo biombo que alguma vez se vira. Convocou assim o pintor mais célebre do Império, que vivia numa gruta longe da cidade.

O artista dirigiu-se imediatamente à corte e o Imperador deu-lhe a conhecer o seu propósito: no biombo da sala do trono deviam figurar dois dragões, um azul e outro amarelo, para simbolizarem o poder do Império e a paz que tinha caracterizado o seu tempo de reinado. O pintor fez uma vénia e respondeu que pintaria dois dragões em seda preta, mas com uma condição: para o biombo ser tão belo como era vontade do Imperador, precisava de um tecido de seda, mas a seda teria de ser mais fina do que todas as sedas alguma vez tecidas.

“Vou retirar-me para a minha gruta” – disse o pintor – “até que a seda seja tecida; assim terei tempo de me preparar para fazer a pintura dos dragões.”

Em seguida, o pintor abandonou a corte e regressou à sua gruta, começando logo a trabalhar.

O Imperador ordenou que começassem imediatamente a fabricar a mais fina seda que alguma vez se vira. Mas a fabricação foi muito mais difícil do que o Imperador imaginara. Primeiro, foi preciso escolher meticulosamente os bichos-da-seda, porque os que até então tinham sido criados não podiam secretar uma seda assim tão fina como a que o pintor pedira. Os bichos-da-seda, tão cuidadosamente escolhidos, exigiam uma alimentação particularmente delicada, e as folhas da amoreira com que eram alimentados deviam ser selecionadas com o máximo cuidado. Apesar de todas as precauções, apenas alguns dos casulos sobreviveram.

Muito tempo decorreu até se conseguir um número suficiente de casulos para obter a quantidade de seda necessária para o biombo do Imperador. Mas, naquele momento, surgiu uma nova dificuldade: a seda era tão fina que muito poucos tecelões se mostravam capazes de a tecer. Foi preciso apelar aos melhores artesãos do Império. Por fim, ultrapassou-se esta dificuldade e a seda destinada ao biombo acabou por ser tecida. Não havia memória de uma seda tão fina! E o Imperador ordenou que fosse pregada numa moldura de marfim.

Concluído o trabalho, o Imperador enviou um mensageiro para avisar o pintor de que a seda estava tecida e de que devia sem demora pintar os dragões. Mas o pintor pediu ao mensageiro que dissesse ao Imperador que ainda não tinha acabado de preparar o seu trabalho. Pedia-lhe então que esperasse. O Imperador, que já tinha esperado muito tempo até ser tecida a seda, não escondeu a sua decepção, mas lá acabou por compreender que o pintor queria preparar uma obra-prima, e esperou. Contudo, sempre que passava diante do biombo, perdia a paciência.

Um dia, não aguentando mais, enviou outro mensageiro para lembrar ao pintor a sua promessa. Este mandou dizer que, para aceder ao pedido do Imperador, ainda não seria capaz de pintar dragões dignos do mais belo biombo. Precisava, dizia ele, de continuar com os seus ensaios e pediu um novo prazo. Apesar da impaciência, o Imperador não teve outro jeito senão esperar. Mas o tempo ia passando e o pintor não dava sinais de vida. E, sempre que o Imperador passava diante do biombo inacabado, sentia crescer a sua irritação.

Um dia, no limite da paciência, enviou um novo mensageiro, ordenando-lhe que trouxesse o pintor à corte, a bem ou a mal. O pintor aceitou finalmente acompanhar o mensageiro. E, quando chegou diante do Imperador, disse-lhe por fim que já se sentia capaz de pintar os dragões. Mandou então que lhe trouxessem tinta amarela, tinta azul e dois grandes pincéis, e aproximou-se do biombo.

De uma pincelada, fez um traço amarelo; depois, outra pincelada, e fez um traço azul. Em seguida, pousou os pincéis e declarou que o trabalho estava concluído.

Mal soube da notícia, o Imperador, feliz por pensar que o mais belo biombo alguma vez visto iria finalmente ornamentar a sala do trono, precipitou-se para admirar a obra de tão célebre pintor. Quando chegou diante do biombo, nem acreditava no que os seus olhos viam: apenas dois traços grossos, um azul e outro amarelo.

Convencido de que o pintor tinha querido troçar dele, ficou furioso. Mas, com toda a calma e um ar muito sério, o pintor disse que aqueles dois traços eram fruto de longos estudos levados a cabo durante anos e anos. Em seguida, fez uma vénia e quis retirar-se. Mas o Imperador, fora de si e convicto de que o pintor tinha estragado irremediavelmente a maravilhosa seda cujo fabrico levava tanto tempo e tinha exigido tanto cuidado, mandou prendê-lo.

O Imperador, encolerizado, não pregou olho naquela noite. Na escuridão, os dois traços, o azul e o amarelo, passavam e voltavam a passar diante dos seus olhos. Quando fechava as pálpebras, iam e vinham e pareciam ganhar dimensão e mover-se. E, para seu grande espanto, aqueles dois traços transformavam-se em dragões a lutar. E os dragões eram rápidos e possantes. O que mais o surpreendeu é que pareciam ter vida e mover-se, eram leves e fortes ao mesmo tempo. E aquela força, poder, grandeza e leveza estavam resumidos nos dois traços que o pintor tinha desenhado na maravilhosa seda.

Depois de uma noite em branco e de ter admirado os dois dragões que o pintor simbolizara, o Imperador decidiu descobrir o segredo do artista que tinha conseguido uma tal obra-prima. De madrugada, mandou selar o cavalo e, acompanhado pela sua guarda de honra, partiu em direção à gruta onde o pintor trabalhara muitos anos antes de pintar os dois dragões no biombo.

A tempestade dificultou-lhes o avanço; a neve, o vento e o nevoeiro obrigaram-nos a voltar atrás. Mesmo assim, o Imperador ordenou que se fizessem de novo ao caminho. Ao fim de vários dias e noites de viagem, chegaram à gruta do pintor. Acenderam as tochas.

Ao entrar, o Imperador viu dois dragões pintados nas paredes: um era azul e o outro amarelo. Estavam desenhados com a maior exatidão. Distinguia-se cada escama, cada dente, e as narinas lançavam fogo. As cores eram o azul e o amarelo. Por baixo da pintura estava uma data: a do dia em que o Imperador tinha pedido ao pintor para começar a pintar o mais belo biombo alguma vez visto.

Ao lado desta pintura, uma outra, a de dois dragões, um azul e outro amarelo. Ao lado desta segunda pintura, uma terceira, depois uma quarta, uma quinta, uma sexta... Todas as paredes da gruta estavam cobertas de pinturas que representavam dois dragões, um azul, outro amarelo. Todas as imagens estavam datadas, ano após ano.

À luz das tochas, o Imperador não conseguia desviar os olhos do trabalho árduo do pintor. As imagens sucediam-se às imagens, os esboços aos esboços. Mês após mês, o pintor ia simplificando a pintura dos dois dragões. Depois de uma longa sequência de dragões, o pintor traçara finalmente, nas paredes da gruta, os dois traços que pintara no biombo: um azul, outro amarelo. Naquelas duas últimas imagens estava resumido todo o poder dos inúmeros dragões que o pintor desenhara durante muitos anos nas paredes da gruta.

O Imperador reconheceu os dois dragões do biombo e deu-se conta que as duas últimas imagens não podiam de modo nenhum comparar-se às que as precediam. Ao olhar para as pinturas, o Imperador começou por ficar admirado, depois foi ficando cada vez mais alegre, até sentir, no final, um imenso júbilo. Depois de ter observado por uma última vez os dois traços, deu ordem imediata de selar os cavalos, pois queria regressar à capital. Tinha pressa de mandar libertar o pintor para o honrar e lhe agradecer, porque este lhe tinha permitido compreender o poder e o significado dos dois traços que simbolizavam os dois dragões.

O pintor foi posto em liberdade e o Imperador mandou colocar o biombo dos dois dragões na sala do trono.

O Samurai e a Almofada

Certa vez um velho sábio samurai viu que se aproximava o momento de sua morte. Dado isso, desejava saber qual dos seus três filhos seria digno de sua obra.

Disposto a averiguá-lo, colocou uma almofada sobre a porta corrediça da entrada, e chamou ao seu quarto o seu primeiro filho. Este, ao entrar, deu-se conta de que caía algo de cima e, desembainhando sua espada, partiu a almofada em duas metades.

O velho, depois de preparar novamente o cenário, chamou o seu segundo filho. Ao entrar, viu cair a almofada e, com um destre salto, desembainhou sua espada partindo-o em quatro partes iguais.

O sábio colocou novamente uma almofada sobre a porta e chamou o seu terceiro filho. Ao abrir a porta, este também viu cair a almofada, mas agarrou-a, pô-la no chão e sentando-se sobre ela, aos pés de seu pai perguntou: “Que desejas, meu pai?”

Isto foi suficiente para o velho professor decidir quem seria seu sucessor.

O Samurai e o Eremita

Certa vez, um samurai – atormentado pelos fantasmas dos seus inimigos mortos em campo de combate – se colocou diante de uma caverna onde vivia um velho eremita, que a muito tempo deixara o mundo a dedicar-se apenas a suas práticas espirituais.

Esse mestre eremita já tinha vagueado por toda a região e em todo esse tempo não conseguiu encontrar sequer um homem capaz de compreender seus ensinamentos. Desse modo se tornara muito rígido, não conversava com ninguém tampouco aceitava receber algum visitante em sua caverna.

Então esse guerreiro, muito atormentado, achava que se pudesse existir alguém ou algo capaz de livrá-lo de tanta angústia e tormenta seria esse mestre eremita. Assim, sentou-se diante da caverna do eremita, que recusava a recebe-lo, determinado a sair de lá apenas depois de conversar com o eremita.

E assim o tempo passou, vieram os animais da primavera, o calor do verão, os ventos do outono e a neve do inverno e o guerreiro, sequer arredou o pé diante da caverna do mestre. Sua determinação era tão firme que preferira morrer tentando receber os ensinamentos do mestre do que continuar a viver em meio a tanta angústia. E de tempos em tempos, o mestre distante, na caverna, percebia a figura daquele homem lá, sentado em absoluta firmeza e convicção.

Após muito tempo, o homem começou a enfraquecer, perdendo o seu vigor chegando a quase morrer. O mestre eremita, percebendo o estado e a determinação do homem, finalmente decidiu ir ao encontro do guerreiro. Chegando lá disse-lhe: “Diga o que quer, homem!”

Foi só nesse momento que o guerreiro, percebeu a presença do mestre. Voltando seu olhar a ele, ele disse: “Por favor, livre a minha mente de tanta angústia.”

O mestre disse: “Tudo bem, basta entregar me a tua mente e eu a livrarei de tanta angústia.”

E o guerreiro – ao procurar a sua mente para entregar ao mestre – não conseguiu encontrar sua mente, e nesse momento ele se iluminou.

FIM